

A Raposa do Cerrado

José Leonídio



autografia

A José Leonídio
Raposa
do Cerrado

autoografia

A **Raposa** do Cerrado

José Leonídio

autografia

Rio de Janeiro, 2018

A raposa do cerrado

LEONÍDIO, José

ISBN: 978-85-518-1139-9

2ª edição, junho de 2018.

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Talita Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L585r Leonídio, José.

A raposa do cerrado - 2. ed. - Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

406 p. ; 23 cm

ISBN: 978-85-518-1139-9

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD: B869.93

Editora Autografia Edição e Comunicação Ltda.

Rua Buenos Aires, 168 – 4º andar, Centro

RIO DE JANEIRO, RJ – CEP: 20070-022

www.autografia.com.br

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem
prévia autorização do autor e da Editora Autografia.

APRESENTAÇÃO DA PRIMEIRA EDIÇÃO (2001)

A Raposa do Cerrado nasceu de um produto de vivências pintadas pela realidade no conviver com o cotidiano das pessoas humildes e das diferentes condições sociais que compõem esse imenso paraíso multicolorido chamado Brasil.

Observando desde criança com os olhos do coração a velha parteira Dona Marcolina, toda humildade e sabedoria, com sua unha em garra de gavião, que muito brasileiro fez nascer e era admirada e respeitada por todos.

A gestação desta obra tem seu início na figura da grande mãe preta, que no seu anonimato brilhante doava segurança e afeto a comunidade e que são as raízes do meu caminho a obstetrícia.

Participando do Projeto Rondon na região de Canudos no sertão baiano, convivendo com uma realidade diferente do Rio de Janeiro, onde a figura da velha parteira também se fez presente, com a honraria dos filhos de umbigo, a lhe pedir abenção no dia das mães, porém o contato com a vida de uma cidade típica da Caatinga, mostrou-me outros aspectos, que iam do irônico como: “a delegacia viveiro dos pássaros” de Chico Curió; o “cadeado no xibiu”, ou a preservação da moral das mulheres condicionadas a não perder os “pelos da vergonha”, a religio-

sidade no eterno conflito entre a Igreja e os cultos afro brasileiros; as crendices; o misticismo; ou a inexistência dos valores humanos, chegando ao total desprendimento destes, quando a morte é encarada como um fato rotineiro, onde uma criança e encarregada de enterrar debaixo de uma árvore seu irmão mais novo ou quando os remédios recomendados para tratar uma criança doente, são dados aos irmãos, para não terem o mesmo mal, uma vez que “a luz da morte está nos olhos dele”.

Este quadro tem como pano de fundo, a política, os coronéis, o comando pelo dinheiro, com a seca sendo usada como arma de domínio, onde apesar do solo seco, e rachado a semente do amor insiste em florescer como o imponente mandacaru.

A Raposa do Cerrado, como um Vatapá ou uma fatada de bode, com seus múltiplos ingredientes é um retrato de como confeccionar um “prato político típico do sertão baiano”.

*A Dona Marcolina e a todas as Parteiras, Aparadeiras,
Rezadeiras, Benzedeiras e Mães de Leite, que de uma
forma anônima escreveram ou escrevem a história deste
imenso Paraíso multicolorido chamado Brasil.*

autoografia

RAPOSA DO CERRADO

Eram dez horas, de um dia de verão nordestino, o sol quente, a estrada de barro vermelho, a caatinga seca. Por um atalho vinha Maria, pele morena, rosto sofrido, cabelos longos em trança. Passos pequenos, pé a pé, o corpo querendo cair e ela, rebatendo os ombros, sustentava-se, o vestido de estampado singelo, crescia atrás, diminuía na frente, mostrando o início de suas coxas. Não tinha mais de trinta anos, porém seu corpo sofrido, parecia-nos quase cinquenta.

Maria mostrava um olhar preocupado, esta gravidez era diferente das outras doze. Sua resistência ia se definhando, não era mais a mesma e num fechar de olhos recordava o passado, quando conheceu Raimundo, vaqueiro rude, mas homem de casa, tinha naquela época treze anos, com ele foi morar aos quatorze, antes de completar quinze teve seu primeiro filho. Cabra macho seu marido, neste dia chorou de alegria, e ninguém nesse mundo conseguiria dar nome a ele, só ele, Raimundo, que entre goles de cachaça, gritava aos quatro cantos da caatinga:

— Esse aí vai se chama Raimundo também, vai se macho como eu, vô ensiná a vaquejar, e num sorriso de alegria e cachaça, vô ensiná a vaquejar, vô ensiná a vadiar!

Seu desejo não se completou, Raimundo filho, morreu sete meses depois, quando foi definhando pouco a pouco, enquanto a febre lhe corroia. Mais uma vez Raimundo chorou, mas numa constante de Maria, lá vinha outra e foi por aí, doze filhos nascidos, os quatro homens Deus levou, só restaram as mulheres, A mais velha com oito anos e a mais nova um ano. Maria continuava se arrastando pelo atalho. Comadre Severina, que aparara todos os seus filhos comentara com ela que

nunca tinha visto barriga assim, o couro tão esticado, parecendo que iria se romper.

Aquela criança não permitia a Maria dormir. Mexia mais que cobra no campo, Maria sofria, a lágrima caía. Emagrecia a cada dia. Os pés, de tão inchados, minavam água. Comadre Severina dizia: — Maria, esta peste lhe mata. Nunca vi comadre, nunca vi. E lá ia ela caminho adentro. Cada passo um sacrifício, como se tivesse carregando um samburá pesado, as pernas não lhe obedeciam, as juntas estalavam. No pente uma dor só. Se apoiava em Mariazinha, a filha mais velha, daqui e dali, algum conhecido e só acenava a cabeça pois não tinha mais fôlego para responder. O chão quente, a sandália de couro cru, os pés inchados, parecia que o couro ia cortar a carne. Vinha pensando: — Não é possível, este filho é pro mês de Jesus, já se passaram dez luas desde que o incômodo se foi e não nasce, estamos no mês de Reis e nem sinal. Comadre Severina, parteira velha que tinha muita experiência no riscado, tinha até carta de doutor, não sabia mais o que fazer, era massagem com azeite quente, barbante virgem em volta da barriga, pro filho não subir, e nada.

O atalho terminou finalmente, parecia que aquele caminho tão conhecido, tinha crescido, nunca demorara tanto: — Enfim chegamos, disse a Mariazinha. Raimundo, que vinha chegando da fazenda de seu Tobias, perguntou:

— Como é muié, esse fio num nasce não? Que qui disse Comadre Severina?

Maria olhando pro seu homem, com olhar de sofrimento, nem respondeu. Ali mesmo, num velho tronco à beira da porta, respirou até onde podia, e num sussurro, abraçando-se à cintura de Raimundo, disse:

— Num sabe não, num sabe não homem de Deus, ela ta sem saber mais o que fazer. Nem sinal, nem a água espoca.

Tiana, a filha de sete anos, a mais carinhosa e prendada delas todas, veio correndo ao ver a mãe chegar e sentou-se no chão, deitando sua cabeça em suas coxas magras dizendo:

— Mainha, adoro ocê, e num pulo saiu correndo até a cacimba trazendo uma caneca de água coada, Maria sorriu mostrando o que restou de seus dentes. Sorveu toda a água, num só gole. Raimundo olhava, fechou os olhos, acendeu um cigarro, olhou pró céu. O sol queimava a caatinga.

Pouco a pouco as crianças foram se chegando. A mais nova, que esta agora com um ano, brincava no chão com a terra, e quando viu a mãe começou a chorar, ainda não andava, os dentes não tinham saído, engatinhava as primeiras sílabas:

— Ma-ma-ma.

— Pegue a Francisca, Mariazinha, gritou Raimundo. Prontamente Mariazinha acudiu sua irmã. Maria somente olhava o movimento, não tinha mais forças para segurar a mais nova. Olhando para Tiana perguntou:

— Tu já deste o almoço de Francisca?

— Inda não mainha.

— Então que esperas? Perguntou o pai com voz ríspida, vá logo, num vês que passou da hora, descarregando um olhar reprovador. Tiana baixou a cabeça e saiu em direção a casa.

Maria permaneceu ali durante bem mais de um quarto de hora. Raimundo com todo o seu aspecto rude, com toda sua frieza, percebia nos olhos da companheira, que as coisas não iam bem. Por trás do seu olhar frio deixava transparecer um certo grau de preocupação. Foi se chegando prá perto de Maria, sentou a seu lado e repetiu um gesto que só recebera quando se conheceram; passou-lhe as mãos pelas costas, subiu até sua cabeça e começou a lhe fazer carinho. Maria olhou espantada prá Raimundo, os olhos ficaram brilhosos e a primeira lágrima desceu. Num movimento rápido escondeu o rosto no peito do seu companheiro e ele continuou a acariciá-la e num tom de voz baixo, disse:

— Mainha (era assim que ele a chamava), vai ver nós perdeu as contas.

— Perdi não Mundinho, perdi não, tenho certeza. É que esse filho me consome, não sou mais a mesma. Ainda com lágrima nos olhos vê Tiana chegar com um prato de alumínio cheio de fubá cozido, misturado com um pouco de feijão. Maria faz um esforço, quer se levantar para dar a comida a Francisca. Raimundo não deixa.

— Dê você Mariazinha, dê você.

Mariazinha acorreu logo. Maria quer levantar, Raimundo a princípio contesta.

— Fique mais um pouco muié.

Maria diz que quer se deitar. Segurando-a pelos ombros, levanta-a e ajuda-a a entrar para sua morada. Maria cai na rede, se deixa vencer pelo cansaço. Raimundo, por sua vez, deu algumas ordens a Mariazinha e saiu novamente.

Esta era uma casa típica do Nordeste, baixa, tinha somente um quarto, ali ficavam estendidos nas redes, o casal e as três filhas menores, as outras cinco ficavam no que se podia chamar de sala. A cozinha era um quadrado onde tinham um fogão de barro improvisado, com uma chapa de ferro. Duas panelas de ferro eram todos os seus utensílios, mas nem por isso seus filhos morriam de fome, sempre se dava um jeito. O chão de barro batido, as telhas de folhas de ouricuri. As paredes, num misto de barro batido em uma armação de gravetos. O banheiro era a caatinga. O terreiro não tinha cerca. Onde se viu casa de pobre ter cerca, e além do mais prá que? Isso aqui não é cidade grande. Junto com a família havia ainda um cachorro, Corisco, magro que nem a fome, só vivia deitado, quando chegava alguém soltava um latido como quem quisesse mostrar a seu dono que estava alerta e se punha a dormir novamente. Que belo Corisco.

Maria deixou-se ficar na rede ate mais ou menos três horas da tarde, acordou e segurando na própria rede, levantou-se, afinal de contas não se permitia ficar deitada o tempo todo, era a dona da casa e como tal tinha que assumir as tarefas. Barriga nenhuma nunca a parou, sempre foi

mulher ativa: Porque se entregar, porque? Nunca. E reunindo todas as suas forças chamou Mariazinha.

— Venha cá Mariazinha.

Nessa fase confusa Mariazinha mostrava-se com muitas aptidões para os serviços caseiros. Maria sempre foi ríspida ao tratar com as filhas, porém procurava dar aquilo que podia, orientando-as para a vida.

— Acordou, mainha, durma mais um pouco.

— Posso não, posso não. Bote água no fogo, pegue mais lenha, ta na hora de dar banho nas crianças (na concepção de Maria, Mariazinha e Tiana eram quase adultas), e lá foi Mariazinha, desaparecendo pela cozinha, atrás de gravetos, para avivar o fogo. Em seguida chamou Tiana.

— Venha cá, menina.

— Tiana, venha cá menina, não estas me escutando, onde tu se meteu ?

Tiana respondeu com voz amedrontada.

— To indo mainha.

Olhando-a severamente, ordena.

— Vá coar água para dar banho nas crianças que Mariazinha ta botando lenha para queimar. Quando seu pai chegar quero todo mundo de banho tomado. Maria se arrasta pela casa, chegando até a porta, agarra-se nas paredes como se essas fossem um forte cajado. No degrau, faz um esforço sobre-humano para descer. No terreiro estão as crianças brincando. Francisca, Onorinda, a de dois anos, Odália, a de três anos e Jurema, a de quatro anos. As três, quando viram a mãe, saíram correndo. Francisca pôs-se a olhar a mãe num tom de sofrimento. Percebendo, se dirige até ela. Não pode mais segurá-la, chega junto a Francisca, mexe nela com os pés como se tivesse fazendo-lhe carinho e diz às outras filhas:

— Vão se aprontar pro banho.

Chama Mariazinha. Quando chega ordena:

— Vá na casa de compadre João e pegue Toinha (a de cinco anos) e Tereza (a de seis anos). Maria não tinha mania de deixar as crianças

na casa de ninguém. Se os filhos são meus eu que os olhe, era sua filosofia. Porém como teve que ir à casa de comadre Severina foi obrigada a deixar as duas com sua comadre pois essas duas eram as mais levadas.

Mariazinha saiu, picada adentro, em direção à casa de comadre João.

No terreiro Francisca continuava a brincar, mãos cheias de terra, cara remelenta. A seus pés Corisco estava deitado, volta e meia Francisca puxava-lhe o focinho e este, num gesto de passividade abanava o rabo. Tiana vem chegando do poço com a água coada e levou direto pro fogão. Maria à chama em seguida para pegar Francisca que começou a chorar.

Com sacrifício, Maria desloca-se pelo terreiro e volta à porta. Ordena à Tiana que prepare a roupa de Francisca, em seguida entra na casa e começa a preparar as suas.

Passaram-se quase duas horas, as crianças estavam asseadas quando Mariazinha voltou com Toinha e Tereza. Maria ordenou que fossem logo pro banho.

Maria na cozinha começa a preparar a janta. O cardápio não variava muito. Às vezes feijão de corda com angu e carne de sol, outras vezes feijão com farinha e um pedaço de carne de porco, guardada em gordura derretida.

O sol vai se pondo, o cerrado esta coberto de vermelho quando Raimundo vem voltando. Tinha aproveitado a saída e passando pela cidade comprou umas coisinhas prá casa, na loja do seu Jerônimo. Trouxe um pano de chita, estampado para Maria fazer um vestido novo. Maria, olhando com cara de espanto, pergunta a Raimundo:

— Por que tu te incomodaste, homi? (Não lhe era comum aqueles gestos).

Raimundo, sem mudar a fisionomia áspera, responde:

— Quero te ver bonita muié.

As crianças, pouco a pouco, vão chegando e pedindo a bênção ao pai. É um hábito comum no sertão. O pai vai abençoando uma a uma,

porém se detém em Francisca. Ele sempre foi assim, pega no colo até dois anos, depois:

— Tu já sabes andar, prá que queres colo?. Pega Francisca de Mariazinha e a segura. Francisca sorri. Raimundo diz a Maria que esta querendo comer. Quer ir dormir cedo porque tem que sair de madrugada prá fazenda do seu Tobias pois amanhã tem serviço pesado. Mariazinha dera comida às menores, só restavam ela, Tiana, Maria e o pai. Raimundo tira a roupa de couro, chama Tiana prá ajudar a descalçar as botas. Em seguida toma um bom gole de cachaça, lambe os lábios e se põe a jantar. Maria esta calada, não fala nada, a comida não desce, não tem mais espaço. Raimundo termina de comer, deita-se na rede, meia hora depois esta a roncar. As crianças também estavam dormindo, não eram ainda oito horas da noite. Fora da casa não se enxergava mais do que um pedaço do terreiro.

A sala onde Maria se recostara, junto à rede de Mariazinha, estava com uma iluminação fraca, proveniente da torcida de um fifó. O cheiro do querosene impregnava tudo. Raimundo dormia há bem mais de uma hora e lá estava ela, na sua penitência. O condenado mexia prá cá e prá lá, a dor aumentava. Não sabia como conseguira cochilar à tarde. Nunca teve esse hábito. Foi o primeiro sono depois do sexto mês, Maria custa a levantar, vai se tocando prá porta. Lá fora corre uma brisa fresca pois a noite na caatinga refresca, ao contrário do dia que é um inferno. Maria senta à soleira da porta e começa a contemplar a noite, que é um breu onde não se enxerga nada. Nem os pés de mandacaru, que com a lua faz sombra, não fazem. O céu tem estrelas prá todos os lados. Estamos no quarto minguate. Silêncio total. Daqui e dali um pio de pássaro noturno, um mugido de boi. Corisco vem se deitar aos pés de sua dona, a noite vai se passando sem que Maria consiga pregar os olhos. Em sua cabeça os pensamentos voam. Deixa-se ficar sentada com a lembrança de fatos passados. Cada minuto uma reviravolta. A dor nos quartos não passa. Lembra-se dos outros filhos. Nunca passara por isto e uma a uma vai repassando, todas as doze vezes que ficou prenha, mo-

mento por momento. Relembra a mais fácil, a de Francisca e a mais difícil, a de Onorinda. A de Francisca comadre Severina, quando chegou, já tinha saído tudo, só fez cortar a companheira. A de Onorinda, fora de tempo, demorou um dia e uma noite, veio de pé, pesava menos que um frango capão, criada numa caixa de madeira até os seis meses, hoje tai.

De fato em fato, de momento em momento, lá passou ela, sentada à beira da porta, de quando em vez levantava, se arrastava para ver as filhas menores, voltava, de instante a instante aquela vontade de verter água. A noite passando. Ainda o sol não tinha despontado quando Raimundo levantou e chegando junto à ela, disse:

— Mãinha, não te deixaste quedar ai na rede, por que?

— Consegui não. E presa aos braços rijos de Raimundo se pós em direção ao fogão para preparar alguma coisa para ele comer.

Meia hora depois, com o sol ainda escondido, Raimundo se punha na estrada. Deviam ser quatro horas da manhã. Pouco a pouco, as estrelas foram sumindo, a caatinga começou a ficar visível, o dia raiava, as crianças começaram a acordar. Mariazinha foi a primeira. A esta altura, Maria tinha preparado o café das crianças. Raimundo antes de ir tinha pego água para Maria.

O dia foi seguindo sua marcha sem muitas variações, a rotina de sempre. Maria da casa, Maria das crianças, Maria do terreiro, Maria de Raimundo, Maria prendada. O dia ia se pondo quando Raimundo voltou. Não era homem de muitas conversas, mas preocupado com a mulher, perguntou logo:

— Como passou, muié?

— Assim, assim (fazendo gestos com a mão espalmada), nem pió, nem mió, nu mesmo.

Na rotina, a fila para pedir a bênção, a tirada das botas, Francisca no colo do pai.

Nesse dia ele até que falou mais um pouco do que o costume, estava preocupado com a mulher, mas também o inquietava o fato de já estar quase na metade do mês de Reis e a chuva não chegar. Algumas famí-

lias começaram a se retirar. Na fazenda do seu Tobias as coisas não iam muito bem, a plantação começava a secar. Raimundo saía a recolher o gado e levar para pastagens mais frescas cujos poços ainda tinham água. Seu Tobias em uma semana perdera doze vacas prenhes e oito garrotes de corte. O poço de água de Raimundo, ainda tinha água, mas começava a vir lodo junto.

Tudo isto contribuía para que mostrasse, naquela noite, um ar de preocupação. Tanto pela falta de chuva, que o obrigasse a se retirar, e como levar Maria?

Nesse dia conversou com Maria até mais tarde, contando a ela todo o motivo de sua preocupação. Maria disse-lhe que momentos tão difíceis quanto aquele eles já tinham passado e que sempre se saíram bem, sem precisar se retirar. A noite ia tarde quando Raimundo foi se deitar. Maria permaneceu, só que nesta noite os pensamentos eram diferentes. Conversando com Raimundo, demonstrara tranquilidade, porém a realidade era outra, pois ainda trazia consigo a lembrança de duas vezes em que largou tudo quando ainda criança e não lhe agradava a idéia de ter que se ir. Iria conservar a água que restava o máximo possível, principalmente por causa das crianças menores.

Nesse redemoinho de pensamentos ficou noite inteira, entre pequenas caminhadas, a maioria do tempo sentada à soleira, a dor constante, o rosto de sofrimento. Nada mudava, nada. Raimundo levantou, saiu. As crianças acordaram, a caatinga se acendeu, pobre em verde, rica em marrom. Os pés de mandacaru é que ainda guardavam algum vestígio de vida, porém começavam a amarelar. O dia era uma constante, nada de novo. Quebrando a rotina, à tarde, recebeu uma visita. Era comadre Severina, Maria estava sentada no tronco quando Corisco começou a latir. Pela picada que dava na estrada que leva à cidade. Maria observava.

Comadre Severina era uma preta velha, devia ter setenta anos, mas como diz a sabedoria do povo que negro quando pinta tem três vezes trinta, era difícil acreditar. E lá vinha comadre gingando, as pernas se jogavam para a frente, o corpo acompanhava. A saia, de renda branca, já

amarelada pelo tempo e pelo barro, a blusa, também de renda, o pano de costa. No pescoço trazia uma série de seguranças, como chamava, eram cordões de contas das mais variadas cores, nos braços argolas de aço. A cada movimento era o chocalhar daqueles adornos que davam à comadre um som característico. Um olhar humilde mas que transmitia confiança. Suas mãos eram um contraste, em cima preta como azeviche, em baixo amarelo como a vela de cera. As unhas eram curtas, tingidas de preto por baixo, porém uma se salientava da outra, a do dedo mínimo da mão direita, parecia uma garra de gavião, longa, fina e pontiaguda. Dizia que servia para espocar as águas quando esta ainda não tinha espocado. Por sobre o braço direito trazia uma bolsa tosca feita de aniagem. E lá vinha comadre Severina gingando e chocalhando, chocalhando e gingando.

Ao chegar perto do clarão, na caatinga, que continha a casa de Maria, Severina avistou um vulto no terreiro e com sua voz muito rouca e cansada falou: — Ó de casa, ó de casa. Severina já não enxergava muito, só identificava as pessoas a uma braçada de distância. E foi se chegando, gritando sempre, ó de casa, ó de casa. Maria com muito esforço levantou do tronco e foi recebê-la à entrada do terreiro. Tinha-lhe muito respeito e ao chegar perto beijou-lhe a mão.

— Sua bênção comadre.

— Oxalá te abençoe minha fia. Nossa Senhora do Parto que te dê uma boa hora Xangô meu pai e protetor que óie por suncê.

Maria ficou muda por instantes, em seguida perguntou:

— A que devo a honra da visita? Inhá anda quase uma légua para chegar aqui?

— Vim vê ocê Maria. Vê se ta tudo bem.

— Num precisava se incomodá, ta na mesma, na hora que aperta mando avisá, a distância é muito grande prá sinhá vim até aqui.

— Qui nada fia, o couro é preto mas a carcaça boa, to acostumada, se preocupe não.

Sentando-se no tronco onde Maria estava pediu à Tiana um copo d'água. Bebeu e começou a conversar com Maria. Disse a ela que nes-

sa semana já tinha aparado quatro e que era lua de mulher. Maria sorriu e comentou:

— Acho que é prá todo mundo menos prá mim.

— Sei não, Maria, sei não.

Comadre Severina permaneceu algum tempo no terreno quando disse à Maria que tinha pressentido que a criança não passava daquela semana, por isso tinha vindo hoje para ver como iam as coisas.

Maria chamou Mariazinha, pediu-lhe para ficar com as crianças no terreiro que ela ia até lá dentro com a comadre Severina e não queria criança espreitando. Quando entraram no quarto, comadre Severina parou, benzeu-se e dirigiu-se a uma pequena caixa de madeira, que por sobre, Maria colocara um copo d'água coberto de óleo e boiando um pavio aceso. Ao lado um cartão, já gasto pelo tempo, que continha a imagem de Nossa Senhora do Parto. Estava acesa desde o sétimo mês, um hábito que herdara de sua mãe e que fazia desde a primeira gravidez. Comadre parou junto ao caixote, falou alguma coisa, que Maria não entendeu, em seguida ficou em silêncio. Virou-se depois para Maria dizendo que ia lhe examinar. Maria deitou-se na rede, a mesma onde tivera os três últimos filhos. Comadre Severina terminou o exame. Maria se levantou, e ela falou-lhe:

— É, será que era só pressentimento? Por enquanto nada.

Comadre Severina ficou ainda por algum tempo. Quando a tarde começava a cair, fez menção de ir embora, levantou, pegou sua bolsa. No mesmo instante, Raimundo, vinha chegando e ao ver a comadre, assustou-se e perguntou:

— Que qui há, gente? Ta na hora?

Comadre sorriu, apoiando o braço no ombro de Maria.

— Tas apavorado homi de Deus? Inté parece o primeiro. Vim aqui só prá visitar tua muié. E continuando a sorrir, falou: — Ta tudo bem, mas já to de saída.

— Vai não comadre, fique mais um pouco.

— Tenho que ir Raimundo, pode ter gente precisando de mim.

— Mas é tarde comadre, a noite vem e inhá sozinha, deixe que eu lhe leve então.

— Num te incomode, fio, onde se viu, preta velha como eu ter medo da noite, a noite é que tem medo de mim. E caminhando foi dizendo: — Fiquem com a paz de Oxalá. E lá foi ela, gingando e chocalhando, chocalhando e gingando.

Maria ficara feliz com a visita, mas não acreditava muito que despesse naquela semana. Apoiou-se em Raimundo, entrou em casa. Naquela tarde-noite Maria começou a se sentir diferente porém não para pior e sim para melhor. A criança não estava se mexendo muito e a dor no pente tinha melhorado um pouco depois que a comadre lhe buliu, não sabia o porquê mas comentou com Raimundo:

— Mão abençoada a de Mãe Preta, depois que se foi to me sentindo mió.

Raimundo não falou nada, foi pro quarto, quando voltou Maria o esperava para comer. Em seguida Raimundo foi para a rede, Maria se recostou na dela, conversando com Raimundo. De repente, sem que ela nem ele percebessem, caíram num sono profundo. Quando Maria acordou Raimundo se fora há muito, o sol ia alto, Mariazinha e Tiana tinham dado café às crianças. Maria levantou-se toda molhada de suor. As moscas, que fazem parte da caatinga, faziam um barulho ensurdecedor. Lá fora, nem vento nem nada, só calor. Maria sentia-se abafada mas a barriga estava melhor, a dor tinha passado e a criança mexia menos.

Nunca fizera tanto calor, como naquele dia e Maria se preocupava muito com as crianças, e a toda hora gritava:

— Prá sombra crianças, vocês vão acabar queimando a moleira.

A água do poço não precisava esquentar, era quente do sol. Maria suava que nem bica, um suor gelado, as tranças todas úmidas, um desespero. Aquele calor e ela daquele jeito, porém, se não fosse o calorão, poderia dizer até que estava muito bem. A dor tinha ido embora, os movimentos estavam muito mais suaves, ora um bolo aqui, um bolo ali, mas não aquela mexeção sem parar que estava até o dia anterior.

O sol ainda estava alto quando Raimundo chegou. Tinham conseguido rebanhar todo o gado de seu Tobias para terras mais frescas, cumpriu toda sua rotina e passou a trocar palavras com Maria. Falou-lhe que os prejuízos do patrão foram menores, que o dos outros donos da região. E que também tinha ficado satisfeito. Seu Tobias chamara-o para uma conversa pois soubera do estado de sua mulher, e como era bom empregado, que contasse com ele para qualquer coisa, que a seca não o apavorasse e que só pensasse em se retirar, se ele, Tobias, também não conseguisse se manter e tivesse que larga tudo.

Esse fato deixou Raimundo mais tranquilo pois não era comum a vaqueiro como ele, que trabalhava pelo dia, conseguir palavras do patrão, como conseguiu.

Mas enfim, justiça se faça, Raimundo tinha quarenta anos de idade e vinte e cinco de vaqueiro, a grande parte ligado ao patrão Tobias. Permaneceram conversando até mais tarde do que o costume. Maria se levantou, foi ver as crianças, Raimundo foi ao terreiro, olhou para o céu, Corisco esfregava-se nas suas pernas. Raimundo entrou, tomou um gole da cachaça para dar sono e foi para a rede. Maria lá estava, recostada, Mundinho começou a bulinar suas mamas caídas, Maria sorriu, já não faziam amor há mais de três meses. De repente, os dois se viram pertencendo um ao outro, Maria de Raimundo; Raimundo parecia um touro bravo, Maria uma pomba, aceitando-o passivamente, Raimundo que lhe penetrava, que lhe usava, e a noite se foi com Maria sentindo-se totalmente mulher, ainda era Maria de Raimundo.

Eram 4 horas da manhã e o sol já se fazia presente na caatinga, com toda sua força. Raimundo dissera a Maria que a cidade estava toda enfeitada pois começaria, no dia seguinte, a festa de São Sebastião, o padroeiro da cidade.

Os terreiros já estavam com seus ebós sendo preparados. Era matança e mais matança. O povo se preparava para a festa com muita fé pois acreditavam que o padroeiro os ajudaria, para a chuva chegar. Maria e as crianças nunca perdiam uma festa do padroeiro. Era a única festa da

cidade. Saíam cedo e só voltavam quando a noite ia tarde. Raimundo, nestes dias de festa, bebia a se fartar, quando voltava para casa, dormia o dia todo.

Este ano porém estava difícil para Maria, muito pesada, sem poder caminhar direito, como iria olhar as crianças? Raimundo se punha na bebida, esse ano não iria não. O dia foi passando e Maria, com seus afazeres, as crianças brincavam no terreiro, Francisca dentro de casa. Mariazinha veio reclamar que Toinha e Tereza tinham se metido pela caatinga adentro e que não queriam lhe obedecer. Maria se arrastou até o cerrado e chamou pelas duas. Em sua mão direita trazia uma taça, um chicote de couro cru, que era com que ela castigava as meninas, chamou novamente e nada, Maria se retirou e ficou esperando. Uma hora mais tarde vêm chegando as duas. Maria não falou nada, pegou a chibata, meteu pelo lombo de Toinha e levantou novamente para castigar Tereza mas essa se esquivou. Maria cambaleou e caiu sentada. Tereza correu pela picada adentro e sumiu. Maria levantou-se com muita dificuldade, doia-lhe os quartos, foi caminhando devagar, entrou em casa e deitou-se na rede, chamando Mariazinha, mandando-a atrás de Tereza pois seu pai, quando chegasse, iria acertar contas com ela. Toinha continuava chorando, no terreiro. Mariazinha voltou algum tempo de pois, sem achar Tereza. Maria não se preocupou.

Ela volta, e quando chegar seu pai dará um castigo nela.

Raimundo chegou mais tarde neste dia e até aquela hora Tereza ainda não tinha voltado. Tereza vinha se mostrando rebelde, não obedecia mais a ninguém, somente a Raimundo que, com a taça na mão, batia como se bate em gente grande. Maria contou o acontecimento a Raimundo e este saiu, casa a fora, a procura de Tereza. Andou por todos os lados e não achou. Foi nas casas mais próximas, nada. Já era bem tarde quando ele voltou e nada da filha chegar. Raimundo dormiu, Maria ficou acordada, preocupada com a filha, ia no quintal, olhava para todos os lados e nada, nem sinal de Tereza. Maria tinha entrado quando ouviu passos no quintal. Raimundo também ouviu e acordou, era Tereza que

se chegava de fininho, com cara de assustada, esperando alguma coisa. Raimundo partiu feroz em sua direção com a chibata na mão, não tentou correr. Raimundo a segurou, e falando porque ela estava apanhando, foi-lhe metendo a chibata nas pernas, nádegas, no lombo. Tereza chorava, gritava, e Raimundo batia. Só com a interferência de Maria é que parou. Tereza estava no chão, chorando, com o corpo todo marcado. Virando-se para Maria disse-lhe: — Agora bote água cum sal prá aprender. Tereza saiu correndo para sua rede e lá continuou chorando baixinho. Tudo terminou, Raimundo voltou a dormir, Maria se recostou e Tereza continuou a chorar.

Quando o dia raiou, véspera do dia do padroeiro se escutavam ao longe o som dos foguetes sendo soltos na paróquia. Maria levantou, as crianças continuavam a dormir e olhando para Tereza viu seu corpo todo lanhado, couro cru.

Raimundo disse a Maria que ia para a festa da paróquia, mas que não se preocupasse pois iria se conter. Maria sorriu, conhecia-o muito bem para acreditar.

— Festa do padroeiro, ta bom!

O sol estava cada vez mais quente, naqueles três últimos dias, sem vento sem nada, só as moscas faziam barulho. As crianças acordaram. Tereza continuou. Maria não gostava de fazer queixa das travessuras das filhas ao pai, conhecia-o muito bem para saber que quando batia não diferenciava criança de adulto, por isso dificilmente dizia a Raimundo. Mas ontem foi demais, mas mesmo assim ficou com pena de Tereza. Mariazinha e Tiana vieram perguntar a mãe se elas não iam à festa do padroeiro. Maria disse-lhes que não, porque não agüentaria ir à cidade e ficar lá o dia inteiro. As meninas passaram o resto do dia, amuadas, sem falar muito. Queriam ir à festa, agora, só no outro ano. Para elas era um castigo maior do que o dado à Tereza. Maria não ligou muito para a tristeza das filhas.

Eram, mais ou menos, seis horas da tarde quando Maria viu Raimundo entrar pela porta, realmente tinha dito que chegaria cedo, po-

rém não acreditara. Passaram-se algumas horas com Raimundo contando a Maria as novidades da cidade quando uma leve brisa começou a soprar na caatinga. Maria ficou feliz pois essa noite iria refrescar mais um pouco. A brisa persistiu por toda a noite propiciando um repouso tranqüilo. Era manhã, domingo, e a festa na cidade tinha varado a noite. Nos terreiros os atabaques continuavam a bater firmes, as Iaôs dançavam tão firmes como se tivessem começado naquela hora. Na igreja, a missa. Só Raimundo e a família não faziam parte da festa.

Não eram ainda 8 horas quando compadre João e comadre Anastácia vieram chegando, trazendo suas 6 crianças, todas vestidas de vermelho em homenagem a Ogum da Bahia, São Sebastião. Raimundo foi logo chamando compadre João e Anastácia se dirigia a Maria.

Raimundo ofereceu a João um gole de cachaça, este recusou:

— Primeiro vou à missa e quando vou lá num bebo antes. Ficaram perdidos numa prosa demorada.

Anastácia e Maria conversavam enquanto preparava um café. Não se demoraram muito e Anastácia disse a Maria que iria pedir por ela na missa. Maria pediu à comadre um favor pois ela, todos os anos, acendia uma vela de cera para São Sebastião e ,para não faltar com esse compromisso com o santo, que ela acendesse a vela na igreja, que em casa rezaria para ela. Os compadres já estavam de saída quando as crianças manifestaram novamente o desejo de ir à festa e pediram à mãe para lhes deixarem ir com eles. Maria repeliu logo a idéia.

— Se assunto menina, não vê que eles têm os filhos deles para cuidar, inda vai tê que cuidá de ocês?

Mariazinha baixou a cabeça. Comadre Anastácia interferiu:

— Deixe as meninas virem, comadre, quem olha seis olha oito, deixe elas virem se distrair um pouco.

— Ói, comadre, ocê me conhece e sabe que não gosto de dar aborrecimento por causa de filho meu.

— Não se incomode não Maria.

E, virando-se para João, falou:

— João, as meninas podem vir com a gente, num pode?

João, que ainda conversava com Raimundo, olhou para Anastácia. Essa repetiu a pergunta:

— As crianças mais velhas do compadre podem vir com a gente, não pode?

João respondeu prontamente que sim, mas Raimundo interferiu:

— Faça isso não compadre, pois ainda noutro dia nós incomodou ocês, deixando as duas do meio lá, isso num ta direito, assim nós ta abusando do compadre.

— Num se importe não Raimundo, e além do mais se elas num aproveitarem hoje, só no ano que vem.

— Óia, compadre, vou te ser sincero, disse Raimundo, elas vão mas contra a minha vontade.

As crianças, quando ouviram isso, saíram correndo, em direção à casa, para se aprontarem. Pegaram o vestido de festa, de chita com renda na roda e nas mangas, se arrumaram correndo. Maria ajudou Tiana e Anastácia a Mariazinha. Meia hora mais tarde, lá iam elas, com sorriso de felicidade, com seus vestidos, com suas tranças nos ombros, com laço de fita nas pontas. Para elas a vinda de compadre João foi ótima e Mariazinha se gabava com Tiana que, se ela estava indo à festa, agradecesse a ela pois ela foi quem falou. E felizes da vida, foram de mãos dadas, a caminho da cidade.

Em casa, Maria, Raimundo e as crianças, Francisca, Otília, Jurema, Toinha e Onorinda brincavam na sombra da casa, sob o comando de Toinha. Francisca não entendia nada, Jurema reclamava:

— Ta vendo, estragou tudo.

E ficaram lá, entretidas. Tereza, desde a manhã, que não dirigia palavras aos pais, limitando-se somente a responder inhô, inhá e mais nada. Permanecia o tempo todo de cara fechada, amuada. Nos seus olhos, um brilho de raiva. Tereza era realmente, de todas, a de temperamento mais difícil. Não era chibata que ia lhe consertar.

Maria continuou com os seus afazeres de dona de casa. Aproveitava o domingo para cortar a fazenda nova, que ganhara, para fazer um vestido. As crianças brincando, o marido deitado na rede, dormia. Francisca começou a chorar, a mãe então pediu para trazê-la para perto. Junto dela ficou brincando com pedaços de fazenda, esta calou-se. O grande calor que fazia naquele dia incomodava até Corisco, que com a boca aberta, mostrava sinais de cansaço. Na caatinga, silêncio total, nem aves piando e nem boi mugindo, nada.

Era por volta de dez horas quando Maria foi aprontar o almoço. Neste dia a comida era diferente. Ela criava, soltas no terreiro, algumas galinhas que de vez em quando matava para servir, ao molho pardo.

Toinha continuava a brincar com as menores, as quatro se entendiam. Jurema, a de quatro anos, apanhava lenha para o fogão. Toinha era a mãe e Odília e Onorinda a filhas. Passaram tempo nesta brincadeira. Jurema e Toinha eram quase do mesmo tamanho. Jurema, bem parecida com o pai, de cor morena bem escura, cabelo preto bem liso, Toinha já era mais parecida com a mãe, mais clara, cabelos ondulados, de cor castanha escura, os olhos pretos e amendoados, eram característicos em todos os filhos.

Raimundo se levantou por volta das onze horas e se pôs a andar pelo terreiro. Não era uma clareira grande, devia ter uns vinte metros de diâmetro. Do lado direito, a picada que levava a estrada da cidade, atrás, a que levava ao caminho da fazenda do seu Tobias. Raimundo percorreu o descampado, junto dele ia Corisco. Foi até o poço de água de chuva, um buraco no chão, de mais ou menos dez metros de comprimento, que quando vem chuva fica cheio. Essa água é a que usa durante todo o período da seca. Como era aberto em cima, à medida que o tempo ia passando, ficava esverdeada, por isso a necessidade de coar a água, para tirar o limo.

Lá dentro, Maria terminara o almoço e chamava para comer. Já dera à Francisca. Raimundo tomou um gole de cachaça para abrir o apetite. Todos comeram e depois foram tirar um sono. Domingo era o dia que

Raimundo descansava. Sábado ia para a cidade, fazer compras na feira, mas domingo não queria nada com o trabalho, só quando seu Tobias estava apertado e precisava dele. Era muito difícil isso acontecer. Por isso, quase todo domingo, dormia o dia todo, só levantava mesmo para comer, mais nada.

Na cidade, Mariazinha e Tiana estavam radiantes, a missa, a feira, a banda, os fogos, as barracas, enfim, tudo era motivo para alegria. Com as crianças do compadre João iam passeando, cidade afora, mãos dadas daqui e dali, paravam para ver outros amigos da família. Quando viam Mariazinha e Tiana sempre perguntavam como ta passando comadre Maria, Anastácia: — Ta mió, ta quase na hora por isso num veio. E lá se iam, passeando pela cidade.

Maria, em casa, depois que todos foram tirar a sesta, dirigiu-se até onde estava a lamparina, começou a rezar, agradecendo a São Sebastião o ano que tinha passado e pediu para olhar por ela, nessa hora, que lhe amenizasse o sofrimento. Mãos no peito, deixou-se ficar durante bom tempo, a rezar e pedir por todos os seus. Quando as crianças se levantaram, o pai já o fizera e estava no quintal cortando lenha para o fogão. As crianças começaram a brincar novamente, correndo umas atrás das outras, Corisco latia. Eram quase cinco horas e o sol permanecia alto. Maria, sentada no tronco, alinhavava o seu vestido novo. Raimundo terminou de cortar lenha e veio para perto dela, acendeu um cigarro, puxou prosa. Dizia Maria, da fé que possuía em São Sebastião e que ele não ia abandoná-los, que a chuva não tardaria, e que o filho também não. Mundinho, olhando para a mulher, disse: — Deus lhe ouça, Deus lhe ouça, e continuaram a conversar. De repente alguma coisa começou a mudar na caatinga. Lá longe, no horizonte, algumas nuvens começaram a aparecer e começou a soprar um vento leve. Maria foi a primeira a notar e chamou a atenção de Raimundo que veio logo ver, ficou todo feliz.

— Mais tardar, amanhã, temo chuva.

Na cidade os devotos na igreja começaram a rezar, mais velas foram acesas, mais fogos e festas. Nos terreiros os atabaques aumentaram seu

ritmo, as iaôs dançavam cada vez mais, saudando São Sebastião, e este mostrava seu poder pela fé do seu povo. As cirandas aumentaram, a bebida rolou mais ainda, todos sorriam, todos vinham para ver as nuvens que vinham ao longe e gritavam:

— Salve São Sebastião, salve!

Na roça de Mãe Preta, Oxalá começou a ser servido, a cada momento mais e mais os atabaques soavam, mais salva, mais fogos, mais danças, mais sacrifícios. Todas as nações batiam em louvor a seus Orixás. Na igreja o sino anunciava, às seis horas, missa para o povo, as casas estavam vazias, todos queriam prestar homenagem a São Sebastião.

Nunca se viu tanta gente nas ruas. Na igreja não dava mais ninguém, todos agradecendo a São Sebastião, o singelo São Sebastião, as honras da chuva que estava para chegar. E o sino tocava. Na nação Keto, Ogum, guerreiro, valente, justo, dançava e os atabaques soavam cada vez mais alto. Ninguém arredava pé, todos queriam o privilégio de ser abençoados por aquela água benta, pelas lágrimas da Oxum, era o final da estiagem, por todos esperado.

Em casa, Maria e Raimundo não viviam essa euforia, mas também se preparavam para a chegada da chuva. Raimundo estendeu as calhas para jogar água no poço, abriu valetas. Maria chamou as crianças para dentro. Tudo estava preparado para a chegada da chuva.

Aos poucos o céu foi ficando negro, as estrelas foram sumindo. As nuvens cada vez mais carregadas. E o povo nas ruas, e o sino tocando, e os atabaques batendo. Nas nações, uma entidade requereu para si as homenagens, Iansã, e com a dança puxada pela Ialorixá, seguidas pelas Iaôs, veio o vento cada vez mais forte, que levantava poeira, que derrubava galhos, mas que não apagava as velas. Na igreja, o sino tocava e o vento levava longe o som, que até na casa de Raimundo se escutava.

Pouco a pouco, Ogum e Iansã foram dominando a guerra, os atabaques já soavam mais alto que o sino da igreja. Ogum bradava forte e a Iabá dos cabelos de ouro dançava no seu melhor estilo.

Compadre João resolveu ir embora quando o vento começou, estava com as crianças e tinha medo delas na chuva. Quando deixou Mariazinha e Tiana eram por volta de dez horas. O vento, cada vez mais forte, o céu cada vez mais preto. Os compadres conversaram, rapidamente e se retiraram.

Mariazinha e Tiana começaram a contar aos pais os acontecimentos, a missa, a festa, o sino tocando, as cirandas, o povo na rua.

— Só faltava ocês, só faltava.

Logo após todos se puseram a dormir.

Na cidade, Ogum e Iansã tinham vencido a guerra, o sino tinha calado, as Iaôs puxadas por Ebambi dançavam em suas homenagens. De repente, no meio da festa, Xangô velho se irrompe, representando a justiça, solta seu brado mais forte, lança seu Zazi que clareia a caatinga como dia, Oxum chora de alegria. Ogum pinga seu suor de guerra. Xangô lança, a cada momento, seu brado. E com a valentia de Ogum, a beleza de Iansã e a justiça de Xangô, o chão se viu, de repente, todo molhado. Xangô convoca, para sua luta, todos os seus filhos, a terra treme com o seu brado, com seus Zazis, Maria se contorce, de repente, na rede: — Ai Raimundo, a dor, acho que ta começando.

Raimundo levanta rápido, tudo estava tão bem até agora, será que no início da chuva é que Maria iria passar mal? Vira para a mulher e fala: — Muié, é a mudança de tempo que te fez senti dor!

— Pode ser, homi de Deus, vamo esperá mais um pouco, se aperta, ocê vai chamá a cumadre.

Porém, a cada minuto que passava, a chuva apertava, e a cada Zazi que Xangô soltava Maria sentia apertar mais.

Oxum chorava sem cessar, o Cerrado já estava todo molhado. Ogum continuava sua luta. Os ogans salvavam:

- *o Baniché cao cabecie;*
- *oia ami aieieu; Afun le le pare oia;*
- *Gese Gese pata cori cori.*

Xangô clama por seus filhos. Cada vez mais Oxum chora e mais a chuva cai, o vento fica mais forte, os zazis caem, a voz rouca de Xangô estremece a terra e Maria se contorce cada vez mais. Maria se levanta, vai até a imagem da santa, acende uma vela de cera para Nossa Senhora do Parto. As crianças estão acordadas.

Raimundo se veste, vai até a casa de comadre Severina. Maria ta aperreada de dor. A cada passo que Raimundo dá um clarão, um estrondo, a chuva pinga forte. Ele nem se incomoda com a chuva, aperta o passo, quer chegar o mais rápido possível. Que hora mais danada, que essa peste resolveu nascer. E segue, estrada afora, entre chuva, clareões e ventos.

Em casa, Maria estava desfigurada, as crianças apavoradas com os raios e os trovões. Pede a Toinha para ficar com as crianças na sala, chama Mariazinha para ficar consigo. Dessa vez não esta como das outras. A dor é violenta, parece que tudo esta se abrindo, quando vem dá vontade de tudo, de chorar, de obrar, de verter água, da inté vontade de sumir. Mariazinha faz companhia à mãe. A cada raio uma dor, e uma em cima da outra.

Na estrada, Raimundo vai seguindo, a caatinga, parece que vai ser arancada do chão. A chuva agora, esta bem forte, começando a deixar o barro seco e rachado, em lama. Ele enfrenta tudo e segue seu caminho.

Na cidade não se vê ninguém nas ruas, a igreja esta vazia, o sino não bate mais e as bandeiras que enfeitavam a praça da igreja se foram todas com a ira dos ventos. Ninguém se atreve a botar o pé na estrada, só ele, Raimundo.

Nas nações tudo é festa. Os atabaques continuam a bater. Xangô e Iansã continuam com sua dança. Oxum continua a chorar. Ogum continua valente. A água a cair. E, por volta de duas horas, quando chega à casa de comadre Severina, porém tem que aguardar um pouco, pois a comadre é Ialorixá do Ilê Orun Ré da Nação Keto, e esta puxando as Iaôs, que agora dançam para Xangô. Daí a pouco ela chama por ele, e ele segue até o centro do barracão em obediência a sua chamada. Con-

ta-lhe o acontecido. Mãe Preta fica pensativa ao receber a notícia de Maria. Começara a passar mal com os primeiros trovões e, pelo que seu marido conta, a cada um a dor aumenta. Ora, como Xangô chama por seus filhos, aquela criança deve ser filho dele. Pede a Raimundo para esperar um pouco, chama a Iakekere Dami da Oxum, passa-lhe a responsabilidade do Xere, não tira nem sua roupa, pega sua sacola, firma seu pegi e sai porta afora, sem olhar para trás.

Pelo caminho Mãe Preta vai contando a Raimundo, que nada entende, o que esta se passando. Para ele o que há é simplesmente o vento, chuva, raios e trovões.

Ela o faz colocando entidades chamando seus filhos e explica o porquê Maria começou a sentir dores com os primeiros trovões, era Xangô que chamava por seu mais novo filho. A cada passo que dava, entendia menos ainda. Nunca foi homem de se ligar a santo e Maria também não, o máximo que faziam era levar as crianças para Mãe Preta rezar ventre virado. Andando Mãe Preta ia sempre falando e a cada raio e trovão, falava algumas palavras em africano. Mãe Preta ia lentamente ginchando e chocalhando, nunca, até hoje, fora chamada a trabalho numa situação desta, no meio de uma festa. Agora só lhe restava ir atender a Maria enquanto sua Iakekere comandava o xere. Esperava não demorar muito pois Maria tinha o filho fácil. Depois voltaria e encerraria os trabalhos.

Raimundo seguia calado, pensativo caminhando devagar, Mãe Preta estava toda molhada. E foram caminhando, seguindo estrada a dentro entre vento, chuva e raios. Após longa caminhada, com o dia clareando e os dois cobertos de barro, finalmente chegaram.

Quando Mãe Preta entrou Maria ficou mais tranqüila pois pensava que não fosse dar tempo. As dores, cada vez mais fortes, o rosto de sofrimento. Mariazinha a seu lado segurava sua mão e alisava o seu rosto. Mãe Preta se dirigiu ao quarto enquanto Raimundo tomava um gole de cachaça para esquentar. Comadre Severina chegou junto à Maria, brincou com ela e se pôs a examiná-la.

Quando terminou disse-lhe:— Minha fia, já ta no nascedouro porém muita água inda tem que rolar, a gente num pode fazê nada, só esperá.

Mãe Preta, em seguida, consultou Ifá deitando seus búzios, benzeu-se frente à imagem de Nossa Senhora do Parto, balbuciou algumas palavras e sentou-se ao chão, à cabeceira de Maria. A cada raio e trovão uma dor mais forte, e Mãe Preta não saía de sua posição. Em sua sacola tinha um pente de osso, um cachimbo de barro e fumo de corda, que cortou com uma pequena faca, encheu, acendeu e começou a fumar.

As crianças estavam todas na sala agora, inclusive Mariazinha. Raimundo nem entrava no quarto, lá só estavam as duas, pois homem ficar no quarto de mulher que vai parir dá azar. Havia passado quatro horas, quando Mãe Preta examinou de novo. — É muié, ta difícil, caroço encruado essa peste. E continuou passivamente sentada no chão, contando histórias passadas a Maria, numa tentativa de distraí-la.

Comentava sobre a vida de pessoas. Perguntou a Maria se lembrava de Vanda, filha do falecido Tonico. Maria prontamente respondeu que sim. — Pois sabe, me contaram noutro dia que ela ta morando lá pros lados dos Andrades e que passando muito mal, levaram pro hospital de Feira. Lá, a primeira coisa que fizeram foi lhe raspar os pelos de cima da vergonha, fia. Sabe o que aconteceu? Ficou boa, mas agora não pode vê homi que logo se bandeia pro lado deles. Ficou desavergonhada, num respeita homi casado nem nada, quer todo mundo. Diz que tem dia que ela consome cinco, seis homi e num se aquieta. Suncê veja comadre, pelas história que a gente escuta, é por isso que as coisas tão ficando ruim. Eu nunca precisei tirá os pelos da vergonha para fazer filho nascer. É o que dá, mexer com coisa que ta quieta dá nisso. É por isso que dizem que na capital as muié num respeita mais ninguém. Pode ir lá prá vê comadre, é tudo muié que raspa as vergonha e o braseiro acendeu. Agora ninguém consegue apagar de jeito nenhum. Olhe prá lá e olhe prá cá, onde nós trata ocês com respeito num encontra nada disso. Aqui só tem muié de casa.

E continuava a falar, a mostrar diferenças do seu tempo para agora e uma série de coisas. Maria estava calada, não dizia nada. Somente quando a dor começava é que se torcia toda, a barriga ficava dura que nem pau. Mariazinha preparava alguma coisa para comer. Raimundo tinha ido no quintal ver como estava, todo preto e os raios e o vento continuavam. A água que caía era tão forte que o poço já estava quase transbordando.

Custara a cair água mas também agora estava chovendo para valer. Para Raimundo só uma coisa preocupava: Maria, pois já era fim de tarde e nada. De repente um tropel de cavalo se ouve. Aproxima-se um empregado de seu Tobias, que veio chamá-lo para ajudar a rebanhar o gado para pastagem mais altas, pois os rios estão quase transbordando e a água estava arrancando tudo. Raimundo ficou embaraçado, o que ia fazer?

— Se for, Maria pode precisar de mim, mas seu Tobias também precisa, e agora, o que fazê?

Explicou tudo ao mensageiro e foi até dentro de casa falar com a mulher. Hesitou em entrar no quarto porém Mãe Preta o convidou. Contou-lhes o que estava a acontecendo e disse que não sabia o que fazer. Maria não estava nem em condições de pensar, Mãe Preta tomou a frente: — Vá homi de Deus que inhô precisa de ocê. Como prá lá é caminho, passa por minha casa, dê recado que ta tudo bem e mande minha Ekedí pedir a minha fia Florinda para ficar comigo pois se eu necessitar de alguma coisa ela providencia e também toma conta das crianças. Eu aqui me ajeito, e diga também a Iakekere para continuar firme até eu chegar. Assim foi dito, assim foi feito.

Raimundo se foi, Florinda chegou. Mãe Preta tinha pedido a Raimundo que sua filha trouxesse algumas coisas que iria precisar. Se passavam mais de meio dia ali e nada. Florinda, filha enjeitada de Mãe Preta, era uma cabocla bonita, tinha bem seus dezoito anos e se largava dela. Morava com ela desde pequenina, tinha se feito no santo. Era uma das iaôs de maior responsabilidade. Toda vez que Mãe Preta podia a le-

vava para acompanhá-la na missão divina, a de partejar. Queria que Florinda seguisse os seus passos. Morena bem escura, do cabelo preto, bem liso, dos olhos pretos, do corpo marcado, das pernas grossas, Florinda era desejada pelos cabras todos da região, que sonhavam em montar com ela, porém nunca riscou olho para ninguém. Seus lábios, cor de sangue, nunca sentiram o calor de cabra nenhum. Mãe Preta se orgulhava disso e quando alguém comentava com ela algum fato de moça que tinha se perdido falava sempre: _ É criação, veja Florinda se faz isso. Moça bem criada é moça que tem respeito, num se bandeia pro lado de qualquer um.

Maria continuava com sua sina dolorosa, a criança tava descendo, sentia mais a cada dor violenta, se consumia cada vez mais, quando a dor forte passava continuava a dor nos quartos, e como se não bastasse voltara a mexer com a força de uma semana atrás, e lá continuava ela, deitada na velha rede, até quando?

O dia até que estava fresco mas sentia um calor da peste. O suor descia. Mãe Preta, sentada no chão, penteava-lhe os cabelos. A medida que o tempo ia passando, Maria agüentava cada vez menos, as partes doídas de tanta mexeção por parte da comadre. Se existe realmente um inferno, não devia ser pior do que estava passando. Mãe Preta sabia que as coisas estavam indo lentamente mas progredindo. Estava com pena de Maria porém a justiça de Xangô se fazendo e este queria seu mais novo filho. De repente um clarão ilumina toda a casa, um estrondo maior ainda, Mãe Preta se benze, Florinda observa. Maria se contorce na rede como cobra no fogo. Francisca no outro compartimento começa a chorar. Florinda vai ao seu encontro. As crianças menores estão assustadas com o temporal, não estão acostumadas a ficar dentro de casa e além do mais não vendo a mãe. Mariazinha e Tiana sabem muito bem o que esta acontecendo pois se lembram de quando nasceram as outras irmãs. Tereza esta calada. Não faz nada e também, não fala nada. Seu olhar é de indiferença, para ela tanto faz como tanto fez. Só um pensamento na cabeça, a surra, por que? Porque estava brincando.

Mãe Preta pega um fio de contas vermelha e branca do seu pescoço e coloca no de Maria. Em seguida pede a sua filha para amornar azeite doce. Quando ela traz unta a barriga de Maria, pega seu pano da costa, envolve-a e virando-se para Maria lhe diz:

— O azeite quente deve te facilitar um pouco. Continuava com seu cachimbo de barro, sentada no chão, penteando os cabelos de Maria, cada vez mais disformes. São passados quase um dia e nada. Mãe Preta não mostra sinais de cansaço, esta acostumada.

Raimundo ainda não voltara, tinha chegado à fazenda do seu Tobias e contado o que estava acontecendo. Este pediu desculpas por ter lhe chamado e que voltasse para junto de sua mulher. Raimundo negou dizendo que não precisava pois Mãe Preta e sua filha estavam lá e que preferia ir atrás do gado que com os trovões saíram dos pastos altos e tomaram rumo do campo. Tobias ainda insistiu para que fosse para casa, que levasse o cavalo pois poderia precisar. Raimundo continuou negar, e se pôs a galope em direção ao companheiro, a juntar as reses perdidas. Tobias montou e os dois juntos alcançaram o resto do pessoal. Rês por rês foram sendo recolhidas e transferidas. Foi um trabalho árduo mas conseguiram reunir todas sem perder uma. Quando terminaram a noite tinha caído a muito e, por insistência de Tobias, Raimundo foi à casa com o cavalo que tinha rebanhado. Realmente a volta foi muito mais suave, e no caminho vinha pensando que ao chegar deve ter criança nova, a muié deve ter desembuchado e vamos poder dormir um pouco, o dia foi duro, catar rês por rês, com chuva, raios e trovões era terrível. E foi cavalgando até que chegou em casa. Quando viu Mãe Preta e Florinda balançou a cabeça e dali mesmo perguntou: — Que qui ta havendo comadre, num se tem resolução ainda? Mãe Preta, que estava calada, levantou-se e foi até ele e, colocando sua mão na dele, respondeu: — Meu fio, nascê nasce, agora a que hora não sei. A peste se arrasta pelo nascedouro, Maria ta cansada, mas sem ser isso ta tudo bem. O jeito fio, é nós esperá pela boa hora. Enquanto isso eu vou pedindo a Xangô para que lhe dê axé. Raimundo ficou transfigurado pois nunca pensara

que sua mulher fosse passar por tudo aquilo. Ficou ali, sentado na rede, à espera dos acontecimentos. Florinda ofereceu-lhe alguma coisa para comer, recusou. A noite vai passando com as mesmas coisas, Mãe Preta conversando com Florinda, explicando-lhe tudo. Raimundo pensativo.

Maria só se contorce, começa a ter sede. Florinda dá-lhe água. Mesmo com todo o sofrimento, se sente amparada, esta sob os cuidados de Mãe Preta. Raimundo tinha voltado, Florinda cuidava das crianças. O quê que queria mais? Não tinha o que pensar, era agüenta r firme, até a boa hora. — Nossa Senhora do Parto nunca me abandonou e não vai ser agora. — E a noite toda se passou com ela ali, as dores violentas, os quartos parecendo quebrado, a rede incomodava, mas suportava tudo. Filha de mulher parideira, sua mãe tivera quinze filhos, era o seu destino, só uma coisa a torturava, as dores. Nunca sentira tão forte. Volta e meia Maria levantava, amparada por Mãe Preta e Florinda ia verter água. Por duas vezes as dores foram tão fortes que deu vontade de obrar.

A manhã tinha surgido, o vento, a chuva, os raios e os trovões continuavam. Nada mudava, o céu preto, tudo na mesma. Raimundo permanecera boa parte da noite acordado, foi dominado pelo cansaço e dormiu recostado ao chão. A chuva estava tão forte que as folhas não protegiam totalmente, havia algumas poças dentro de casa.

Florinda, quando este acordou, cuidara das crianças, ofereceu-lhe café. Mãe Preta, tomara o seu. Só Maria não tinha vontade de nada. A comadre continuava com as suas histórias, seus exames, seu cachimbo, seu fumo de corda, seu pente. Tentara espocar as águas, mas não conseguiu. Pediu à Florinda para aquecer mais azeite e deitou sobre a vergonha de Maria fazendo massagens e jogando lá dentro. Maria sentiu aquele líquido quente ir-lhe tomando. Mãe Preta disse: — Fia, güenta um pouco, tem que ser bem esperto prá ajudar a amolece as partes que aí ele vem depressa.

Maria suportava, a única coisa que pedia era água. Mãe Preta fez um chá de erva.

— Te alimenta fia, te alivia. — Maria tomou tudo.

Quando a manhã tinha totalmente despontado, novamente Raimundo percebe um tropel de cavalos. Pensou logo que seu Tobias mandara lhe chamar de novo. Qual não foi sua surpresa quando deparou com o próprio Tobias, em carne e osso, parando em sua humilde morada. Nunca, nunca acontecera isso. Raimundo não sabia o que falar. Tobias bateu-lhe nas costas. — Como é meu bom vaqueiro, és pai novamente? Vim ver tua mulher sofrida e teu novo filho. Minha mulher separou algumas coisas que sobraram do nosso derradeiro, para dar para vocês e como nós estávamos preocupados com o acontecimento, resolvi vir pessoalmente pois quem tem consideração comigo de mim merece respeito, seja pobre ou seja rico, não faço distinção.

Raimundo, entalado de emoção pela visita do patrão, convidou-o a entrar, não sem antes lhe dizer:

— Óia inhô Tobias, suncê sabe como é casa de pobre, num repara não. Agora, a criança inhô num vai vê pois minha muié ta ainda em sofrimento.

Tobias, olhando para Raimundo, exclamou:

— Ainda não? Você não quer levar tua mulher para a Feira? Num se avexe, damos um jeito. Conhecemos muita gente lá, colocamos ela num carro e partimos. Eu mesmo vou com você.

Raimundo realmente nunca esperara tanto na sua vida, primeiro a promessa, depois as roupas, a oferta do Hospital de Feira, era demais.

— Sei não, seu Tobias, vamo ouvi Mãe Preta, se ela achá mió, nós leva. E foram entrando casa adentro, com as crianças juntas no canto da parede. Raimundo não tinha o que ofertar a Tobias, mas mesmo assim ofereceu:

— Inhô quer um café quente?

— Quero não. Prefiro um gole de cachaça, prá quebrar a chuva, mas deixe prá depois, agora quero mesmo é ver tua mulher e Mãe Preta.

Florinda e Mãe Preta estavam com Maria e ao ouvirem voz de homem não sabiam quem era. Raimundo chamou por Mãe Preta, e esta se levantou dirigindo-se a ele.

Tobias olhava as crianças e quando viu Mãe Preta, num gesto de admiração e respeito, pegou-lhe a mão e beijou-a.

— Sua bênção, Mãe Preta, já ouvi falar muito dos seus feitos. Eu sou Tobias de Azevedo, seu criado, e entrando direto no assunto, perguntou:

— Sei que a senhora entende do riscado, mas que ta achando? Se a senhora achar melhor levar para Feira é só falar, se tiver sem recursos nós levamos ela direto.

— Suncê num precisa se incomodar pois num há necessidade, é só uma questão de tempo, ta no nascedouro, mas ta tudo bem, precisa inté vê como ele se mexe.

Tobias aceitou as ponderações de comadre Severina e perguntou-lhe se incomodava dele fazer uma visita rápida à Maria. Mãe Preta concordou: — Mas aguarde um pouco que vou vê se ta composta.

Dizendo isso, saiu em direção à Maria, e virando-se para ela, disse:

— Minha fia, ocê tem visita.

—Prá mim? Quem é?

— É inhô Tobias.

— Inhô Tobias? Que que ta fazendo aqui?

— Calma fia, ele veio somente trazê seus préstimo pois ta preocupado cum ocê.

Maria fez menção de ir até o encontro dele, Mãe Preta não deixou.

— Deixe que ele vem até cá. É homi de dinheiro mas também é simples, num se avexe não.

Florinda permanecia junto à rede. Tobias foi convidado a entrar e sua vista só conseguiu ver as sombras da vela até se costumar. Olhou Maria na rede e viu também Florinda, embora tivesse escuro, contemplou a beleza de sua silhueta, olhou-a de cima em baixo, estendeu sua mão, cumprimentou Maria.

— Como ta passando?

— Assim, assim,.respondeu Maria.

Mãe Preta apresentou-lhe Florinda.

— Esta é minha fia Florinda, que ta me ajudando.

Tobias esticou a mão e cumprimentou-a com toda a satisfação, não era de hoje que desejava conhecer a tão falada cabocla dos lábios de sangue e totalmente pura de homens. Numa olhada só desnudou-a de cima em baixo e falou:

— Encantado senhorita, nobre a missão de sua mãe e breve também de você, como se vê. Fiquei muito contente em conhecer sua mãe e você.

Em seguida disse a Maria:

— Vim trazer algumas coisas que foram do nosso derradeiro, a mando de minha mulher. Estamos muito preocupados com você. Minha visita é breve, mas qualquer coisa é só Raimundo falar que faremos o que estiver a nosso alcance. Agora já vou indo. Que você tenha uma boa hora.

Maria agradeceu:

— Inhô foi muito caridoso vindo inté aqui, num sei como lhe agradecer.

— Não pense nisso. Boa sorte. — E foi saindo.

Mãe Preta e Florinda o acompanharam até a porta. Tobias cumprimentou novamente Mãe Preta e se pôs à disposição mais uma vez e virando-se para Florinda, agora já observando-a com mais clareza:

— Foi um prazer senhorita — apertando com força sua mão.

Florinda só balançou a cabeça e se pôs para junto de Maria de novo.

Raimundo voltou a conversar com Tobias e ofereceu-lhe o gole de cachaça. Este bebeu rapidamente e foi se dirigindo à saída. Lá fora, virou-se para Raimundo e disse-lhe:

— Olhe homem de Deus, sei que você não tem condições, que vai para a fazenda a pé por isso eu vou te presentear com esse cavalo que você trouxe, bom empregado é bom empregado.

Raimundo entendeu menos ainda, num dia só tinha conseguido tanta coisa e agora também um cavalo. Tobias não deu tempo nem a Raimundo de agradecer, montou partindo em direção a sua fazenda.

Mãe Preta e Maria comentavam a visita. Florinda estava calada, assim como as crianças na sala. Raimundo entrou e foi falar com Maria, não sem antes pedir licença à Mãe Preta. Estava feliz com a visita do patrão. Nunca esperara conseguir o que conseguiu. Alguma coisa tinha acontecido, eram os santos de Mãe Preta? Maria estava feliz com as roupas que ganhara e, abrindo o pacote, mostrava a Raimundo. — Coisa fina, do filho do teu patrão.

Pouco a pouco, tudo voltara a seu normal, as dores continuavam, a chuva, os raios, tudo. Mãe Preta assumiu sua posição. Só Florinda é que estava calada, não tinha entendido aquele apertão na sua mão, quando da despedida.

A realidade da visita de Tobias tinha sido outra, mulherengo de marca maior, conhecido de sobejo pelas mulheres da brega, escutara no dia anterior de Raimundo que Florinda estava em sua casa e como ouvira os maiores elogios à beleza e ao corpo dela queria conhecer esta mulher de perto. Disse a sua mulher que iria à casa de Raimundo fazer uma visita pois ele era bom empregado, e que até deixara sua mulher parindo para vir lhe servir, e este gesto lhe tocara, por isso queria que arrumasse algumas roupas que pertencera ao último filho para ofertar à criança. A mulher de Tobias ainda argumentou que ele devia mandar alguém levar a roupas e pegar a notícia. Ele disse que não.

—Vou pessoalmente.

— Mas Tobias, ta caindo muita chuva.

— Ele também não enfrentou a chuva deixando a mulher em casa para vir me ajudar?

Depois desses argumentos todos, só restou à mulher concordar.

No caminho de volta, Tobias só trazia no pensamento a imagem de Florinda e se Raimundo devesse a alguém a oferta dos serviços, os presentes para o filho, o cavalo, esse alguém não era, sem dúvida, os santos de Mãe Preta e sim à beleza de Florinda, que realmente fascinara o seu patrão.

Em casa, Raimundo juntou as crianças e falou-lhes do presente do patrão. Mariazinha e Tiana pediram, logo que a chuva parasse se ele

as levava para dar uma volta. Este sempre foi seu grande desejo. Logicamente que concordou. Neste dia não negaria nada a ninguém. No quarto, Mãe Preta, Florinda e Maria continuavam sua sina, esperar.

No barracão de Mãe Preta os atabaques continuavam a bater, com as iaôs sob o comando da Damiana de oxum, que estavam dançando, há dois dias e três noites, em louvor a Xangô, Oxum, Iansã e Ogum. O senhor da justiça bradava; oxum, os cabelos de ouro de Iansã, esvoaçavam; o suor de Ogum guerreiro, continuava a cair. Nunca a Iakekere e as iaôs dançaram tanto. Nunca os atabaques bateram tanto tempo. Todos firmes aguardam a volta de Ebambi. Peji firmado, pé no chão e a chuva caindo, os Zazi, os trovões, o vento. Justiça de Xangô que se fazia. Mãe Preta, cuidando de Maria, não se preocupava pois confiava em Damiana, que nem mandou Florinda voltar, deixou-a para lhe ajudar. Continuava com suas rezas, suas salvas, seus unguentos, sua magia milenar que tinha sido trazida por seus pais. Filha direta de pais africanos, viviam em Dio, na Nigéria, quando foram aprisionados. Mãe Preta nasceu e foi criada no cativeiro, foi lá que se fez no santo, aprendendo tudo o que sabe, pelas mãos de tia Maci.

Quando da abolição, Mãe Preta estava com dez anos e saiu da cidade grande, vindo para o sertão junto com um grupo de ex-escravos, que resolveram tentar vida nova no sertão.

Aprendeu a partejar com sua mãe, quando saía a aparar as crianças, ainda pela senzala, depois no sertão. Com a morte dela ficou sendo sua substituta.

Por um capricho da natureza, embora tivesse morado boa parte da sua vida com o negro Tomé, vindo com ela dos tempos do cativeiro para cá, nunca teve filhos e com a morte daquele ficou sozinha, vivendo para o santo, até que pegou Florinda para criar. Não possuía muita coisa. Sua riqueza maior era: primeiro sua coroa de Ialorixá e depois suas mãos. Não tinha vaidade mas era constantemente visitada por gente importante na esperança de resolver seus problemas e nunca recusava em atender mas o que mais impressionava os visitantes não era o Keto

puro e sim a sua simplicidade, e estar sempre com uma palavra de carinho. E quando alguém lhe dizia que a vida estava espinhosa dizia: — “fio, árvore que tem muito espinho dá fruto com muita polpa só que para comer a fruta tem que se espetar nos espinhos”. “Mel prá ser mais doce, nós tem que antes sentir o ferrão da abelha”. “Nenhum caminho é fácil de andar, ele fica fácil quando nós mesmo tira as pedras dele”. — Para cada um uma palavra, um conselho.

Mãe Preta era simples, sua sabedoria era oriunda da terra, sem mentir, sem fingir, sendo ela. Quando não queria, não queria e ninguém conseguia lhe quebrar a turrice. Mãe Preta era isso, era tudo, era nada. Vivia porque vivia e não queria mais nada do que isso. Em todas as conversas que tinha com sua filha tentava passar a ela todos os seus conhecimentos, do culto, da arte, da vida. Florinda ouvia tudo atentamente e na nação sabia-se que o dia em que Mãe Preta cufasse sua substituta seria a cabocla dos lábios de sangue.

Maria, naquela tarde, tinha se refeito um pouco, os raios e os trovões tinham diminuído e as dores também. Tinha até tomado um caldo preparado por Florinda, que lhe dera um pouco mais de ânimo. Sentada um pouco na rede, com as partes doendo de tanto exame e do azeite quente, ela ouvia as histórias de Mãe Preta. Falava de sua mãe, de suas histórias, da saudade que dizia ter da senzala. Eram fatos acontecidos, partos pitorescos, outros difíceis. Lembrou-se de um acontecimento, ocorrido quando ainda pequenina. Sua mãe fora chamada, era um dia de sol quente e uma das conhecidas de sua mãe, sempre lavava roupa num poço, há três léguas de casa. Ia na cidade com um jegue, enchia os caçuás de roupa e partia para lavar. Numa dessas ocasiões, estando prenhe de final e muito pesada, partiu em direção ao poço, puxando seu jegue. Chegando lá, começou a lavar, porém apareceram umas dorezinhas finas no pé da barriga. Como estava sozinha, ficou receosa e pegando as roupas lavadas botou no caçuá, dividindo o peso e partiu em direção de sua casa. No meio do caminho as dores apertaram, ela parava, deixava passar, apertava seu passo mas o jegue era lento, por mais

que puxasse seguia seu passo monótono. Notando que ia nascer ali mesmo, ela amarrou o jegue num pé de umbu se embrenhou no cerrado e debaixo de um pé de araticum acabou tendo seu filho. Na estrada não cruzara com viva alma. Passado uma hora, tinha saído tudo. Ela levantou, pegou o menino e a companheira, todos cheios de terra, levou até onde estava o jegue, ajeitou-os no caçuá, em cima das roupas sujas, colocou-o dentro e continuou sua caminhada. A estrada permanecia sem viva alma. Uma légua após, parou num poço, a beira da estrada, se banhou e seguiu seu caminho. Quando chegou em casa já era quase noite. As crianças quando a viram chegando correram perguntando o que trouxera para elas, pois ela tinha mania de pegar frutas na estrada e levar. Sorrindo, virou-se para os filhos e disse-lhes que hoje era surpresa o que estava dentro do caçuá. Quando eles chegaram perto para ver, a criança começou a chorar e as crianças apavoradas:

— Mãe, tu já teve nosso irmão?

— Já, e lá se foi sorrindo para dentro da casa, mandando chamar a avó para cortar o umbigo. Quando nós chegou, o pobre coitado tinha mais terra do que não sei o que e hoje tá, filho da caatinga, que comeu terra quando nasceu, homi grande e forte.

Maria gostava de escutar as histórias de Mãe Preta. Raimundo, sentado na sala, olhava as crianças. Francisca em seu colo, ria. Mariazinha e Tiana contavam às menores os acontecimentos da festa. Só Tereza não participava da conversa, continuava na rede, olhando sem dizer nem fazer nada. A tarde tinha passado e a noite se fazia presente quando o vento, os raios, os trovoes aumentaram. Maria que estava sentada, voltou a deitar, a dor agora havia piorado, e muito. Os raios, os trovoes, estavam cada vez mais fortes e o vento parecia querer tirar a casa do chão. Raimundo tapou a porta, botou as crianças na rede. Mãe Preta examinou novamente Maria. A mãe do corpo ficava dura que nem um pau, as dores cada vez mais violentas, se torcia toda na rede, agora estava mesmo insuportável. Dava vontade de gritar, de pedir para meter a mão e puxar, não conseguia nem respirar. A dor cada vez mais forte. Mãe Preta ungiu novamente, com azeite, a barriga, voltou a pas-

sar o pano. Maria não conseguia se controlar, cada vez mais agitada, começava a gemer. Florinda no canto estava assustada. De repente tudo se transformara. Raimundo, na sala, estava apreensivo. Mãe Preta tentava de tudo, tentou espocar as águas com a unha, mas nada. Maria sofria, o vento açoitava, os zazes iluminavam a noite, inté, parecia que caíam todos junto a casa deles. Os trovoes, cada vez mais barulhentos, Mãe Preta se benzia e pedia:

— Agô Xangô, por essa fia. Sei que tu quer esse fio mas poupa tua fia do sofrimento. Mas Xangô parecia não atender, cada vez mais e mais sua voz se ouvia, mais forte. Oxum enchia de lágrimas, fora e dentro da casa. Iansã parecia também estar presente ali, pois o vento era cada vez mais forte.

Mãe Preta vai até a imagem da santa e reza por sua filha. Realmente agora começara a ter pena dela. Estava com o rosto transfigurado, gemia baixinho. Ela sempre fora uma moça forte mas agora não estava agüentando. Raimundo, que sempre estivera em casa quando seus filhos nasceram, estava preocupado. Chegando à porta do quarto, perguntou à Mãe Preta:

— Que qui inhá acha? Ta complicado? Se ta, nós aceita a oferta de inhô Tobias.— Mãe Preta prontamente respondeu:

— Ói Raimundo, esse é o aperreio final, num se importe não, ta uma moça sofrida mas eu acredito que até a hora grande ta tudo resolvido.

Raimundo baixou a cabeça e se esticou na rede de Mariazinha, e Maria continuava a sentir dor. A cada dor um estalo, a peste ia descendo, ela sentia, fazia força, querendo acabar logo de vez com isso. Mãe Preta chama Raimundo, este acorre logo, acabara de examinar e, sorrindo, virou-se para ele e diz:

— Homi de Deus, vá no quintal, pegue uma galinha para Florinda fazer um caldo. Ta chegando a hora.

Raimundo ficou feliz em saber que o sofrimento de Maria estava por findar. Correu a fazer sua tarefa.

Maria sentia que estava perto e, mesmo gemendo, se contorcendo toda, procurava ajudar. Mãe Preta acendera novamente seu cachimbo e tirava fumaça, penteava os cabelos de Maria. Lá fora os raios estavam tão fortes e tão próximos que a cada um iluminava o terreiro. Corisco, desde o início da chuva, tinha se metido dentro de casa, não saía para nada, o rabo metido entre as pernas, quando dava um trovão enfiava a cara no chão, de medo. Raimundo vem chegando do quintal, todo molhado, com a galinha na mão.

— Foi difícil de pegar, tava tudo escondido.

Mãe Preta ordenou e Florinda cuidou logo de sua tarefa. Cada minuto que passava, mais e mais, os trovões aumentavam e mais e mais Maria sentia dores. Mãe Preta tinha ficado de pé, segurava a mão de Maria para lhe dar coragem. Maria sofria, Maria gemia, Maria se contorcia. O vento cada vez mais forte. As crianças cada vez mais com medo. A noite passando.

No terreiro, Xangô bradava, Iansã balançava seus cabelos dourados, Ogum não parava sua dança guerreira. Mãe Preta pedia Ago por Maria. As iaôs dançavam, e Maria sofria, sofria como nunca, sofria como ninguém. E a noite passava. Florinda na cozinha a fazer o caldo.

Raimundo calado. Corisco com medo. E a chuva impiedosa, alagando tudo. A casa toda molhada, a cobertura não agüentara a força das águas. Maria não conseguia enxergar as coisas direito. Estava tudo turvo de tanta dor, dor nos quartos, nas partes, na barriga. A perna ficava dura que nem conseguia se mexer.

Maria se contorcia, gemia, chorava. De repente começa a se agitar mais ainda, Mãe Preta examina de novo, se benze:

— Ta coroando, minha fia. Florinda vem me ajudar que ta coroando.

Raimundo se levanta. A água cai dentro de casa molhando tudo. O céu esta aceso de tanto raio, os trovões parecem abrir o chão e Maria fazendo força, e Mãe Preta ajudando, e a dor aumentando, e Maria grita, respira até onde pode, faz força, faz força. Mãe Preta tenta espocar as

águas e nada. Florinda na barriga de Maria faz força também, e nada. Mãe Preta muda Maria de posição na rede, chama por Xangô:

— Agô u Baniche cao ca becie,

—Ago oia ami ai ei eu,

Nossa Senhora do Bom Parto, ajuda a esta fia. Vamos Maria, agora Maria, vamos minha fia, mostra tua força, mostra que tu pode com tudo, bota esta praga prá fora Maria, vamos minha fia, vamos, vamos, vamos. — E nada.

Os zazes cortam o terreiro, os trovões aumenta mais, o vento assovia no cerrado, a chuva molha Mãe Preta, Florinda e Maria, mas não apaga a vela de cera e nem a lamparina, ta tudo um lago só e lá vem de novo:

— Vamos Maria, vamos Maria, vamos, aproveita o puxo muié.

Maria esta sentindo tudo se rebentar, tudo se abrir, ta com vontade de obrar, de verter água, de tudo: Oxum chora de alegria por sua filha, Iansã, feliz, assovia e balança os cabelos cor de ouro. Xangô bate no peito e solta seu brado, Ogum guerreia, a caatinga é uma coisa só, acesa pelos zazes, toda barulho de trovões. E Maria faz força, as entranhas estão se abrindo. Mãe Preta pega mais azeite, a água molha tudo. De repente, o céu fica todo vermelho. Os trovões deixam todo mundo surdo. Maria faz força, faz força, se segura no seu último fôlego, na sua última resistência, quer mostrar que é mulher de fato, é a hora grande e também a boa hora, e tem que ser agora:

— Vamos minha fia, vamos muié de Deus.

Maria solta um grito tão forte, de consumição, que a caatinga se cala.

— Vamos Maria, vamos, vamos, agora, vai, vai, vai, vai muié, vai, bota esta peste engembrada prá fora, vai Maria, vai muié, vai.

Maria grita novamente e continua a gritar, as crianças acordadas, chorando. Raimundo tremendo, os Zazes, trovões. É Xangô, é Oxum, é Iansã, é Ogum.

— Vai, vai, vai.

E, de repente, um barulho ensurdecador, um grito, um raio.

—Güento não!

— Bota esta peste prá fora, agora, assim, güenta firme, vamos, eu te ajudo, vai, vai, agora, mais um pouco, vai.

Maria sentiu o mundo desfalecer, a cabeça rodou, o corpo pesou.

— Ta saindo minha fia, ta saindo.

E de repente, como um bólido, a peste explode, vem com tudo, ta empelicado e, com a companheira, juntas. Mãe Preta, com a velocidade de um raio, lança sua garra e espoca, não sai nada, filho da consumição, parto seco. Quando Mãe Preta rompe é que ela nota que, em volta do pescoço da criança, o umbigo esta todo enrolado. Ela desfaz rapidamente e, segurando-o pelos pés, olha as partes sãs, dá-lhe uma lambada no lombo e grita:

— Em nome de obo Dumare de Oxala, em nome de Xangô, em nome da Oxum, em nome de Iansã, em nome de Ogum, eu te batizo com o nome do Pai, de Jesus Cristo, tu te chamarás José, viva com força dos Orixás.

E José berrou, berrou tão forte que o trovão calou, berrou tã forte que assustou o vento, que cessou os raios, que parou a chuva. Maria desfigurada, desfalecida, consumida, tava na rede. Florinda chorava, Mãe Preta molhada, dos pés a cabeça. José berrava tão alto que Raimundo se atreveu a entrar no quarto sem pedir permissão. Encontrou a mulher desfalecida, e nas mãos bentas de Mãe Preta, com a companheira e tudo, seu mais novo filho. Era homem. Mãe Preta estava ofegante, nunca passara por isso. Mãe Preta nota a presença de Raimundo e diz:

— Ta aqui, ta aqui. É macho.

Com a pouca luz, Raimundo só conseguiu ver o volume. Parecia uma criança de três meses, Raimundo se voltou rapidamente para Maria. Ainda estava desfalecida. Mãe Preta, acalmou-o:

— É assim mesmo, homi, depois de tudo que passou não podia encontrar ela sorrindo, deixa que daqui a pouco ela acorda, o repuxo foi muito forte, inté eu to cansada, inda mais ela.

Florinda não falava nada. Nunca viu coisa tã emocionante. Mãe Preta também não.

Mãe Preta, dona da situação, com José nas mãos, virou-se para Raimundo e disse:

— Teu fio já tem nome, como ele tava todo enrolado no umbigo, nós sempre oferta o nome do pai ou da mãe de Jesus. Como foi homi, batizei com o nome de José. Dá sorte, ajuda a ele.

Raimundo nem discutiu, balançou a cabeça em sinal de aprovação, as mãos alisavam os cabelos molhados de Maria. Quando ele viu a companheira ainda presa, perguntou:

— Vosmicê num vai cortar?

— Calma fio, primeiro José tem que consumir toda a força da companheira, quando ela num tivé mais nada prá dá, aí então ta na hora.

Na sala, as crianças todas estavam assustadas e o pai veio dar a notícia:

— Nasceu, nasceu o irmãozinho de ôces, é homi e se chama José.

As crianças pularam, pularam de alegria. Nascido na hora grande, dois dias após o dia de São Sebastião. Raimundo vai até a porta, a chuva parou, sai no terreiro, fica sem saber o que dizer, a dez minutos atrás, aquele temporal todo agora céu aberto, estrelas e mais estrelas, brisa leve e uma lua imensa, maravilhosa, prateando toda a caatinga. O cheiro de terra molhada.

Na nação, Xangô dança em louvor a seu mais novo filho, seu e da Oxum. Ogum assiste a tudo, sempre guerreando. Iansã dança livremente.

Mãe Preta com José, José consumindo as últimas forças da companheira. Florinda vai ver o caldo. Maria, largada na rede, José chora. Mãe Preta enfim separa José da companheira. José ainda esta molhado, filho do raio, do trovão, do vento, da chuva, de Maria. Os raios e os trovões, na hora do seu nascimento, estavam como que comemorando, pareciam fogos. Florinda, como é de costume, trêz o primeiro prato de canja para mãe Severina. Ela já tinha cortado o umbigo, cuidava agora dos detalhes finais. Pegou seu cachimbo, tirou a cinza, passou no umbigo de José e virando-se para Florinda lhe diz:

— Não existe coisa melhor, daqui a uma semana já caiu, ajuda a secar.

Mãe Preta chama Raimundo novamente e lhe pede para que vá enterrar a companheira e, virando-se para ele, diz o que já escutara doze vezes:

— Enterre longe, bem fundo, prá bicho nenhum comer porque senão tira as forças do teu fio. Se a terra comer, as forças da companheira ficam prá seu fio.

E lá se foi Raimundo. Mãe Preta vestiu José e foi mostrar às crianças. Era um belo menino, um raro exemplar na caatinga, digno de ser o filho de um coronel, em tamanho e em peso. Mariazinha e Tiana correram logo, todos estavam felizes. Tereza olhava de longe. Florinda estava realizada. Mãe Preta deixou José aos cuidados de Florinda e foi cuidar de Maria, só sairia dali com ela acordada. Maria dormia a sono solto. Mãe Preta aproveitou e foi ao terreiro, afinal, passara dois dias e duas noites com Maria. Quando olhou o céu e viu a beleza que estava se benzeu, Xangô fez sua justiça.

Algum tempo mais tarde Maria acordou e Mãe Preta lhe deu logo seu caldo, para lhe restituir as forças. Apresentou-lhe seu filho, Maria sorriu e virando-se para Mãe Preta:

— Obrigada Mãe Preta.

Mãe Preta logo respondeu:

— Não é a mim que suncê tem de agradecê, é a ocê mesmo pois, com todo o sofrimento, tu foi muié.

Maria contemplava o filho, José chorava, que se esperneava, e de tão pesado não tinha forças ainda para segurá-lo. Colocou-o a seu lado na rede, envolvendo-lhe com os braços.

O dia vinha amanhecendo, os pássaros já cantavam. O sol viera cumprimentar José. Mãe Preta e Florinda se foram, missão cumprida. Agora era encerrar os trabalhos na nação, firmar o peji, agradecer aos orixás e descansar. Nunca mais esqueceriam aquelas noites.

autoografia

II

São Sebastião da Caatinga, é uma pequena cidade do sertão baiano, um pedaço de terra cercado de cerrado por todos os lados. Tem um pouco mais de vinte mil habitantes, contando os da cidade e os da periferia. Sua gente é humilde, vivendo praticamente do gado e sisal.

Aquele ano a seca dera imensos prejuízos, tanto à pecuária quanto à cultura sisaleira. Os grandes senhores da região tinham sentido na carne os efeitos de uma das maiores estiagens dos últimos vinte anos. A caatinga toda seca. Na cidade, onde se encontram os grandes reservatórios, estes, estavam praticamente secos. A vinda da chuva, no dia do padroeiro, foi para todos o fim de um sofrimento. Passando a chuva, o povo estava em clima de euforia. Caíra tanta água que enchera tudo. As cacimbas estavam repletas.

O comentário era um só, o padroeiro não esquecera deles. Padre Bento, que não saíra da cidade por causa do temporal, marcou até missa para as seis horas da tarde, em ação de graças, pela chuva.

Tudo voltava a ter vida, minúsculas folhas começavam a aparecer nos galhos secos. Os mandacarus apresentavam novamente seu aspecto imponente de dono da caatinga. Tudo era felicidade. As lojas abertas. Grupos de pessoas, aqui e acolá, comentavam o acontecido. Os prejuízos causados pela chuva e pelos ventos foram poucos, algumas árvores caídas, duas casas desabaram mas felizmente não houve mal a ninguém.

Aquele era um dia de festa. Os senhores da região montando seus melhores cavalos, chegavam um a um e pessoalmente cumprimentavam o velho prefeito Jerônimo que comandava São Sebastião da Caa-

tinga há vinte anos. Todos sorriam. Quando viam o padre Bento cumprimentavam-no e este respondia com um apelo:

— Espero vocês na missa, hoje à tarde, em ação de graças pelo padroeiro.

Logicamente nesta noite ninguém iria faltar.

A cidade não era muito grande e quem viesse pela estrada, vindo de Serrinha, passava pelo meio dela. Só havia mesmo essa. O resto eram pequenos caminhos que mal davam para passar um cavalo. No meio da cidade, com sua torre e seu sino, estava a igreja. Em volta, uma praça e as casas, que iam saindo em todas as direções. A igreja, ponto central da cidade, só funcionava uma semana no ano, ou seja, na semana do padroeiro. Padre Bento não pertencia a cidade, fazia aquela festa há mais de dez anos, desde que padre Damião, que fundou a igreja, falecera. Era nessa semana que fazia tudo: casamentos, batizados, missas por passamento e culminava com a festa do padroeiro. Por isso, todo ano a igreja era lavada e caiada para seu uso, por uma semana. O prefeito e os homens importantes da cidade haviam tentado de tudo, até no Governador foram, para conseguir um padre efetivo, mas todos que foram consultados torciam o nariz e diziam:

— Eu iria, se não fosse o trabalho que comecei na paróquia, aqui na capital, agora não vale a pena deixar pela metade.

Foram percorridas as trezentas e sessenta e cinco igrejas de Salvador, e nada. O Governador se fazia de esquecido. São Sebastião da Caatinga continuava a cidade do sertão que tem igreja e não tem padre. Louvada seja a boa vontade do padre Bento! Deixava a capital e passava uma semana com eles. Depois nada. Só o sino, quando morria alguém e o féretro passava pela porta da igreja, senão, nem isso.

Mas lá estava São Sebastião da Caatinga, com ou sem padre vivia. O velho prefeito Jerônimo, dono da prefeitura há vinte anos, era um velho pachorrento, dono de uma pequena fazenda, que estava no poder sob à força dos grandes donos da região. Orgulhava-se que sua administração, gastava o que arrecadava e fazia questão de mostrar isso ao povo, mas a

realidade ninguém sabia. Só era feito o que Tobias, Pedro Capão, Manuel do Sisal, João Boa Ventura e Pedro Malazartes queriam. Como era obediente, permanecia no cargo.

A prefeitura não era grande, também não precisava, uma sala para o prefeito e sua secretaria, pois onde se viu prefeito não ter secretaria, e uma para os nove vereadores. Ali eram cumpridas todas as ordens, feitas as reuniões da câmara dos vereadores.

A euforia na cidade era geral e de todos os cantos chegavam vaqueiros com seus gibões; crianças com suas mães. Todos queriam trazer seu quinhão de alegria. Todos queriam reverenciar São Sebastião. Os comentários eram os mais exagerados possíveis.

Os cinco grandes, sentados na pensão de Helena, eram todos sorrisos. Tinham se safado com a vinda de chuva, Tobias, o mais poderoso deles e também o mais novo, gabava-se de ser o que tivera menos prejuízo. Com cerca de quarenta anos, filho de portugueses que vieram para o sertão de Canudos no início do século, Um branco forte, cabelos agrisalhados, rosto curtido pelo sol.

Depois de muita prosa, levantaram-se e partiram para seus destinos.

Tobias era muito amigo de Manuel do Sisal. Não lhe fazia concorrência e quando o grupo se desfez saíram conversando, montados em seus cavalos, estrada afora, pois iam na mesma direção.

Tobias comentava com Manuel a briga que tivera para recolher o gado no dia que iniciou a chuva. Lembrou-se então de Raimundo, de sua mulher e logicamente de Florinda, comentando:

— A mulher de Raimundo, aquele meu vaqueiro antigo, começou a passar mal quando começou a chuva. Estava muito sofrida, até não sei se despachou mas acontece que na hora em que a chuva começou a apertar eu mandei chamá-lo para me ajudar e ele me contou. Ontem pela manhã fui levar algumas coisas para eles e quando cheguei encontrei comadre Severina, aquela parteira velha, e lá estava também Florinda. Olhe homem, nunca vi mulher tão bonita. Você já escutou falar

dela, não? Pois fique sabendo que a mulher balança qualquer um. É por isso que todo cabra fica doidinho quando a vê.

Manuel do Sisal era um pouco mais idoso que Tobias e ao contrário desse era um mulato bem escuro, cria da cidade desde pequeno e lembrava-se muito bem de Florinda quando pequena.

Virando-se para Tobias, comentou:

— Essa menina sempre foi assim. Lembro dela quando foi para as mãos de Mãe Preta, depois disso nunca mais a vi. Só sei que todo cabra que fala dela tem sempre uma vontade só. A de montar na rede com ela. Mas me disseram também que não sai de casa, sempre agarrada aos santos de Severina.

E lá foram eles, pela estrada, cavalos no passo, debulhando as virtudes de Florinda.

No fim da estrada cada qual tomou seu rumo. Tobias apertou seu manga larga e acelerou. Tinha que trazer a família para a missa em ação de graças e se foi em direção a sua casa.

Quando chegou, encontrou Raimundo que prosava feliz com os outros vaqueiros. Apeou e partiu logo em sua direção.

— Como é homem de Deus, já tens alguma resolução?

— É por isso que to aqui, inhô Tobias. Queria que inhô fosse o primeiro a receber a notícia. Minha muié, depois de muito sofrimento, desembuchou. Teve um homi, inhô precisa inté vê. Parece moleque de cinco mês, mas ta tudo bem. Quando passar o resguardo nós trás ele aqui para inhô e inhá vê.

E afastando-se dos companheiros disse a Tobias que este não lhe dera tempo de agradecer os presentes e que não era justo ficar com o cavalo. Tobias nem aceitou argumentação, dizendo-lhe:

— Dei ta dado e não se comenta mais.

Cumprimentou Raimundo e entrou em casa.

Raimundo despediu-se dos companheiros e se foi para junto de Maria. Em casa Mariazinha e Tiana tomavam conta de tudo. Maria permanecia na rede, deitada. Durante sete dias não saía dali para nada. Eram

sete dias com José ao lado. O quarto totalmente escuro. As portas tapadas. Dentro de casa nenhum vento. Tudo isso para evitar o mal de sete dias. Fizeram assim nos outros resguardos e nunca tiveram problema. José ainda dormia. Não começara ainda a mamar. Só agora é que Maria estava conseguindo se refazer de todo o sofrimento. Vistoriou José dos pés à cabeça. Vestia uma camisa de algodão feita por Maria, as fraldas e nada mais.

Raimundo ao chegar foi logo dar as novidades à Maria. Falou-lhe da conversa com o patrão e que todos os vaqueiros iriam para a cidade, para a missa que o padre iria rezar pela vinda da chuva. No quintal as crianças namoravam o cavalo que o pai ganhara. Corisco implicava com o animal, latia e este se assustava. Afinal de contas sempre fora o mascote da casa e agora as crianças estavam caídas por outro. Latia e latia. Mariazinha deu uma lambada em Corisco que este embrenhou pela caatinga, ganindo.

No terreiro de Mãe Preta tudo era silêncio. Só Mãe Preta, que após um curto sono, estava em atividade.

No fim da tarde, José começou a chorar com uma altura incrível. Maria, com sacrifício, trouxe-o para junto de si. Este, quando sentiu a presença da mama caída de Maria abocanhou-a com tanta violência que ela chegou a gritar de dor. E José começou a puxar. Puxava com tanta força que parecia que iria lhe tirar a mama fora. Para Maria foi um sacrifício e quando chegou ao final José dormia.

Neste dia todos foram dormir cedo, o cansaço era visível no rosto de cada um.

Na cidade, às seis horas, a igreja estava repleta. Todos foram levar seus agradecimentos ao santo Padre Bento. Todos orgulhosos pela chuva. O sino tocava. Foi uma missa belíssima, com todos os fiéis comungando. Nos bancos estavam presentes a fina flor da sociedade São Sebastianense, as carolas. De pé, os vaqueiros com suas famílias, os trabalhadores do sisal, todos os demais, enfim. As crianças choravam mas as mães permaneciam lá, firmes. Quando a missa terminou, a cidade es-

tava povoada. Até parecia o primeiro dia da festa. Eram crianças, adultos, políticos. Todos ali. A alta cúpula discutia os problemas políticos. E o povo, o que lhe convinha. A chuva era o assunto preferido, mas outro começava a surgir na boca das comadres: José, o filho do vento, da chuva, do raio, do trovão. José, o filho de Raimundo e Maria.

Raimundo comentara com os vaqueiros todo acontecido que se passava e agora a história ia se passando de boca em boca, nos cochichos do povo, depois da missa. Tudo foi levantado, tudo foi esmiuçado, todos os detalhes. O tamanho, o início com a chuva, o nascimento e o fim da chuva. Como quem conta um conto aumenta um ponto, todas as explicações eram válidas, tudo foi proposto, as hipóteses mais absurdas foram aventadas. Ninguém admitia ter sido simplesmente o nascimento da criança. Cada um dava sua versão. Para alguns ele era filho do milagroso São Sebastião; para outros era o capeta em forma de gente.

Pouco a pouco, todos na cidade tomaram conhecimento do ocorrido. Maria e José, em casa, dormiam a sono solto. José iniciava sua vida com os mais diferentes comentários sobre ele. E lá estava ele, deitado na rede, ao lado de Maria. Inocente, puro, filho do santo, capeta, filho de Xangô e da Oxum. Para seu nascimento qualquer explicação servia. As comadres mais velhas comentavam:

— Eu sempre disse, filho de dez mês, é filho da consumição, tai quase mata a mãe.

E iam por aí afora.

Algum tempo depois a cidade foi se esvaziando, a igreja fechou. São Sebastião fora louvado. Agora tudo voltaria ao normal. A cidade adormeceu guardando consigo a lembrança daqueles dias de festa. Tudo acontecera.

Eram oito horas da manhã quando padre Bento se despediu das autoridades, ia embora feliz com a graça recebida. Várias pessoas prestigiavam sua saída. As beatas, como sempre, choravam, o sino tocava. Padre Bento partiu deixando no coração de todos a bênção de sua alma caridosa. A igreja fechou. Agora só daqui há um ano, comentava o prefeito.

As pessoas foram se debandando, com a rotina tomando conta de tudo. A festa tinha terminado na igreja, nos terreiros. São Sebastião, Ogum da Bahia, não esqueceu de sua gente. Mãe Preta e sua filha Florinda cuidavam de seus afazeres. Tudo terminou bem.

Na casa de Maria esta permanecia na rede. Mariazinha e Tiana cuidavam de tudo. Raimundo voltara a suas atividades de vaqueiro. Maria sofria dando o peito a José que continuava puxando forte como um bezerro. As mamas sofridas de Maria estavam todas rachadas e ao final de cada mamada sangravam, porém Maria suportava a tudo. O pior passara.

Quando estava fazendo sete dias que José nascera, Mãe Preta veio visitar Maria, numa visita amistosa, para saber como estava passando. Maria ainda sentia-se, mas bem, se não fosse o peito podia dizer que estava quase boa. Como era o sétimo dia, Mãe Preta ajudou-a a levantar-se, Maria ficou tonta, voltou a sentar. Na terceira tentativa conseguiu dar alguns passos até a sala. A luz fez com que fechasse os olhos até se acostumar, afinal de contas foram dez dias no escuro, porém aos poucos foi-se acostumando. Mãe Preta segurava agora José que dormia a sono solto.

Maria pediu para Mariazinha esquentar água. Era seu primeiro banho depois do nascimento do filho: “mulher parida só toma banho com sete dias. Lavar a cabeça só depois de terminar o resguardo” e seguia a fio esses ensinamentos. Comadre Severina ajudou-a a banhar-se. As partes já não mais incomodavam. Doeram muito sim, nos três primeiros dias mas depois foram melhorando.

As crianças, com a mãe fora do quarto, estavam alegres, todas queriam pegar José no colo. Maria não deixou. Somente Mariazinha teve este privilégio. Mãe Preta passou boa parte do dia lá, ajudou Maria a cuidar de José, olhou as mamas de Maria e mandou usar óleo de mamona quente pois ajudava a cicatrizar. Quando se foi Maria caminhava bem, acostumara-se com a luz. José acordara aos berros, mamou e como já não estivesse mais no escuro começou a contemplar tudo, se enxer-

gava, não se sabe mas que seus olhos se movimentavam para todos os lados isso era fato, digamos, era como se estivesse sendo apresentado a cada detalhe da casa, a cada irmão, mãe. Passou uma boa parte da tarde acordado. Mariazinha assumiu o papel de mãe e dele não se descuidava a cada instante. Tiana, Toinha, Onorinda permaneciam sentadas junto da rede há algum tempo, contemplando-o. Tereza olhava-o mas não demonstrava nada, vivia sempre calada. Francisca quando viu o irmão começou a balbuciar: — Nenê, nenê, dá, dá, dá. Todos riram. Tiana pegou-a ao colo e levou-a próximo dele. Ela sorriu e se jogava direta em direção a José. Todos estavam felizes pois até aquele dia não tiveram a oportunidade de tocar nele. Viam-no com muito cuidado junto à mãe. Foi uma tarde muito feliz com todos ali reunidos.

Quando Raimundo chegou e encontrou Maria e José na sala ficou contente, sorriu, pegou seu filho no colo. Orgulhava-se do filho que sua mulher parira, este olhava para o pai e o pai levantava-o no alto. Francisca começou a demonstrar ciúmes pois este privilégio era dela até o dia anterior. Raimundo não ligou muito, continuou com José no colo. Mariazinha pegou Francisca mas esta continuou com sua manha. Tudo parecia ter terminado bem. Os sete primeiros dias se passaram sem que houvesse qualquer tipo de problema, nem com Maria nem com José.

Agora já se levantara, José começava a se ambientar com a casa e com as irmãs.

Raimundo voltara a seus serviços, agora mais fácil, pois ia e vinha a cavalo. O caminho tornara-se menor. Tratava do cavalo como se fosse um filho, as crianças todas passeando nele. Corisco começara a se acostumar com seu concorrente. Enfim, tudo ia seguindo normalmente. O pior passara. Maria estava bem, novamente. A chuva resolvera todos os problemas da região. Os poços cheios. Água para um ano inteiro. José conseguira encher a casa de alegria. Um irmão era tudo o que todos queriam. Raimundo era todo sorrisos, perdera um pouco do seu aspecto rude. Maria voltava a ser Maria da casa.

A cidade continuava sua vida, pacata, simples, sincera, política. Os dias iam se passando sem mudanças. Tudo igual. Só José é que destoava, grande como um filho da capital, tirava do peito da mãe tudo o que precisava. As crianças brincavam. Corisco e Trovão se davam bem. Raimundo trabalhava para Tobias. Tobias pensava em Florinda, quando iria vê-la. Mãe Preta com os seus afazeres, com seus santos. Tudo seguia seu caminho.

Dois meses após, José não sugava, mordida. Maria não suportava mais dar-lhe o peito. Resolveu passar para o leite de cabra. Raimundo trazia todos os dias. Maria, há muito voltara a suas atividades caseiras. José crescia, sorria para todos, porém para despeito das irmãs, somente com uma é que se aquietava. Tereza. Era a que menos lhe segurava, era com quem menos brincava e era com quem mais sorria. Tereza, no fundo, sentia-se feliz com isso. Pelo menos em uma coisa era melhor do que as irmãs mais velhas, era a preferida de José. As irmãs já não o tratavam mais de José, era Zé. Zé, o filho de Maria e Raimundo, Zé, o irmão de todas elas. Até agora não apresentara nada, não tivera coisíssima nenhuma.

Maria recebera uma série de visitas nesses dois meses. Todos os amigos de Raimundo, todas as comadres de Maria. Todo mundo veio ver o filho do vento, da chuva, do raio, do trovão. O filho de Raimundo e de Maria. Todos se encantavam com seu tamanho, com sua agilidade, com seus olhos muito vivos. Mãe Preta até fizera para ele um breve que juntou a uma figa de Guiné para que Maria trouxesse sempre preso à roupa de José, para evitar mau olhado.

— Sabe, fia, num é por querê não mas às vez até nós mesmo, que quer bem a ele, bota mau olhado nele, por isso é mió nós protegê ele.

Florinda também voltara lá várias vezes. Sempre bonita, com sua roupa branca, seu pano de cabeça, sua cor morena, seus lábios de sangue, mexendo com o coração de todos os homens, corpo marcado, andar ritmado, parecia que estava sempre dançando para sua mãe Iansã. Após o nascimento de José, Florinda se apegou muito a Maria e José, e

ela que praticamente não saía de casa, agora, sempre que podia, ia lá. As crianças gostavam muito dela porque brincava com todas como se fosse também uma criança. Com José passava hora pegando-o, levando-o ao colo, José sorria. Para Maria era ótima a presença de Florinda pois enquanto permanecia lá, descansava um pouco. Florinda, normalmente antes do pôr do sol, punha o pé na estrada. Não gostava de andar à noite sozinha.

Raimundo, há algumas noites, vinha tentando bulinar com Maria, porém esta sempre arrumava uma desculpa, evitando-o. O problema todo era pelo que passara e realmente agora estava com medo.

Maria mulher sempre teve muita atração por Raimundo e sempre que se entregava, este a possuía com furor de como se fosse a primeira vez, e isto a levava ao êxtase seguidamente. Agora tudo o que estava acontecendo era o medo, por tudo que passara, mas bem que quando começava a lhe bulinar as mamas sentia arder, a carne tremia e sentia medo. Recusava, afastava a mão de Raimundo e aproveitando qualquer movimento de José escapulia rapidamente a ver o filho deixando-o a esperar na rede. Quando voltava, ele, vencido pelo cansaço, dormia e ela ficava ardendo em desejo, sendo vencida pelo medo.

Nessa noite porém o silêncio era total. José dormia profundamente na rede ao lado de Maria. Raimundo começou sua procura, Maria se ardia, Maria se prendia, Maria se fechava. Raimundo insistia, Maria resistia ao fogo com unhas e dentes. Raimundo agitava cada vez mais e mais, com suas mãos tocava em todas as partes, Maria se esquivava, tirava a mão e Raimundo prosseguia. Maria queria e não queria, Raimundo continuava. Maria medo foi sumindo, Maria fogo permaneceu. Raimundo conseguira expulsar a outra Maria e rápido como o azougue montou em seu mais puro sangue e cavalgou, cavalgou. Maria se deixou montar, Maria amante, Maria mulher, Maria fogosa cavalgava a galope com Raimundo, o corpo tremia, Raimundo arfava, esporava seu corcel a toda velocidade, querendo tirar, em alguns minutos, a distância que perdera há vários meses. E Maria o acompanhava em suas subidas

e descidas. O quanto cavalgaram não sabem pois o cansaço da corrida foi tanto que quando acordaram o dia já raiara e lá estavam, um dentro do outro, Maria com ares de amante e ele um fogoso corcel. Acordaram com o choro de José. Raimundo se arrumou rapidamente, Maria também, nunca deixaram as crianças vê-los assim. E lá se foi Maria à cozinha, preparar o leite do filho. Raimundo comendo alguma coisa montou em Trovão, refeito da longa espera, em direção ao trabalho.

Passados alguns dias, o mês de maio chegara. Domingo lá se foi a família toda no seu primeiro passeio. José agora iria conhecer outros locais além daquele pedaço de chão em que vivia há quatro meses. Como Raimundo prometera, a primeira visita foi à casa de Tobias. Saíram de casa cedo, Raimundo montado em Trovão. Maria, as filhas e José, caminhavam ao lado, junto com Corisco. José olhava tudo, no colo de Maria, e sorria para as irmãs, olhava as árvores, os pássaros, Trovão, Corisco, tudo. Não perdia o mínimo detalhe.

Quase uma hora após, cruzavam a porteira da fazenda dos Azevedos, uma imensidão de terras que começaram a ser agregadas no início do século, pelo velho Nicolau, pai de Tobias. Com muito sacrifício, muita luta foi reunindo as fazendas vizinhas a sua, aumentando assim as pastagens que possuía. Tobias era filho único e com sua morte continuou a obra do pai. Hoje era o maior fazendeiro da região. Suas terras, além de serem as maiores eram também as de melhor pastagem. Possuía cerca de cinquantaléguas de terra, duas mil cabeças de gado de corte, além de cabras, ovelhas e porcos. A casa de Tobias ficava um pouco distante da entrada, andava-se bem um bom pedaço entre pastos de gado nelo-re até chegar.

José contemplava os bois e sorria. Raimundo ia importante, montado em seu garanhão. As crianças iam brincando, correndo uma atrás das outras, somente Mariazinha, que agora trazia José ao colo, e Tereza não brincavam.

Quando chegaram à casa de Tobias Raimundo apeou, reuniu as crianças junto da mãe enquanto foi chamá-lo. As crianças contempla-

vam a moradia, de total imponência, no meio da caatinga. Era um casarão de estilo colonial, de sobrado, toda branca, com uma fileira de janelas altas e portas, que na parte de cima terminavam numa sacada que contornava toda a casa. Na parte de baixo um alpendre que saía a uns quatro metros da porta central, dois lances de escada comunicavam-no ao terreiro. As telhas canal davam um toque de complemento.

Maria e as crianças contemplavam a casa quando Raimundo veio se aproximando com Tobias. Maria quando o viu cumprimentou:

— Bom dia inhô Tobias, nós veio trazê a criança mais nova, prá vosmicê conhecê.

— Não precisavam se incomodar, nós passaríamos lá. E você Maria, como tem passado?

— Óia inhá, pobre nunca vai como qué, mas vai-se passando como Nosso Senhor Jesus Cristo permite.

Quando Tobias viu José este começou a sorrir-lhe, porém Raimundo colocara as crianças em fila e, uma por uma, foram apresentadas a Tobias. Fazendo, o pai, sempre a mesma recomendação:

— Pede bênção a inhô, Mariazinha. Bênção a inhô Onorinda. E assim, uma por uma, pediram a bênção. Somente Francisca e José ficaram de fora.

Tobias não tirava os olhos de José que continuava a sorrir-lhe. Assim que terminou o desfile de bênções Tobias tomou-o ao colo e comentou:

— E uma bela criança, e como é pesado. Virando-se para a entrada da casa gritou:

— Elisabete, venha cá, venha ver que criança mais bonita é o filho de Raimundo.

Tobias, enquanto aguardava a presença da esposa, mandou-os sentar nas cadeiras espalhadas na varanda, porém continuava com José no colo, que se sentia a vontade.

Elisabete demorou bem uns cinco minutos para chegar. Não era mulher muito bonita mas era atraente. Devia ter seus trinta anos, mãe de três filhos, vivia praticamente isolada na fazenda boa parte do tem-

po pois sendo seus pais de uma localidade distante via-os uma vez no ano.

Como era período de aulas, seus filhos permaneciam internados no melhor colégio de Salvador, só estando em casa uma vez no mês ou quando de férias. Por tudo isto e pela atividade do marido, que o obrigava a sair muito, sentia-se sozinha.

Quando Elisabete chegou à varanda Raimundo tirou o chapéu de couro e cumprimentou-a, as crianças desfilaram novamente em pedidos de bênção. Logo após sentou-se e começou a contemplar José, já com quase quatro meses, porém sua aparência era de bem mais. Estava bem durinho e no colo de Tobias era todo sorrisos. Elisabete reconheceu a camisinha de linho branco que ele vestia e não se conteve em pegá-lo. Sentia muito a falta dos filhos, por isso, toda a vez que tinha oportunidade de brincar com um dos filhos dos empregados de seu marido ou de pessoas amigas, fazia-o. José no seu colo continuou sorridente.

Maria e Elisabete conversaram durante um bom tempo. Maria contou-lhe todos os detalhes de tudo o que passara. Elisabete ouvia fala humilde de Maria atentamente. Raimundo e Tobias prosavam sobre as coisas da fazenda. As crianças permaneciam sentadas, nenhuma se atrevia a nada por causa das recomendações dadas por Raimundo e Maria em casa prometeram até surra para aquela que fizesse algo de errado. Passado cerca de duas horas Maria fez menção de ir embora. José dormia a sono solto no colo de Elisabete. Elisabete ainda tentou forçar que eles almoçassem, porém Raimundo recusou. Tobias chamou a mulher dentro de casa e pediu a Raimundo para aguardar um pouco. Elisabete entregou José a Maria e entrou com o marido. Conversaram por uns dez minutos até que saíram. Maria e Raimundo não entenderam aquela conversa reservada. Era coisa deles e não tinha nada a ver com isso. Tobias e Elisabete saíram de braços dados, sorrindo e virando-se para Raimundo e Maria Tobias perguntou:

— Raimundo, diga-me uma coisa, você já definiu quem vão ser os padrinhos de José?

Este não entendeu a pergunta mas respondeu que ainda não pois só poderia batizá-lo na semana da festa do padroeiro e até lá tinha muito tempo para escolher. Tobias olhou para a mulher, sorriu e disse:

— Olha, se vocês não tiverem objeção, eu e Elisabete gostaríamos de ser os padrinhos dele.

Raimundo e Maria se entreolharam, José dormia. Raimundo prontamente falou a Tobias:

— Óia, inhô, nós não veio aqui com esta intenção não! Nós só veio aqui prá que inhô e inhá conhecesse o nosso mais novo.

Tobias batendo nas costa de Raimundo contrapôs:

— Eu sei Raimundo que a sua visita foi sem interesse, mas acontece que eu e Elisabete adoramos o teu filho e queríamos fazer alguma coisa por ele, por isso é que nós oferecemos a ser padrinhos, isto é, se vocês não se opuserem.

— Se inhô acha assim, nós inté que ficamo satisfeito, pois quem não quer inhô e inhá como compadres?

Apertaram-se as mãos e Tobias prometeu:

— Este batizado é por nossa conta. Vamos fazer o almoço aqui.

Estava traçada mais uma etapa do destino de José, filho de Maria e Raimundo, filho da humildade, afilhado de inhô Tobias. O quê que queria mais, nada. Só este fato serviu para alegrar a família no restante do domingo.

A bem da verdade seja dito que realmente nunca passou pela cabeça, nem de Raimundo nem de Maria, oferecer o apadrinhamento de José para Tobias, porém a reação do casal foi a melhor possível. O resto do dia as crianças brincaram e entre os pais a conversa foi a mesma.

Tobias e Elisabete, depois que Raimundo e a família se retiraram, conversaram muito pois embora Elisabete tivesse necessidade de crianças junto a ela, o gesto de Tobias a surpreendeu, pois este já recebera vários convites para apadrinhar e sempre recusava. Agora ele mesmo convencia a esposa. Embora Elisabete tenha recebido a notícia com es-

panto, até que gostou da idéia pois realmente José era uma criança encantadora.

Tobias estava satisfeito, tinha arquitetado este convite há muito tempo, após uma conversa com Raimundo, quando lhe perguntou sobre a mulher e José, e indagava superficialmente sobre Mãe Preta e Florinda, tecendo elogios à firmeza daquela. Como lhe dissera que Mãe Preta só voltara em sua casa uma vez, mas que Florinda duas a três vezes na semana ia ver José, Tobias, como um ardiloso estrategista, preparou seu terreno para que pudesse, não sabia quando, encontrar-se com Florinda, pois acostumado às conquistas difíceis, aquele era o tipo de jogo que gostava. Pagaria até para ver. Não costumava perder. E nos lábios, no corpo, no fascínio de Florinda, apostaria tudo.

Os dias passavam dentro de um clima de tranquilidade, com a família vivendo sua vida humilde. José iniciava suas primeiras engatinhadas no quintal. Francisca acompanhava-o para todos os lados. As preferências agora tinham se definido claramente. José demonstrava afeição por todas as irmãs, mas tinha eleito Tereza como a irmã preferida. Era com ela que mais sorria, era quem lhe dava comida, era quem lhe dava banho. Para Tereza até que foi um bom passatempo pois, depois da surra, nunca mais demonstrou um sentimento qualquer em relação à família.

Tobias, volta e meia, perguntava a Raimundo sobre seu afilhado e quase sempre passava por lá, com a desculpa de que estava por perto. Em nenhuma das suas investidas encontrou com Florinda, fato que até certo ponto o frustrava e despertava nele mais vontade de vê-la.

Numa certa tarde, Raimundo lhe disse, quando este lhe perguntou sobre José, que quando saía de casa, após o almoço (com o cavalo, agora se dava ao luxo de ir em casa almoçar) deixara lá Florinda. Tobias, mais que depressa, arrumou uma desculpa para se afastar e seguiu em direção à casa de Raimundo, e como não ficava bem, visto que este tinha lhe falado da estada de Florinda, ficou no caminho a espera que Florinda passasse. Aguardou-a bem mais que uma hora quando a avisou ao longe. Imediatamente escondeu-se no cerrado a espera que pas-

sasse. Deu um espaço de tempo, montou e cavalgou em sua direção. Não tardou muito, lá estava a seu lado. Quando Florinda escutou o tropel de cavalo, se afastou para o canto da estrada, e Tobias num gesto de cavalheirismo tirou o chapéu e cumprimentou-a:

— Como vai, moça Florinda?

Florinda se assustou, não era dada a amizades. Tobias insistiu:

— Moça Florinda esta passando bem? Como vai a senhora sua mãe?

Florinda, com um sorriso sem graça, respondeu ao cumprimento e disse-lhe que Mãe Preta ia bem. Insistindo, Tobias perguntou:

— Estas vindo das bandas da casa de Raimundo?

— To sim, fui vê José, gosto muito dele.

— Você sabe que José vai ser meu afilhado?

— Sei sim, inhá Maria me contou.

— Você não tem medo de ir sozinha para casa, a uma hora dessas?

— Tenho não inhô Tobias, sempre fui, nunca me aconteceu nada.

— Mas eu acho que não deve, bonita como você é, pode virar a cabeça de qualquer homem.

— Num pensa nisso não inhô Tobias, aqui num tem disso não.

— É de onde menos se espera que partem as coisas.

Florinda permanecia calada.

— Olhe Florinda, vou apertar o passo pois estou com pressa, e além do mais, alguém pode me ver conversando com você e interpretar mal. Dê recomendações minhas a sua mãe, espero vê-la outras vezes, pois me simpatizei muito com você.

E apertando o passo, se foi cavalgando.

Florinda por seu lado estava aflita, a presença daquele homem a perturbava. Não esquecera ainda o aperto que dera em sua mão, no dia do nascimento de José. Em sua cabeça os pensamentos surgiam. Não entendera nada. O elogio a sua beleza, a precaução de não o virem junto a ela, para não pensarem mal dela. Quem era esse homem afinal?

Tobias por sua vez, retornou a sua fazenda feliz, sorrindo. Trazia consigo a imagem de Florinda, dessa vez ao sol. Sua pele morena brilhava,

sua roupa branca contrastava, e que voz meiga. Como um quadro pintado preso a uma parede, lá ficou a estampa de Florinda fixa ao pensamento de Tobias.

Quando chegou em casa, Florinda correu a contar a mãe o ocorrido. Mãe Preta baixou a cabeça e comentou:

— Fia, pode inté tê sido por acauso, mas é qui esse homi não me inspira respeito. Acho inté que ta querendo virar tua cabeça. Tome cuidado, escute os conselhos dessa veia preta, vivida e sofrida, num te deixe levá pelas conversa dele fia, é farinha que num dá bom pirão.

Florinda baixou a cabeça, e saiu em direção ao quarto. As palavras de Mãe Preta deixaram-na confusa.

Em sua casa com a noite tendo se feito, lá estava Tobias, sentado à rede, na varanda, fumando seu cigarro. Na cabeça somente uma coisa: Florinda, do andar cadenciado, da fala meiga, da cor morena, dos lábios vermelhos, do cabelo preto, da vergonha pura. Seria sua, teria de ser! Se não, deixaria de se chamar Tobias de Azevedo.

autoografia

III

Muitos dias se passaram desde que José fora à casa de Tobias. Depois disso conhecera outras casas, estivera na cidade e aonde ia era o centro das atenções. Ali estava o filho do raio, da chuva, do vento e do trovão. Todos que o viam queriam tocá-lo. José, a cada dia que passava, tornava-se maior e mais sabido. Conhecia todas as irmãs porém mantinha preferência por Tereza.

O mês de agosto passara, estávamos em setembro. José comia a mesma coisa que as irmãs. Maria, dona de casa, cuidava de todos, do mesmo jeito. Raimundo continuava seus afazeres. Florinda, sempre que podia, visitava José, nunca mais encontrara com Tobias.

Quando o mês de outubro chegou veio marcando todas as casas. Com ele veio o sarampo, a papeira, a catapora. As notícias começaram a correr, de casa em casa, em duas localidades da região todas as crianças estavam praticamente tomadas. As casas logo se fecharam, a ninguém era permitido sair. Portas e janelas trancadas, como quem não quisesse deixar entrar nada. A cidade e os vilarejos estavam tristes, não havia uma só criança nas ruas, todos tinham medo. Mas mesmo não sendo convidadas, lá estavam elas, adentrando as casas, tomando de assalto principalmente as criancinhas.

Aos poucos todas as casas foram sendo invadidas e algumas mortes começaram a acontecer. As crianças doentes foram aumentando de número e o de anjinhos também, chegando aos ouvidos do prefeito, que no vilarejo de Laje tinham morrido, naquela noite, sete crianças, de sarampo. O rebuliço foi geral. A câmara dos vereadores reuniu-se de emergência, o velho prefeito estava atônito. São Sebastião da Caatin-

ga não possuía médicos e nem num raio de mais de duzentos quilômetros. O que fazer?

Na pequena farmácia de Anastácio Nepomuceno o estoque de aspirina estava se esgotando, passava dia e noite a fazer beberagens mas não dava vazão. As doenças se alastravam por todos os cantos, assumindo aspectos dramáticos. Não havia uma só família que não relatasse pelo menos um doente dentro de casa, e como até os filhos dos vereadores estavam sendo atacados, uma decisão tinha que ser tomada, e rápida. Os cinco grandes foram chamados à prefeitura para uma reunião de emergência. A situação foi estudada e por fim, só uma solução restava: o velho prefeito e Tobias iriam, no mesmo dia a Salvador, falar com o governador e o secretário da saúde, para solicitarem médicos e remédios porque senão seria o fim. Tudo foi arrumado às pressas e partiram.

Na casa de Raimundo ninguém ainda ficara doente. Florinda, que lá estivera visitando José, pediu autorização à Maria para defumar a casa, a fim de espantar os maus espíritos. Raimundo e Maria tinham muito receio pois embora as maiores já tivessem tido preocupavam-se com o filho, visto que dos quatro que perderam, somente um não foi de sarampo.

Maria mantinha todos fechados e agasalhados, a nenhum era permitido sair de casa, estavam assim há uma semana, principalmente porque as notícias trazidas por Raimundo eram cada vez piores.

Naquela noite, as três menores começaram a tiritar de frio. Maria acordou Raimundo pois ardiam de febre. José, na rede, dormia tranqüilo. Na cidade não se achava mais folhas de pitanga nem de sabugueiro porém Maria precavidamente conseguira, logo que começou a ouvir falar das doenças. Fez um chá bem esperto, de folha de pitanga, e deu às três, com aspirina. As crianças começaram a suar e logo depois dormiram. Junto, também deu chá de sabugueiro que era para elas botarem o sarampo logo para fora.

Florinda, que veio visitar José, quando viu as meninas daquele jeito, ofereceu-se para ficar cuidando delas, que estavam abatidas, olhos fun-

dos que de tão vermelhos pareciam uma poça de sangue. A tosse consumia-as mais ainda, não conseguiam se alimentar. José permanecia intacto, brincando com Tereza.

Quando a situação em São Sebastião começou a ficar insustentável, Florinda foi chamada por Mãe Preta para, junto às outras Iaôs, os ogans e os atabaques, invocarem Obaluaê, pedindo ago ao velho curandeiro, que aliviasse o sofrimento das crianças. Flores e mais flores foram feitas e oferecidas. Obaluaê lutava com todas as suas forças para salvar seus filhos. Os atabaques batiam. Mãe Preta agora era toda dedicação, em sua missão de amenizar a dor dos seus erês.

Jerônimo e Tobias estavam em Salvador há quatro dias, tentando conseguir uma equipe médica para a região. A notícia da calamidade se fazia presente nos jornais da capital. Tobias dava entrevistas e mais entrevistas, Jerônimo acompanhava-o.

Aproveitando sua estada na capital, Tobias foi visitar os filhos no colégio e avisou ao diretor que seus filhos não iriam em casa neste mês, para evitar que fossem acometidos das doenças.

Após muitas entrevistas, muitos apelos, promessas a equipe médica prometida pelas autoridades foi conseguida. Era constituída de um médico recém-formado: Adjovaldo da Silva Santos, mulato de nascimento, filho de gente humilde, acompanhado por uma enfermeira, Maria de Lourdes Natividade que era um pouco mais velha, lotada na Secretaria de Saúde. Vale a pena lembrar que a “equipe médica” foi conseguida, graças ao altruísmo dos dois, posto que ninguém queria se deslocar da capital para o interior, nem o próprio pessoal da Saúde Pública. Para Adjovaldo, cheio de idéias e ideais, que trabalhava com doenças infecto – parasitárias, seria um ótimo campo para aplicar na prática o que a teoria lhe ensinara. Para Maria de Lourdes seria a oportunidade de voltar as suas reais atividades pois desde que fora contratada pela Secretaria não exercia sua profissão.

Vários caixotes com remédios, os mais diversos, foram arrumados e, no dia seguinte, pela manhã, lá estavam todos prontos para a viagem.

Ao embarque, como não podia deixar de ser, estavam presentes o Governador, o Vice, o Secretario de Saúde com a promessa de que mais médicos, enfermeiras e remédios logo também chegaria lá. Inúmeras fotografias foram tiradas e no dia seguinte saíram estampadas em todos os jornais da Bahia com grandes manchetes: “GOVERNADOR ENVIA EQUIPE MÉDICA PARA SALVAR AS CRIANÇAS DO SERTÃO”; “SÃO SEBASTIÃO DA CAATINGA SORRIA: A SALVAÇÃO ESTA CHEGANDO” e por aí afora.

De Salvador, a partida se deu às seis horas da manhã. Viajaram mais de quinze horas até chegarem, passando por estradas de barro.

Em São Sebastião a notícia da vinda da equipe médica se fazia presente, trazida pelos que vieram no dia anterior. Na praça, todos esperavam os salvadores. Numa parada antes, aguardavam o ônibus, cinco dos nove vereadores de São Sebastião, que ao serem apresentados ao Doutor Adjovaldo começaram a dar sugestões de onde devia se instalar para melhor poder tratar as crianças etc, etc....

Quando finalmente o ônibus chegou a São Sebastião da Caatinga, os primeiros a saltar foram os vereadores, seguidos por Tobias e Jerônimo logo após com cara de Jesus Cristo, mulato, o Doutor, ladeado por sua auxiliar.

Adjovaldo e Maria de Lourdes ficaram assustados com tanta gente a esperá-los, eram quase dez horas da noite e lá estava aquela multidão a esperá-los. Os olhares eram quase de súplica, todos queriam a presença deles. Desviando-se da multidão foram conduzidos até a pensão de Helena onde duas camas já estavam reservadas. Mal chegaram, tomaram banho, comeram alguma coisa e caíram direto na cama. Tobias, Jerônimo e os vereadores ficaram até tarde conversando.

Pela manhã, ao acordarem, Adjovaldo e Maria de Lourdes foram logo separar todo o material e os pedidos começaram, e eram tantos que não sabiam por onde iniciar. Os vereadores, um por um, queriam a presença deles em suas casas. Davam, como sugestão, que o Doutor deveria ficar na cidade e os doentes que se locomovessem até ele. Adjo-

valdo não aceitava a proposição, queria saber primeiro onde a situação era mais crítica e depois, sim, é que cuidaria da cidade. Os vereadores não gostaram pois foi por imposição, basicamente, deles que o prefeito e Tobias foram à capital e agora queriam o privilégio de tê-los ali, junto de suas casas, para tratar de seus filhos. Adjovaldo, com firmeza, conduziu seu primeiro dia na cidade, ajudado por Maria de Lourdes. Separaou todo o material necessário, consultou alguns filhos de vereadores que, diga-se de passagem, estavam doentes mas em ótimas condições. Em companhia do prefeito ajeitou uma casa vazia, para deixar os doentes mais graves aos cuidados de Maria de Lourdes.

Já era tardinha quando notícias vindas do Vilarejo de Macapira diziam ter morrido cinco crianças e que havia um grupo delas em condições muito ruins. Imediatamente Adjovaldo reuniu suas coisas e em companhia de Maria de Lourdes partiu para lá. Quando chegaram o espetáculo era triste. Vinte casas, mais ou menos juntas, cinco crianças mortas e todas as crianças restantes tomadas pelo sarampo. Adjovaldo e Maria de Lourdes não esperaram nada, puseram-se em campo a tratar, uma por uma. Quando terminaram a madrugada se fizera, há muito, e lá voltaram eles, desta vez com duas crianças em péssimas condições. Adjovaldo levou-os para a casa-enfermaria e pôs em prática todos os seus conhecimentos. Nesse dia ninguém dormiu, ficando com as duas crianças até melhorarem e partiram novamente, cerrado adentro, em direção àquela gente humilde, da qual Adjovaldo também era fruto. Cada casa que cruzava parava o caminhão, para ver como estavam os moradores. Para ele não havia local predestinado por vereador, prefeito ou senhor. Ele é quem traçava a rota, em função das necessidades dos vilarejos.

Foi numa destas investidas que encontrou com Raimundo, quando este saía para pedir ajuda a Tobias, pois embora José não apresentasse nada, Francisca, Tiana e Onorinda continuavam ardendo em febre e nada fazia baixar. Quando Adjovaldo cruzou com ele, fez parar o caminhão e perguntou:

— Ô meu bom homem, tu moras por aqui?

— Moro sim, inhô.

— Teus filhos estão precisando de Doutor? Se estiverem, vamos até eles.

— Ôi, doto, foi Deus que mandô vosmicê, pois inté tava indo à casa do Coroné Tobias pedir ajuda pois três das minhas fia tão se pelando de febre e nada faz miorá.

— Fica onde tua casa, homem?

— Fica logo ali, atrás daquela picada.

— Então vamos até lá. Saltando do caminhão pegou seus apetrechos e seguiu acompanhando Raimundo.

Ao chegarem Adjovaldo foi logo entrando para ver as crianças, e uma por uma, ele examinou. Quando terminou disse à Maria que não se apavorasse, que desses os remédios direito que em breve elas estariam boas. José e Tereza estavam no quarto de Maria quando Adjovaldo ouviu outras vozes de crianças.

— Deixe-me ver teus outros filhos. E, entrando no quarto, admirou-se de encontrar ali criança do porte de José. Pegou-o ao colo e tirando-o do quarto levando-o para o terreiro. Maria ainda ponderou se devia, pois também poderia pegar a doença. Adjovaldo sorrindo, contrapôs:

— Olhe minha senhora, se queres manter seus filhos, sem ficarem doentes, é aqui do lado de fora, em contato com a natureza, que devem ficar, fechados lá dentro é que se arriscam. Brincou algum tempo com José e despediu-se. Ficara impressionado com o tamanho daquela criança, em comparação até com as próprias irmãs, que tinham todas aspectos subnutridos. José não. Era uma criança forte, sadia, bem maior do que as crianças da sua idade, no sertão.

Partiu sem aceitar agradecimentos, dizendo que estava ali para isso e que ao passar por ali, de novo, voltaria a ver as crianças. Em um caderno anotou o nome de todas as crianças que estavam doentes, suas condições, as que já tinham tido e as que não tiveram. Raimundo acom-

panhou-o até o caminhão e lá se foi o Doutor, ao encontro de outros Raimundos.

Maria e Raimundo posteriormente comentaram sobre a simplicidade do Doutor e também sobre suas últimas palavras:

— Estou aqui para servir, portanto se necessitarem de mim não precisam pedir ajuda a ninguém, é só ir até a pensão de Helena, falar comigo ou deixar recado com Maria de Lourdes, que assim que tiver tempo estarei aparecendo.

Para eles era difícil acreditar em tudo que acontecera, estavam acostumados a conseguir quase tudo através de Tobias ou dos vereadores mas agora foi ao contrário. Ninguém pediu, o Doutor é que veio até eles.

Maria começou a dar os remédios de acordo com as orientações de Adjovaldo, que a fez repetir, uma dúzia de vezes, cada uma delas.

Quem gostara também da visita do Doutor foi José e Tereza, que agora brincavam livremente fora de casa. José engatinhava pelo quintal com Tereza acompanhando-o.

Corisco gostava de José e quando o via saía imediatamente em sua direção, deitava-se no chão e José puxava-lhe logo as orelhas, punha-lhe a mão pela boca adentro, jogava-se em cima do pobre coitado, puxava-lhe o rabo e o velho Corisco, como um boneco de pano, aceitava tudo.

Mãe Preta e Florinda já estavam na roça, batendo há mais de uma semana, para Obaluaê, que com o filá e o xaxará, dançava convocando seus mensageiros na luta para salvar seus omadês.

Para todos, poderia parecer estranho que José e Tereza não tenham pego a doença mas não para Mãe Preta. José nascera na chamada de Xangô e para ele a proteção era total, irradiando inclusive a sua irmã que era com quem mais se ligava.

Fazia uma semana que o Doutor Adjovaldo chegara à cidade e os vereadores não se mostravam muito satisfeitos com sua presença, não o tratavam mais com a cortesia do primeiro dia. Para Adjovaldo, nada disso tinha importância, o que o preocupava mesmo era sua gente, seu

povo. Noites mal dormidas ou não dormidas, almoço sem janta, janta sem almoço, dias sem almoço e janta, nada disso lhe tirava o humor. Os chamados eram, a cada dia, em maior número, ele nem pestanejava.

Maria de Lourdes sentia-se plenamente realizada e ali ela era ela, enfermeira de alto valor no meio do sertão de Canudos, a tratar, com carinho, aquelas crianças sofridas. Na cidade, selecionou duas moças para trabalharem consigo e agora com as duas mais adaptadas em cuidar das crianças mais graves, permitia-se sair com Adjovaldo em suas andanças.

Numa dessas saídas, foram chamados a um vilarejo distante e no caminho encontraram com uma menina de seus sete anos, levando uma caixa de madeira na cabeça, toda enfeitada com fitas de papel colorido. Brincando, Adjovaldo perguntou:

— Que que você leva aí menininha? E a menina, com olhar de tristeza, respondeu:

— Vou levando meu irmãozinho que virou anjinho, ontem, prá enterrar, inhô, lá debaixo daquele pé de juazeiro. Adjovaldo sentiu um frio subir-lhe a espinha, os olhos encheram-se de lágrimas:

— Vo..., vo..., você? Não vai ninguém com você?

— Precisa não, inhô, apontando com o dedo para o local. Eu mesma, quando chegá lá, faço o buraco e enterro.

Adjovaldo sentiu repugnância da vida, do homem, de Deus. De tudo e de todos, da sociedade. Não era possível, nada disso poderia estar acontecendo em pleno século XX. Uma criança ia ser enterrada como um animal, sem dó nem piedade. Um buraco aberto, algumas pôs de terra e um ser que desaparece. Ninguém chora, ninguém comparece, lá vai levada por uma criança que nem dez anos tinha. Manda-se fazer esta tarefa como se manda uma criança pegar umbu.

Será que as coisas são tão simples assim? Será que a medicina da vida eterna que aprendi me transformou num covarde que não consegue enfrentar a morte simples que ela é?

Enquanto estava em suas divagações a criança continuou em peregrinação, e quem olhasse para o pé de juazeiro veria, sob sua sombra,

uma série de cruzeiros. Crianças enterradas talvez, bem certo, por outras crianças. Adjovaldo continuou a atender, mas notava-se em seu semblante que o acontecimento abatera seu humor, estava frio, sem sorriso, sem nada.

Voltou à cidade, comeu alguma coisa e saiu novamente, voltando ao vilarejo de Macapira. Na estrada encontraram um grupo de pessoas as quais Adjovaldo parou e perguntou como passavam, reconhecendo dentre elas a mãe de uma das crianças que fora levada para a cidade muito mal, ficando na casa-enfermaria e que, dias após, foi liberada bem melhor, sendo-lhe dados os remédios, para que terminasse o tratamento em casa. A visão da mulher ficara marcada em sua mente, por ser extremamente magra, cega de um dos olhos, com seu aspecto de imensamente sofrida. Ao vê-la, perguntou logo pela criança. Ela, sem pestanejar, friamente respondeu:

— Morreu, Doto.

— O que? Como?

— Morreu, Doto, A luz da morte tava nos óio dele, Deus num queria que ele vivesse.

— Mas, minha senhora, a senhora não lhe deu os remédios que nós demos?

— Dei não, Doto.

— Como? Você não deu? Por que?

— Doto, num dei não, a luz da morte tava nos óio dele, Deus num queria que ele vivesse intão dei pros outros fio, prá num ter a mesma coisa.

Adjovaldo ficou pálido, via-se nos olhos dele a fúria, e num gesto rápido cerrou os punhos, deu um soco na lataria do caminhão e virando-se para o grupo:

— Vocês são todos uns vermes, uns medíocres, não existem. Eu quero que vocês todos vão prá, vão pro, vá todo mundo pro inferno, camuada de imbecis. Maria de Lourdes que estava junto a ele abraçou-o pela cintura e afastando-o dali, gritou:

— Que é isso, doutor? Que é isso?

— É isso mesmo, Maria de Lourdes, são todos uns vermes, vou me embora, não fico mais nesta cidade, e entrando no caminhão ordenou ao motorista para se dirigir de volta à cidade.

Maria de Lourdes ainda tentava demovê-lo da idéia porém era em vão, não escutava, todas as palavras proferidas por ele iam-se no ar. O caminhão partiu e o grupo de pessoas ficou lá, sem entender o que tinha se passado. O que teria acontecido com a simplicidade do Doutor, com o seu jeito humilde de tratar.

Ao chegar à cidade Adjovaldo isolou-se em seu quarto e não quis conversar com ninguém. A cada minuto os pensamentos se embolavam. Via caixas com fitas coloridas serem conduzidas por crianças. Via mães não cuidando dos seus filhos. Via a caatinga subnutrida, torpe, desfalecida, repleta de pequenas cruzeiras de madeira. Via uma caatinga triste sem crianças, sem vida. Via os vereadores, os senhores, o prefeito a impor-lhe o tratamento de seus filhos. Via um povo humilde, submisso à vontade deles. No meio de tantos pensamentos um fato real, as lágrimas, lágrimas perdidas por sua gente sofrida, no meio de tanta confusão, deixou-se vencer pelo cansaço e dormiu profundamente.

No Ilê de Mãe Preta, Obaluaê dançava ao som do Rum, Rumpi, e Lê. pedindo agô por seus filhos. Sua dança porém expressava um certo grau de tristeza e sofrimento. Mãe Preta sentiu esta modificação e procurava tirar dele as razões para tal. Obaluaê consultado por Ifá, disse que mais do que as crianças um filho seu necessitava de ajuda, precisava encarar a realidade como ela é e não como nos é ensinado. Mãe Preta não conseguia entender a razão do que lia nos búzios mas esforçava-se. Obaluaê foi claro e continuou:

— O cartola que esta junto de nós é meu filho, é irmão de vocês e é por ele que estou assim. Ele sabe de tudo como Cartola mas uma se nega a aprender, o real, a vida como ela se faz.

Mãe Preta sentiu então a cortina se abrir e nem pestanejou, deixou os trabalhos na mãos da Iakekere Damian de Oxum e saiu com sua gin-

ga, com seu chocalhar e lá se foi estrada afora à pensão de Helena. Queria conversar com o Doutor, queria saber o porquê da tristeza de Obaluaê, porquê da preocupação deste pelo Cartola. Alguma coisa estava errada e ela esclareceria.

Quando Mãe Preta chegou à pensão de Helena, Maria de Lourdes estava à porta. Mãe Preta dirigindo-se a ela perguntou:

— Minha fia, o Doto inda ta aí?

— Esta sim minha senhora.

— Pois então queria fala cum ele.

— Olhe minha senhora, com toda boa vontade que possa estar, não posso lhe garantir falar com ele, pois esta dormindo e se recusa a atender qualquer pessoa.

— Num há pobrema fia, espero. Cumigo vai falá, pode ta certa. E conversando com Maria de Lourdes sentou-se numa cadeira a esperar. Helena, que entrara pela porta, quando viu Mãe Preta veio logo pedir a bênção e sua proteção.

— Deus a abençoe fia, Oxalá que lhe proteja.

— Mas a que devemos sua visita? Perguntou Helena, a que Mãe Preta respondeu:

— Vim cunversá cum o Doto.

Helena pediu licença e saiu. Mãe Preta ficou conversando com Maria de Lourdes um bom tempo e durante a conversa ficou sabendo de todo o acontecido, tim tim por tim tim. Agora sim estava tudo claro, tudo sem mistérios. Agora entendera a tristeza de Obaluaê. O Doutor não poderia abandonar a luta assim, se abandonasse seria fuga e filho de Obaluaê não foge, enfrenta a luta, e teria de lutar. Não poderia deixar-se abater, era enfim, também um mensageiro de Obaluaê.

Adjovaldo passou toda a tarde trancado no quarto, a dormir. Quando se levantou e saiu, Mãe Preta o interpelou:

— Inhô é o Doto?

— Sou sim, porque?

— Vim cunversá cum inhô?

— Se for para atender, não adianta, estou de partida.

— Num vim pedi prá inhô vê ninguém não, vim prá lhe vê inhô, podê falá cum inhô.

— Como disse? Não entendi.

— Inhô, sô Mãe Severina lalorixá do Ilê Orun Ré da Nação Keto e queria ter uma conversa cum inhô.

Adjovaldo lembrou-se de sua mãe que também era feita no santo, filha de Olga do AlaKeto, e não podia negar, ainda mais que ela não vinha pedir para atender ninguém. Solicitou que esperasse, jantou rapidamente recusando-se em atender quem chegasse e voltou para junto de Mãe Preta. Quando sentou Mãe Preta o convidou para conversarem fora da pensão, pois o que tinha para falar era pessoal e só a ele interessava. Adjovaldo aceitou, e saíram pela rua iluminada pela lua, céu cheio de estrelas. Mãe Preta não rodeou, partiu direta pro seu objetivo:

— Inhô, o coração dessa véia preta também ta triste, cum tanto cafoto Kufando, cum tanta injustiça, mais nem por isso, inhô, me aflijo, nem por isso vô contra os que tão lá em cima, nem por isso, inhô, vô contra Oxalá. Pelo contrário, inté procuro cada vez mais me acerca deles. O sofrimento de minha gente, prá mim, é motivo de luta, e se o sofrimento vem do desdôro do home pro seus irmão, aí inhô, eu procuro dá o que nunca dei, porque nunca, inhô, vô tê motivo prá baixá a camutanga. Inhô, brigo cum minhas arma, cum meu peji, que é tudo que tenho, mas brigo séria, brigo por mim e por meus fio, brigo por inhô que, como nós, é fruto da injustiça. É por isso que vim inté inhô, inhô é pedaço da gente, nós veio donde inhô também veio, e se inhô num aceita a luta como ela é, se inhô num encara essa realidade mardita, oiando pro sol de camutue prá cima, pouca gente vai podê fazer, por que inhô fede como agente, bebe como nós, somo fruto do mesmo lodo.

Adjovaldo não dizia nada, só escutava. Mãe Preta tinha lhe pego a mão e continuava:

— Quando inhô chegou sabia que a luta era ruim, sabia o que ia contrá, e inhô fez mais, mais do que inhô esperava, mais do que nós es-

perava. Inhô, além de cuidá, mostrou prá nós que agente é igual, nós veio do nada e vai pro nada. E agora inhô, na hora que as pessoas aprende a vê, inhô fica rebelde. Lembra, fio, que se inhô pesa tudo inté vai vê que agora sim, que nós precisa de inhô. Num pense nos grande, pense nos cafioto, ruim cum inhô pior vai sê sem inhô. A ignorância que nós trás das entranhas de nossa mãe não nos deixar o largá, se deixasse inhô num precisava ta aqui. Inhô sabe por que inhô é meu irmão, irmão de pele, irmão de santo, irmão de sofrimento. O quanto inhô num luto prá chegá onde ta hoje. E é pelo sofrimento que inhô viveu, que inhô viu, que inhô atende e agora inhô qué fugi? Não! Fio de Obaluaê num foge, luta, luta com tudo que tem.

E com Mãe Preta falando e Adjovaldo calado, os dois foram caminhando a esmo. Quando deram por si lá estavam eles, dentro do terreiro humilde de Mãe Preta, com Obaluaê dançando. Quando Adjovaldo sentiu aonde estava seu corpo tremeu, as pernas ficaram trêmulas e ao som dos atabaques ele caiu aos pés de Obaluaê, e como criança, chorou. Obaluaê abençoou-o e aí sim o Rum, Rumpi, e Lê, bateram mais forte e ele dançou, dançou livre, dançou alegre, com seu filho ali a entender a dura realidade. Mãe Preta pegou-o do chão e trouxe-o para junto de si, colocou sua cabeça sobre seu ombro e virando-se para ele baixinho, disse:

— É assim que se faz, inhô, seja forte, chore por seus curumins mas também lute por eles.

Quando Adjovaldo se refez, quando compreendeu a razão das palavras de Mãe Preta sentiu vergonha de si mesmo, e aquelas frases mal expressas bem certo, bem ditas com toda certeza, tinham-lhe tocado profundamente teve vontade de correr em direção àqueles a quem ofendera e pedir desculpas. Aquilo tudo servia-lhe para uma coisa: cair dentro de si. E se foi em direção à cidade, só não quis a companhia de ninguém, e pelo caminho todas as palavras de Mãe Preta vieram-lhe à cabeça, as repassou duas, três vezes e por fim, quando chegou à pensão, deitou, parecia que lhe tinham tirado um grande fardo das costas, dormiu.

Pela manhã, quando a pensão começou a acordar todos encontraram, já de pé, o doutor, sorridente, feliz, desejoso do seu café e de voltar as suas atividades. Maria de Lourdes se espantou, Helena lhe serviu o melhor café que poderia oferecer, e na mesa lá estavam, biju, ovos, manteiga, queijo cavalo, pão, carne de sol, café, leite, cuscuz de milho. Adjovaldo comeu de tudo, brincando. Helena e Lourdes trocavam olhares sem nada entender. O que teria acontecido, ninguém nunca saberia, só suposições. Helena, que tratava o doutor como seu filho, comentou com Lourdes a mudança, e esta dizia que não tinha explicações, não sabia o que acontecera. A única coisa que eu vi foi o doutor sair com aquela velha preta. É isso, disse Helena, aquela velha preta, foi ela quem conseguiu esta mudança: — Mas como?, perguntou Lourdes. Que influência teria ela sobre ele? — Não sei, respondeu Helena, essa preta velha é capaz de tudo.

Quando terminou o café Adjovaldo chamou Lourdes e saíram a atender, dessa vez com maior disposição.

Ninguém comentou nada. Junto ao caminhão estava o seu motorista, aguardando os acontecimentos, Adjovaldo abraçou-o, o cumprimentou e disse:

— Vamos à luta companheiro, vamos voltar a Macapira.

Aí mesmo que Lourdes se confundiu, mas foi assim mesmo. No caminho não encontraram ninguém e quando chegaram à vila as pessoas o olhavam desconfiadas, Adjovaldo não se abalou, cumprimentou um por um, e aqueles que ele reconheceu como estando no acontecimento do dia anterior, pediu-lhes desculpas e se pôs a examinar as crianças.

Em casa de Raimundo as crianças tinham melhorado, estavam praticamente boas, os remédios estavam terminando e Maria os dava de acordo com a ordem do doutor. José se sentia em liberdade, passava o dia todo no quintal a engatinhar, a ensaiar os primeiro passos. Tereza dele não se afastava, se deitava no chão, engatinhava com ele. Corisco brincava com os dois, Mariazinha e Tiana tomavam conta das outras irmãs, junto com a mãe. Raimundo trabalhava com Tobias.

Florinda, há mais de duas semanas não aparecia, estava junto com Mãe Preta, em sua sina religiosa. Mãe Preta estava feliz pois conseguira o que queria, deixar Obaluaê alegre, e no fundo do seu coração, também a felicidade por ter conseguido dizer ao doutor o que estava precisando ouvir.

Tobias, desde a chegada do doutor não aparecia na cidade, isolara-se em sua casa, como que não querendo se comunicar com aquela multidão de sarampentos. Volta e meia perguntava a Raimundo pelas crianças, principalmente José, e este respondia que ia bem e que as outras estavam quase boas. Sorrateiramente perguntava quem estava ajudando Maria a tomar conta das crianças e este sempre lhe dizia que as duas mais velhas, pois Florinda tem tempo que não aparece, esta com Mãe Preta dançando para o santo. Esta última frase foi tirada quase que sob interrogatório, pois quando Raimundo lhe disse que Florinda não ia lá há mais de duas semanas, Tobias lhe inquireu:

— Porque homem, houve alguma coisa entre vocês e ela?

— Oh não, inhô Tobias. É porque ela ta dançando pro santo com Mãe Preta. Esta resposta deixou Tobias bem tranquilo, pois sabia que não fora por causa dele que deixara de ir lá.

Os médicos, as enfermeiras e os remédios, prometidos pelo governador, nunca chegaram e lá ia Adjovaldo, fazendo tudo o que podia, porém, felizmente ia dominando a situação. As mortes há muito não aconteciam. Agora suas visitas eram mais de controle. No seu caderno anotara tudo o que se passara, quantos doentes, a idade, quantos morreram, e de quê. A cidade começava a se encher de alegria novamente. Algumas famílias saíam de suas casas novamente e trazendo seus filhos. Adjovaldo se mostrava

contente com os resultados, pois as mortes diminuíram muito após sua chegada, nestes últimos dias ele conseguia dormir sem ser incomodado. Nunca mais viu Mãe Preta mas sua imagem, sua voz, suas palavras, trazia-as junto a si, a todo instante. Tinha vontade de vê-la porém não tinha coragem de ir até ela. Por sua vez Mãe Preta já dera por en-

cerrado seus trabalhos, Obaluaê e seus mensageiros conseguiram dominar a situação.

Na cidade, o prefeito era todo sorriso junto à população. Os senhores e os vereadores começavam a aparecer, sendo que estes começavam a pressionar o prefeito quanto à permanência do doutor ainda na cidade, às custas da prefeitura. Adjovaldo também não via mais necessidade de permanecer, porém faltava terminar sua pesquisa. Lourdes agora não tinha mais a quem atender, portanto passava os dias inteiros na casa das amigas que fez na cidade. O doutor era respeitado pelo povo, que o cumprimentava, lhe trazia frutas, galinhas, etc, as quais passava tudo para Helena. No fim de uma semana, Adjovaldo comunicou ao prefeito a sua partida.

Quando a notícia da partida do doutor se espalhou pela cidade, começaram a chover pedidos para que ele e sua auxiliar permanecessem, e logicamente estes pedidos não partiram dos vereadores nem dos senhores e sim do povo em geral que se sentia amparado com a presença deles. O prefeito, na sua inocência, ainda teve a infeliz idéia de comentar na reunião com os senhores e os vereadores, que deveriam convidá-los a permanecer, pois o povo começara a lhe pedir. A reação, como era de se esperar, foi a pior possível, com agressões verbais ao doutor e a ele próprio, prefeito, por ter permitido que ele fizesse o que bem queria. A única coisa que queriam é que aquele agitador fosse embora, porque os eleitores não os procuravam como antes, conseqüência de que?, da presença deste doutorzinho que não sabe se colocar no seu lugar e fica tratando a eles como nós e às vezes até melhor. Aonde se viu, botar a carroça na frente dos bois, eles é que precisam de nós, não somos nós que precisamos deles. Queriam que partisse simplesmente sem nada, e ainda por cima escreveriam uma representação ao governador, mostrando a Sua Excelência o que o doutorzinho que mandou tinha realizado na cidade, pedindo providencias enérgicas. Afinal de contas eram vereadores e como tal tinham que ser respeitados. Jerônimo escutou as acusações todas sem mencionar nada. Partiria o doutor, sem homenagens,

sem lembranças. Ele que fora recebido como um herói, um Jesus Cristo mulato, partiria como Judas, um traidor para os vereadores e senhores, como Robin Wood para o povo.

Naquelas quatro paredes tudo foi resolvido quanto à partida do doutor. Porém se a justiça por vezes é cega, a justiça popular não. Ela se faz implacável, justa, honesta e sincera. Quando o povo sentiu que realmente partiriam, a homenagem da partida, o agradecimento das crianças e da gente humilde se fez presente. Organizado por Helena, a boa Helena da pensão, e pelas duas moças que trabalharam com Lourdes, foi preparada a festa de despedida. Nela não haviam convidados especiais, era toda a população convidada. A festa da gentinha do doutorzinho, definida, e bem, pelos superiores, porém sincera, afetuosa, sem má-lícias, sem interesse. E todos ajudaram, enfeitaram a cidade e lá estavam, Adjovaldo e Maria de Lourdes, os donos da ocasião, mais importantes que a política, vivendo momentos de plena realização, o reconhecimento do povo, de sua gente. Adjovaldo e Lourdes se dividiam em abraços, em cumprimentos. Uma pessoa porém foi mais importante de todas para ele, Mãe Preta, que surgiu do meio do povo para lhe abraçar. Abraçou-a com todo o carinho que podia lhe dar, beijou-lhe a face, beijou-lhe a mão preta que colocara no mundo tantos Adjovaldos. Mãe Preta olhou-o com seu olhar humilde, com lágrimas nos olhos e disse-lhe:

— Vá com Oxalá filho, que Obaluaê proteja seu caminho e nunca esqueça da sua gente, da sua raiz, seja sempre o que inhô é, humilde, mas seja sempre inhô. Eu aqui vou sempre me lembrá do inhô, e vou pedir a meu pai, Xangô, que proteja inhô com o seu odum-aro de justiça. Beijou-lhe a face e retirou-se.

Adjovaldo sentiu tanta ternura na voz daquela velha que por momentos exitou em partir, mas era a vida, era a luta pela sobrevivência, estava ali de passagem, porém dela nunca mais se esqueceria.

Na festa houve de tudo, fogos, doces, danças. Todos estavam lá exceto o comando político que recusou em participar. Raimundo e Maria, José e as irmãs também foram, e as crianças se divertiam. Quando cruza-

ram com o doutor, lhe cumprimentaram e agradeceram, em nome das filhas. Adjovaldo reconheceu José, pegou-o no colo, José sorria, se divertia com tanta gente, com os fogos, com as bandeirolas, tudo era motivo de alegria para ele. As irmãs felizes davam tudo o que podiam, pois com o nascimento de José, não puderam ir à festa da igreja mas agora estavam desforrando. Para Mariazinha e Tiana festa dupla, para José, que atravessara incólume a epidemia, um mundo todo novo. Com conselhos e saudações o doutor se despediu e continuou a cumprimentar os seus verdadeiros amigos. Raimundo prosseguiu no seu passeio com a mulher e os filhos. José despertava curiosidade de todos pela sua vivacidade. Num certo instante cruzaram com Mãe Preta e Florinda, Mãe Preta pegou José ao colo, conversou com Maria. Raimundo aproveitou a presença delas para tomar sua cachaça. Elas ficaram conversando sobre os acontecimentos, sobre as doenças até que Raimundo voltou. Na praça, num palanque armado, violeiros e repentistas se apresentavam, e o tema era um só, a passagem do doutor Adjovaldo pela cidade:

“O mês de outubro chegou
Trazendo morte e sofrimento
Mas deus ouvindo nossos lamentos
Mandou prá nos socorrer
O doutor adjovaldo
A quem vamos agradecer”

O povo batia palmas a cada estrofe terminada. Quando a cidade já estava repleta de gente humilde os repentistas cessaram e o doutor Arthur Bartiloti, o ilustre advogado de São Sebastião da Caatinga (pelo menos isto possuía) subiu ao palanque e depois de três cachaças bem tomadas, usou da palavra. Não tinha ligação com ninguém, suas causas eram as mais justas possíveis, normalmente de pessoas humildes, e as levava até o fim, dificilmente perdia uma. Virando-se para o povo, disse-lhes:

— Meu povo de sofrimentos e privações, hoje meu coração esta triste, embora toda a cidade esteja alegre e as crianças estejam na rua. Hoje

é o nosso último dia de contato com essas figuras boníssimas, particularmente o doutor Adjovaldo, homem jurado e sacramentado a quem nós confiamos a vida de nossos filhos sofridos, e o qual fez tudo por eles. A única coisa que apagaria nossa tristeza seria nós sabermos que continuaria entre nós, porém seria felicidade demais, e esta nós não merecemos. Por isso, senhores, nossas almas estão tristes, pois o doutor e sua acompanhante se vão mas deixarão aqui a semente de algo a que nunca nos foi permitido ver: a igualdade, o respeito pelo ser humano e mais do que a vida dos nossos filhos e essa é uma das maiores perdas que teremos, olhai senhores, quem esta junto a vós, vejam quem esta na festa, preparada para as suas despedidas, nós, que somos o todo e que somos o nada, nós que ouvimos, fazemos e somos mandados. Porém, dentre nós, a presença de um mandante não existe, porque? Porque azeite não se mistura com água, por isso não estão aqui.

E lá continuou o doutor Arthur Bartiloti, gaúcho de nascença, criado na Bahia, formado em direito na Federal do Rio de Janeiro a discorrer sobre direitos e deveres e também sobre Adjovaldo e Maria de Lourdes. Falou duas horas sem cessar, como se tivesse na mais real tribuna, a defender uma causa justa. Quando terminou o povo, que o ouvia atentamente, ovacionou-o demoradamente. Adjovaldo e Lourdes não esperavam discursos, porém tinham que admitir que Bartiloti conseguira mexer com a massa, tanto que foram levados, sob palmas, até a pensão, com fogos de artifício estourando, e terminava assim uma etapa marcante na vida dos dois, e da própria cidade.

Bartiloti permaneceu numa roda de amigos, a conversar durante um bom tempo até que se recolheram felizes.

Ainda era bem cedo quando Adjovaldo e Lourdes levantaram, a pensão acordara mais cedo do que o costume. Helena, na cozinha, preparava o desjejum e também alguma coisa para comerem durante a viagem. Pouco a pouco foram chegando as pessoas amigas para lhes trazer o último abraço. Adjovaldo e Lourdes apresentavam em seus olhares um certo grau de tristeza, pois tinham se acostumado àquela gente hu-

milde, mas também não poderiam continuar, pois outros afazeres os esperavam em Salvador. Um som estridente comunicou-os a presença do ônibus na praça, terminaram o café e se foram, cheios de malas e de presentes humildes. Helena abraçou-os e chorou. Ninguém permitiu aos dois levarem nada, pegaram-lhe as malas, e lá se foi o doutor e Lourdes em direção ao ônibus. Uma pequena multidão os esperava à porta, e todos lhe bateram palmas quando entraram. O bom, justo e humilde doutor e sua enfermeira deixaram a cidade, mas de suas presenças todos se lembrariam. O ônibus arrancou deixando atrás de si um rastro de poeira. E São Sebastião continuou sua vida tranqüila. Nesse dia os vereadores e o prefeito sentiram realmente na carne a influência do doutor perante os humildes, ninguém lhes falava nada, consequência de que, do discurso do doutor Arthur, que colocou perante o povo a imagem real que eles assumiram. Os vereadores e os senhores não ligaram muito, pois sabiam que mais hora menos hora, precisariam deles, agora ainda estavam sobre a influência nefasta do doutorzinho.

Ao fim da tarde, se reuniram e redigiram ao governador a representação contra Adjovaldo. Todos assinaram e Jerônimo não teve outro jeito senão assinar também, embora tivesse passado boa parte da noite ouvindo os fogos e meditando sobre sua situação no cargo, era um homem velho acostumado à vida política, mas no fundo sabia que o que o doutor fizera era coberto de razões e que a representação dos vereadores estava mais ligada a um orgulho ferido, de quem se consideravam as figuras mais importantes da região e de repente caíram de queixo, porque não tiveram condições de refutar as condições impostas por ele. Essa mudança toda servira para pensar um pouco em si, afinal de contas com a influência deles ou não, ele, Jerônimo, era prefeito e isso ele nunca foi respeitado. O que era ele? Perguntou-se, não era nada, era um fantoche que fazia contas de chegar, que servia à pretensão de todos, alguém dizia, faça, e ele cordeirinho fazia, ninguém lhe respeitou, nunca lhe perguntou se devia ou não devia. De repente o orgulho de ser prefeito por trinta anos caiu, a cortina se abriu e Jerônimo passou o resto

do dia pensativo, tomara uma decisão, esse seria o seu último mandato. Tinha a vida estabilizada, possuía sua fazendola, sua casa na cidade, seu gado, que precisaria? Mais nada. Filhos criados, netos, não tinha mais pretensões, iria viver agora para sua mulher, seus filhos e netos, deixaria de ser um homem de recados.

Após um dia de viagem chegaram a Salvador, Adjovaldo e Lourdes, numa situação totalmente diferente daquela em que embarcaram. Na rodoviária ninguém os esperava, não havia repórteres, nem governador, realmente ninguém. Após se despedirem, cada um seguiu o seu destino.

Um mês após o seu retorno, tendo voltado às atividades, Adjovaldo foi chamado ao gabinete do governador. Pensando tratar-se de assuntos ligados a sua estada em São Sebastião da Caatinga, compareceu levando, em mãos, um relatório de todas as atividades exercidas. Para sua surpresa, foi recebido friamente pelo governador que lhe apresentou, a carta que recebera dos vereadores e do prefeito. Sem mudar o seu semblante, leu a carta e devolveu ao governador. Este, com ares de repreensão, disse-lhe:

— Era para isto que o senhor queria ir para lá, foi por isso que o senhor se ofereceu?. Nós lhe damos tudo e o senhor, em troca, nos dá o que? A agitação. Saiba o senhor, no que depender de mim, você nunca terá acesso ao quadro de médicos do estado. Adjovaldo olhou firmemente para o governador e respondeu:

— Senhor Governador, nunca na minha vida temi ameaças e também nunca fui joguete de ninguém, ainda mais de políticos. Quando eu entrei para a faculdade não foi às custas de ninguém, foi as minhas custas, portanto não tenho medo, e além do mais, não sou agitador, sou gente como aquela gente humilde, que não tem maiores interesses do que um pedaço de terra, comida e uma casa para morar condignamente. Senhor Governador, somos todos iguais. O senhor com toda esta sua pompa, sentado nesta cadeira aristocrática, não é nem melhor nem pior do que eles. É simplesmente igual, talvez até pior, porque eles não têm

rabo preso com ninguém, e o senhor e os seus para sorrirem, primeiro têm que perguntar se podem.

O governador, vermelho de raiva, ferido no seu orgulho, dentro do seu pomposo gabinete, explodiu em palavras:

— Seu porco, seu nojento, seu velhaco, conheço a você e sua laia, seus trotsquistas disfarçados de salvadores da humanidade, saia daqui antes que eu mande lhe recolher ao xadrez.

— Saio sim, Vossa Excelência, mas lembre-se que o porco sou eu mas quem chafurda junto com os outros porcos da vara é Sua Excelência e todos que o seguem. Boa tarde, e batendo a porta se retirou.

Passou-se algum tempo após a discussão com o governador, quando Adjovaldo voltou a ser notícia nos jornais de todo o país, levantando o primeiro prêmio da SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA TROPICAL, com seu trabalho: “MORBIDADE E MORTALIDADE INFANTIL NUM SURTO DE SARAMPO EM UMA CIDADE DA REGIÃO DE CANUDOS NO SERTÃO BAIANO”, no qual transmitia a todos os congressistas os números obtido em sua pesquisa, três0% de mortalidade infantil, conseqüente à subnutrição. Ora, para quem anda farejando manchetes para os seus jornais, encontrou aí um bom prato que foi explorado em todos os níveis. Pela imprensa, pela ala oposicionista da câmara dos deputados, tanto estaduais como federal, pelo senado. Adjovaldo respondera à agressão sofrida com números. Era mais um triunfo conseguido por ele, mais um sapo vivo que os que eram contra ele, teriam que engolir.

IV

São Sebastião da Caatinga continuava com sua vidinha pacata e calma. Pouco a pouco o Natal ia chegando, sem que isso trouxesse a cidade grandes transformações. José Andava agora livremente pela casa e pelo terreiro. Raimundo continuava na sua lide diária. Maria, dona de casa desdobrava-se para cuidar das crianças. A vinda de José preencheu um vazio na vida de todos. O pai se orgulhava dele. Imaginava-o montado em trovão a fazer peripécias pelo cerrado. As irmãs o adoravam. Francisca brincava com ele e lá iam os dois, a correr com Corisco a latir.

O ano se foi sem muitas comemorações pois no sertão todo dia é igual ao outro, sem presentes sem ceias. O único dia mais alegre, foi o de reis, com a folia a sair nas ruas, a bater nas casas, a pedir comida e só se retirando na manhã do dia seguinte. A cidade começava a se preparar para o seu grande dia, com a igreja recebendo sua tradicional pintura branca, enfim sendo preparado para o dia do padroeiro. Deus, esse ano, fora bondoso com São Sebastião pois embora o sarampo tivesse feito um grande número de anjinhos, em compensação, dezembro ainda não tinha se ido e a chuva chegara, enchendo todos os mananciais.

No dia que a chuva começou, Maria sentiu um frio percorre-lhe a espinha e os raios e trovões aumentavam – lhe mais esta sensação. Recordava-se dos maus pedaços que passara com a vinda da chuva no ano passado comentando, à noite, com Raimundo deitada na rede:

– Mundinho, tu te lembras da chuva passada? passamos maus pedaços mas valeu a pena, tai José forte, andando, prá alegria da gente.

Raimundo sacudindo a cabeça concordou:

–É muié, ali tu provou que é muié mesmo.

Com a cidade se preparando para a festa do padroeiro, Raimundo foi chamado por Tobias para lembrar-lhes do batizado de José:

– Não quero que tu te preocupes com nada, só quero que tragas José para que Elisabete providencie a roupa dele e, cumprindo com o prometido, vai todo mundo almoçar com a gente, vou matar um barrão e quero todos aqui conosco.

Em casa as ordens foram dadas, Maria no dia seguinte foi com José e Mariazinha até a casa de Tobias. Elisabete quando viu José correndo a falar:

– mamãe, mamãe, pegou-o ao colo e foi com ele casa adentro, apresentando-o a seus filhos. Tobias como que garantindo a presença de quem ele realmente gostaria de ver no batizado, aproveitou o pretexto de ter que ir a cidade e, desviando-se de sua rota, foi até a casa de Mãe Preta para confirmar o convite. Quem recebeu-o à porta foi a própria Mãe Preta:

– O inhô Tobias, inhô por aqui? Que o traz?

– Dona Severina, meus respeitos. Vim até aqui para reforçar com a senhora o convite que já deve ter sido feito por Raimundo, para que vá almoçar conosco no dia do batizado de José. Me sentiria muito honrado com a sua presença, pois se não fosse a senhora e sua filha, Maria não teria resistido.

– Muito nos honra seu convite inhô, e pode ta sossegado que nos estaremos lá. Tobias ainda olhava para dentro da casa na esperança de ver Florinda, porém desta vez nem sinal, e num gesto de humildade pegou-lhe a mão e a beijou:

– Bem, só passei por aqui para confirmar o convite, agora me vou. E montando saiu a galope, em direção à cidade.

Na cidade os preparativos estavam acelerados, a igreja toda pintada, as barracas sendo preparadas, as bandeirolas. Este ano prometia ser bem animado, pois junto com a festa estava se instalando um pequeno parque com roda gigante, carrossel, cavalinhos e uma série de jogos para os adultos. A expectativa era geral, todos aguardavam o passar da semana

para começar a desfrutar aquelas novidades. Padre Bento chegou a cidade dois dias antes da festa, como sempre fazia e encontrando como de costume a igreja pintada, lavada, seus aposentos limpos, os lençóis de linho bordado a mão pelas carolas. A igreja, neste ano, estava mais bonita com lindas toalhas feitas de crochê colocadas no altar e nos andores dos santos, tudo doação das mesmas senhoras.

Na manhã seguinte o padre Bento começou sua escalada. Primeiro a missa pelos que morreram este ano. Quem tivesse falecido há um ano, era missa de ano, há um mês, era missa de mês, há sete dias, missa de sete dias e os que não se enquadravam em nenhum destes eram missa por passamento, só. Ali se reuniam viúvas chorosas, mães e pais. Este ano a lista era grande pois fora engrossada pela imensa quantidade de anjinhos feitos pelo sarampo. Padre Bento inclusive comentara com algumas pessoas que soubera do acontecido porém, embora com muita pena, não pudera, de jeito nenhum, abandonar seus afazeres para vir ajudá-los. Ele sentia muito, mas sabem como é a vida de um padre, cheia de obrigações, deveres, caridades e mais caridades. Logicamente todos compreenderam e ainda comentaram que ele devia ter sofrido muito vendo as nossas privações e não podendo fazer nada. Que homem bom, nasceu para ser padre o padre Bento. Na igreja a lista dos passamentos ia aumentando. Todos tinham direito àquela missa, a missa era por todos os que passaram, porém para dizer o nome do falecido tinha que dar uma pequena colaboração a igreja. Nada mais justo pois se o padre Bento não estivesse aqui quem iria encomendar a alma dos nossos falecidos?

Os batismos eram realizados no dia da festa do padroeiro, crianças todas reunidas, vestidas de branco, recebiam o ungüento e a água benta na pia batismal. A única exigência feita era que, para que a criança pudesse receber o nome dos pais, estes teriam que ter sido casados na igreja. S assim o fosse, a criança saía com o sobrenome dos genitores, caso não, mesmo sendo amancebados, a criança recebia o sobrenome de Jesus se fosse homem ou de Maria, no caso de mulher. Era comum aos pa-

drinhos, como colaboração, darem uma contribuição à igreja após o batismo que, como sempre, recebia agradecendo em nome do Senhor, em nome das pessoas que necessitavam de caridade.

Seis hora da tarde, dezenove de janeiro, a cidade estava cheia de mulheres enlutecidas, homens sóbrios, todos chegando a igreja para a missa de passamento. Este ano ao contrário dos outros, a lista de nomes que normalmente é muito maior no batismo, tinha-se invertido. Missa triste, com mulheres chorando a perda de seus filhos.

Eram quatro horas da manhã quando a alvorada começou, e com ela o barulho dos rojões que comemoravam o dia do padroeiro. A cidade toda foi acordada, as janelas foram se abrindo, a igreja se preparando para receber os primeiros fiéis.

Raimundo queria ser um dos primeiros a chegar por isso, quando ouviu o som do foguetório, acordou a todos. As crianças pularam logo enchendo a casa de alegria. José, não foi preciso nem mexer com ele pois, com o primeiro rojão, arregalou os olhos. Não tinha ainda o sol raiado totalmente quando a família se pôs na estrada. Seguindo a rotina, Raimundo montou em Trovão e a família ao lado, caminhando vagarosamente. No caminho, um grande número de pessoas foram se juntando a eles. O som dos foguetes estava cada vez mais forte. José era todo sorrisos. Raimundo, em cima de Trovão assumia ares de importância. Quando chegaram a igreja, as crianças ficaram eufóricas, havia alguma coisa diferente, de mais bonita, naquela festa, o parque, a roda gigante que eles nunca tinham visto. Raimundo foi logo sendo crivado de perguntas e pedidos. José prendia a atenção de todos, com seu sorriso e com suas pequenas corridas.

Pouco depois da chegada deles, quem chegou também a cidade foi Tobias, Elisabete e seus três filhos, Antonio, Jeremias e Tobias Filho, todos vestidos impecavelmente, contrastando visivelmente com a grande maioria da gente humilde, que aguardava o início das festividades. Elisabete quando viu Maria e as crianças, foi logo para junto delas. José parecendo adivinhar a presença da madrinha, correu para junto dela. Eli-

sabete virando-se para Maria convidou-a a ir até a pensão de Helena, para trocar a roupa de José. Padre Bento, que passava pela porta da igreja, quando viu o imponente Tobias e sua família, ali reunidos, tratou logo de cumprimenta-los:

– Bom dia senhor Tobias, veio cedo a missa este ano, bons ventos o trazem, e a senhora dona Elisabete, esta bem? Passou bem o ano?

– Sua benção reverendíssimo, nós até que não podemos nos queixar. E como vão as obras de caridade na capital? Sentimos muito a sua falta em outubro, quando a morte andou ceifando nossos anjinhos.

– É, eu soube mas não tive condições de sair de lá. Mas a que devemos a honra de contar com vossas senhorias, a esta hora?

– Meu bondoso padre Bento, nos viemos iniciar na vida cristã este belo menino, José, Filho de Raimundo que é nosso vaqueiro e de Maria aqui a meu lado.

Tobias entrando na conversa, disse a padre bento:

– Esse menino esta fazendo um ano, nasceu com aquela chuvarada toda do ano passado, e essa é Maria padre bento, a mulher que começou a sofrer com a chuva e o senhor já deve saber que quando ele nasceu, dois dias depois foi quando a chuva parou.

– Bendito e louvado seja em nome de Jesus, que seu caminho seja aquele que trilhou o filho de Deus. Mas agora vocês vão me dar licença que tenho de entrar pois a missa esta prestes a começar.

O sino começou a tocar convocando pela última vez os fiéis. Raimundo ficou conversando com os amigos enquanto Elisabete, Maria e as crianças foram até a pensão de Helena. No caminho as crianças ficaram namorando o parque, já com seus brinquedos girando.

José ficou muito bem vestido, com as roupas que lhe deu a madrinha, calça curta de linho branco, camisa de renda branca, gravatinha borboleta, meias brancas e botinha de couro também brancas, Estava de por inveja a qualquer criança. Nada conseguiu tirar José do colo de Elisabete, nem a mãe, nem Tereza. E lá foram assistir a missa, para depois então, ocorrer o batismo. Na igreja, a multidão preenchia todos os

espaços, Tobias deu o braço a Elisabete e adentraram aquela casa santa, com os filhos a seu lado, acompanhado de Raimundo, Maria e a filha-rada atrás. Entre pedidos de licença, foram abrindo espaço para a passagem da família. Pararam bem próximo do altar, junto ao primeiro banco. Uma família humilde que estava ali sentada, quando viu o senhor e a senhora de pé, levantaram-se e ofereceram a Tobias e família seus lugares. Elisabete ainda tentou esboçar uma negativa mas Tobias não se fez de rogado, colocou a esposa a sua frente, ocupando o lugar oferecido junto com suas crianças. Raimundo, Maria e a família ficaram em pé. A missa em si foi muito bonita, toda rezada no mais puro latim, com a grande maioria não entendendo nada do que estava sendo rezado, respondiam, dizendo amém e fazendo o sinal da cruz.

Na hora do sermão, após a leitura do Evangelho, lembrando a passagem dos peixes, padre Bento, evocou para a igreja o milagre da chuva no dia de São Sebastião. Sobre as crianças mortas, por causa do sarampo, nada foi tocado. Após mais de uma hora de senta, levanta, fica de joelhos, não sem antes terem recebido a hóstia sagrada, a missa terminou, mudando-se o cenário com todos se dirigindo a pia batismal. Este ano somente oito crianças seriam batizadas. Padre bento trocou seus paramentos e deu início a cerimônia do batismo. José, apadrinhado de Tobias e Elisabete, foi logo o primeiro a ser batizado, com o padre lavando sua cabeça com água benta, o sal, o unguento na testa, no peito e por fim:

– “Eu te batizo em nome de Jesus Cristo, com o nome de José de Jesus, filho de Raimundo e Maria, que Deus olhe por você.”

Em seguida todos se abraçaram, se cumprimentaram e José, no colo de Elisabete, Sorria.

Na saída um acontecido diferente dos outros batismos, feitos por Raimundo e Maria. Toda a família, os padrinhos e o velho fotografo munido de sua caixa:

–Atenção sorriam! Agora! Pronto.

As crianças ficaram felizes, nunca tinham tirado retrato, e agora lá estavam eles, todos juntos. Tobias foi quem contratou os serviços do ve-

lho lambe-lambe, a pedido de Elisabete, como uma recordação para Maria. Porém quem gostou mesmo foram as crianças. Na saída da igreja, as crianças correram logo para o parque, para ver os brinquedos de perto. Os filhos de Tobias, que estavam juntos quiseram andar nos brinquedos e Mariazinha e as irmãs ficaram olhando com um ar de inveja, mas como tinham ordens severas do pai para não pedirem para andar em brinquedo algum, só restava mesmo olhar. Elisabete quando viu os olhares desejosos das crianças foi pedir a Tobias para pagar-lhes as entradas. Este inicialmente recusou:

– Que é isso mulher! Não vês que nós já somos os padrinhos de José, fomos nós que demos a roupa, já tiramos fotografia, vamos dar o almoço, e você ainda quer mais?

– Olhe Tobias, quem começou com tudo isso foi você. Não me venha com repreensão agora, o que eu não posso aceitar é ver meus filhos se divertindo e as crianças de Raimundo, que estão junto, olharem sem poderem nem sequer pensar em andar e, além do mais, não é este dinheiro que vai nos deixar mais pobres.

Tobias não teve argumento, pegou o dinheiro e deu a mulher, aí então para as crianças a festa foi completa. Raimundo não estava presente, havia ido tomar um gole de cachaça com os amigos. Maria quando viu Elisabete chegar com as entradas para todos, na roda gigante e no carrossel, ainda tentou demovê-la da idéia:

– Inhá Elisabete, o pai num qué que eles andem. Faça isso não!

– Maria, hoje Raimundo não tem querer, deixe as crianças se divertirem.

Quando as crianças de Maria viram Elisabete com as entradas, ainda olharam meio desconfiadas para a mãe, quando esta lhes liberou. Todas saíram em disparada até a roda gigante, e lá, distribuídas dois a dois, ficando com Mariazinha, Francisca e com Tereza, José. A cada subida e descida da roda gigante as crianças entravam em delírio. Saíram e foram para o carrossel, só que neste nem José, nem Francisquinha participaram.

Quando Raimundo voltou, as crianças ainda estavam se divertindo, vendo, perguntou logo:

- Muié num falei que num queria?
- Mundinho, tenho culpa não, quem convidou foi inhá Elisabete.
- Quem foi pedi a ela? Diga que vou cortar a teimosia cum a chibata e prá curar inda vai ficar um dia sentado na salmoura.

– Se alguém tem que apanhar de chibata e ficar na salmoura, esse alguém sou eu, ninguém me pediu, fui eu que quis dar um pouco de alegria a eles, será que é proibido fazer uma criança feliz?

Raimundo não quis nem dialogar, baixou a cabeça e ficou a espera das crianças que voltavam todas felizes. Para elas o contentamento total. Quando pensariam em poder gozar de momentos tão alegres.

– Bem, nós agora vamos indo, para poder dar tempo de chegar para o almoço, senão vai ficar muito tarde. Eu vou na frente e aguardo vocês, deixa que José vai comigo, Elisabete aproximou-se de Tobias e convidou-o a se retirar.

As idas e vindas de Tobias e família à cidade eram feitas num velho Ford de 19três7, que Tobias mantinha só para essas ocasiões. Família toda reunida, mais José, foram-se estrada a fora.

Raimundo e Maria foram lentamente pela estrada. No meio do caminho, Raimundo que não respondera a comadre, voltou a insistir junto a Maria para saber quem tinha ido pedir a Elisabete. Esta novamente negou:

– Tu tas me escondendo, muié. Tas passando a mão por cima de alguém!

– To não, Mundinho, to não.

Tereza que vinha escutando a conversa, se meteu:

– Oia pai, ninguém pediu não, mais bem qui a gente tava cum vontade, num minto não, mais se inhô quisé bate, bate em todo mundo, foi todo mundo que andou.

Raimundo ficou irritado:

Tu cala essa boca menina, qui te quebro os dentes aqui mesmo.

Tereza ficou calada, se moendo de raiva por dentro com vontade de mandar o pai pro quinto dos infernos, mas preferiu ficar foi mesmo calada. Quando chegaram a fazenda, os preparativos para o almoço estavam bem adiantados. Tobias mandou arrumar uma grande mesa no quintal, e lá estavam quase todos os empregados reunidos, tomando cachaca a espera do almoço.

José corria no quintal a chamar a mãe. As crianças ficaram mais livres, Raimundo se juntou com os colegas. Tobias estava ansioso e a toda hora olhava para a estrada, na tentativa de ver Florinda e Mãe Preta, porém destas nem sinal. Será que depois de tanta estratégia seus planos iriam falhar?

Mãe Preta tinha tocado para os Orixás a noite toda, só parando quando o dia amanheceu. Florinda, desde o dia do convite feito por Tobias, que se recusava a ir. No dia do convite estava em casa, porém não quis recebê-lo, ocultou-se e pediu a Mãe Preta para atendê-lo. Durante a semana Florinda tentou por todos os meios, junto a sua mãe, a liberação do compromisso. Porém Mãe Preta mostrava-se dura:

- Ocê num vai fazer essa desfeita cum José, vai?
- Quero não, mãe , quero não. Mas é que aquele home me mete medo, perto dele fico insegura, tenho inte vontade de correr.

Mãe Preta sacudiu a cabeça e respondeu:

- Bem, se tu num qué ir num vá, eu vô e acho que Raimundo e Maria vão ficar sentido si ocê num for.

– Minha querida mãe, mi ajude, eu num quero ir não, quero e não quero, tenho medo de olhar aquele home di frente, os seus olhos me deixam cheia de vergonha, inté parece que estou descomposta quando me encara.

- Mas e José? Num merece o sacrifício?
- Ta bom mãe Preta, eu vô, mas a mãe vai me prometer qui num vai sair do meu lado.
- Bem fia, isso eu lhe prometo. Se você acha que ele vai faze alguma coisa, do meu lado eu acho difícil.

Foi com esse temor, essa angústia, que saíram de casa. No caminho, Florinda não deu uma palavra, e lá ia com Mãe Preta gingando e chocalhando pelo caminho, seu rosto era de descontração total, mas em seu interior tudo aquilo a preocupava. Sabia da fama de Tobias e conhecia muito bem sua filha. Nunca, nada nem ninguém, conseguira transformá-la tanto. Sabia o quanto sua filha deveria estar sofrendo mas, nas suas meditações, só pedia uma coisa, que Xangô fizesse justiça, que Iansã, de quem Florinda era filha, fizesse por ela o melhor.

Quando atravessaram a porteira da fazenda, Mãe Preta sentiu o rosto de sua filha se transfigurar, pegou sua mão, estava fria. Num gesto de compreensão indagou-lhe se queria voltar dali. Respondeu que não. Já que estava ali iria até o final, Oxalá que a protegesse e lhe desse forças nestes momentos de difícil definição. Nunca, nunca isso aconteceu comigo.

– Nunca ninguém me meteu medo, nunca. Ele nunca me fez nada mãe, nunca me propôs nada, mas sua presença me mete medo.

– Óie, minha fia, Oxalá sabe o que qui faz, e eu, tua Mãe preta, to aqui prá te ajudar, prá te apoiá, naquilo qui essa pobre veia pude fazê por ocê.

Florinda abraçou Mãe preta e chorou, a velha afagou-lhe os cabelos que de tão preto pareciam quase azuis, enxugou-lhe as lágrimas:

– Seja forte minha fia, cabeça pro alto, vai sair tudo bem.

A cada passo que era avançado na estrada, Florinda sentia o coração bater mais forte, uma vontade de dar meia volta e correr e não mais parar, vontade de gritar, de chorar, vontade de sumir, mas agora não tinha mais jeito, a solução era encarar tudo com a maior firmeza possível.

Tobias, que estava impaciente com a demora, quando avistou Florinda e Mãe preta abriu um sorriso d'orelha a orelha, seu orgulho de macho conquistador, se estampou. Se pudesse, naquele momento, estenderia um enorme manto, todo cheio de pétalas de rosas, só para que o alvo de seus anseios não pisasse naquele chão sujo, onde todos pisam, se pudesse possuí-la-ia ali mesmo, na frente de todos, para que soubes-

sem que ele, Tobias de Azevedo, senhor primeiro da região, dono das melhores cabeças de gado, a maior fortuna de São Sebastião da Caatinga, era também o macho mais viril de todo o Município, o conquistador das mais belas virgens. Porém, nada disso podia fazer, pois mesmo sendo excelente jogador, excelente domador, aquela fêmea semi-selvagem nem sequer lhe pertencia. Estava jogando uma cartada, empunhando o laço para tentar domá-la. Conseguiria? Não sabia, mais valeria a pena.

Quando Maria viu Mãe Preta e a filha virem chegando pela estrada, pediu licença a Elisabete e foi ao seu encontro. Tobias, que estava por perto, aproveitou a deixa e foi caminhando também ao encontro delas. Quando Florinda percebeu a vinda de Tobias engoliu em seco, era sua hora decisiva. Lentamente foram se aproximando. Maria foi a primeira a falar:

- Sua benção Comadre Severina, pensamos que num viesse mais.
- São os deveres minha fia, por isso nós só pudemos chegar agora!
- Como vai moça Florinda, vai bem?

Tobias que tinha se postado atrás de Maria, volta e meia soltava olhares furtivos a Florinda. Quando Maria terminou seus cumprimentos Tobias beijou as mãos de Mãe Preta: Sua benção, Mãe Preta.

- Oxalá que lhe abençoe, a ti e sua família.
- Nós estávamos a sua espera, por isso ainda nem servimos o almoço. Virando-se para Florinda, olhou-a profundamente, Florinda baixou a cabeça:

– Sabe, Mãe Preta, a caminhada parece ter feito muito bem a sua filha. Esta mais bonita hoje.

Mãe Preta sorriu, um sorriso meio sem sal, e agradeceu: É talvez também a apreensão por ver José, que num vê a algum tempo.

Num gesto, para todos, de delicadeza, para ela de grande ousadia pois ali não reagiria de modo hostil, pegou-lhe a ponta dos dedos e colocou seus lábios sob o dorso de sua mão. Para quem olhasse, realmente pareceria um gesto da mais pura fineza. Porém só Florinda percebeu o quão audacioso era aquele homem, pois ao beijar-lhe a mão, além de

apertar-lhe a ponta dos dedos por entre os lábios entreabertos, fez passar a ponta de sua língua, duas, três vezes, na sua mão. Florinda recolheu rapidamente a mão indecisa, medrosa. Mãe preta percebeu alguma coisa no ar, mas foi tudo tão rápido que, nem ao melhor observador teria atentado para essa furtiva demonstração de amor.

Para Florinda aquele instante pareceu muito maior do que realmente fora. Quando pegou-lhe a ponta dos dedos e apertou ela teve vontade de tirar a mão. Porém aquela ousadia despertou-lhe um calor que nunca experimentara, dos pés a cabeça, seu coração disparou. A única coisa que realmente pode fazer foi tirar rapidamente sua mão e apoiá-la sobre os ombros de sua mãe. Tobias, como bom domador, sentiu a fraqueza de sua fêmea semi selvagem, percebendo que o caminho não era tão ruim assim. Com a chegada de Mãe preta e Florinda, Elisabete começou logo a providenciar a distribuição do almoço. Os vaqueiros começavam a falar alto, sob a ação da cachaça que rolava no terreiro há algum tempo. Tobias apresentou Mãe Preta e Florinda a Elisabete. Mãe Preta resolveu ficar ali bem perto de Florinda, como se fizesse dela um escudo, nas investidas que fatalmente continuariam, se adotasse outra posição. Florinda Continuava com os braços apoiados nos ombros de Mãe Preta, conservava ainda um olhar assustado, de quem tinha sido pega comendo um ato reprovável. Cumprimentou Elisabete com duas palavras e colocou-se novamente no seu mundo de pensamentos.

Mãe Preta, Maria, Raimundo e Elisabete conversavam. Tobias deixara-os ali e fora providenciar mais bebidas para todos. Para o grupo de mulheres abriu uma garrafa de licor e ofereceu. Todas aceitaram, e Florinda, porém diante da insistência de Maria e Elisabete, não teve outro jeito senão o de empunhar o cálice. A postura adotada pelas duas, para suas investidas, era ruim, não lhe permitindo uma abordagem mais efetiva, senão a de alguns olhares de soslaio, que deixavam Florinda cada vez mais embaraçada, José quando viu Florinda correu desengonçadamente para junto dela, Florinda pegou-o ao colo e ele desmanchou-se em sorrisos. As irmãs estavam felizes pois na festa do irmão estavam livres.

Quando o almoço foi servido, alguns vaqueiros, muito pouco sóbrios pela quantidade de cachaça, levantaram um brinde a José:

– Um brinde ao filho do companheiro Raimundo, viva José!

Todos em coro já com as vozes anasaladas responderam:

–viva! Viva inhô tobias, viva!

Tobias que se juntara ao grupo aproveitou a deixa, pediu silêncio e disse:

– Meus empregados e meus amigos que em acompanham na minha lida diária e que hoje comemoram comigo o batizado e o aniversário de José, meu afilhado e de Elisabete. Quero que compartilhem comigo, com minha família, com Raimundo e sua família nossas alegrias. Viva José, que já demonstrou que será mais um forte, nessa nossa região sofrida. “VIVA”! Gritaram todos.

– “QUE SIRVAM A COMIDA”, complementou Tobias.

Em seguida Tobias se juntou a Elisabete, que conversava com Mãe Preta, Florinda e Maria; abraçou-a ternamente, convidando a todos para se sentarem à mesa, cuidadosamente preparada por Elisabete debaixo do alpendre. Ao lado, outra mesa para as crianças.

Tobias sentou-se a cabeceira e foi distribuindo os lugares:

Raimundo assume a outra cabeceira, Elisabete fica a meu lado, a minha direita. Maria a Direita de Raimundo. Moça Florinda, por favor ao lado de Mãe Preta. Diga-se de passagem que a direita de Mãe Preta era também a esquerda de Tobias. Vinho posto à mesa novamente um brinde a José e às famílias, e o almoço foi servido.

Tudo bem planejado. Tudo, até ali corria a seu contento. Mesa pequena para seis lugares. Toalha de linho branco quase beirando o chão. Com o almoço servido, todos comiam e conversavam, menos Florinda que só beliscava. Mãe Preta, descontraidamente tomava seu vinho de boa safra portuguesa, esquecendo da proteção prometida a Florinda. A conversa animada, com Mãe Preta sendo o alvo as atenções, Florinda desde que chegara, muito pouco tinha falado. Por seu lado, Tobias incentivava Mãe Preta a falar, porém por debaixo da mesa só ele e Flo-

rinda, enrubescida, sabiam o que estava acontecendo. Abandonando as tradicionais botas, calçado com um mocassim bem confortável, quando todos sentaram-se à mesa de acordo com sua distribuição, algum tempo depois descalçou o pé esquerdo e começou a passar o dorso do seu pé por entre as pernas e as coxas de Florinda, que se ajeitava, que escondia as pernas por sob a cadeira, mas aquele pé atrevido a perseguia, tocando-lhe partes que outrora homem nenhum ousara fazê-lo. A conversa continuava, entre garfadas e goladas, com Tobias por sobre a mesa todo moral, e sob a mesma todo atrevimento. Nada, ninguém percebia, e seus dedos continuavam incessantes a tocar-lhes as pernas e as coxas, como se fosse deflorá-la. Quanto mais ele tocava, mais Florinda se encolhia e mais ele procurava, aquela pele macia úmida e quente de suor por medo, o que lhe aumentava mias e mais o seu desejo. De repente, José que corria no quintal, caiu esboçando um ligeiro choro, que foi a deixa que Florinda encontrou, levantando-se rapidamente para acudi-lo. Nunca um tombo fizera tão bem a ela como esse, que se viu livre dos atrevimentos de Tobias, com o pretexto de ficar com José pois ela terminara o almoço. Florinda continuou no terreiro com José ao colo, sob os protestos de Maria e Elisabete, que queriam sua volta à mesa. Neste momento, ninguém, nem nada, a tiraria de sua tabua de salvação: José. Tobias frustrado em suas pretensões, bem que no fundo xingou José, mas o que fazer? Seus pés conservavam até agora o calor das pernas de Florinda, já esta, com José, sentia-se protegida.

Foi nesse ambiente de alegrias e frustrações que o almoço terminou. Tobias contemplava ao longe, sua presa. Mãe preta regida pelo bom vinho e pelo licor, conversava euforicamente.

Aos poucos, os vaqueiros foram se retirando em direção a cidade, pois ainda queriam participar da alegria da festa do padroeiro. Florinda, desde a hora em que José levou o tombo, não desgrudava dele, esquivando-se das investidas de Tobias. Raimundo, que ainda queria voltar a cidade, começou a reunir as crianças para a sua retirada. Florinda, interrompendo a conversa de Mãe Preta, Elisabete e Maria, convidou sua

mãe a se retirar com Raimundo. Tobias ainda argumentou que era cedo, que ficassem mais um pouco, tomassem mais um vinho com eles. Raimundo retrucou, dizendo que a tarde não demorava e ele não queria andar com as crianças pela trilha escura. Mãe Preta concordou com Florinda em acompanhá-los, era mais uma barreira para ela as pretensões de Tobias. Despedira-se ali mesmo e partiram com Florinda levando sempre seu escudo, José. Tobias estava satisfeito, conseguira avançar alguns passos sem que houvesse uma reação negativa. Agora era aguardar uma ocasião para abordá-la sozinha, sem interferências e jogar o laço.

Raimundo, Maria, Mãe Preta, Florinda e as crianças tinham cruzado a fazenda e agora seguiam pela estrada. As crianças, de mãos dadas, cantarolavam, os adultos conversavam. Só Florinda e José não participavam. Aquela perdida no seu mundo de pensamentos confusos e José alegre por estar no colo, contemplava o caminho. Todos em casa, Mãe Preta e sua filha seguiram o seu caminho. Mãe Preta virou-se para a filha e falou:

–Viu, não te falei que podias ficar tranqüila, pelo que me consta ele num te faltou o respeito momento algum fia, ta vendo? Era só o medo seu, o diabo num é tão feio como se pinta. Florinda sem levantar a cabeça, murmurou:

– É mãe, num é tão feio assim não, e calou-se.

As duas seguiram atalho afora, Mãe Preta gingando e chocalhando como sempre e Florinda, linda, maravilhosa, com sua roupa branca, sua pele morena, seus cabelos esvoaçantes, contrastando com o vermelho do por da tarde. Espetáculo mais bonito impossível, parecia que os dois, moça Florinda e o arrabalde tinham sido feitos para se completarem, um para a beleza do outro.

Como a noite anterior fora cansativa e o vinho tivesse colaborado, Mãe Preta foi logo repousar. Moça Florinda continuou acordada, embora deitada em sua rede, os pensamentos a dominavam, era sua mão sendo beijada, eram os olhares, era aquele pé indecente a tocar-lhe as pernas. Tinha vontade de chorar, de mostrar, o quão audacioso era aquele

homem, porém não poderia fazê-lo. Quem acreditaria? Nem Mãe preta percebeu. Ainda sentia em sua mão o calor dos lábios de Tobias, suas pernas ainda pareciam estar sendo tocadas por aquele pé atrevido. Florinda se movia de um lado para o outro da rede. Mãe Preta ressonava. Florinda era toda suor, era toda medo, era toda desejos. Ao mesmo tempo em que pensava em repudiá-lo, mantendo a imagem de mulher inacessível, um calor violento a consumia. Por mais que mudasse de posição na rede, mais e mais, sentia os lábios e os dedos de Tobias, o suor escorria e pensava em tudo para esquecer aqueles momentos. Pensava em José, chamava por Iansã, porém naquele momento ela era muito mais Pomba gira do que Iansã, estava mais mulher do que moça. Neste mundo de fantasia e realidade foi que dormiu. Sono agitado, entre lábios, pés e línguas. Toda nua sob os olhares de Tobias e por mais que tentasse se cobrir, se esconder, mais a via nua, simples e bonita. Mais a tocava, mais se esquivava e ele sorria, um sorriso de poder, sem que conseguisse se libertar daquelas investidas.

Quando Florinda acordou, Mãe Preta estava de pé há muito tempo, Florinda continuava cabisbaixa, respondendo a mãe com respostas curtas. Mãe Preta percebeu que sua filha estava vivendo momentos difíceis, conhecia-a melhor do que a própria Florinda seus sentimentos, e procurou não insistir nas perguntas deixando-a bem a vontade. Florinda passou todo o dia entre os afazeres e a rede, com sua mente parecendo um quebra cabeças desmontado, o qual não conseguia montar.

Na cidade padre bento ultimava seus preparativos para sua volta. As carolas, como sempre, prestigiavam sua despedida. Helena era toda cuidadosa, preparando o farnel do santo padre para que ele utilizasse durante a viagem enquanto este contava o quanto tinha arrecadado para as obras filantrópicas de Salvador. O fim da festa foi também o fim do parque, o fim da agitação e a volta da monotonia interiorana, só quebrada por alguns fuxicos de comadres. Jerônimo, o pachorrento Prefeito, ainda teria mais dois anos de governo e estava realmente decidido a abandoná-lo.

V

Mãe Preta há muito tinha decidido que esse ano iria com um grupo de laôs, prestar sua homenagem à Iemanjá, na capital. Planejava tudo, chegaria com três dias de antecedência e ficaria na casa de um amigo, iria à festa, saudariam a orixá pedindo firmeza pois esse ano estava sendo regido por Iemanjá. Como a festa de Iemanjá era no dia 2 de fevereiro, sairia de São Sebastião por volta do dia 25, levaria um dia na viagem, se acomodaria e iria visitar Menininha, lá no Gantois. Visitaria também Olga e Pedro. Três elês de respeito que há mais de 10 anos não os via. Selecionou suas filhas e seus Ogans. Não pretendia levar Florinda, queria deixá-la cuidando do Peji enquanto estivesse fora, e como esta já fizera alguns partos sob sua supervisão, ficaria como sua substituta. Os três dias que se seguiram foram todos preenchidos com os preparativos. Nada foi esquecido. Tudo organizado. Na véspera da partida Mãe Preta aproveitou para ir com Florinda à casa de Anastácia e de Jurema que estavam para despejar por estes dias, veria como estavam as coisas e também deixá-las sob os cuidados de sua filha.

Na noite de 24 para 25, ninguém dormiu. O peji foi aberto, com os Ogans batendo até a saída para a cidade. Florinda se encarregou de mantê-lo firmado até a volta de sua mãe.

Quando o ônibus chegou, os filhos de Mãe Preta praticamente lotaram-no. Mãe Preta foi a última a entrar, sua filha não viera ver a partida, ficara dando continuidade aos trabalhos.

Florinda, nos dias que se passaram, não saiu de casa. Sentia falta de sua mãe, nunca ficara sem ela. Lembrava-se de quando era pequena e fora a Salvador para a festa de Iemanjá. Tinha vontade de ir porém Mãe

Preta preparava-a realmente para assumir o seu lugar dando-lhe, a cada dia que passava, mais responsabilidade. Já faziam três dias da partida e até agora tudo ia bem.

Mãe Preta, em Salvador, fora visitar Olga de Alaketo, com todo o ritual místico de entrada em uma nação que não é a sua. Troca de reverência, cânticos de saudações, por fim o encontro das duas. Nesta noite iria visitar Pedro e na noite seguinte Mãe Menininha. Até agora, nenhuma novidade, tudo ia correndo bem tanto com Mãe Preta quanto com Florinda.

Enfim o grande dia, 2 de fevereiro. Todas as nações se juntaram para saldar a Deusa das águas, Iemanjá. Mãe Preta organizou tudo, abriu seus trabalhos a beira do mar. Bem cedo as atividades iniciaram com o sacrifício dos animais. Após cumprir todo o ritual, à tarde, começaram os preparativos das respectivas comidas e as oferendas aos voduns (orixás na nação jejo). É noite, teve início a cerimônia, com a participação de todas as nações. Mãe Preta iniciou com o pade de Exu, mensageiro aos orixás da África, dos apelos dos filhos de santo do Brasil. Mãe Preta selecionou sua Dagã e sua Sidagã para realizarem frente a um copo d'água, o alimento de Exu. Ritmando seus gestos, Dagã e Sidagã levaram o copo e o prato e o depositaram na encruzilhada mais próxima. Com a volta das duas, foram iniciados os trabalhos com Mãe Preta cantando e dançando em louvor à Iansã, protetora de Florinda, para que lhe desse forças para manter seu peji.

Quando começou a dançar eis que pula repentinamente no terreiro, dançando efusivamente, Exu em forma de mulher, toda sorrisos, toda mulher de sete Exus. Mãe Preta rapidamente convidou-a a se retirar, respeita-se o seu Enda. Pomba gira dançava cada vez mais livre dizendo a todos que aquele dia também era seu. Mãe Preta logo percebeu que as coisas com sua filha não deviam ir bem. O que estaria acontecendo? Depois de dançar incessantemente se retirou e aí sim, Iansã assumiu seu lugar e dançou. Mãe Preta preocupada continuou com o ritual.

Por sua vez, em São Sebastião da Caatinga, Florinda tinha sido convocada para ir à casa de Anastácia, pois esta começara a passar mal, con-

firmando as preocupações de Mãe Preta. Em lá chegando, a resolução foi muito fácil. A criança nasceu uma hora depois. Ela cuidou de tudo e se retirou rapidamente. A tarde já vinha surgindo quando tomou o caminho de volta. Preocupada em chegar logo em casa para cuidar do peji, vinha célere pela estrada quando de repente ouviu um tropel de cavalo, quando recuou para o canto o cavaleiro parou. Era Tobias, em pele e osso, Florinda tremeu, as pernas bambas, o rosto pálido:

— Boa tarde, moça Florinda, que feliz coincidência encontrá-la! Florinda, sem graça, aterrorizada só balançou a cabeça:

— A tarde caindo deixa você muito mais bonita sabia?

Florinda não dizia nada.

— Que que esta havendo, esta com medo de mim?, parece nervosa Florinda murmurou:

— Não, não inhô, só tou cum pressa.

— Ah! Esta com pressa, então deixará de tê-la, levarei você em casa:

— Num precisa não inhô, pode seguir seu caminho, num se preocupe cumigo não.

— Não me preocupar com você? — Falou Tobias apeando do seu manga larga — É a mesma coisa que não se preocupar comigo, sabia, há muito tempo você é um pedaço de mim e você sabe disso, já tive a oportunidade de lhe mostrar o quanto quero você, só espero sua ordem para torná-la feliz.

Florinda estava desfigurada, o temor de qualquer coisa daquele homem deixava-a praticamente sem voz, e num esforço descomunal gritou com todas as forças que conseguiu:

— Suma daqui, vá embora, desapareça da minha vida, vá para junto de sua mulher que o espera.

E ela, que sempre fora forte, sempre valente, chorou um choro de medo, um choro de indecisão, choro de amor e ódio. Tobias sorria, gostara daquela reação:

— Moça Florinda fica mais bonita ainda, assim. E num gesto de total audácia começou a afagar-lhe os cabelos. Florinda ainda tentou re-

primi-lo porém ele continuava mais e mais, suas mãos deslizavam por seus cabelos, por seu pescoço. Florinda queria correr porém suas pernas eram de chumbo. Tobias continuava com suas carícias, a mão percorria-lhe a face, o pescoço, o ombro. Florinda numa última tentativa ainda balbuciou:

— Me deixe, vá embora. Tobias agrediu seu pudor mais ainda, com seus braços rijos trouxe-a para junto de si, encostou seu rosto, molhado por lágrimas, em seu peito atlético, encostou seu corpo no dela, continuando a acariciá-la. Por mais que tentasse se desvencilhar dele não conseguia, suas forças eram nenhuma. E o calor do corpo de Florinda, as lágrimas, a rebeldia dela, aumentavam mais o desejo de Tobias. Já sentia toda a volúpia de amor daquele homem tocá-la e não tinha como fugir, dominada pelo medo, dominada por ele, estava a mercê de sua sorte. Tobias abraçou-a fortemente, como se quisesse colocá-la fazendo parte dele. Beijou-lhe o rosto molhado, beijou-lhe os ombros. Florinda, que até agora era resistência, foi se deixando dominar.

As carícias já lhe tocavam fundo, Florinda desejos, Florinda mulher começou a surgir, a nascer, sensações nunca sentidas começaram a ser despertadas. Era como alguém que nunca conhecera o dia, somente a noite, e um dia lhe apresentaram. Suas pernas tremiam, Tobias apertava-a mais ainda, mordida-lhe o pescoço, sugava-o e finalmente beijou-a. Beijou seus lábios de sangue sugando-lhe até as entranhas. Florinda não mais resistiu, se entregou. Tobias continuava sua conquista, tinha jogado o laço, tinha domado a fera. Agora só lhe restava montar. Florinda, agora toda desejos, toda mulher, aceitava as carícias totalmente esquecida da resistência imposta. Tobias acariciava-lhe e ela presa ao seu tronco se contorcia, o pendão de amor de Tobias tocava suas pernas, aumentando seu desejo. Tobias cada vez mais insinuante, transformava Florinda em um poço de desejos. Desnudou-lhe os seios rijos, pequenos, atraentes e acariciou-os. Florinda mordida os lábios sussurrando, Tobias beijou-os demoradamente. A noite, já caída, ocultava-os. Depois de despertar em Florinda todo um potencial guardado e desejado por

todos, deliberadamente Tobias cessou seus impulsos, soltou Florinda e esta parecia acordar de um sonho impossível, mais sonho realizado do que pesadelo. Tobias não a possuiu por prudência, não era isso que tinha reservado para ela. Florinda, toda vergonha, ajeitou sua roupa, não o encarava, seus olhos fitavam o chão. Tobias tomou a iniciativa:

— Florinda, muito mais tenho para você mas não nestas circunstâncias, quis te mostrar sim, o que sinto por você. Agora sim, quero lhe propor, quero que seja minha, terá tudo, lhe darei casa e farei de você uma mulher como merece ser, mas terá de ser só minha, viverá para mim, para o meu amor, serás feliz, bem certo serás. Te darei tempo, pense, pense. Eu lhe esperarei aqui, amanhã quando o sol se por, se vieres, seremos felizes, se não vieres não mais a procurarei. E, montando rápido, partiu a galope, deixando ali, Florinda, moça com sentimento de mulher, com a chama do amor acesa, com um caminho a escolher.

Permaneceu durante muito tempo ainda parada, imóvel, sem ação. Despertava do mundo que recusara, que nunca imaginara poder um dia estar, ela que vivia somente para Mãe Preta, somente para os Orixás, agora era também Florinda iniciada nas trilhas do amor. Sua volta à casa foi vagarosa, as palavras finais de Tobias deixaram-na totalmente confusa. Poderia ter feito com ela o que bem quisesse, porém não o fez, lhe propôs até uma vida melhor, apoio. Mas era casado, conhecia Elisabete, não poderia fazer isso, e Mãe Preta, o que pensaria dela? Se fizesse isto ficaria mais baixa do que uma quenga pois estas se vendem sem amor, sem conhecer a quem se dão, é sua profissão, e ela se daria por amor, a quem ela sabidamente conhecia que pertencia a outra, que dormia com outra, e no fim das contas ela seria a outra. Mãe Preta a reprovava para o resto da vida. Mas por outro lado, o desejo, a volúpia, a ansiedade por se entregar era muito grande, era a face oculta que começava a aparecer, eram as flores que nunca colhera que começavam a desabrochar, e porque não colhê-las se ela as tinha plantado. Com imagens das mais conflitantes finalmente Florinda chegou. Se deitou na rede, ficou debulhando suas pétalas, desmanchando-se em pensamen-

tos que não lhe davam qualquer solução. Se esquecera de tudo, de todas as obrigações. A mente lhe corroía toda, a experiência vivida, volta e meia a fazia tremer e ela sem mãe, sem ninguém, não tinha com quem se abrir. Agora era ela e ela só, a decisão teria de ser sua. E Mãe Preta, porque meu Deus, porque fazer isto comigo, porque me jogar neste fogo que nem sequer me permite fugir. É o eu contra eu, é minha vida contra minha vida. Que poder tem esse homem que não me deixa respirar por mim, não me deixa pensar livre, não me deixa viver pros meus orixás. Quantas vezes soube dizer não, quantas vezes minha indiferença inibiu os que de mim se aproximaram e agora minha indiferença nem sequer espanta esse homem, pelo contrário, animou-lhe mais ainda. Que faço de mim, quero e não quero, sonho e não sonho, arden-do-me em minhas descobertas, culpando-me por minha inércia. Florinda abatida, mortalmente ferida, deitada na rede ficou sem ao menos poder definir-se.

Em contraposição, Tobias era só felicidade. Aquele encontro fora totalmente casual, não planejava nem sabia. Tinha ele ido fazer negócios na cidade e nem ao menos imaginava encontrá-la, porém encontrou, e aquela casualidade lhe trouxe o que ele tanto desejava, Florinda, de corpo e alma. Chegando em casa Elisabete estranhou seu contentamento porém ele atribuiu-o aos lucros obtidos com os negócios feitos, o que não deixava de ser verdade Seus desejos incontidos foram descarregados em Elisabete. Naquela noite Elisabete virou Florinda e Tobias a possuiu com toda a audácia, com todo o fulgor de um macho. Elisabete exultava. Ele, que há muito a tinha quase que por obrigação, retribuição aos serviços prestados, nesta noite fê-la sentir-se novamente mulher e pela manhã, com os olhos ainda marcados pela noite mal dormida porém bem vivida, sua aparência era de mais pura felicidade, voltara a se sentir mulher e Tobias prosseguiu o seu caminho.

Em Salvador, Mãe Preta aguardava ansiosamente o momento de poder voltar. Combinara de retornar no dia seguinte e agora não tinha mais como retroceder. Cumpriu o ritual da melhor maneira possível

porém sua filha não lhe saía da cabeça. Que estaria acontecendo, Tobias lhe fizera alguma coisa? Porque Pomba gira pular de frente? Porque?

Florinda dormiu mal e em seus sonhos o desejo era maior do que a fuga. Se sentia possuída, via Tobias por todos os lados. Via Mãe Preta a reprovando, Mãe Preta que não cansava de comentar sobre a honra de sua filha que não se dava a ninguém. Tomou uma resolução, não iria encontrar com Tobias e ele a abandonaria, pelo menos foi o que prometera, esconderia sua face novamente, mataria suas flores, esqueceria Florinda mulher, manteria a imagem de Florinda indiferente, seria fiel à Mãe Preta, seria fiel aos orixás. Não, não podia nem deveria. Tobias contou nos dedos os minutos e os segundos aguardando ansiosamente o cair da tarde. Já fora à cidade duas vezes, percorrera o pasto, rebanhara o gado, mas o tempo não passava, o tempo parecia querer parar. Os minutos pareciam horas e ele não conseguia fazer acelerá-los. Uma hora antes do cair da tarde lá estava ele no mesmo local, a espera, queria jogar sua cartada definitiva, Florinda por sua vez decidira não ir ao encontro, porém com a hora se aproximando, conjugando dois desejos, o de ir e o de negar, resolveu ir para lhe dizer pessoalmente sua decisão. Caminhou em direção ao lugar marcado, já não com ares de tão moça e sim com ares de amante, porém no fundo negava, negava tudo que fosse contra a confiança que Mãe Preta depositava nela. Tobias impaciente olhava a estrada a procura de sua imagem. Quando a viu sentiu-se vitorioso, jogara e não perdera, lá vinha conjugando harmonia e beleza, sempre de branco, sempre contraste, parecia que o branco fora criado especialmente para ela. Quase que não aguarda sua chegada, sua vontade era a de sair correndo a seu encontro diminuindo a relação tempo espaço entre eles porém aguardou-a passivamente. Quando Florinda se aproximou esticou os braços para recebê-la como que querendo quebrar sua inibição. Florinda permaneceu imóvel:

— Boa noite moça Florinda, que bom teres vindo, não me acostumava com a idéia de ter que viver sem estar ligado a você. Com você a meu lado me sinto mais jovem, mais seguro.

Florinda ainda não tinha dito uma palavra, a meia distância entre os dois não permitia a Tobias tocá-la. Florinda olhou-o friamente, seus olhos negros o fitavam amplamente. Algum tempo depois, começou a falar:

— Inhô Tobias, vim ao seu encontro para conversar seriamente com Inhô. Num aceito não, a proposta que me fez ontem. Inhô sabe a confiança que Mãe Preta deposita em mim e num quero fazer ela sofrer não. Não foi para viver com homem casado que me criou. Quero inhô, que esqueça que eu vivo, quero dormir sem pensar, quero ser eu.

Tobias escutava tudo olhando serenamente. Sua vontade era a de agarrá-la ali mesmo, quebrando de vez o orgulho de moça Florinda, porém diplomaticamente a ouvia.

— Nós é gente humilde mas gente de decência. Sempre fui motivo de orgulho para Mãe Preta. Agora vem inhô cum proposta de montar casa cumigo, deitar rede cumigo sem ao menos saber o que eu penso, respeito muito sua muié Elisabete, viva para ela, o conforto que inhô me prometeu dá a ela e seus fios. O que vão pensa de inhô e de mim. Num sou uma muié da vida. Sou moça honrada, me deixa vive para os meus santos, saia da minha vida, saia da minha cabeça, inhô Tobias.

Florinda procurava ser o mais fria possível não demonstrando o seu real desejo, ali, naquele instante, que era a de se entregar aquele homem que a sufocava, que despertava nela o mais nobre sentimento, o desejo de amar, pura e livremente, a chama acesa queimava-a, seus lábios falavam mas no fundo queriam ser beijados, seu corpo estático, inerte, na realidade queriam ser uma pluma que ao menor sopro de amor perderia seu rumo e se lançaria daqui para lá e de lá para cá, num vai e vem cadenciado pelo ritmo do desejo. Mas ela negava tudo, negava seus sentimentos em prol da confiança de Mãe Preta. Tobias a tudo ouviu sem dizer uma palavra, a olhava simplesmente. Quando terminou ele deu um pequeno sorriso, fitou-a profundamente e disse-lhe:

— Moça Florinda, ouvi tudo que você quis me dizer porém não aceito, não aceito porque você veio aqui, se não me quisesse também

não teria vindo. Foi ou não esta minha proposta?. Veio porque me que-
res não por que me odeia. Se alguém tem direito de decidir sobre sua
felicidade este alguém é você e você será feliz ou infeliz, independente-
mente da opinião de Mãe Preta, de Elisabete ou de quem quer que seja.
Meus sentimentos por você são sinceros, puros. O que lhe proponho
não é ser uma quenga, lhe proponho ser uma mulher feliz, será que não
entende?

Florinda balançava a cabeça negando, seus cabelos negros esvoaçava-
vam, seus lábios continuavam negando:

— Não, não, por favor inhô, vá embora, me deixe, me liberte. Seu
corpo era todo desejos.

Tobias não falou mais nada, avançou um passo, pegou-lhe as mãos,
que ela não negou, beijou-a. A noite já os encobria, abraçou-a, beijou-a
e ela continuava sua negação:

— Por favor, inhô, por favor.

Tobias sabia que venceria, a fera estava domada, porém precisava dar
tempo para que ela entendesse seus sentimentos. Depois de acariciá-la
por mais algum tempo, depois de injetar-lhe nas veias o calor do desejo,
soltou-a novamente e propôs-lhe:

— O que você quer? Quer que vá falar com Mãe Preta? Vou agora.
Quer que largue minha família por você? Largo agora, diga o que você
quer, vamos falar com Mãe Preta.

— Por favor inhô, num quero nada disso não, pense em mim, pense
no que Mãe Preta vai pensá.

— Ora, Mãe Preta, Mãe Preta, sempre Mãe Preta. Não é Mãe Preta
que eu quero, eu quero é você Florinda, e essa sim, me tira o sono, não
é Mãe Preta.

—Mas é minha mãe, foi quem me criou, devo a ela satisfação e
obrigação.

—Criou-lhe certamente, mas não é sua alma, não é sua vida, quem
decide por você é você não ela, daria a ela satisfações, lógico, mas quem
decide é você. Vamos lá, vamos falar com ela agora.

— Não inhô, agora não, ela num ta nem aí, ta na capital e num quero que inhô fale com ela sobre este assunto, mataria minha mãe de desgosto.

— Olhe Florinda, eu vou me embora, não quero que a vejam e pensem mal de você mas não desisto, pois sei que você gosta de mim, por isso resolva e o que você achar melhor eu aceitarei, passarei por aqui toda segunda-feira neste horário, se dentro das próximas quatro segundas-feiras não apareceres, cumprirei o meu acordo.

Montou e partiu novamente deixando-a ainda mais confusa que antes, mais mulher, mais amante, menos Florinda, menos virgem dos lábios de sangue. A noite caída, a lua como testemunha, lá voltou moça Florinda, muito mais desamparada, muito mais ligada a Tobias que a Mãe Preta, muito mais convicta dos seus sentimentos de amante, porém Mãe Preta não lhe saía da cabeça, que pensaria dela?, toda a confiança depositada nela iria por terra, toda a dedicação com que ela a tratava, a filha que não tivera, a dona do seu santé quando ela cufasse, e agora traía toda sua esperança, tudo aquilo que por tanto tempo foi cultivado logo impunha suas vontades, lhe despertara o desejo de ser mulher, de ser amante, de se entregar, de morrer de tanto amar, ela que até algum tempo atrás morreria por Mãe Preta. Noite de divagações, de anseios, de dúvidas. Tobias não lhe saía da cabeça, Mãe Preta também não.

Tobias estava convicto de sua posição de vencedor, não perderia esse jogo nunca. Poderia ter conseguido tudo ali naqueles instantes pois ela se entregaria. Pura, toda, porém não lhe convinha este tipo de agressividade, não queria que sua imagem na cidade fosse a de um conquistador bárbaro de beira de estrada, queria sim que todos o vissem como o senhor todo poderoso, que conquistou o que todos os homens queriam e que não deixaria mais para ninguém. Era ele, só ele e mais nada. Não importava para ele que os cochichos da cidade chegassem até sua mulher pois não seria a primeira vez que ele faria semelhante coisa, só que desta vez seu alvo era muito mais alto, diferente totalmente das con-

quistas anteriores que sempre deram em nada. Das outras vezes as conquistas lhe foram muito mais fáceis, eram algumas ofertas, meia hora de conversa e lá estava ele, deitando na rede. Com Florinda era diferente. Já se passara um ano desde que a vira pela primeira vez, teve que botar toda sua inteligência para funcionar, não adiantaria lhe oferecer o mundo, as estrelas, não. Precisava sim despertar dentro dela os sentimentos de mulher. Por isso aquela mulher era fundamental em sua vida. Era em tudo diferente, não era o seu dinheiro, que seria o importante, não, ele é que teria que ser o mais importante, era essa a diferença fundamental, era o algo mais, era o sentimento maior de macho, de macho conquistador que se impunha.

Mãe Preta já viajava de volta, toda preocupação com sua filha. A imagem de Exu mulher não lhe saía da cabeça. Confiava em sua filha, não confiava em Tobias e tinha quase que certeza que tinha aprontado alguma. O que não sabia, mas tinha toda a certeza, que era ele, o causador. Estava toda pensativa, enquanto o resto dos seus filhos se divertiam ela permanecia calada, coisa que não lhe era comum. Em casa, Florinda era toda pensamentos, não se esquecera do peji, bem certo, porém vivendo num dilúvio de incertezas. Durante a viagem, Mãe Preta só saiu do carro uma vez, ficando o resto da viagem ali sentada, tentando decifrar o enigma.

Quando chegaram a São Sebastião foram todos direto ao terreiro de Mãe Preta para encerrarem os trabalhos. Já era noite quando todos chegaram. Florinda os esperava com tudo pronto. Quando viu Mãe Preta chegar correu para ela, abraçou-a pediu-lhe a bênção e as lágrimas desceram. Mãe Preta abraçou-a ternamente, beijou-lhe a face, enxugou-lhe as lágrimas e disse-lhe:

— Vamos encerrar o peji, depois nós conversamos.

O ritual de encerramento foi rápido, com todos já muito cansados, duas horas após não havia mais ninguém, Iakekere foi a última a se despedir. Florinda permaneceu o tempo todo calada, a espera de poder contar tudo a sua mãe. Quando todos se retiraram não precisou falar nada, Mãe Preta mesmo tomou a iniciativa:

— Não precisa ter medo de sua mãe fia. Sou uma preta vieia, sofrida, cansada, calejada pela vida, aprendi a enxergar no escuro pois pior cego é aquele que num qué vê, e eu vejo, que neste momento, embora tuas palavras possam negar, teu corpo não nega, teus olhos não negam, tua alma não nega. Quando cantei para Iansã, que pulou Exu mulher, senti logo que a mulher que existe dentro de você se despertava apagando a imagem da minha flor, da minha pequena Florinda. Esta que permanecia somente escutando, abraçou-se a sua mãe e chorou lágrimas puras, cristalinas, que mais pareciam gotas de orvalho a rolar por sua pele invejável.

— Agora vá fia, conte a sua mãe o que aconteceu durante a minha ausência. Num fique cum medo que eu a repreenda. Quem me criou foi a vida e dela eu aprendi que nada é impossível, ela tem mil faces que por mais que nós tentemos descobrir qual será a do amanhã, nunca conseguiremos.

Florinda, ainda com lágrimas, contou-lhe tudo, sem deixar de mencionar nada, nem um detalhe. Mãe Preta só escutava, e a cada palavra via em Florinda cada vez menos sua filha e cada vez mais a mulher que despertava. Quando ela terminou Mãe Preta abraçou-a, encostou sua cabeça em seu peito ternamente e disse-lhe:

— Sei que tu ta pensando que acho você a pior das muié, porém tu te engana, você inda num conhece essa véia. Num é o que ta dentro de mim. Lógico que por uma questão de direito e respeito a minha casa, não posso acoitar dela esse tipo de coisa, porém, por respeito aos teus sentimentos sempre serei tua mãe pro que der e vier, porém o teu caminho é você quem faz, e seja qual for a sua decisão, eu aceitarei, sem um mínimo de reprovação a você, fia. Se tu, mesmo sendo infeliz, quiseses se guardar e permanecer fiel a esta casa, procurarei amenizar teus sofrimentos, mas se quiseses ser feliz amando ao homem que a enfeitiçou, então vá fia, vá e seja feliz, e a hora que você precisar de mim eu aqui estarei tou sendo sempre para você a mãe que você num teve. Se há algo que nunca me ensinaram dentro de minha nação é o de cortar o sen-

timento puro de amor que vem de dentro de nós. Aceitando ou num aceitando num vou te reprovar. Serei sempre um apoio para você, vou estar sempre do teu lado porque, as vezes fia, agente qué olhar e enxergar a toda a nossa volta mas, só conseguimos enxergar o que vai na nossa frente, o que vai atrás de nós só imaginamos, sem a certeza de se é verdadeiro ou não. Pense e tome sua decisão. Minha casa estará sempre aberta a você, daqui não vou sair, mas você pode sair e se algum dia quiseres voltar eu estarei aqui de braços abertos. Florinda permaneceu ali durante muito tempo abraçada a Mãe Preta que carinhosamente afa-gava-lhe os cabelos. Sabia Mãe Preta que naquele instante teria que ser muito mais amiga do que mãe e seus sentimentos puros, impunham-lhe isto.

As palavras de Mãe Preta deixaram Florinda menos aflita, não estava mais se sentindo uma mulher da vida e sim uma mulher que tinha anseios por amar e perdida num labirinto de imaginações. Com um vulcão aceso no seu interior, dormiu.

Tobias dava prosseguimento a sua estratégia, continuava a amar sua esposa como nos primeiro dias, fazendo com que, de repente voltasse a apresentar a alegria de quando casaram, porém tudo fazia parte do seu ardil. Pela manhã, com o café tomado, sentou-se com Elisabete na rede, debaixo do alpendre, e começaram a conversar. Tobias comentou com ela de sua preocupação com as crianças, estava achando-os muito arredios e que a provável causa seria pelo fato de viverem muito tempo afastados deles, dizia-se preocupado por eles e que não via solução para o problema:

— Tirá-los da escola para viver em São Sebastião, isso nunca, pois lá o melhor que havia em matéria de estudos era uma professora que ensinava a ler e escrever, a dona Beatriz, e esta já passava dos sessenta anos e não possuía também muito mais do que a instrução primária. Elisabete concordava com Tobias, achava realmente que a permanência das crianças fora do convívio deles, era ruim. Tobias foi então mais ardiloso na sua proposta:

— Não sei o que você vai achar mas creio que tenho uma solução. Você, há muito que não esta contente em ficar aqui sozinha, poderíamos ir todos para a capital, compraríamos uma casa lá, ficaríamos perto dos seus parentes, as crianças ficariam conosco e no período de férias, viríamos todos para cá.

— Mas, e a fazenda Tobias?

— Ah não, eu ficaria aqui comandando tudo durante a semana, no final dela, iria ter com você.

— Seria cansativo demais para você, ir e vir toda semana.

— Ora Elisabete, você já viu alguma coisa ser cansativa para mim.

A trama foi tão bem armada que Elisabete não percebeu nada, conseguira ele, com um pouco mais de desejo e um pouco de conversa, pouco a pouco, limpar o seu caminho. Colocou os filhos na frente, deu-lhe a opção que tanto desejava, sair daquele buraco, e para ele a opção de Florinda. Como as crianças estavam em férias, chamaram-nas e comunicaram-lhes a decisão. As crianças ficaram eufóricas, iriam morar na capital, junto com a mãe, sairiam do colégio interno, a notícia não poderia ser melhor. Tobias então deu prosseguimento a sua obra:

— No final das férias iremos à capital, compraremos a casa e mobilamos e no início das aulas estaremos morando lá. Elisabete perdia-se de tanto contentamento, não podia ser verdade tudo aquilo, era felicidade demais. Voltar para a capital, deixar aquele fim de mundo, era o que sempre desejou. Para Tobias os caminhos estavam todos abertos, poderia viver tranquilamente com Florinda e não tinha dúvidas de que ela o aceitaria e com a sua mulher na capital, sem que os cochichos, que fatalmente aconteceriam, chegassem até ela. Compraria uma casa discreta, num lugar mais ou menos afastado da cidade, porém não muito, onde pudesse chegar e sair sem ser visto.

Não admitia de jeito nenhum o recuo de Florinda, tinha quase que certeza que seria sua. Iria aguardar somente um novo encontro para tomar as providências. Já em relação a casa na capital, essa decisão era definitiva, mesmo que o impossível acontecesse, ou seja, Florinda não

mais lhe aceitar, pois assim teria mais liberdade e daria realmente uma cobertura maior aos filhos. E escreveria a um amigo na capital para que já fosse tomando providências, pois quando chegasse, algumas estariam selecionadas e escolheria a melhor. Na realidade essa era uma das jogadas mais caras da sua vida mas é o tal negócio, o melhor vinho, o mais velho, o da melhor safra é também o mais caro.

Florinda continuava no seu mundo de dúvidas. Mãe Preta tinha-lhe sido realmente muito mais nobre do que era comumente, porém só o caminho que lhe mostrou não era tudo para que assumisse uma posição definitiva, necessitaria de muito mais. Necessitaria ser ela primeiro, que pôr seus sentimentos em primeiro plano e isto não conseguia. Quando pensava, via sempre Elisabete na frente, que a punia, que a encarava, que a marginalizava. Tinha dúvidas se Tobias não a queria só para se aproveitar dela e depois abandoná-la. Tinha dúvidas sobre o seu futuro. Uma coisa tinha certeza, fosse qual fosse o seu destino, não abandonaria a nação de Mãe Preta nunca, nem seus ensinamentos. A semana foi-se passando, sempre nas mesmas circunstâncias, Tobias só confiança, Florinda só dúvidas. Tobias aguardava ansiosamente a segunda-feira, pois não via o momento de tê-la para si. Florinda desejava que o tempo parasse para que não fosse necessário tomar urna decisão, mas os minutos caminhavam, os dias e as noites também, e Mãe Preta, que sempre a ajudou pensar, desta vez tirou o corpo fora. Era ela, só ela e mais nada.

Segunda-feira chegou, após uma noite de sonhos, depois de sentir em seu corpo, todo o corpo de Tobias, e no sonho ela o aceitava sem negações. A tarde foi chegando e Mãe Preta via na sua filha todo o seu sofrimento. Poderia chegar para ela e lhe dizer:

— Vá fia, vá, sua alma quem pede, porém não podia nem devia. Não aguentava ver tanto sofrimento, tanta indecisão, mas o que fazer, como ajudar sem se comprometer.

Quando a tardinha veio caindo o fogo foi-lhe consumindo, suas mãos suavam em gotas, suas pernas tremiam, sua vontade era a de cor-

rer, correr e se jogar ^àquele homem, de terminar tudo, houvesse o que houvesse, e num momento de extrema indecisão saiu correndo para dentro de casa e se jogou aos pés do santé de Mãe Preta pedindo maleme, pedia maleme e chorava. Seu corpo tocara a terra e ela se contorcía toda soluçando, pedindo maleme, maleme como se tivesse pecado, e pedia perdão pelo seu erro. Mãe Preta aproximou-se dela, levantou-a e trouxe-a para junto de si, deitou-a na rede e ficou ali sentada a seu lado enquanto Florinda soluçava. Dormiu finalmente, de tanto cansaço, de pensar, de viver entre a cruz e a espada. Tobias tinha estado no local determinado por um bom tempo, a sua espera, aguardou-a e como ela não aparecesse sua vontade foi a de ir até a casa dela, retirá-la de lá custasse o que custasse. Porém tinha-lhe dado um prazo e no seu interior a certeza de que Florinda viria por livre e espontânea vontade, e por isso não se perturbou muito.

Na cidade já se comentava a ida da família Azevedo para a capital pois em cidade pequena as coisas são assim, paredes e portas têm ouvidos e quando uma pessoa comenta com outra, no dia seguinte todos sabem. No final de semana Elisabete, que voltara a ser uma mulher alegre, comentou com um grupo de amigas que iria morar em Salvador com as crianças. Foi o bastante para que no dia seguinte a novidade fosse assunto da maior importância em todas as conversas. Os simpatizantes davam-lhes todo apoio, achando corretíssima aquela decisão pois daria ^ Elisabete um pouco de conforto e de proximidade dos filhos, aliás coisa que sempre comentava com suas amigas. Já os adversários aproveitavam a deixa para tirar proveito:

—Agora vejam só, quem diria, filhos tradicionais da terra vão para a capital, mais assim mesmo, aqui enchem a burra de dinheiro e lá vivem as nossas custas. Nós e nossos filhos que nos danemos. Nossos filhos só tem como opção se sujeitar à velha dona Beatriz, os filhos dele estudam no melhor colégio da capital e como se não bastasse agora vão todos, e adivinhem quem vai mantê-los lá, quem vai manter os seus luxos lá, nós, os burros de carga. Entre elogios e críticas o assunto corria por to-

dos. De boca em boca, a notícia foi parar na casa de Mãe Preta, trazida por uma de suas filhas de santo, a Iaô Olinda, que não deixava de pedir abênção Mãe Preta um só dia sequer, aproveitando para contar as novidades da cidade já que morava lá. Quando Olinda chegou roça de Mãe Preta, encontrou Florinda deitada na rede, triste, com poucas palavras, pediu abênção e começou a conversar, a contar as novidades. Foi quando deu a notícia:

— Sabe o que corre na cidade, Mãe Preta? Não se fala em outra coisa, é que os Azevedo vão mudar para a capital.

Florinda que não participava da conversa, quando ouviu aquilo deu um pulo da rede que até assustou Olinda, Mãe Preta perguntou tranquilamente:

— Mas porque minha fia?

— Diz que eles vão para ficar junto dos filhos na capital.

— Quer dizer que vão sair todos daqui, perguntou Florinda.

— Não, retrucou Olinda, o que dizem é que só quem vai morar lá é Elisabete e os filhos, Tobias fica aqui para tomar conta dos negócios.

— Mas quem que deu esta notícia na cidade fia, indagou Mãe Preta.

— Parece que foi a própria Elisabete, Mãe Preta.

Florinda procurou não falar mais nada, saiu vagarosamente até o quintal pensando nas palavras que Tobias lhe dissera:

— Por você deixa tudo, até minha família.

Mãe Preta continuou conversando com Olinda até que esta se despediu. Em seguida foi ao encontro de sua filha:

— É fia, esse homem é mais inteligente do que nós pensa, agora ta dando jeito inté de tirar a família daqui por causa de você.

Florinda, no fundo gostara da notícia, pois uma das suas maiores dúvidas era realmente Elisabete, e agora com ela longe não precisaria se preocupar tanto, mas mesmo assim o sentimento de negação persistia. A notícia não lhe trouxera a liberação da dúvida. Já Tobias prosseguia com seus planos, tendo em mente coisas totalmente diferentes do que pensara dias atrás. Reformulara algumas coisas. A ida de Elisabete para

a capital lhe abrisse novas perspectivas, pensava inclusive de trazer Florinda para dentro de sua própria casa, dispensava as serviçais para irem com Elisabete para a capital e transformava sua Florinda em uma governanta, tudo isto para Elisabete, e uma amante para ele. Isto tiraria dúvidas e fuxicos da cidade e ela ali como governanta não levantaria as suspeitas de sua mulher. Tobias já escrevera para seu amigo em Salvador e esperava somente a resposta. Elisabete estava felicíssima, mudara totalmente, remoçara, criara novo ânimo, com a certeza de sua saída daquele buraco. As crianças, por sua vez, estavam mais contentes ainda, por saberem que não mais ficariam estudando internadas. Tobias conseguiu realmente motivar toda a família. Florinda continuava silenciosa em seu mundo de pensamentos, a fuga dessa segunda-feira não foi o bastante para libertá-la. Mãe Preta não se metia, conversava normalmente com a filha sem mostrar nenhum sentimento de contrariedade e só dava conselhos filha quando esta puxava o assunto.

Com o passar dos dias, novamente a ansiedade de Florinda e de Tobias. Nova segunda-feira se aproximava, será que conseguiria se enganar como na anterior, será que conseguiria deixar Tobias a sua espera para sempre? Ao mesmo tempo o desejo ardia dentro de si, a espera que ele a tocasse, ele a usasse.

Tobias não conseguia quase se conter, tinha vontade de ir até sua casa e tirá-la dos domínios de Mãe Preta, mas para isso na realidade, faltava-lhe coragem. Novamente segunda-feira chegou e Mãe Preta dessa vez resolveu ser mais imparcial ainda, foi fazer uma visita na casa de amigos não permitindo a ida de Florinda, deixou-a livre para que decidisse o que bem quisesse. Florinda andando em casa, Florinda andando no quintal, Florinda atada a uma teia como um pequeno inseto, sem saída, sem solução. A tarde chegando a deixou mais desesperada, sedenta de carinhos, sedenta das carícias do homem a quem amava perdidamente. De repente se pôs a correr loucamente pela estrada, ao encontro daquele que a transformara num poço de desejos, Tobias. Não via nada, não escutava nada, ia rapidamente pela estrada, tinha descartado

os últimos sentimentos de negação, tinha colocado uma pedra em cima das dúvidas, decidira ser ela, Florinda mulher, amante, Florinda de Tobias. Quando Tobias notou ao longe a imagem da mulher que tanto esperava, deixou de lado toda a sua imponência de macho conquistador e como um jovem apaixonado correu em sua direção, diminuindo a distância entre os dois, quanto mais rápido a tivesse em seus braços tanto mais tempo teria junto a ela. Os dois se encontraram em meio a estrada e dessa vez Florinda não recusou, se entregou sem receios, sem negações, escolhera seu destino. Tobias tomou-a aos braços, beijou-a, acariciou-a, trouxe-a para junto de si:

— Florinda, que bom você ter vindo, não imagina o quanto esperei por essa hora. Florinda não respondia nada, só se entregava. Saíram da estrada e sentaram-se embaixo de um pé de umbuzeiro com Tobias a abraçá-la a acariciá-la. Florinda se entregava, Florinda se entregava toda pura, Tobias dava vazão ao seu papel de macho conquistador. Florinda ardia em desejos, Florinda tremia, Tobias conquistava, o calor que saía do seu corpo atraía-o mais e mais. E Tobias continuava. Seus lábios tocavam novamente os seios pequenos de Florinda que se contorcia no terreno duro. As mãos de Tobias já tocavam sua vergonha, suas coxas, Florinda não negava. Florinda nem percebeu quando Tobias a desnudou, e continuou a beijá-la, transformava Florinda menina em Florinda vulcão, em Florinda mulher, seus lábios tocavam seus seios, moradia-os, seus lábios tocavam seu ventre, seus braços, suas costas, tocava-a toda. E num gesto de puro amor levou seus lábios a mais pura taça de cristal e sorveu com todo amor até a última gota do néctar de amor de Florinda que, quase desfalecida, sentia pela primeira vez as sensações de uma mulher de fato. Com a mesma audácia que a acariciou penetrou-a terminando com o mito de Florinda menina, jogando-a no mundo de Florinda mulher. Florinda tremia, Florinda gemia, Florinda sussurrava e Tobias a possuía com todas as suas energias, jogando para ganhar, ganhando para viver, vivendo para amar. Florinda parecia já conhecer aquele jogo, há muito tempo pois se comportava como a melhor das

amantes, seu corpo seguia o de Tobias marcando os movimentos deste. Entre beijos, abraços, pequenas mordidas, suspiros e sussurros entraram em êxtase, com Florinda sentindo o calor de Tobias a lhe tocar profundamente e ela sussurrava mais e mais, Tobias abraçava-a, apertava contra si e ela continuava com seu balé de amor na horizontal, levando consigo seu parceiro. Algum tempo depois, ainda deitados sob o pé de umbuzeiro, desfizeram o cenário improvisado com Tobias ajudando-a a se sentar. Abraçou-a simplesmente. Florinda estava com ar de felicidade, com ares de amante, mais mulher porém com feições de menina. Tobias tomou a iniciativa:

— Florinda, não era aqui que eu queria ter você mas sua atração foi tão forte que não me contive:

— Num faz mal, inhô, se vim foi porque quis, depois de muito sofrer tomei uma decisão, agora arcarei com ela, se me entreguei foi porque também desejava a inhô, agora se era só isto que inhô queria de mim pode ir.

— Que que é isto Florinda, quero-a muito, seria incapaz de usá-la nem que fosse para minha total infelicidade. Quero-a muito e quero que vá morar comigo. Nós agora poderemos ser felizes pois Elisabete vai para Salvador com as crianças e nós ficamos aqui sozinhos, vivendo um para o outro. Sabe, até mudei de idéia, de montar casa para você já que minha casa vai ficar vazia, levarei você para lá e aí poderíamos viver mais a vontade, serias a dona da casa:

— Não inhô, isso eu num aceito não, aquela casa é toda Elisabete, foi ali que ela viveu, foi ali que nasceu seus fios e seria muito baixo da minha parte viver lá. Se me quer monte casa como tinha falado antes, não me importo do que vão pensar de mim mas num quero ferir ninguém mais do que já vou ferir.

Tobias, mediante as ponderações de Florinda, não teve outra alternativa senão a de recuar e voltar aos planos antigos. Permaneceram debaixo do umbuzeiro durante algum tempo, a conversar sobre o futuro deles e prá não ficar muito tarde sua volta, resolveram se despedir com a

promessa de um novo encontro daí há três semanas, quando Tobias já teria definido todas as posições.

Com ares de felicidade de plena realização, Tobias chegou em casa e Florinda, muito mais mulher, também. Mãe Preta ainda não tinha chegado, passavam das oito da noite, resolvera realmente não interferir em nada, na decisão de sua filha. Quando Mãe Preta chegou Florinda dormia e para uma preta velha como ela, curtida pela vida, foi-lhe fácil interpretar aquele rosto de menina com ares de felicidade. E Florinda já não era mais sua, pertencia agora a outro mundo, o mundo dos que amam, como recriminá-la, como? Nunca, ela também já passar por isso com o negro João, agora era tocar o barco prá frente, sozinha, como sempre tocou.

autoengrafia

VI

No dia seguinte ao do encontro de Tobias com Florinda, Tobias levantou bem cedo e foi ao encontro de seus vaqueiros. Estavam reunidos quando chegou. Brincou com todos, chamando Raimundo para uma conversa particular.

Raimundo era cumpridor de seus deveres antes mesmo de Tobias apadrinhar José, depois disso melhorou muito seus serviços, era o primeiro a entrar e o último a sair, não queria nem de leve que dissessem que ele tirava proveito da situação para se encostar. Com isso conquistara definitivamente a confiança do patrão, que já o reservava para as tarefas mais difíceis. Agora não se limitava só a cuidar do gado. Saía com ele em suas andanças, a negócio, enfim era seu homem de maior confiança. Neste dia porém o patrão lhe reservara uma missão especial. Tobias não podia se envolver na compra da casa para Florinda e por isso mesmo encarregou ao seu homem de confiança, para muitos pode parecer contra-senso, Tobias confiar a compra da casa a Raimundo, pai de José, cujo nascimento deu a oportunidade de conhecê-la, seria de repente mostrar todo o seu jogo a alguém que serviu-lhe de instrumento para sua vitória mas Tobias não jogava para perder, nunca. Na conversa reservada com Raimundo a primeira coisa que ele falou foi na ida da família para a capital e que ele estaria fora por dois a três dias, pelo menos de quinze em quinze dias, por isso precisava de um homem de confiança para ficar no seu lugar, administrando e resolvendo os problemas da fazenda enquanto estaria fora. Por isso escolhera pela lealdade, pela dedicação e nunca pelo fato de serem compadres, a Raimundo. Ele teria o poder de tomar todas as decisões enquanto estivesse fora.

— Com isso logicamente darei uma responsabilidade maior a você, porém também melhorarei seu salário, agora eu preciso de um favor teu, no qual não vás comentar com ninguém, nem com tua família. Preciso que me compre uma casa nos arredores da cidade, não precisa ser uma casa muito grande mas quero uma casa confortável. Raimundo escutava-o sem nada perguntar.

— Quero uma casa para alguém da minha maior consideração. Irás comprar como se fosse para você, farás o que nela precisar, já até andei olhando umas e a que mais me agradou, pela localização, foi a casa do falecido Bento que fica no caminho de Macapira. Irás procurar a viúva e oferecerás a ela cinquenta cruzeiros pela casa, se ela aceitar, feche negócio rápido. Vou te dar o dinheiro para que tudo seja feito rapidamente. Irás ver a casa, farás a oferta e, em caso afirmativo, feche o negócio em teu nome, que na hora devida eu farei a transferência de nomes. Tudo que tiver de ser feito, faça, o resto deixe por minha conta mas lembre-se que não quero que ninguém saiba que sou eu que estou comprando. Se alguém souber, saberei que foi você quem contou e aí então perderei toda a confiança em você e nem os teus mais de vinte anos comigo e nem José o prenderão comigo.

Raimundo somente respondeu:

— Inhô pode ficar tranquilo que dessa boca ninguém vai saber nada, mas me desculpe a pergunta Inhô, como vou achar a muié do falecido Bento se depois que ele passou, sumiu da cidade, se mandou, num se sabe pra onde.

— Não te preocupes, disse Tobias, sei que Dona Anézia esta morando atualmente em Conceição do Cuité, junto com seus parentes. Você vai lá que vai conseguir achá-los.

Tobias quando escolheu a casa não escolheu-a somente pela localização mas também pelo fato da transação ser feita numa cidadezinha longe de São Sebastião, daí não haver problemas, pelo menos por agora, deixaria a escritura para ser feita em ocasião oportuna. Depois, não iria se importar muito visto que aí sua mulher já estaria em Salvador e os

fluxicos até lá demorariam um pouco a chegar. Não se iludia que quando alguém visse Florinda morando lá iria querer saber como e porquê, mas aí seus planos já tinham se feito.

Naquele mesmo dia Tobias libertou Raimundo para resolver o problema da casa, Raimundo foi até em casa, avisou a mulher que ia sair a negócios para o patrão e que talvez demorasse uns dois dias de viagem. Maria, como boa mulher, nada perguntou em relação à viagem e o marido, como um bom empregado, nada comentou. Brincou um pouco com José que começava a falar tudo, era seu orgulho, continuava forte, corria com Corisco o quintal todo. Tereza era seu par constante. Francisca não gostava de brincar com ele pois experimentara alguns empurrões e dele tinha medo. Raimundo pegou José, colocou-o sobre o lombo de Trovão e deu alguns passos com ele, era a brincadeira preferida do pequeno José. Adorava quando o pai o colocava a passear em Trovão. Raimundo fazia com o máximo prazer, queria-o a sua imagem e semelhança, não fora este sempre o seu desejo. Raimundo saiu mais cedo pois ainda teria que passar na casa de Tobias por causa do dinheiro e depois pegar o ônibus que passaria pela cidade por volta das onze horas.

Florinda acordou antes de Mãe Preta e quando esta se levantou pediu-lhe logo para falar. Mãe Preta, tomando seu café, escutou tudo que sua filha tinha a dizer. Florinda contou-lhe tudo o que se passou entre os dois, sua decisão de ir viver com Tobias e pedindo à Mãe Preta que a perdoasse pois sabia que no fundo a estava magoando mas iria lhe pedir uma coisa que não desejava que negasse: sua permanência como sua iaô, queria continuar no santo pois nascera, crescera e vivera até aqueles dias dentro dele e agora ter de ficar de fora seria-lhe uma grande desolação. Mãe Preta inicialmente disse-lhe que não estava magoada pois sabia que muito mais nobre que o nosso pensamento só são nossos sentimentos e o que você sente é o mais puro deles, só lamento as circunstâncias em que se darão, porém o homem que te fascina, que te domina, que te transformou em mulher, e na nossa lei nunca impedimos quem quer que fosse de seguir-nos, a nossa nação é clara, limpa, cris-

talina, é nação dos filhos de Obatalá, é nação de todos aqueles que de nós precisam e você é um deles. Minha casa e meu santé estarão sempre abertos a você. Espero que você seja feliz embora você mesma saiba que nunca serás vista como mulher e sim como amante, mas foi este o caminho por você escolhido, agora siga, vá em frente pois pior do que amar é se punir por amar e você me mostrou que és muito mais mulher do que nós imaginávamos, que só a víamos menina e você não é mais isso, é mulher agora, totalmente, no agir, no pensar e no falar.

Florinda olhava atentamente o rosto de sua mãe, sua pele bem preta, seus olhos escuros, amarelados, seus lábios grossos de onde saiam palavras tão ternas. Ela que sempre vira Mãe Preta como mãe, como sua babá, agora via também seu outro lado, a amiga, Mãe Preta conversando com ela, com a mente aberta como se tivesse também vinte anos. Florinda pegou-lhe a mão, beijou-a, trouxe-a ao rosto, uma lágrima molhou a ponta dos dedos de Mãe Preta que de pronto passou a afagar-lhe os cabelos negros, soltos. Florinda, no fundo, estava se sentindo feliz pois só ganhara, não perdera nada, sabia que quando a cidade descobrisse aquela união os comentários iriam ser violentos porém não se preocupava, viveria sua vida e pronto.

Raimundo voltara à fazenda de Tobias, nunca vira tanto dinheiro em sua vida. Tobias lhe dera mais cem para segurança e para que tivesse dinheiro para ficar na cidade o tempo que precisasse. Onze hora, lá estava Raimundo dentro do ônibus com destino a Conceição do Cuité, chegando por volta das cinco horas da tarde, colocando-se logo a procurar Anézia, viúva de Inhô Bento.

Quem já viveu no interior sabe que o lugar mais fácil de se obter informações ou é na barbearia, no armazém ou na pensão. E foi justamente num destes que Raimundo foi. Na primeira barbearia que viu entrou, perguntou e acertou. Perguntar por uma viúva, seja velha ou nova, numa barbearia é a coisa mais fácil, logicamente que o moral dos mesmos é elevada, porém lidam com todo mundo, homens principalmente, e viúva é sempre assunto de interesse. Com as informações

conseguidas, partiu ele ao encontro de Anézia. O encontro foi relativamente fácil pois morava nas proximidades da cidade. Raimundo, após cumprimentos respeitosos, foi direto ao assunto:

— Inhá Anézia, vim até aqui pra lhe fazer uma proposta. Moro em São Sebastião da Caatinga e queria dar um conforto maior a meus fios e minha muié por isso queria compra sua casa, lhe ofereço trinta cruzeiros por ela, agora, nota sobre nota. Sua casa esta lá, fechada e abandonada e com ela poderei dar alguma coisa a mais pros meus fios e minha muié. Vim aqui lhe procurar porque quero realmente comprar. Queria que a senhora me desse a resposta o mais breve possível.

— Anézia estava sem saber o que falar, não conhecia aquele homem rude que vinha lhe propor trinta cruzeiros por sua casa. Pediu-lhe um tempo para pensar e que voltasse no dia seguinte que teria uma resposta. A atitude de Raimundo em relação à compra não teve nenhuma orientação de Tobias. A oferta de trinta cruzeiros foi toda pensada por ele, pois sabendo da confiança que este estava lhe depositando, se conseguisse comprar por quase a metade do que pensara agradaria a seu patrão e aumentaria a confiança deste e ainda, quem sabe, poderia ganhar um dinheiro extra por bons serviços prestados. No dia seguinte, na hora marcada, estava na casa de Anézia, a espera de uma resposta. Anézia era uma mulher de seus cinquenta anos que com a morte de Bento, ficou sozinha e não tendo parentes em São Sebastião veio morar com seus primos em Conceição do Cuité.

A noite na casa dos primos foi movimentada pela possibilidade da entrada de um dinheiro maior que, quem sabe, poderia até ajudar para umas reformas na casa. A opinião geral era a de que ela deveria vender pois a casa esta lá se acabando, sem cuidados. Mas Anézia, se ofereceu trinta pede quarenta que ele dá, não seja boba. Com a chegada de Raimundo a casa ficou em polvorosa, no dia anterior só aparecera Anézia, hoje não, estavam lá seus dois primos bem vestidos e suas respectivas mulheres e filhos, e Anézia. Raimundo foi logo convidado a entrar. Ofereceram-lhe café, Raimundo tomou e foi direto ao assunto, sabendo

do que agora o cenário tinha mudado pois via a volta, uma série de lobos tentando morder a presa. Anézia quase não falou pois quem tomou a iniciativa foi Claudionor, um dos primos:

— Bem, o senhor, como é mesmo o seu nome?

— Raimundo Nonato, seu criado, respondeu.

— Sabe senhor Raimundo, a prima Anézia tem muito amor por aquela casa por isso nunca quis vender, embora tenham feito inúmeras propostas, porém agora nós conseguimos convencê-la a vender, visto as suas razões e também a casa estar se acabando, porém a uns seis meses atrás ela recebeu a mesma proposta por isso nós achamos que ela só deva vender por quarenta cruzeiros.

Raimundo olhou para todos e não titubeou:

— Olhe inhô, quarenta cruzeiros é muito pois ainda vou ter que fazer algumas reformas pra poder entrar lá e meu dinheiro todo é este. O máximo que posso chegar é a trinta e cinco cruzeiros pois ainda sobrar algum para as reformas mais urgentes e o resto faço com o tempo. Os primos se olharam entre si e só depois é que olharam para Anézia, para quem ia ganhar trinta, ganhar trinta e cinco era alguma coisa. Raimundo também esperava por isso quando viu os primos tomarem a iniciativa, mas mesmo assim saiu lucrando, quinze cruzeiros era dinheiro. Anézia foi convidada a dar a última palavra e com aqueles olhares fulminando-a não teve outra opção, concordou. Combinaram um encontro à tarde, no cartório da cidade só para firmarem um documento de cessão de casa e posteriormente firmariam a escritura lá em São Sebastião.

Raimundo saiu contente com o negócio feito. Tinha conseguido economizar quinze cruzeiros. No dia seguinte, à tarde, todos juntos no cartório, o documento foi feito, o dinheiro foi pago, com Claudionor recebendo-o, contando-o e guardando-o. Tudo terminado, Raimundo cumprira bem sua tarefa. Agora era voltar a São Sebastião. Algumas voltas pela cidade, umas cachaças aqui outra ali e na manhã seguinte lá estava, dentro do ônibus de volta. Quando chegou foi direto à fazenda,

falar com Tobias. Tobias quando o viu entrar saiu em sua direção para saber do resultado do negócio:

— Como é Raimundo, cumpreste sua missão?

— Cumpri, inhô Tobias. To aqui com os papéis.

Tobias convidou-o a retirar-se para longe da casa num lugar a ermo do pasto. Raimundo pegou os papéis e entregou a Tobias. Tobias pegou-o e começou a conferir e quando viu o valor da transação se espantou:

— Homem como conseguiste gastar pouco mais da metade do que lhe dei?

— Inhô, respondeu Raimundo, a casa Ta velha, abandonada, inhô sabe que perde o valor, ofereci trinta acharam pouco, dei mais cinco o resto é para a reforma. Tobias sorriu:

— É meu bom homem, estas te saindo melhor do que eu esperava, sorrindo pela conquista.

Raimundo devolveu-lhe o resto do capital e recebeu novas ordens, queria que começasse imediatamente a reforma. Raimundo havia inclusive tomado algumas providências. Sabendo do interesse do patrão e também que não queria aparecer, Raimundo contratou, em Conceição do Cuité, alguns homens para fazerem a reforma. Tobias novamente percebeu que estava certo quando escolheu a Raimundo como seu braço direito.

Com todas as estruturas bem definidas só restava agora a Tobias aguardar, dar tempo ao tempo. Com a separação dos dois Tobias retornou à casa da Fazenda e aí sim que Raimundo foi ver a sua família.

Elisabete aguardava com ansiedade a resposta de Salvador que lhe traria a confirmação da casa. Como sua ida era definitiva, desde o dia que conversara com o marido que preparava sua mudança. Da casa não levaria muita coisa, só o mais necessário. Compraria tudo novo em Salvador, agora chegara sua vez de também viver um pouco. Suas roupas usadas daria aos pobres, renovaria tudo na capital, roupas novas, dentro da última moda e para ela, que sempre fora vaidosa, seria a volta ao mundo perdido, era um sonho que se tornava realidade.

Não tardou muito a resposta de Salvador a casa pretendida dentro dos padrões estabelecidos foi achada. Localizada num dos bairros mais famosos da capital, o Canela, lhe custaria a pequena importância de oitocentos cruzeiros. Mas o que era um boi para quem possuía uma boiada?. Nunca uma jogada lhe saíra tão cara. Com a chegada da resposta, Tobias e Elisabete se apressaram na ida para Salvador para fechar o negócio. Nunca Elisabete esperou tanto por um dia como esse. Quando embarcou com destino à capital seu coração pulsava fortemente. Horas e horas de viagem, noite mal dormida no hotel, Elisabete não via a hora de fechar o negócio. Na manhã seguinte lá estavam no mais tradicional bairro de Salvador, onde tudo cheirava a dinheiro, com Elisabete vendo a casa que seria sua. Era um belo casarão, no meio de um grande terreno, todo cercado de grades, com jardins bem distribuídos. Grossas paredes brancas, terminadas em grandes janelões e portas de um tom marrom escuro se contrastavam. Eram cinco grandes quartos, um grande salão. Só em morar em Salvador já era o bastante para Elisabete ainda mais num casarão daqueles, no meio da alta sociedade soteropolitana, pra que mais?. Entre conversas e mais conversas o negócio foi realizado, escritura assinada agora era providenciar o mobiliário e gozar aquela felicidade o mais rápido possível. Entre idas e vindas às lojas levaram mais dois dias para comprar tudo o que era necessário e se foram, mais duzentos e cinquenta cruzeiros. Com tudo resolvido voltaram para São Sebastião ultimar os preparativos para a vinda, desta vez definitiva. Como as aulas das crianças começavam em março e já estavam na metade de fevereiro marcaram a ida para dali há uma semana.

Florinda continuava a ajudar Mãe Preta, a sua decisão não alterara em nada o seu ritmo. Tinha se libertado das nuvens pesadas que a cercavam. Aguardava somente o dia de ter que encontrar com Tobias para a decisão final. Saber quando passaria para a casa prometida, onde era e como era. O fato de ter uma moradia sua lhe soava bem e além disso Mãe Preta não a criticava, pelo contrário, a apoiava.

Raimundo convocara os trabalhadores e as obras na casa estavam adiantadas. Por instruções de Tobias Raimundo que aparecia pouco, porém todas as manhãs, bem cedo, lá estava. A velha casa de Dona Benta precisava realmente de uma boa mexida, casa com boas acomodações porém sem luxo. O movimento de obras na casa despertou a curiosidade das Candinhas São Sebastienenses que colocaram em ação toda sua rede de informações para saberem quem iria morar ali pois ninguém soubera de nenhum pretendente, e além do mais toda a transação deste tipo, na cidade, era logo notícia pelos caminhos mais curtos, o próprio cartório, e na cidade uma coisa era certa, diziam os agentes, ninguém comprou coisa alguma este ano. Era difícil acharem alguém pois além dos trabalhadores serem desconhecidos não se via ninguém da cidade lá. Na certa, diziam, é gente nova que vem por aí.

O tempo foi passando, as obras sendo feitas. A recepção de despedida dada por Elisabete e família a alta sociedade da cidade foi nota alta. Foi a notificação final e oficial de que realmente São Sebastião perderia um dos elementos mais representativos. Tudo foi feito no maior capricho, licores e mais licores foram oferecidos, litros e mais litros de ponche, brigadeiros e tudo mais compunham a festa de despedida. No fim, um fato real, a saída de Elisabete e família para Salvador e no fundo de cada uma daquelas mulheres havia um pouco de inveja pela felicidade da amiga, afinal de contas quem não queria morar lá. O novo endereço foi distribuído a todos os presentes com a observação de que quando quisessem poderiam ir lá e ficar algum tempo. Nunca esqueceria dos amigos.

Não havia mais nada a fazer. Tudo pronto para a partida Elisabete resolveu, por motivo de segurança e entrosamento, levar toda a criada para Salvador. Continuariam nos mesmos critérios, não mudaria nada. Havia porém um impasse, a casa da fazenda não poderia ficar sozinha, precisaria de alguém que assumisse as obrigações diárias e quem preparasse a alimentação de Tobias. Numa conversa com Tobias Elisabete ajeitou tudo. Tobias já acertara a permanência de Raimundo com

seu homem de confiança e propôs então que o melhor seria a vinda da família de Raimundo para onde morava a criadagem e estes assumiriam a tarefa de cuidar da casa. Seria inclusive a oportunidade de dar condições de vida um pouco melhores a José, seu afilhado, e à própria família de Raimundo. Tobias concordou com a idéia e fez questão que ela própria comunicasse a ele a decisão que tomaram. Convocado este, Elisabete propôs-lhe a mudança e os encargos. Como retribuição teriam melhores acomodações e também alimentação. Raimundo não titubeou, aceitou de imediato. Quando chegou em casa conversou com Maria e disse-lhe que iriam se mudar, passariam a morar na fazenda e ela e as filhas cuidariam da casa e da alimentação. Era a oportunidade de conseguir melhorar um pouco e quem sabe, mais tarde, até comprar uma casa para eles.

Quando as crianças souberam que iriam mudar de casa, que iriam morar na fazenda, ficaram todas alegres. A vinda de José parecia que coincidia também com a chegada da sorte, comentava Raimundo. José cada vez mais forte corria todo o quintal. É tarde já se acostumara com a chegada do pai e de Trovão e ficava aguardando-os pois se tornara rotina Raimundo colocá-lo montado em Trovão, dando umas voltas pelo terreiro. Maria foi até Elisabete, ouviu desta como queria que fizesse o serviço, a alimentação de Tobias, o cuidado com a casa. Segunda feira lá estavam, Tobias e a família partindo em direção a Salvador. A presença dos amigos se fazia notar. Na fazenda, Maria e as crianças começavam a ocupação, abandonando a humilde, onde ela e Raimundo viveram desde que se uniram, para viver dentro da fazenda de Tobias. As crianças estavam maravilhadas, entrando e saindo pela casa, descobrindo uma série de novidades a cada momento. Maria sabia que a tarefa seria árdua pois manter aquela casa limpa, fazer comida não seria fácil, mas em compensação a casa onde ficariam possuía acomodações de sobra para ela e os filhos.

Raimundo que ajudara o patrão a levar toda sua bagagem na cidade, quando voltou, reuniu a família e deu ordens expressas que iriam mo-

rar ali, porém não queria criança nenhuma dentro da casa de Inhô Tobias. Mariazinha, Tiana e Tereza iriam ajudar a mãe a cuidar da casa. Tobias ficaria fora por uma semana e neste período ele ficaria cuidando de tudo. A reforma da casa já estava praticamente no final, Tobias ficou de mandar de Salvador todo o mobiliário da casa por isso precisava que, quando os móveis chegassem, tudo estivesse praticamente pronto, os trabalhadores receberiam e aí poderiam se retirar.

Quando Tobias voltou a São Sebastião, no domingo seguinte, já com Elisabete e as crianças bem instaladas, encontrou a casa bem arrumada, banho preparado. Maria cumprira fielmente as ordens recebidas.

Tobias quis saber de Raimundo se tudo estava pronto, recebendo resposta afirmativa ficou satisfeito. No dia seguinte se encontraria com Florinda e programaria, sem muita demora, sua ida para lá. Até aqui tudo corria de acordo com seus planos. Em Salvador deixou Elisabete e as crianças muito bem instalados, tinha de um tudo, do bom e do melhor. Elisabete remoçara com os ares de Salvador, o riso lhe voltara à face. Na despedida é que ficou um pouco triste porém Tobias a acalmou com a promessa de voltar o mais rápido possível.

Florinda se preparava para sua vida nova. Aos poucos ia arrumando as poucas coisas que possuía, Mãe Preta deixava-a a vontade, sem muitas perguntas. Hoje seria o dia da decisão final. Na hora combinada, lá estavam Florinda e Tobias. Se passara um ano, porém Tobias conseguira. Parecendo dois namorados, de mãos dadas a conversar, na troca de longos beijos. Tobias mostrou-lhe a chave e disse:

— Esta tudo pronto, a casa é toda sua. Espero que gostes. É um pouco afastado da cidade mas não muito, num lugar tranquilo, é a casa do falecido Bento.

Florinda não se espantou, tinha quase que certeza que seria ela quando escutou os comentários de obras sem ninguém saber quem iria para lá. Conversaram muito naquela noite, não havia mais preocupação de hora nem de nada, eram só eles agora e o chão da caatinga, sentiu novamente o peso daqueles corpos a se amarem. Por fim tudo acertado, cha-

ves em poder de Florinda, mudar-se-ia quando quisesse, porém por boa norma, durante um bom período Tobias só apareceria à noite, depois que o movimento da cidade cessasse. Ficou combinado também que não ficaria sozinha, Tobias iria lhe arrumar uma dama de companhia para que a ajudasse nos serviços. Com a despedida o sabor da vitória.

Quando chegou, Florinda aguardou a chegada de Mãe Preta para lhe contar a sua decisão. Se mudaria, ainda esta semana, segundo os pedidos de Tobias. Mãe Preta, como fizera outras vezes, procurou se afastar de casa à tarde para deixar a sua filha a vontade, de maneira com que sua presença não fosse empecilho.

Por sua vez, Tobias vivia essa noite a sua primeira noite, depois de longo tempo, sozinho, livre. Sentado a beira do alpendre, fumando seu cigarro, chamou Raimundo para conversar:

— Raimundo, meu bom e fiel companheiro, tens me saído melhor do que imaginava, porém hoje quero conversar com você, de homem para homem. Você tem me servido e de ti não tenho queixas, porém uma coisa eu quero que tu saibas, por minha boca antes que alguém venha te contar. A casa que tu compraste, como já te disse, é para alguém da minha maior consideração, alguém de quem eu gosto muito e em breve você verá essa pessoa morando lá. Essa pessoa, conheci através de você, e por ela tenho toda a estima e não quero que você pense mal de mim ou dela pois de mim também tem estima.

Raimundo só escutava percebendo a volta que o patrão dava, evitando citar o nome da mulher. Depois de muito romancear Tobias disse:

— Raimundo, a mulher que lhe falo que tenho muita estima é Florinda, filha de Mãe Preta e queria que, se algum dia ela precisar de seus préstimos, sirva-a como se fosse a mim.

Raimundo, que a tudo ouvira calado, falou somente algumas palavras a Tobias:

— Oie Inhô, vou lhe ser sincero, podes ficar com a consciência tranquila, porque assunto de home e muié, só interessa aos dois. Eu sou seu empregado e lhe sirvo como Inhô me pede para servir, moça Florinda

também, eu servirei com muito gosto pois também lhe quero muito bem. Tobias se sentiu tranqüilo ao ver a face de tranqüilidade e sinceridade de Raimundo, conversaram mais um pouco e se despediram. Quatro horas da manhã, tinham que estar de pé.

Florinda não tardou muito em se mudar, antes do fim da semana lá estava ela, dona da casa. Quando entrou estava tudo arrumado. Era realmente uma casa, toda mobiliada, tinha até cama, ela que sempre dormira em rede. No armário uma surpresa, roupas e sapatos, tudo do melhor. A cada momento descobria coisas novas, assim como uma criança que nunca teve brinquedos e que de repente ganha e não sabe qual vai pegar primeiro. Passou o dia todo a botar e tirar vestidos, a calçar e descalçar sapatos. Sabia que à noite Tobias deveria vir pois era aquele o dia combinado. Quando Tobias chegou, por volta das nove horas, ninguém na rua, Florinda o recebeu mais bonita ainda, vestida e calçada com modelos que pareciam terem sido feitos especialmente para ela, ressaltando-lhe o busto, marcando-lhe as ancas, contrastando o negro dos cabelos e dos olhos, o moreno de sua pele com o amarelo ouro do seu vestido. A flor branca colocada entre seus cabelos dava um toque final e o cheiro de alfazema perfumava toda a casa Tobias não esperava tanto e naquela noite se amaram como se fosse a primeira vez, se consumiram, se entregaram até que os primeiros raios de sol vieram lhes dizer que era hora de se separarem. Aquele ambiente de total felicidade fez com que Tobias viesse lhe visitar todas as noites. Florinda sabia prendê-lo com palavras, com gestos, como mulher.

Mãe Preta, nas primeiras noites, se sentiu sozinha em sua roça, em seu imo sentia-se triste, porém não demonstrava em nada, nenhum dos seus gestos transparecia nada. Sábado, nação reunida, atabaques batendo, ela comandava festivamente seus filhos e Florinda neste dia foi a nota. Dançando como a mais mulher das iaôs, com a beleza de Iemanjá, a coragem de Iansã, o sentimento da Oxum e a volúpia da Pomba gira. Todos os seus irmãos da nação já sabiam que estava morando sozinha mas ninguém sabia porque, com quem. Ao final foi a última

a se retirar, queria conversar com sua mãe. Só bem mais tarde é que se foi.

Na cidade a notícia de Florinda morando sozinha, na casa do falecido Bento, soou como um rojão. Por essa ninguém esperava, era comentário geral. Ninguém sabia com quem, porém não se admitia que estivesse vivendo sozinha. Passado dois meses ninguém conseguiu saber nada, vinha às compras sempre com sua acompanhante, a menina Gertrudes que prudentemente Tobias arranjara em suas andanças por Senhor do Bonfim e que não tinha mais do que seus dez anos. As mexeriqueiras levantaram mil hipóteses, todos os dias mas ninguém conseguia concluir nada. Todos os fios da meada eram quebrados. Florinda continuava a ir à cidade, à nação, agora mais desejada ainda pelos homens. Não havia um que não a tratasse bem, com a esperança de poder freqüentar a casa do falecido Bento. Alguns beliscões foram gerados por alguns casais tendo sempre como figura central Florinda.

Na cidade o comitê das mexeriqueiras era comandado por Carlota, mulher de Chico Pinga, dono de um dos bares da cidade, razão de seu apelido. Carlota sabia de tudo, via tudo, sabia tim-tim por tim-tim os podres de cada elemento da cidade. Dava-se ao luxo de guardar datas, horas e locais, de tudo sabia, seus ouvidos eram antenas, seus olhos eram radares, tudo captava, só uma não, quem era o homem de Florinda. Tobias havia percebido os comentários da cidade e agora chegava sempre mais tarde, como margem de segurança. O comitê das mexeriqueiras reunia-se todas as tardes no portão de Carlota. Dele faziam parte: Emília, a mulher de Jerônimo, Antonia, mulher de Pedro Saraiwa, dono do cartório e Adalgisa, mulher de Dionísio sapateiro. Essas eram figuras constantes que, regidas por Carlota, sabiam da vida de todos. Carlota quase não dormia, era questão de honra, tinha que descobrir todo aquele enigma, qualquer movimento de cavalo, de pessoas nas ruas, que fosse percebido por ela, ia direto à janela para ver quem era e para onde se dirigia. Jurava a si mesma que iria descobrir custasse o que custasse. Passado algum tempo a situação era a mesma, seis meses

sozinha e até agora nada. Um belo dia Chico Pinga teve que ir a Feira de Santana para resolver assuntos de família e ficaria fora mais ou menos uma semana. Era a oportunidade que Carlota desejava, de dia sabia que ninguém ia lá pois suas andanças por lá eram constantes e a presença de homem algum nunca foi notada. Só podia entrar à noite. Que era homem não tinha dúvidas, mas quem era esse homem?

Com a ida de Chico Pinga, Carlota, sem dizer nada a ninguém, resolveu fazer a vigília da espera, a vigília do esclarecimento, da vergonha. Munida de café, pão, água, oito horas da noite pra lá se dirigiu. A noite era propícia, lua quarto minguante, caatinga escura, ela se escondeu atrás de um pé de umbuzeiro e ficou na espreita. As horas se passaram, o pão acabou, o café também e nada. Era domingo, Tobias tinha ido para Salvador, desolada quando o dia raiava voltou para casa, cansada, de moral abatida mas não desistira, voltaria lá, à noite. Duas novas tentativas e nada, Carlota estava impaciente, passou todo o dia chateada, queria porque queria descobrir. Já era quarta-feira e até agora nada. É tarde, junto com o grupo novamente não comentou nada. Somente prometeu que o segredo seria desvendado brevemente.

Como fizera nos dias anteriores, escureceu pôs-se na estrada para assumir seu posto de espionagem. O tempo passava e nada, quando deu onze horas um tropel de cavalos ao longe, seu coração bateu mais rápido. O som vinha no sentido contrário ao que ela estava. O tropel foi-se tornando cada vez mais forte, aproximando-se cada vez mais. Já podia ver ao longe o vulto do cavalo e do cavaleiro diminuindo a marcha, porém não conseguiu distinguir quem era. A posição assumida, permitia que visualizasse diretamente a frente da casa que é por onde naturalmente se recebem as visitas importantes, porém para frustração de Carlota, Tobias apeou e entrou pelos fundos, coisa que sempre fazia pois a porta da frente dava diretamente para a estrada e a oportunidade de ser visto por alguém, assim como Carlota por isso sempre entrava pelos fundos pois se alguém passasse não via o cavalo nem a ele próprio. Carlota se sentiu frustradíssima pois a distância em que estava só lhe dava

para perceber vultos não permitindo porém distinguir quem era. Uma coisa sabia, que era homem tinha certeza, que não viera da cidade também. A luz da lamparina acendeu-se onde provavelmente era a sala e daí a algum tempo se deslocou para outro compartimento, que imaginou ser o quarto de Florinda. Decidida a desvendar por vez aquele mistério, quase tudo sabia, aquela carinha de santa não era tão santa assim, só restava agora saber quem era o visitante noturno. Carlota procurou um local mais próximo de onde sairia aquele homem para que pudesse identificá-lo. As horas foram se passando, a lamparina continuava a iluminar e nada. Quando a caatinga começou a clarear a porta se abriu e Carlota viu e não quis acreditar, Florinda viera trazer Tobias até a porta e se entrega num profundo beijo apaixonado. Por instantes Carlota ficou indecisa se era ou não Tobias, porém quando se afastou, que a sombra da casa não o cobria mais, o viu por inteiro, imponente como sempre, a montar seu cavalo e sair a galope em direção à fazenda, Carlota vibrou, enfim valera a pena quatro dias acordada e um mistério esclarecido. Agora tudo estava claro, tão claro como o dia que surgia que a permitiu ver Tobias de corpo e alma a beijar Florinda. Não tinha mais dúvidas, Florinda era uma desavergonhada vivendo com homem casado. Coitada de Elisabete, morando em Salvador e não sabendo das sem-vergonhices de seu marido, montar casa pra uma rapariga que deveria estar morando no Brega, e ainda por cima a menina que morava com ela ver um homem entrar na casa e quem não sabe, faziam até saliências com ela vendo.

Quando o movimento dentro da casa cessou Carlota afastou-se rapidamente. Não via a hora de encontrar com as amigas e lhes contar toda a sua descoberta. Sua alegria e ansiedade era tanta que, mesmo cansada, não dormiu. É tarde, quando todas estavam reunidas; soltou a bomba:

— Minhas amigas, sabem quem É que montou casa para Florinda? Todas olharam para ela rapidamente. — Vou dizer para vocês pois vi com esses olhos que a terra há de comer, Tobias, Tobias de Azevedo, marido de Elisabete. O ah foi geral, Adalgisa ainda ponderou:

— Mulher, tu estas maluca, acusando Tobias assim?

— Eu digo e provo Adalgisa, eu vi os dois se beijando quando o dia raiava, na casa de Florinda. Não consegui dormir bem à noite e quando o dia clareou saí a caminhar por aí, quando passei pela casa dela, que vi o movimento, parei e me escondi e eu vi os dois se beijando que até parecia que iam se engolir. As mexeriqueiras estavam de boca aberta com a revelação de Carlota, e esta se sentia a dona da tarde. Os comentários começaram a surgir:

Adalgisa foi a primeira a dar dados novos:

— Vocês lembram que logo depois que Elisabete partiu é que Florinda foi morar lá então deve ser coisa antiga, coitada de Elisabete, mulher tão boa, não merecia isto. E os comentários continuavam colocando Florinda mais baixa que mulher do Brega. Coincidentemente neste dia não eram ainda cinco horas e todas as mexeriqueiras tinham um motivo para se retirar. Uma era o marido que ia chegar mais cedo, outra o banho das crianças, mas em todas uma realidade, um motivo só: A notícia que tinha sido contada, da preocupação de sair cedo.

Naquela tarde noite a notícia foi-se espalhando do como rastilho de pólvora e de repente toda a cidade já sabia quem era a figura escondida. E de casa em casa a notícia corria, era vizinha chamando vizinha, era mulher comentando com o marido. Na manhã seguinte o comentário era geral, ninguém mais desconhecia, se comentava até que ela estava prenhe de Tobias, que alguém os tinha visto pela estrada a se beijar, numa total sem-vergonhice. Quanto mais a notícia corria mais novidades eram lançadas. Como por incrível coincidência neste dia Florinda foi à cidade fazer compras e aí se notou as modificações: Os homens já não a olhavam com o mesmo olhar de antes, passavam por ela e baixavam a cabeça, as mulheres quando cruzavam com ela erguiam a cabeça e viravam o rosto. Florinda não notara a modificação porém esta notícia mudou até os hábitos de alguns casais, cessaram as brigas e os momentos de ciúme. Nenhum homem da cidade ousava mais olhar para Florinda, afinal de contas ninguém queria se meter com Tobias.

Tobias soube que tinha sido descoberto por Manuel do sisal quando esteve com ele à tarde. Manuel só brincou:

— É companheiro, tu conseguiste prender a andorinha, e depois dizem que uma andorinha só não faz verão, Tobias fingindo não estar entendendo nada retrucou:

— Que qui é que tu estas falando homem de Deus que não estou te entendendo?

— Deixe de ser inocente Tobias, te conheço muito bem, enquanto não conseguiste Florinda, não sossegaste, foi ou não foi?

Tobias, com um sorriso meio sardônico, ainda tentou negar mas Manuel insistiu:

— Não tenho nada com isso não homem, problema teu, mas é o comentário da cidade que Florinda é tua, que alguém até te viu lá, de madrugada. Tobias ficou uma fera quando Manuel parou de falar., e este logo falou:

— Que é isso Tobias, tu nem pareces que conhece esta gente daqui, ou tu achavas que elas iam ficar satisfeitas enquanto não descobrissem o porquê Florinda morava sozinha. Agora companheiro é botar o cavalo na estrada e tocar em frente. Manuel, despedindo-se de Tobias, saiu em direção de sua casa e Tobias ainda permaneceu um bom tempo parado pensando no que ele lhe dissera.

Dali, numa atitude de pura agressão à cidade, passeou com seu manga larga por todas as ruas da cidade cumprimentando um por um os cidadãos que encontrava, homens ou mulheres, coisa que não era muito de seu costume. Todos cumprimentavam-no, baixavam a cabeça e continuavam a andar. Passando quinze dias a notícia tinha se diluído totalmente porém a felicidade de Carlota continuava.

Algum tempo depois, numa das suas idas a Salvador, Tobias foi interpelado por sua mulher com uma carta anônima na mão que dizia: “Elisabete, Tobias seu marido, montou casa pra Florinda, filha de Mãe Preta e dorme com ela toda noite. Tome cuidado, é o aviso de uma amiga”.

Tobias, que mal tinha chegado, teve um acesso de fúria, rasgou a carta em pedaços e disse à mulher:

— Tu acreditas nesta mentira, então vamos lá em São Sebastião para ver se é verdade, vamos lá. Isso é coisa de gente que não gosta de nós e quer nos ver separados. É coisa de político sujo, que me quer fora de lá. Onde já se viu, eu viver com Florinda que poderia ser até minha filha. Tenho respeito mulher, tenho dignidade, ainda vou descobrir quem te escreveu esta carta e botar tudo em pratos limpos.

Diante das afirmativas do marido, Elisabete se convenceu e o assunto foi dado por encerrado. Elisabete ficou, Tobias voltou e continuou a visitar Florinda todas as noites, afinal de contas era ali que encontrava tudo aquilo que queria.

autoografia

VII

São Sebastião da Caatinga não é cidade de muitas mudanças, pelo contrário, é cidade onde o constante é ser monótono, onde as casas de hoje são iguais as casas de ontem, onde os habitantes de amanhã são os habitantes de hoje. Esse ano porém as coisas pareciam estar querendo mudar, não que a cidade estivesse recebendo gente nova, não! As pessoas eram as mesmas, porém a política fervilhava. Jerônimo, desde a época do Dr. Adjovaldo que avisara que não mais queria ser prefeito, daí as mudanças. A coesão política que havia entre Tobias de Azevedo, Manuel do Sisal, Pedro Capão e Malazartes foi rompida por Pedro Capão, vendo naquele ano a oportunidade de se apoderar do cargo. Sua iniciativa se baseava no fato de que Tobias dividia seu tempo entre Salvador e São Sebastião e além do mais sua vida conjugal com Florinda, diante de tais circunstâncias não lhe seria difícil arrebatar o poder das mãos de Tobias e ficar como dono da cidade. Foi o primeiro a abrir campanha direta com seu candidato, João farmacêutico, para a prefeitura e em todas as conversas a tônica era uma só: a vida atual de Tobias, um homem que não era nem daqui, nem de lá. Um homem sem moral para apoiar quem quer que fosse.

Pedro Capão não era filho natural da cidade, tinha vindo morar ali ainda rapazola e seu apelido foi devido a um incidente acontecido na cidade onde morara anteriormente, Cansanção. Dominado por seus impulsos sexuais, pegou à força, a filha de um homem humilde da cidade e a estuprou. Na época quem andava pela cidade era o bando do Coronel Virgulino. Sentindo-se ultrajado, agredido, ofendido e sua filha tendo sido violentada força por Pedro, o pai da menina foi pedir justiça

ao Coronel que não lhe negou. Mandou seus cabras atrás dele até acharem, só voltassem com ele, porém queria-o vivo. Quando Pedro se viu cassado, se escondeu na caatinga por dois dias e duas noites, o que não foi o bastante para que o bando de Lampião o achasse. Sem opor resistência, fraco, sem comer e beber foi levado para a cidade preso cordas. Lá, o coronel democraticamente convocou o povo para assistir ao julgamento daquele homem, elegeu júri e tudo. O julgamento foi rápido e no fim Pedro tinha sido condenado morte. Os pais de Pedro caíram aos pés de Lampião implorando por sua vida, o castigasse pelo cometido mas a morte não. As suplicas dos pais não sensibilizaram a Lampião que como dono da situação, não queria a morte de Pedro, com a morte não ficaria exemplo pros outros cabras da cidade. Virando-se para a multidão lhes disse:

— Esse homem merece viver, viver para servir de exemplo, e num gesto rápido mandou que seis homens tirassem a roupa de Pedro e empunhando seu facão, decepou num só golpe a bolsa escrotal de Pedro. A notícia correu sertão adentro e como não tivesse mais ambiente na cidade a família de Pedro, e ele próprio, se mudaram para São Sebastião da Caatinga na esperança de ocultar o acontecido mas todo o sertão já conhecia a história do julgamento feito pelo Coronel Virgulino e daí seu apelido, Pedro Capão, homem que não tinha ainda quarenta anos, gordo, imberbe, a voz fina, as mamas sobressaindo e possuidor de um dos maiores sentimentos de revolta contra o mundo, ele era Pedro, Pedro só, Pedro Capão, que nunca mais mulher olhou, que nunca mais as pode usar. Era justamente esse homem, possuído de todo esse espírito de revolta, que tentava dominar a política, com seu candidato “João Farmacêutico”. Sua plataforma de campanha baseava-se justamente no domínio da prefeitura pela família Azevedo há tantos anos, sem muito ter feito pela cidade e também a pouca assistência devido a divisão entre São Sebastião e Salvador, e a imoralidade do viver de Tobias. Apresentava João como homem íntegro, ligado às necessidades da cidade, homem que não se deixaria influenciar por ninguém.

Tobias quando percebeu a divisão ficou possesso pois, já sabedor da decisão de Jerônimo, tinha escolhido para candidato Olegário Macambira, homem ligado ao cultivo do sisal, com grande vontade de prosperar, porém sempre ofuscado pela imagem de Manuel do Sisal. Com o apoio de Tobias e dos outros seria um passo muito grande para alcançar seus objetivos. Mal sabia ele que antes de ser escolhido tudo fora previamente estudado para que sua ascensão à prefeitura não viesse a prejudicar interesses maiores, seria assim como Jerônimo, mero executor de ordens, nada mais. O que Tobias não contava era com a cisão no grupo, mas, como acontecera, agora seria tocar o barco prá frente, manter domínio da prefeitura não seria difícil. Sabedor dos interesses de Pedro Capão, aquele capado de uma figa, como a ele se referia Tobias, e também de sua campanha difamatória, se reuniu com Manuel do Sisal e lhe propôs o comando direto do processo sucessório e quanto a ele, Tobias, participaria indiretamente, somente com o dinheiro e depois de conquistada a prefeitura, aí sim, apareceria. Seria talvez a única maneira de fugir as críticas severas do grupo comandado por Pedro Capão.

A campanha pela sucessão decorreu num clima de muita animosidade, com os dois grupos se agredindo mutuamente. Faixas e cartazes sendo arrancados aqui e acolá criavam conflitos a cada instante.

Toda essa movimentação fez aumentar os ânimos da cidade e a não presença de Tobias em nenhum almoço em nada fez cair por terra as bases da campanha difamatória contra ele. Com Manuel do Sisal a frente ficavam vazias as críticas.

Chico Curió, cabo de polícia, destacado em São Sebastião há quase dez anos, tinha o privilégio de nunca ter prendido ninguém, a sua cadeia estava sempre aberta, tão aberta que se tentasse fechar as grades talvez não conseguisse porque a ferrugem tomava conta das dobradiças. Quem entrasse no prédio que servia de delegacia desavisadamente talvez a confundisse com um grande viveiro de pássaros. Chico Curió tinha mais de trinta, dos quais pelo menos vinte eram curiós, daí seu apelido “Chico Curió” e passava o dia inteiro a cuidar deles, tinha tanta

gaiola que até dentro das duas celas as pendurava. As únicas coisas que revelavam que ali era uma delegacia eram: primeiro, a tabua de madeira já descascando, presa do lado de fora, que informava que ali era uma delegacia; segundo, a própria roupa cáqui do cabo Chico, e também as grades da cela. Chico Curió era um homem magro, de estatura média, cabelo repartido do lado, mantido fixo por uma boa quantidade de brilhantina, um bigode fino amarelecido no lado esquerdo mostrava o fumante inveterado que era. No lidar com os pássaros era um ás, de tudo sabia, de tudo fazia. Sob a ação da semente do cânhamo seus curiós cantavam maravilhosamente.

Toda essa paz de dez anos veio ser quebrada pela agitação política na cidade, conflito daqui e dali, queixas de um grupo e de outro, mas não podia prender ninguém pois além de conhecer todo mundo onde iria colocar seus pássaros?. Com muita destreza foi levando aqueles dias de maneira que não tivesse que prender ninguém. É vésperas das eleições o ambiente tornou-se quase que insuportável com os adversários fazendo cada vez mais arbitrariedades, morteiros explodindo dentro da casa dos candidatos, fogueiras com faixas dos oponentes e tudo mais.

No dia das eleições havia mais fiscais do que eleitores e a guerra pelos votos começou cedo, com a vitória do grupo comandado por Manuel do Sisal. É sabido que uma das maneiras de se conseguir maior número de votos no interior é se pegar os eleitores mais retirados do centro da cidade, em casa. É um voto em troca de um gole de cachaça e um tira gosto para os homens, e refrigerante e lanche para as mulheres e as crianças, e depois levá-los de volta. É voto garantido em troca de condução, comida e cachaça. Na madrugada, comandos políticos ligados a Manuel do Sisal tiraram essa vantagem de Pedro Capão, dos dez caminhões já contratados para este fim, oito foram danificados simplesmente furando todos os pneus e os outros dois furando o tanque de gasolina. Pela manhã, quando o grupo comandado por Pedro capão se apercebeu, viraram verdadeiras onças, de revolver na mão, a procu-

ra do grupo de Manuel do Sisal, e se não fosse a interferência de Chico Curió, que prevenido do problema, pedira reforço policial a Feira de Santana, as coisas teriam ficado pretas, com muita gente morrendo. No fim, ficou tudo serenado porque, Pedro Capão não pôde nem se queixar ao representante da justiça eleitoral, pois isto seria visto como aliciamento de votos, e aí a situação ficaria preta para ele.

O grupo de Manuel do Sisal se fez, conseguiu trazer todos os eleitores do interior para votar em Olegário Macambira e na hora da apuração, o que se viu foram os votos da cidade divididos, mais as urnas que pertenciam davam aos moradores do interior, só davam Olegário, ou seja vitória maciça de Tobias, Manuel do Sisal e Malazartes, porque não dizer também de Olegário. Tobias manteve-se alheio a tudo até o dia da posse, quando então apareceu, lado a lado com Manuel do Sisal, fazendo questão de fazer a abertura da cerimônia de transferência. Pedro Capão nem apareceu na cidade, jurando se vingar do que tinha sido feito, da sabotagem com ele e seu candidato. Tudo terminado, Jerônimo passou o cargo a Olegário, começou a sua administração sem mudar nada, nem a secretaria. Tobias e Manuel do Sisal ditavam as ordens, Olegário as cumpria e pronto.

Passado algumas semanas a cidade voltara ao seu ambiente de calma, Olegário era o prefeito, Tobias e Manuel do Sisal continuavam com seus negócios. A única coisa que ficara no ar foi a jura de vingança, proferida por Pedro Capão. Essa jura porém não abalou o grupo de comando, pelo contrário, viviam tranquilos como sempre viveram, sem muitas preocupações.

Tobias continuava sua vida entre Florinda e Elisabete. Na fazenda, Maria e as filhas mantinham a casa sempre limpa, almoço e jantar sempre a hora certa. José, a cada dia que passava, ficava mais esperto. Tobias não podia apontar na estrada que lá corria ele atrás do padrinho:

— Bença padrinho.

— Deus te abençoe José e, num gesto rápido, dobrava-se sobre o cavalo, alçava-o pela cintura e o colocava na garupa.

A ida da família de Raimundo para a fazenda melhorou muito as condições de vida deles. Com ele ganhando um pouco melhor, não se preocupando com a alimentação, o dinheiro dava perfeitamente para vestir e calçar as crianças, que agora não se apresentavam tão pobres. Por exigência de Tobias as filhas mais velhas estudavam com a velha Beatriz. José era muito bem quisto por todos da fazenda, por sua vivacidade, sua coragem, não tinha medo de nada. Sua atração por cavalos era impressionante. Quando ele fez cinco anos seu presente de aniversário foi uma roupa de vaqueiro, com botas, chapéu e tudo. Vestido assim mais parecia um anãozinho, mas o que chamava a atenção era o seu ar de seriedade dentro daquela roupa toda de couro. Quem estava realizado era Raimundo, vendo-o crescer a sua imagem e semelhança. A essa altura José despontava como um excelente vaqueiro, montado no velho jegue ou em Fúria, fazendo poucas e boas com eles. Tobias em suas idas e vindas à cidade levava-o pois gostava muito dele e sempre que podiam estavam juntos.

A fazenda para José não tinha segredos, conhecia-a de ponta a ponta e desde que ganhou sua vestimenta de couro era com ela que andava o dia todo.

Na cidade, todas as vezes que ia, nunca saía do lado do seu padrinho, andava colado com ele para todo o lado e à tarde noite, antes de Tobias ir para casa de Florinda, ficava longo tempo no alpendre da casa, ouvindo as conversas do pai e do padrinho.

Não tardou muito para que ele começasse a fazer coisas sozinho, inclusive a ida à cidade, para recados ou mesmo pequenas compras. Florinda passou algum tempo sem ver José, porém devido a insistência dela junto a Raimundo, ele foi levado para que pudesse vê-lo, e agora as visitas de José a Florinda eram bem amiúdes, não passava um dia, sem que José por lá não passasse, tinha-lhe uma estima muito grande e em suas idas e vindas da cidade passava sempre pela casa de Florinda, devorando seus biscoitos de polvilho. Muitos carões tomou de sua mãe e até alguns bons safanões por chegar muito tarde, cuja culpa era única e exclusiva do seu apreço por Florinda.

Mãe Preta, continuava com seu peji firmado, com sua missão divina, os anos passavam porém ela continuava firme, palmeira velha cravada no sertão baiano. Nunca, depois da saída de Florinda de sua casa, deixou que lhe levantassem calúnias na sua frente. Defendia os sentimentos de sua filha com toda a sua garra de mãe, emprestada, porém de mãe. No início, depois que a verdade foi descoberta, os irmãos a tratavam com um pouco de frieza porém depois voltou tudo ao normal e lá estava Florinda, filha de Iansã, a dançar para sua mãe, livre como sempre foi.

Maria e as filhas se sentiam muito bem na fazenda e, a cada dia que passava, via seus filhos crescerem. Mariazinha e Tiana já estavam ficando mocinhas, um broto de mamas começava a aparecer. A entrada na escola, das mais velhas, lhes foi muito útil pois o convívio com outras crianças deram-lhes maiores noções da vida. O cuidar da casa e a alimentação de Tobias também foram muito úteis para elas que provavelmente se ainda morassem na velha casa não aconteceria.

Tereza ainda era a destoante, não se submetia a nada, volta e meia lá estava ela com rugas com sua mãe, com o pai quase não falava. Sua maior ligação era mesmo com José, a seu lado passava horas e horas a se divertir, a se meter caatinga adentro, a montar no lombo do velho jegue, coisa que nenhuma das outras irmãs fazia. Sua coragem era impressionante, talvez a mais bonita das filhas de Maria porém a mais atrevida, a mais inteligente. Tudo que lhe era ensinado na escola aprendia rapidamente e gozava as irmãs que tinham um pouco mais de dificuldades.

José, aos seis anos, destoava muito dos garotos de sua idade pelo seu tamanho, era um garoto forte, moreno, cabelo cortado a Santo Antonio, muito vivo, ágil e inteligente. Quando as irmãs faziam os seus deveres da escola lá estava, sempre a espiar, a perguntar, isso e aquilo. As mais velhas o escorraçavam, Tereza não, deixava-o ali e explicava-lhe algumas coisas que pegava com a maior facilidade. Sabia todas as letras do abecedário, conhecia os números e começava a ler algumas palavras. Esse fato deixava Raimundo e Maria muito contentes. Tobias por sua vez incentivava sempre.

Quando Raimundo e Maria poderiam imaginar que seus filhos conseguiriam entrar numa escola, aprender a ler e a escrever, quando poderiam pensar que um filho seu aos seis anos já estivesse quase escrevendo.

A vida da cidade se mantinha calma, sempre seguindo sua marcha. Olegário nem cheirava nem fedia, seu negócio de sisal tinha aumentado, não por abertura de Manuel e sim pelo aumento no volume de vendas devido a sua cotação internacional, pura coincidência, realmente estava ganhando mais porém Manuel do Sisal estava ganhando muito mais a vida. Helena continuava com a pensão. Chico Curió cuidava de seus pássaros, Carola regia o comitê das mexeriqueiras, Padre Bento renovava, a cada ano, sua caridade interiorana. Pedro Capão pouco ia à cidade e quando ia se dirigia somente a seus correligionários, João Farmacêutico jurava que na eleição seguinte não perderia por nada, que era candidato e que dessa vez não o pegariam desprevenido.

Aqueles últimos anos foram anos de muita prosperidade para Tobias, possuidor das melhores terras da região e também de uma das grandes fontes de água, naquele período a seca incomodou muito aos pequenos criadores e essa era a hora em que ganhava dinheiro. Com o gado na época normal de chuva valendo até cem cruzeiros, na seca com a ameaça de perder tudo de uma hora para outra, por qualquer oferta era vendido. Raimundo e Tobias saiam, um para cada lado, comprando gado magro, a cinco e dez cruzeiros cada um, e levando tudo para a fazenda. No último ano então conseguiram comprar mais de quinhentas cabeças, o que lhe deu um lucro impressionante. De compra e venda vive o negociante e Tobias era um negociante nato, comprava barato e vendia caro, a ele não importava, seu gado era o melhor, o mais sadio, comprasse quem quisesse, pagasse o que ele queria e pronto. Seu maior comprador era o Coronel Esteves Lima, de Euclides da Cunha, seu amigo particular e correligionário cujas ligações com o governo lhe tinham valido algumas vezes.

Faltando seis meses para o término do mandato de Olegário Macambira a agitação política começou novamente, porém por um ca-

pricho do destino desta vez Olegário estava sozinho. Todas as juras, as ameaças feitas por Pedro Capão e João Farmacêutico caíram por terra, com este adoecendo bruscamente, sentindo dores horríveis na barriga, vomitando muito, a barriga ficando dura, sem conseguir obrar, mesmo depois de tentar alguns purgativos e lavagens. Foi levado muito mal para o hospital de Feira de Santana onde foi operado as pressas, de uma úlcera que havia furado e que quase lhe custou a vida. Ficou em Feira, internado entre a vida e a morte, por quase dois meses e quando voltou não tinha mais tempo para se dedicar a campanha e por outro lado recebera recomendação dos médicos de que não podia fazer esforço por pelo menos seis meses devido a operação ter sido delicada e ainda estar muito fraco. Em convalescença viu Olegário bisar o feito, piorando um pouco o seu estado geral, porém prometia não desistir, estaria lá da próxima vez, se Deus quisesse e a úlcera permitisse.

Oito anos se passaram desde que José nasceu, ele hoje já é um protótipo de homem, um homenzinho se assim quisermos falar. Florinda já convive com Tobias há sete anos. Elisabete só voltara à fazenda com as crianças por três vezes. Duas por causa de eleição. Agora tinha certeza da vida marital de Tobias com Florinda. No início ainda houve sérias brigas. A carta nunca ninguém soube quem mandou mas que tinha cheiro e cor de Carlota isso tinha. Tobias nunca incentivou Elisabete a ir à fazenda, porém como votava em São Sebastião, não havia outro jeito, e foi numa destas idas, que numa reunião com mulheres representativas da sociedade São Sebastinense, ficou sabendo. Muito bem vestida, deve ter feito inveja a várias delas e daí partiu a informação, em forma de aviso de amiga. Quem confidenciou o segredo a ela foi Léa, mulher de Manuel do Sisal, nascida e criada na cidade, seus conhecimentos de Bahia não iam além de Serrinha por um lado e Senhor do Bonfim por outro. Vestia-se mal porque Manuel era um dos maiores sovinas existentes na face da terra, e ainda por cima era fato consumado o número de amantes que possuía e também suas visitas constantes ao brega. Por tudo isso, mais por inveja do que por amizade, é que Elisabete veio a saber.

Depois de muita discussão, com Tobias lhe negando, ela afirmando e dando provas concretas é que Tobias desabafou, botou tudo para fora e disse-lhe que continuaria assim, ela quisesse ou não, que ali ele era feliz. Elisabete sentiu muito aquela realidade porém acabou por se conformar, passou a viver mais para seus filhos do que para o marido, enluteceu a vergonha, fechou seus sentimentos. Tobias agora só ia a Salvador para levar dinheiro e para mostrar às crianças que tinham um pai, só que para ele aquele casarão era frio, sem alma, sem amor.

Já a casa de Florinda primava pela modéstia, mas tinha alma, tinha calor, tinha cheiro de amor. Florinda era a feiticeira que conseguira prendê-lo com suas magias, com seus encantos, com seu amor.

José, nessa época, começou a estudar com a velha Beatriz em sua casa escola e pouco aprendia com ela, lia bem, escrevia, até fazia contas. Beatriz era uma respeitável senhora de estatura média, nem gorda nem magra, branca, cabelos prateados que terminavam num trabalhado coque, dois brinco de ouro puxavam-lhe as orelhas para baixo, as meias, cor de carne, enroladas perto do joelho faziam-lhe companhia constante. Não era formada, possuía só o curso primário e era com isso e boa vontade e rispidez que ensinava as crianças. Os alunos não eram divididos em classes, era uma só, uma grande mesa onde cabiam vinte alunos sentados a toda volta e ela assumia a cabeceira. A velha palmatória era um dos métodos que usava para chamar à realidade alunos mais desajustados, não sem antes ter ficado ajoelhado no carço de milho molhado, um bom puxão de orelhas ou ficar em pé atrás da porta. Mal ou bem todos os que passavam por ali, saíam sabendo ler e escrever.

Quando José começou a freqüentar a escola houve uma certa inaptação. Pensando Beatriz que aquele fosse um garoto como os outros começou a ensinar-lhe as primeiras vogais contidas na velha cartilha. Quando lhe disse José isso aqui é um “A” José respondeu: esse é um E, um I, um O, um U. Aqui um A, B, C, D, E,.....Z. Beatriz ficou olhando para José com olhar de repreensão, não gostara.

Bem, se você sabe eu vou fazer as letras para você cobrir. E lá ficou a escrever as letras bem superficialmente para que cobrisse. Enquanto explicava às outras crianças, quando se sentou José foi-lhe levar o trabalho pronto. Pensando ter que lhe ajudar em alguma coisa perguntou o que era.

— Já terminei.

— Já? Deixe-me ver. Novamente outra surpresa, em vez de José cobrir ele tinha reproduzido exatamente o que ela tinha feito em cima.

Beatriz viu nele um garoto diferente das crianças que tinham estado na sua escola até hoje. Nunca tinham feito tal coisa logo no primeiro dia. No passar de algumas semanas nada mais havia em Beatriz que conseguisse prender José à escola. Ele começou então a se rebelar, a mexer com os outros garotos, a pintar e bordar. Beatriz começou a utilizar de seus métodos infalíveis de correção só que nenhum deles foi eficiente. Atrás da porta ele não ficou nem quando quis lhe pegar pela orelha pois se esquivou e a velha embarçando-se em suas próprias pernas caiu sentada no chão. As crianças todas começaram a rir. Beatriz ficou possessa dentro da roupa, nunca, nunca, ninguém fizera isso com ela. Quando levantou-se José estava parado olhando para ela. Beatriz pegou-o pelo braço, arrastou-o até a mesa, pegou a palmatória, levantou-a no ar com toda força, quando desceu foi pior a emenda do que o soneto, rapidamente José retirou a mão e Beatriz caiu com palmatória e tudo, mais uma vez as crianças riram da velha professora que, vermelha de raiva, esconjurou José mandando-o embora e que só voltasse acompanhado do pai.

Quando José chegou em casa contou tudo a sua mãe, que lhe deu umas boas chibatadas. Ele ainda tentou argumentar:

— Mas mãe, ela não sabe nada, tudo que ela fala eu já sei, então me tira daquele estrupício.

— Menino oie como tu fala da dona Beatriz, arrespeite ela. Tereza que a tudo ouvia, falou:

— É isso mesmo, aquela velha é meio lesa mesmo, não sabe mais nada mesmo. Maria levantou a taca novamente:

— Menina oie lá cumo ocê fala da dona Beatriz, arrespeite ela se não te corto o couro. Tereza calou a boca, José olhava.

— Deixe que teu pai chegue que ele conversa com ocê.

Quando Raimundo chegou Maria lhe falou e este incontinentemente mandou chamá-lo:

— José, é isso qui nós te ensina, falta o respeito cum a dona Beatriz?

— Oia pai, num desreipeito não, mas me bater, não, só inhô e minha mãe, num sou lombo de jegue, tenho inhô e a mãe e agora volta num volto, num volto não. Pode inté me amarrar qui num volto. Prefiro montar no cavalo e sair cum inhô a trata do gado, acompanhando meu padrinho.

Raimundo, como não podia deixar de fazê-lo, deu-lhe duas lambadas costado adentro. José encarou o pai com raiva, fincou o pé no chão e não andou. Quando Raimundo levantou novamente a chibata, que viu que José não chorava nem tinha corrido, jogou-a longe e disse-lhe:

— Ta bom, nós vai lá amanhã, tu vai sair, mas tu vai é pegar no pesado, vai sair comigo de manhãzinha e só vai voltar de noite. José encarou-o:

— Ta bom pai, tenho medo não. No dia seguinte lá estavam os dois, pai e filho, a falar com a professora. Raimundo se desculpou e nem precisou dizer que José não ia mais à escola, pois foi a própria Beatriz quem disse que não queria mais ele lá, que fosse estudar no quinto dos infernos. Foi só Raimundo virar as costas para José fazer uma careta para a professora, em seguida correu, montou e saiu a galope. Beatriz na porta da casa, começou a xingar:

— Vai cramunhão, num foi a toa qui tu consumiste a tua mãe, seu capeta duma figa. Raimundo não entendia o porque da xingá-lo pois já estava montado quando José lhe fez a careta.

Em casa Raimundo explicou a Tobias o que acontecera e este:

— Deixe o garoto, ele vai ajudar a gente, eu trago os livros velhos dos meus filhos e vou-lhe ensinando por aqui.

Desse dia em diante José virou vaqueiro de fato, ele que só andava de gibão, vestia de manhã e tirava à noite, nem para ir a escola ele tirava, o que lhe valeu até algumas brigas com os colegas que começaram a querer caçoar dele e sentiram na pele o gênio de José e nunca mais ninguém falou nada.

Toda manhã era a mesma coisa, quatro horas, nem precisava chamar, José pulava da rede, vestia sua roupa e ficava a esperar seu pai. Uma coisa era certa, bom cavaleiro era, bom vaqueiro também, com nove anos era muito melhor que quase todos os vaqueiros da fazenda. Não tinha rês que se metesse na caatinga que ele não fosse lá e não pegasse. O laço na sua mão dificilmente falhava. Enquanto não pegasse o animal e o trouxesse não ficava satisfeito.

À noites, antes de Tobias sair depois do jantar, ficava conversando com o pai e o padrinho. Já entendia de gado como gente grande. Quando uma vaca paria, ia atrás dela e do bezerro e fazia questão de cuidar pessoalmente deles.

Quando fez dez anos Tobias o presenteou com um potro, filho do manga larga do padrinho. José vibrou. Era um cavalo todo seu, iria criá-lo, ensiná-lo, monta-lo. Era um potro todo negro com as patas, a cauda e uma grande mancha na cabeça semelhante uma estrela, brancos, pela qual José lhe deu o nome de Estrela. Nele só José mexia, só ele cuidava.

As idas de Tobias à casa de Florinda agora não tinham mais horário, de a muito, pouco depois da discussão com Elisabete, que começou a freqüenta-la mesmo de dia. Agora não se importava mais, tudo que queria no mundo estava ali, dentro daquela casa: amor, carinho, dedicação. Em uma coisa porém nunca pensaram, filhos. Nove anos juntos e isso nunca lhes passou pela cabeça. Um dia, José ao chegar da cidade passara pela casa de Florinda e a encontrou passando mal. Falou a seu padrinho que célere saiu para lá, a encontrando branca, vomitando. O incômodo estava atrasado há dez dias, sem dúvida tava prenhe. Quem

veio acudi-la, por exigência dela, foi Mãe Preta. Pela primeira vez entrava naquela casa, e assim mesmo por causa de Florinda estar passando mal. Depois de um bom chá de boldo as coisas melhoraram e Mãe Preta se retirou, comentou com sua fia: parece que tu ta mesmo de bucho cheio.

Depois de muita conversa entre Tobias e Florinda acabaram concordando em deixar a criança nascer. Tobias queria que tirasse de todo jeito, temia pela sorte da criança depois que ele morresse. Florinda não admitia de maneira alguma, aprendera a amar a vida, a viver com os santos e ali era um, em corpo e alma, um novo ser e não tinha esse direito. Não houve discussões, nada, se entenderam, Tobias assumiu e tudo ficou como sempre, tranqüilo.

Com Florinda desse jeito as visitas de Mãe Preta começaram a se amiudar, afinal de contas a criara e agora necessitava dela. Não estava mais ali a mãe de terreiro e sim a mãe que Florinda nunca tivera, só ela. A sua presença a confortava, que embora não se sentisse sozinha, por diversas vezes lamentava a sua falta mais do que isso seus conselhos de mãe verdadeira.

De há muito a vida marital de Tobias com Florinda não era motivo de comentários porém quando Florinda passou a mostrar os sinais evidentes de um filho próximo a brasa reativou e foi fogo que se espalhou para todo lado. O comitê das mexeriqueiras peçonhava violentamente, mas peçonhar era só o que podiam fazer, pois deixando a modéstia de lado, Mãe Preta sempre dizia:

— Minha fia ta uma prenha danada de bonita.

José se tornara responsável em atender as necessidades de Florinda. Três, quatro vezes ao dia passava por lá para ver o que precisava e acabava com seus biscoitos de polvilho. Com esta missão tudo que precisava era feito por ele e sua dama de companhia ficava só mesmo para companhia.

Em uma dessas idas à cidade, a mando de Florinda, José viu um grupo de garotos com mais ou menos a sua idade maltratando um garo-

to aleijado, apelidado de Luis cobra. Luis cobra era filho legítimo de Manuel do Sisal e tinha nessa época seus doze anos. Ainda em criança teve a infelicidade de ter paralisia infantil, o que lhe deixou aleijado das duas pernas, não lhe permitindo andar, só rastejar. Como era um garoto inteligente arranjou um jeito de se deslocar mais rápido. Sentado num velho velocípede suas mãos pedalavam e também dirigiam o mesmo. Pelo fato de usar muito mais os braços, a sua musculatura das costas, do peito e dos próprios braços eram super desenvolvidas. Na oficina mecânica de Juvêncio, que era muito freqüentada por ele, não havia porca prendendo pneu de caminhão que não tirasse e muitos motoristas não queriam que as apertasse pois tinham passado maus pedaços na estrada na tentativa de tirar um pneu, só o conseguindo com o uso de alavanca.

Esse era Luis cobra, filho de um homem rico e que porém nunca se preocupou em tentar erguer seu filho, nem tentou mandá-lo à capital para que pelo menos tivesse a honra de andar em pé, não, o mais importante era o sisal. Nem quando Adjovaldo quis levá-lo para Salvador não deixou:

— Prá que? Num precisa não, ele se ajeita bem assim.

Luis cobra, se arrastando que nem cobra, procurava a companhia dos mais velhos porque os garotos de sua idade só caçoavam dele. Quando ele passava gritavam:

— Já vai cobra, se arrasta fio da puta.

Luis respondia xingando e se achava uma pedra atirava para matar, porém os garotos se escondiam e aí começavam a lhe jogar pedras também.

Foi num momento desses que José vinha chegando quando ouviu:

— Cobra, se arrasta fio da puta.

Luis pegou a primeira pedra e jogou. Eram bem uns seis garotos que se esconderam e jogaram-lhe pedras também. A primeira pedra jogada atingiu a cabeça de Luis que começou a chorar. José quando viu aquela cena, o sangue escorrendo pelo rosto do garoto aleijado, pulou do cavalo como uma fera em cima dos garotos.

— Cambada de fios da puta, seus chibungos de merda, fios das putas do brega, vem fazer isso comigo seus arrombados de uma figa vem, e partiu prá dentro de todos com determinação de destruí-los.

O primeiro que pegou levou um soco no rosto, tão forte que a pele levantou, e foi por aí afora. Quando o pessoal da cidade viu toda aquela confusão saiu logo para apartar. Chico Curió, que passava por perto, correu para segurar José mas esse parecia estar com o capeta no corpo. Distribuía socos e pontapés a torto e a direito. Em um por um dos garotos o sangue foi rolando. Só conseguiram segurá-lo quando a Chico Curió se juntou Chico Pinga. Com cada um segurando José por um braço o arrastaram dali. Os outros garotos aproveitaram e saíram correndo, com José gritando:

— Cambada de chibungos, vem brigar com homem de pé seus fios da puta. Chico Curió e Chico Pinga custaram a dominá-lo e ele ainda esbravejava:

— Porque ocês me pegaram, oie só o qui fizeram cum ele, eu tinha que matar eles de porrada prá eles aprende a mexe cum home qui pode si defende. Contrastando toda a sua agressividade José sentou-se ao lado de Luis, abraçou-o. Luis chorava com o sangue a escorrer-lhe cabeça abaixo.

— Chore não, dizia José, não, ti juro, se sober desmonto o fio da puta, se fizer de novo, vai de se haver cumigo.

Chico Curió e Chico Pinga levaram Luis até a farmácia de João que depois de raspar-lhe boa parte da cabeça fez um curativo e o liberou. José o acompanhou até em casa, sempre lhe dando o apoio que até aquele instante não tivera de ninguém.

Para quem assistiu a briga o comentário foi um só: aquilo não era gente, era um bicho, parecia até a raposa do cerrado com seus olhos vidrados e seu ódio na luta. Foi inté preciso dois home prá segura. José, o filho do raio, do vento, da chuva, do trovão. Para todos agora era também a raposa de cerrado, que ataca e destrói suas vítimas.

Daquele dia em diante se tornou uma constante ver José e Luis juntos. Coincidência ou não depois do ocorrido Luis continuou a andar pela cidade, porém nunca mais ninguém se meteu com ele. Agora que João Farmacêutico teve trabalho isso teve. Costurou o rosto de um e fez curativo nos outros.

Raimundo soube da briga pelo próprio José que chegou em casa com o rosto arranhado e contou ao pai, que ainda quis lhe dar uns corretivos, mas devido a interferência de Tobias, que soubera da história na cidade não permitindo que sofresse nenhum castigo depois da atitude honrosa que tivera.

Andando juntos, com José a cavalo e Luis no seu velocípede a cruzar as ruas de São Sebastião, era comum vê-los, ou então a brincar na caatinga com Corisco.

Ali Luis era a cobra que se arrastava e silvava e José a coruja que do alto da Umburana localizava a vítima, piava prá raposa e a cobra. No chão José se transformava na terrível raposa branca, que junto com a cobra destruíam suas presas, quase sempre o velho Corisco.

autoengrafia

VIII

Florinda começava a mostrar a todos o fruto do seu amor por Tobias. A barriga aparecia, porém nada a impedia de dançar pros seus santos, de salvar sua mãe Iansã, tinha atabaque batendo, La estava Florinda. Tobias não aceitava muito a ida de Florinda naquele estado, sozinha, dançar pros seus santos, porém era coisa que conseguia tirar-lhe da cabeça, e, verdade seja dita, quando dançava era realmente maravilhosa, toda graciosa, toda gestos, e se o toque era para sua mãe aí se libertava, as mãos tremulando, os passos pequenos, as cadeiras gingando ao som do Rum, Rumpi e do Lê, a saia branca, os cabelos esvoaçantes lhe transformava na primeira das filhas de Iansã. Quem a observasse, e quem não a observava? Sentia a vibração vinda dela em sua dança. Como Tobias não conseguia fazê-la parar de ir a roça de Mãe Preta, também não permitia que fosse sozinha, alguém teria que ir com ela para lhe fazer companhia e lhe comunicar se algo acontecesse. Esse alguém foi logo escolhido pela própria Florinda: José. Ele passou a ser sua companhia constante, nas noites em que passava dançando pro santo.

José nunca estivera na roça de Mãe Preta. De religião o máximo que conhecia eram as missas de Padre Bento, todos os anos na festa de São Sebastião. Quando entrou pela primeira vez na roça ficou meio desconfiado, porém quando os atabaques se fizeram presente com seu toque, aquele som começou a mexer com ele e quando Mãe Preta puxou o Xirê para Xangô, José sentiu seu corpo ser dominado por uma força estranha que o obrigava a dançar sem nunca ter dançado. Dançava elegantemente, punhos cerrados, cruzados ao peito. Mãe Preta comandava a roda. Quem pulou dançando foi Oxum e logo a seguir Iansã em cima

do seu mais formoso cavalo: Florinda. Ali estavam pai e mãe espirituais de José. Quem também não deixou de comparecer foi Ogum, São Sebastião da Bahia, dançando como guerreiro, suando como guerreiro, cumprimentando-o.

Aquela foi uma das melhores noites que Mãe preta teve no seu ilê. Os santos dançaram alegres, soltos. José fora iniciado, fora confirmado na nação. Ele que entrara com receio a partir daquela noite não perdeu mais nenhuma, falasse em ter dança para o santo e lá estava ele. Ganhou até roupa feita especialmente por Florinda e sua presença junto aos demais contrastava, pequeno como gente grande, como presença espiritual.

Maria e Raimundo ainda relutaram um pouco pois possuindo formação católica, embora não praticantes, aceitavam as entidades mas tinha receio. José, pelo contrário, a cada reunião que passava assimilava maiores conhecimentos, aprendera até algumas palavras do dialeto e as falava com muito orgulho. Florinda não ficou muito mais tempo dançando, no sétimo mês por ordem de Mãe Preta, foi obrigada a parar. Agora só assistia. José fora confirmado Abicum, filho de Xangô Airá, o Xangô novo, primeira entidade abaixo de Fun-Fun, e era tido como o Príncipe da casa. Como era Abicum não precisou raspar a cabeça nem deitar para os santos, só confirmá-los com suas obrigações, suas comidas. Sua entrada no preceito fora tão marcante que naquele ano recusou-se a ir a missa de São Sebastião, preferiu ficar com Florinda e Mãe Preta. Ele agora já assumia outros ares dentro da nação, conhecia a todos e por todos era respeitado, era sem dúvida o Príncipe da casa.

Tobias agora quase não ficava na fazenda, todo tempo de folga que encontrava, passava-o junto a Florinda. De Salvador trouxe o enxoval inteiro para a criança, tudo do bom e do melhor.

José continuava com suas idas e vindas a cidade. De seu amigo Luís cobra nunca esquecia, era uma amizade tão forte que os unia que até pareciam irmãos.

O dia a dia de José era o mesmo, acordar às quatro horas da manhã, ir pro pasto com o pai, ver Florinda, comer-lhe os biscoitos de polvilho,

ir a cidade, brincar com Luís na caatinga, e quando havia, noite adentro na roça de Mãe Preta.

O grande casarão de há muito não recebia ninguém. Tobias, raras eram as vezes que dormia lá. Maria e as filhas, agora já não mais crianças mantinham-na um primor. Mariazinha e Toinha faziam de tudo, sabiam de tudo, e como sabiam. Na festa de São Sebastião andaram se enrabichando com alguns vaqueiros porém coisa nada séria. Tereza não, era a mais atrevida, não admitia olhar para homem nenhum dali, tudo fede a bosta de vaca, dizia ela.

Mais bem do que mal Raimundo conseguira criar seus filhos e depois que foi morar na fazenda as coisas tinham melhorado muito, principalmente agora, com quase todos criados, podia se orgulhar de pelo menos uma coisa, comida nunca faltara. Quem conhecera Raimundo antes e depois de José podia dizer da modificação que este trouxe a maneira de Raimundo se conduzir. Depois do nascimento de José, Raimundo tornou-se muito mais liberal. A morte dos outros filhos tornara-o um homem, até certo ponto frustrado; embora nunca demonstrasse esses sentimentos adversos em relação às filhas. José era o filho que sempre quisera, e vendo-o crescer sem nunca ter nada, forte, destemido, montando que nem ele, sentia-se orgulhoso e com isso quem lucrava junto eram as irmãs pois se tornava cada dia mais acessível. Por outro lado, o convívio direto com Tobias e os que lá iam, geralmente pessoas importantes, tornou-os bem mais sociáveis. As obrigações e os deveres eram maiores, sem dúvida, porém os ensinamentos que adquiriam lhes eram por demais úteis.

Tobias por sua vez também ajudava na criação das meninas e de José. Primeiro que a alimentação era toda fornecida por ele, o que permitia a Raimundo economizar, segundo por morar numa casa pelo menos habitável, onde as meninas possuíam lugar próprio para dormir, isoladas dos pais.

Tobias, por outro lado, procurava ajudar na educação das meninas e de José, conversava muito com todos pois a presença dos filhos de

Raimundo preenchia, até certo ponto, um vazio deixado pela ausência dos seus.

José, tanto para os pais como para o padrinho, era motivo de orgulho. O padrinho, sempre que podia, sentava-se com ele a conversar, trazia livros para que lesse. Sua esperança era ter José, no futuro, como seu braço direito, sabedor que era que os filhos nunca iriam querer vir tomar conta da fazenda. Criados na capital, enveredando por caminhos outros que não o da criação de gado, não demonstravam nenhum apreço pela fazenda. Culpa sua, bem certo, mas o que fazer, o que podia lhes dar, dava, o estudo, agora o futuro só a eles pertencia e tinha consciência que seria muito difícil a vinda deles para tomar conta da fazenda, quando não mais pudesse fazê-lo. Antonio, o mais velho, queria ser engenheiro, Jerônimo já cursava a escola militar e Tobias filho, o mais novo, morria de amores pela história antiga, embevecia-se ao ler a vida dos Ramsés, adorava as diversas mitologias, esse era o seu mundo. Por tudo isso usava de todos os meios que possuía para fazer José aprender tudo, possibilitando assim que pudesse pelo menos dar continuidade ao trabalho que seu pai tinha iniciado e que conseguira]dar andamento, e José não o desapontava, menino ainda sabia, porém inteligente, aprendia com facilidade. Nunca se deixaria ludibriar por ninguém, quando ficava embaraçado corria ao padrinho ou ao pai a fazer perguntas até se esclarecer totalmente. Por outro lado era atirado, valente, se atracava com um bezerro jogando-o ao chão em três tempos. Metia-se pela caatinga adentro, principalmente quando brincava com Luís e Corisco, que para achá-los era difícil. Conhecia canto por canto da fazenda e arredores, nunca se perdia. Nas noites de temporal, quando precisavam sair para recolher o gado, José era o primeiro a sair. Nos períodos de seca saía junto com o padrinho a comprar gado, aqui e alui e a rebanhá-lo até a fazenda. Seu cavalo, Estrela, sob seus cuidados crescia, já estando quase no ponto de ser adestrado. Corisco continuava fazendo-lhe companhia constante, dentro e fora da fazenda, já não tão

magro quanto antigamente, já meio velho mas se uma rês fugia, corria atrás recolhendo-a ao rebanho.

Na cidade José era conhecido por todos, tanto nas lojas quanto pelos moradores, pois AL[em de fazer as compras de Florinda, toda vez que Tobias necessitava dar algum recado, quem o dava era ele. E depois da surra que deu nos garotos, sua fama fez com que fossem saindo de fininho, com medo de fazer algo que ele não gostasse e sofre na pele sua repreensão. Quem gostava muito dele era Helena já que sempre estava por lá, visitava-a principalmente porque sempre sobrava um pedaço de doce para ele.

Com os dias passando, Tobias foi ficando mais apreensivo com Florinda. O mês de maio estava chegando e era o derradeiro para ela. Já estava pesada, os movimentos eram difíceis mas continuava a freqüentar o ilê de Mãe Preta, sempre acompanhada de José. Tobias se impacientava quando ia. Tinha medo que passasse mal e não estivesse por perto.

O mês de maio para Mãe Preta é um mês importante pois é nele que reverenciava as Iabás, as santas mulheres, as orixás femininas, Nanã, Iansã, Oxum, Iemanjá e disso Mãe Preta não se descuidava. Florinda sempre estivera presente dançando para sua mãe, porém esse ano o máximo que pode fazer foram o Efó e o Ebó. Sábado quinze de maio, nação reunida, foi o dia que Mãe Preta escolheu para homenagear a orixá mais velha, Nanã Buruque. Os trabalhos, como sempre, foram iniciados pedindo aos Orixás mensageiros que levassem os pedidos dos seus filhos ao coração africano, onde habitavam os Orixás da Nação. Em seguida o Rum, Rumpi e o Lê deram seu toque, o igbin em louvor a Oxalufan, com toda a nação reunida dançando para o Orixá maior.

Florinda ao canto sentada num toco, observava e ajudava a cantar seu xirê. José junto com os irmãos de nação, dançavam em seu louvor. De repente Florinda começou a sentir uma dor fina, que foi-lhe apertando a barriga, que obrigou-a a se esticar, respirar fundo e soltar. Daí a pouco, outra. Ficou quieta, não falou nada, e lá vem outra. Quando Mãe

Preta percebeu, não teve dúvida, chamou sua Ekedí, entregou o comando a filha mais velha e aproximou-se da filha:

–Ta aperreada fia, tu acha que vai desembuchá?

–É só umas dores, mãe, não se preocupe.

Assim que acabou de responder, lá veio outra dor. Mãe Preta não conversou duas vezes:

– Vamos lá minha fia, vamos lá dentro levou-a até a camarinha.

– É fia, demora não, num dá tempo prá tu ir, vai desaparecer por aqui mesmo.

– Mãe só queria que mandasse avisar Tobias.

José foi chamado e saiu correndo a avisar o padrinho. Mal ele saiu as dores começaram a apertar mais. Os atabaques no seu toque saldavam Nanã, que velha, dançava no terreiro de barro batido. E foi com Nanã em terra que Florinda pariu, atabaque batendo, Nanã dançando e sua mais nova filha nascendo. Florinda tivera sua filha aonde praticamente crescera. Tiveras sua filha com seus irmão cantando e dançando para a Orixá mais velha, ali aonde aprendera a amar a vida, amor este que a levou onde estava. Era uma linda menina, morena que nem ela com os mesmos cabelos pretos. Nascida na chamada de Oxalufan e Nanã, e seu choro foi tão alto que se misturou ao som dos atabaques, e no terreiro todos souberam que Florinda já era mãe. Nanã Buruque, a Orixá mais velha do céu, com seu manto na cabeça, se arrastando no terreiro, dançando e abençoando sua mais nova filha, e as lágrimas lhe corriam, era o prêmio à Mãe Preta, a boa e velha Mãe preta, que por Florinda tudo fizera e agora ajudava a nascer a neta da filha que nunca tivera. Nascera ali, naquela casa humilde, naquela terra de Oxalufan.

Ao mesmo tempo que Florinda tinha sua filha, às lágrimas de Mãe preta corriam-lhe face abaixo, num momento de total realização.

Tobias quando recebeu a notícia partiu em disparada em direção ao ilê de Mãe Preta, encontrando Florinda e sua filha nos aposentos de Mãe preta. Parecia uma criança, ao ver a filha. Beijou Florinda apaixonado.

nadamente, era a filha que sempre desejara e agora estava ali, por inteira, fruto do seu amor e do de Florinda.

Pela manhã por insistência de Tobias, mãe e filha foram levadas para a sua casa para que tivessem mais conforto. Quem deu o nome à menina foi Tobias, Florinda queria Janaína porém ele sempre quis ter uma filha com o nome de Tatiana e foi esse o nome que ficou.

Durante todo o período de resguardo Mãe Preta ficou com Florinda, só se separando dela para ir ao terreiro. José, neste período, ficou praticamente todo o tempo com Florinda, quase não ia em casa, só para dormir. Quarenta dias depois, já com Florinda refeita, Mãe Preta é que voltou para casa. Tobias vivia intensamente sua filha, parecia até que era o seu primeiro. Aquela casa agora estava mais alegre ainda, com a presença daquele choro e com o entrar e sair de pessoas que vinham lhes dar os cumprimentos pelo nascimento de Tatiana, gente que nunca Florinda pensou ir lá, mas que foram. No fundo isso foi bom, pois mostrava que a cidade começava a respeitá-la como mulher de Tobias.

Para Florinda não foi difícil se adaptar a vida de mãe, as andanças com Mãe Preta, lhe foram de muita valia, aprendera a cuidar de tudo. Tatiana parecia-se cada vez mais com a mãe e Tobias perdia horas brincando com ela. Tinha-lhe comprado tudo do bom e do melhor. Às duas nada faltava.

A presença de Tatiana fortaleceu muito o elo entre Tobias e Florinda, e isto para Florinda era bom, embora nunca tivesse lhe exigido nada, sentia-se mais segura principalmente por causa da filha. Mãe Preta não perdia um minuto de folga que não fosse ver sua neta.

Florinda queria batizar Tatiana, Tobias não negava porém queria batizá-la na igreja, pois era sua religião. Batizariam então Tatiana no dia de São Sebastião, aproveitando a festa na cidade e também na roça de Mãe Preta.

Com os dias se passando metade do anos há muito se fora, um novo ano já se aproximava. Não havia muitas alterações no cenário São Sebastianense, porém com a chegada do mês de janeiro uma notícia triste,

padre Bento adoecera e estava muito mal, internado em Salvador, sendo portanto muito provável que esse ano não tivesse a festa, por única e absoluta falta de padres que pudessem ir até lá. Quando todos se aperceberam foi um verdadeiro rebuliço na cidade, que já se acostumara há mais de vinte anos, a presença do velho padre no dia do padroeiro, vinha gente de longe para as missas, as barraquinhas, a retreta, os batizados, os violeiros e repentistas. Os fiéis, em grupo, se uniram sob o comando das carolas e começaram a fazer extensas novenas. A igreja foi aberta o altar aceso com a devida permissão de Nosso Senhor Jesus Cristo, tudo isto para a cura rápida do padre Bento, o que não aconteceu. Padre bento faleceu três dias após receberem a notícia de sua doença. Na cidade a tristeza tomou conta de todos, percebia-se que o velho padre era querido por todos. Esse ano São Sebastião não seria homenageado.

Em Salvador na Cúria Metropolitana um movimento de seleção de alguém que pudesse substituir o falecido padre, pois se tornara parte do calendário da mesma, a festa de São Sebastião, e além do mais os óbolos eram compensadores. Foi por tudo isso que a cúpula decidiu dar continuidade ao trabalho anual de padre bento e enviaram para lá o padre mais novo de Salvador, padre Álvaro, recém saído, que começava agora com suas pregações. Quando a notícia da vinda do padre novo chegou a São Sebastião foi uma alegria geral. Não deixaria de ter festa, os mortos seriam lembrados, as crianças não ficariam pagãs. As carolas correram em prepara a igreja e a cidade para dar-lhes boas vindas. O velho quarto foi limpo, tudo bem arrumado para receber o novo padre.

Padre Álvaro era novo ainda, deveria ter seus vinte e cinco anos, nascido em Caicó, no Rio Grande do Norte. Foi coroinha da igreja de lá desde pequeno e por sua dedicação a igreja encontrou todas as facilidades para seguir a carreira. Essa era a sua primeira missão após receber a confirmação. Na Cúria havia alguns receios quanto a sua ida, pois desde cedo ainda como Seminarista, Álvaro era contra muita coisa, o que

lhe valeu algumas repreensões, mas era inteligente, dedicava-se aos seus estudo para ser um clero secular, e seu espírito de caridade tocavam-no para a frente. Não imaginava o tipo de chão que iria tocar, sabia que iria para uma cidade pequena, realizar uma festa iniciada há mais de vinte anos, agora de concreto muito pouca coisa sabia.

A sua chegada á cidade foi impressionante: todos pararam para recebê-lo. As velhas carolas só faltavam limpar o chão para que passasse, afinal de contas teriam com quem confessar os seus pecados e receberiam o perdão de Deus através do mais santo dos padres, Álvaro, que na realidade gostava muito pouco daquelas bajulações. Queria ser ele, um padre, um elemento da multidão como um outro qualquer, como não havia jeito de desvencilhar-se, deixou-se levar.

Depois de assumir seus aposentos, começou imediatamente a se integrar na paróquia, fazendo questão de conhecer tudo. A igreja toda branca, com suas grandes portas abertas, chamava atenção de todos. Era pequena, sem dúvida, mas possuía tudo par um bom trabalho. O altar todo enfeitado, as toalhas bem alvas, os castiçais, as imagens, o ponto central, tudo lhe agradava.

Padre Álvaro pos-se logo ao trabalho, pois daí a dois dias começariam as comemorações e não poderia perder tempo. As carolas encarregaram-se de mostrar-lhe como o trabalho era desenvolvido pelo falecido padre Bento. Iniciaram com as listas de missas e batizados, quem as encabeçou foi Tobias, que ficara apreensivo com a morte de padre Bento, queria batizar Tatiana no dia do padroeiro, pensou até em batizá-la em Serrinha se por acaso não fosse haver festa.

Com as listas se avolumando, Álvaro começou a sentir a realidade . A Cúria dissera-lhe que seu antecessor levava sempre uma boa soma de dinheiro para as obras sociais da igreja em Salvador, como resultado da festa, mas Álvaro não conseguia imaginar como, pois aquela gente era humilde demais para dar aquele dinheiro falado. Fez algumas indagações junto às carolas e estas lhe disseram como conseguia. Todos pagavam tudo. Álvaro começou a não aceitar a idéia:

–Essa gente não tem nem o que comer e o que querem é só uma confirmação de Deus para seus mortos e seus filhos, e mudou logo o sistema:

– De agora em diante quem puder pagar, paga, quem não puder, Deus paga por eles, com sua benção. A notícia correu longe. Mortos que nunca foram lembrados, seriam lembrados esse ano, crianças que quase não eram mais crianças seriam batizadas. A festa era de todos, em nome de Deus que aqui estou, por isso São Sebastião seria lembrado.

O fluxo de pessoas à igreja aumentava hora a hora. Os preparativos para a festa estavam em andamento. Tobias e Florinda tinham preparado tudo. Não haveria grandes festas no batizado de Tatiana, somente um almoço para as pessoas mais íntimas, tudo sob a batuta de Florinda que fizera questão de assumir a direção. Os convidados foram escolhidos a dedo por eles. Os padrinhos, depois de escolher entre alguns nomes da cidade e de outras regiões, foram o Coronel Esteves Lima de Euclides da Cunha, seu amigo de negócios e correligionário. Sua escolha deveu-se, além de sua moral e sua estabilidade financeira, ao fato de que se algum dia lhe acontecesse alguma coisa, Tatiana estaria protegida, principalmente por causa da reação de Elisabete e os filhos. Tobias conhecia-o há muitos anos e não lhe tinha restrições. Tratava-o sempre com muito respeito. Como Esteves Lima era viúvo, a madrinha ficou sendo sua única filha, Maria da Glória. Da fazenda somente Raimundo, Maria e os filhos foram convidados, dos quais Florinda não abria mão. José ajudava-a em tudo, não saía de lá por nada, brincava com Tati, comprava o que faltava.

Era noite quando seu padrinho chegou, e ele se atreveu a fazer-lhe um pedido, tinha conversado com Luís Cobra sobre os preparativos para o almoço e Luís comentara que nunca fora a festa nenhuma, pois nunca ninguém lhe convidara, nem os seus pais o levavam, e tinha muita vontade de ir a uma. José não falou nada, esperou a chegada do padrinho para lhe solicitar a permissão de levar o amigo, ficaria muito feliz se pudesse estar presente. Tobias olhou para Florinda, que com um

pequeno sorriso mostrou que concordava com o pedido de José. Tobias permitiu, José beijou a mão do padrinho e saiu correndo em direção ao cavalo e num galope só saiu para a cidade, atrás de Luís. Lá não foi difícil achá-lo pois estava junto a igreja, vendo e ajudando na montagem das barracas. Quando o avistou, apeou e deu-lhe logo a notícia:

–Luís amanhã ocê vai come cum a gente, no batizado de Tatiana. Venho te pegar aqui e vamo junto, ocê é meu cunvidado, do padrinho Tobias, de Florinda e Tatiana.

Luís ficou radiante com o convite, José mostrava ser realmente seu amigo. Nunca na vida poderia lhe agradecer por tudo que já fizera por ele. Mas José não queria nada, tinha-o como irmão e vê-lo feliz lhe satisfazia.

Mãe Preta começou a festa de Ogum, São Sebastião da Bahia, cedo. Naquela mesma noite batizou Tatiana na sua seita, Tobias fazia questão de sua presença no dia seguinte. Com o romper da hora grande os fogos foram soltos e Ogum caiu em terra, dançando livre e valente. José dançando elegantemente fez Mãe Preta se lembrar do sofrimento de Maria, da chuva, dos raios, do vento, dos trovões. Na sua nação aberta, batendo três noites e três dias, e agora ali estava José, um garoto quase homem, forte, responsável, desde que entrara para a seita nunca faltara a uma reunião. Era o Príncipe da casa, todos o adoravam, os respeitavam no Santê. Quando os rojões da Cida começaram a estourar anunciando a alvorada, os trabalhos foram encerrados.

Na cidade a festa iria começar, começar não seria bem a expressão pois no dia anterior, na missa para os mortos, fora possível se antever o que aconteceria. A abertura da lista da missa sem ônus fez com que a igreja ficasse repleta, tinha gente em tudo que era lado, reverenciando os seus finados. Uma verdadeira multidão. Álvaro realizou uma missa simples como ele e nem o tempo que levou para ler o nome de todos os finados, tiraram-lhe o ar de alegria por ver a igreja repleta. Praticamente todos que ali estavam receberam a hóstia sagrada. No fim, foi cercado pelos fiéis que queriam agradecer-lhe pela caridade de lembrar seus entes passados.

No dia do padroeiro a cidade virou um pandemônio, a quantidade de crianças a ser batizadas não tinha conta. Na igreja não havia mais lugar para a ninguém. Quem não conseguiu entrar acompanhou a santa missa do lado de fora, quando todos do lado de dentro da igreja ajoelhavam quem estava do lado de fora fazia o mesmo. Ninguém escutava nada do lado de fora porém respondiam seguindo as pessoas que estavam dentro. Por fim o batizado. Como Tatiana era a primeira da fila, foi a primeira a ser batizada. Tobias gostara muito da simplicidade do padre Álvaro e convidou-o a almoçar com a família, pelo batizado da filha. Álvaro aceitou, porém avisou que não sabia quanto tempo levaria para chegar, devido a imensa fila de crianças a serem batizadas. Tobias disse-lhe que aguardaria, por isso não se preocupasse. Terminado o batismo de Tatiana, Tobias, Florinda, Esteves Lima, Maria da Glória e Mãe Preta voltaram para casa imediatamente.

Raimundo, Maria e os filhos ficaram mais um pouco. José saiu atrás de Luís Cobra, encontrando-o bem vestido, cabelo penteado sentado a porta de casa, já o esperando feliz da vida.

Depois do desfilar de batizados de padre Álvaro, boas piscadas d'olhos das filhas de Raimundo, menos de Tereza, que sempre afirmava não aceitar aquela gente, todos se reuniram na casa de Florinda. Pela primeira vez haveria uma reunião social com participação de membros da sociedade escolhidos a dedo bem certo. Padre Álvaro foi o último a chegar. Não havia mais de vinte pessoas, porém nunca houve tantas pessoas juntas naquela casa. Tobias encarregou-se de distribuir os convidados, Florinda a sua direita, os padrinhos a sua direita. Tatiana, no colo de Mãe Preta, estava maravilhosa, cada vez mais parecida com a mãe, sorridente, adorava a avó. Coincidência ou não, Mãe Preta

E padre Álvaro estavam sentados juntos e começaram a conversar descontraidamente. Mãe Preta teceu-lhe elogios pela atitude tomada, de abri a igreja para todos:

–Sabi inhô padi, sô uma veia preta, fia de pai cativo e aprendi vê Deus da maneira que ele via. Inhô vê Deus du seu jeito nas suas missa

e eu vejona minha roça, mas inté acho qui mais forte qui agente chama por ele, é a gente pode enxerga ele. Seje o seu Deus, o meu Obatalá, num importa como a gente chama, o qui importa é agente podê inxergá, podê passa a mão em nós e acha qui nós é um pedaço dele, e agente num esquece que ele ta sempre do lado da gente.

Padre Álvaro concordou:

– Creio que a Senhora tem razão, também não acho válido as discussões desta ou daquela religião, acho sim, que todos unidos podemos ter Deus mais próximos a nós, porém este é um tema muito difícil e quem sou eu para ditar normas aos meus superiores. A conversa entre os dois discorria descontraidamente até que Tobias pediu a palavra para, em nome da família, para agradecer a presença de todos e erguer um brinde a Tatiana.

Quem estava todo sorrisos era Luís, ao lado de José. Sentia-se um nobre sentado à mesa comendo normalmente. Terminado o almoço, todos conversavam enquanto Florinda dava os últimos retoques no café. Tobias aproximou-se do padre Álvaro e de Mãe Preta e indagou:

– Mãe Preta, o que a senhora acha de nós termos um padre junto a nós, assim do estilo do padre Álvaro?

– Oie inhô, inté seria bom, inhô num viu como o nosso povo tava feliz cum as caridades que ele fez? Imagine inhô cum esse coração desse tamanho, seria mio pra gente. Álvaro sorriu, no fundo esta era uma pretensão sua desde que chegou a cidade, mas não podia dar nenhum indício de querer ficar sem antes ouvir seus superiores. Tobias foi mais incisivo:

– Padre, se vê que o senhor é um homem novo, não tem muito tempo de batina, então porque não ficar conosco, temos a igreja, inúmeros fiéis necessitando de vossos préstimos. Mãe Preta complementou:

– Lá na capital os padres qui tem já dá pra todo mundo, aqui um ia fazê muito vivente alegre, sabe inhô, quem ta acostumado a vivê no escuro, quando vê o dia claro, num qué que ele se acabe, Álvaro sorriu prometendo;

—Olhe, vou fazer tudo que para poder ficar com vocês mas queria que soubessem que eu não sou sozinho, minhas decisões dependem das de meus superiores e portanto, mesmo que resolva ficar dependendo da aquiescência deles.

A semente estava lançada, agora era esperar os frutos. Tobias esperava muito contar com a presença definitiva de Álvaro na cidade, afinal de contas era ou não um político e até ali, no batizado da filha a desenvolvia pois se conseguisse a sua permanência, Ólegário Macambira prorrogaria seu mandato por mais quatro anos tranquilamente, só pelo feito de ter conseguido abrir definitivamente as portas da igreja. Com isso desarticulária, mais uma vez, as pretensões de Pedro capão ascender a prefeitura.

Esteve Lima e sua filha estavam orgulhosos da afilhada que, toda sorrisos, passava de colo em colo. Esteves Lima tinha cerca de cinqüenta anos e Maria da Glória vinte e cinco. Ele era um nordestino típico, nascido em Cascavel, Pernambuco. Ainda moço, veio com os pais para Euclides da Cunha, onde prosperaram. Eram os donos da região e seus festejos políticos faziam a alegria da cidade. Maria da Glória era a única filha, magra, mais alta que o pai, trazia por cima do nariz um par de óculos de lentes grossas que marcavam-no. Solteira ainda, adorava crianças e o carinho que lhes dispensava contrastava com seu tipo físico brutalhado.

Florinda estava totalmente à vontade, volta e meia abraçada a Tobias, ora com Tatiana ao colo, brincando com José e Luís ou conversando com os compadres.

José procurava deixar Luís a vontade. E Luís sentia-se gente no meio de todos.

Não eram cinco horas ainda quando o grupo começou a se dispersar, começando pelo padre Álvaro, que ainda tinha missa para rezar as seis horas. Os últimos a sair foram Raimundo, Maria e as filhas. Esteves Lima e Maria da Glória ficariam até mais tarde pois pernoitariam na fazenda e retornariam a Euclides da Cunha no dia seguinte.

José levou Luís cobra e este mostrava-se realizado. Quem diria, logo ele, preterido até pelo pai, participava de uma festa reservada, do Coronel Tobias, o senhor da região.

Na manhã seguinte um cenário antigo foi revivido; todas as carolas foram embarcar padre Álvaro para a capital. Algumas surpresas estavam reservadas. Por mais incrível que possa parecer a receita da festa de São Sebastião, que para Álvaro não ia ser quase nada, foi o triplo do que o falecido padre Bento arrecadava, por um motivo só: com a abertura a todos, cada um deu o que podia dar, e praticamente ninguém deixou de contribuir. Foi o inverso da moeda, o reconhecimento de todos a uma boa causa. Dê aos pobres e eles te retribuirão como puderem, mas retribuirão. Oito horas, farnel pronto por Helena, uma verdadeira multidão lotou a praça para dar adeus ao padre Álvaro, inclusive com a presença de Tobias, Olegário Macambira, Manuel do Sisal, Malazartes, os vereadores, afinal este era um ano político.

O impacto causado pela arrecadação nos superiores de padre Álvaro foi espantoso, todos quiseram saber como conseguira já que o falecido padre Bento era considerado mestre em tirar leite de pedra, porém Álvaro o superara e com sobras. Álvaro não escondeu, disse somente:

– Abri por deus e prá Deus, e este me recompensou. Passado alguns dias Álvaro comunicou a Cúria seus desejos de se fixar definitivamente em São Sebastião, fora bem recebido e além disso o convite feito por Tobias. A resposta foi a de que nada poderiam fazer pois a decisão não estava ao alcance deles mas levariam a quem de direito suas pretensões, que continuasse com seu trabalho, pois achavam difícil sua liberação, uma coisa porém garantiam, seria o substituo do falecido padre Bento nas festas de São Sebastião da Caatinga.

Álvaro percebeu que esta tinha sido uma maneira delicada de lhe dizer não, só que não desistiria, continuaria a insistir. Ficar em Salvador fazendo o que? Lá era reconhecido, poderia dar vazão aos seus anseios, seria o padre Álvaro, ouvido e respeitado como tal, aqui, o que eu sou? Um auxiliar, um padre novo que ainda tem que aprender.

Tobias, por seu lado, não ficou só no convite, começou a se mexer. Numa de suas idas a capital encontrou-se com o governador, eram velhos correligionários e usou desta arma para conseguir seus intentos. Planejava tudo, o governador solicitaria a Cúria a transferência de Álvaro. Um pedido direto do governador não pode e não deve ser negado. Havia entretanto um detalhe importante, não convinha que fosse transferido de imediato, esta só deveria acontecer quando o processo sucessório começasse a fervilhar, ou seja nos meados de outubro, isto reforçaria sua posição. O alibi que usaria para adiar a ida era aumentar as instalações da paróquia e a própria moradia do padre, para que tivesse um mínimo de conforto. Assim foi pensado, assim foi feito, Tobias solicitou, o governador apoiou, afinal de contas Tobias era um de seus pontos de lança no interior conseguindo votações maciças do sertão. Esse era um ano político, postulava o posto de Senador e porque não apoiar? De grão em grão a galinha enche o papo, e ali não estava um grão e sim todo um milharal;principalmente que ligado a Tobias estavam Esteves Lima, Desiderato Serapião em serrinha, José Arruda em valente e João arcanjo em Queimadas. Não podia e nem devia negar.

Um mês depois, Tobias teve a resposta, dito e feito, Álvaro já era padre de São Sebastião e esse transferiria para lá no final de outubro, após terminar sua obra missionária na capital.Tobias procurou-o para comunicar-lhe a decisão e este ficou emocionado:

– O senhor conseguiu minha transferência?

–Sim, meu bom padre Álvaro, prometeram-me que no final de outubro o senhor irá em definitivo. Agora seria bom que o senhor fosse por lá agora, para que orientasse-nos em algumas mudanças que pretendermos fazer na igreja, queríamos aumenta-la, torná-la mais habitável.

– Não há necessidade, respondeu Álvaro.

– Ora, como não? O senhor não sabe o quanto ficou querido na região, e como não existe padre numa extensão imensa temos que nos preparar para a invasão de fiéis. Convencido, Álvaro se prontifi-

cou e realmente conseguiu licença de sete dias para poder estudar as mudanças.

Um mês após lá estava Álvaro. Nesse ínterim Tobias aproveitara para acender o estopim, comunicando a todos sua vitória na capital. A euforia era geral, as carolas viram atendidas suas intermináveis novenas. Tobias avisou inclusive da vinda do padre Álvaro para ver as obras na igreja.

No dia combinado, quando o ônibus chegou, a multidão o esperava e foi aplaudido desde a hora que desceu até entrar nos seus aposentos, dentro da igreja.

Tobias já traçara os planos, ele e Manuel do Sisal bancariam parte da obra, a prefeitura o resto.

Naquela semana Álvaro teve atividade, além de rezar missa todos dias, reunir-se com Tobias e os demais. Com tudo acertado, retornou a capital com ares de vitorioso, ainda porque, não se comentava outra coisa. Esta notícia só desagradou a uma pessoa, Pedro Capão, que mesmo assim não desistia, procurava mostrar a todos que aquilo não passava de manobra política. O povo não o ouvia, pois a partir daquele dia, só viam as obras na igreja. As carolas entraram em polvorosa e passavam o dia inteiro no crochê, na máquina preparando, na máquina preparando um novo enxoval para a igreja, afinal de contas Deus ouvira suas preces, de outubro em diante teriam o perdão diário, ficariam imunes ao pecado.

Mãe Preta, embora tenha servido de instrumento inicial às manobras de Tobias, ficara satisfeita por tal, pois realmente lhe agradava a idéia de ter o bom padre Álvaro junto a cidade, afinal de contas a vitória de Tobias era também, e porque não, de Florinda.

Quem acompanhava todo esse movimento era José, cada vez mais caboclo, mais vaqueiro, mais auxiliar quase número um de Tobias, o primeiro era seu pai.

O correr daquele ano fora de transformações na cidade: primeiro a abertura do padre Álvaro, segundo as obras na igreja, com a futura vinda do mesmo.

Alterações também começaram a ser notadas também junto à família de Raimundo, pois querendo ou não, suas meninas já não eram mais meninas, eram moças feitas e pouco a pouco começaram a se enrabichar, logicamente por vaqueiros da região. Só Tereza é que não. Mantinha-se fiel a suas promessas de não se ligar a homem do local. Amigos não os possuía e sempre se afastava de reunião com gente de sua idade. Seu amigo era José, e só. Por aquele irmão fazia tudo. Era com ele com quem conversava. Fora de José, sua única ligação era Florinda, pois como esta ficar sem sua companhia por ter dado um mau passo, por interferência de José e nunca por ordem do pai, foi ficar com Florinda para ajudá-la a tomar conta da casa e de Tatiana. Para Tereza foi excelente pois a mudança de ares, a ausência diária de casa não permitia que discutisse com o pai, que não admitia suas intransigências e as conversas, ditas fúteis de suas irmãs.

Possuía pretensões, tiradas não se sabe de onde, porém as tinha. Não queria ser apenas mulher do sertão, que nasce, cresce, se amanceba, dá um filho por ano ao seu homem e some na poeira do tempo. Ela não queria muito mais, queria ser Tereza mulher, valente, que homem não ia montar assim não. Seria até ao contrário, se algum dia homem lhe agradasse, ela sim é que montaria nele. Essa era Tereza, altiva, independente, que em contato com Florinda, com muito mais idéias na cabeça depois que foi morar com Tobias, conseguia com quem conversar, colocar seus pensamentos para fora. Florinda sorria.

–Tome jeito mulher, isso não são idéias para moça do sertão!

–Olhe Florinda, eu não sou moça sertaneja, eu nasci aqui por acaso, mas minha alma veio mesmo foi do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Salvador, sei lá, a carne é de São Sebastião, mas o espírito nunca.

Tobias gostava muito de Tereza pois era responsável, ainda mais que era remunerada mensalmente. Gostava de ler e Tobias presenteava-lhe todos os meses, nas suas idas a Salvador, com livros, geralmente romances. Este procedimento de Tobias foi por iniciativa própria de Tereza, que com o primeiro dinheiro que ganhou, pediu-lhe para trazer de Sal-

vador, para que continuasse a ler e estudar pois não queria ficar parada. A partir daí, ela os recebia e os devorava, dúvidas tirava-as com Tobias, quando este sabia.

Como previsto as obras da igreja se arrastaram até o mês de outubro. A esta altura se sabia de sobejo que o mandato de Olegário Macambira se prorrogaria por mais quatro anos. Pedro Capão fez de tudo, mas tudo inútil. O que importava mesmo e que São Sebastião da caatinga, a partir daquele mês, teria um missionário de Deus, um padre tão desejado. Se Deus custou-lhes a ouvir as pretensões, diziam as beatas quando as ouviu, o fez da melhor maneira possível, ou seja, enviando-lhes o bom padre Álvaro.

Tudo pronto, Tobias foi a capital dar o sinal verde para o padre Álvaro que já se impacientava, louco para ir de vez para a “sua igreja.” Combinaram que em trinta de outubro chegaria a cidade. Esta data foi escolhida por um simples motivo, seria uma segunda feira, dia da feira semanal de São Sebastião e o retumbar da chegada definitiva do padre Álvaro alcançaria todas as ruas, os vilarejos, percorreria os quatro cantos do sertão. Se houvesse alguém que ainda não soubesse da sua vinda, o que era quase impossível, este alguém ficaria sabendo de imediato.

A festa de recepção foi algo assim estrondoso, coisa nunca antes vista. Nem mesmo na despedida do Doutor Adjovaldo fora tão grandiosa, a começar que naquela ocasião foi o povo que organizou e aqui não, aqui a recepção era a quatro mãos, povo, políticos e ou Prefeitura. Houve de tudo, rojões, cantadores, violeiros, bandeirolas enfeitando a cidade, faixas nem se conta, pois desde Conceição do Cuité eram vistas dando-lhes as boas vindas. Foi levado nos braços pelo povo, com Tobias, Manuel do Sisal, Olegário macambira, Malazartes e os vereadores à frente, Como fora combinado antes, padre Álvaro só teve tempo para um bom banho, um ligeiro repasto e meteu-se nos paramentos, rezando sua primeira missa como padre de São Sebastião da Caatinga. Não precisa nem se falar de multidão. Ao final, rojões e mais rojões, a cida-

de em festa e o jantar ofertado pela prefeitura, leia-se Tobias, na própria igreja.

Quem lucrou com o acontecimento foi Helena pois foi a encarregada pelo mesmo. Acredita-se que todas as casas ficaram vazias com seus moradores recepcionando o bom padre Álvaro, exceto alguns como Pedro Capão e João Farmacêutico e mais alguns correligionários, não muitos, uns dez somente como ficou provado duas semanas depois, na vitória fragorosa de Olegário. Só quinze votos foram dados a João Farmacêutico, assim mesmo na urna da cidade, pois a do interior só davam Olegário. Quase que a úlcera de João estoura novamente, porém o que fazer? Lutar contra a inteligência e o poder de Tobias era algo muito difícil, o melhor era aceitar a derrota e tirar ensinamentos para a próxima. Satisfeito também ficou o Governador, sendo eleito para o senado com sobras. O que muitos não perceberam é que Tobias conseguiu com esse lance eleger os prefeitos de valente, Cansação, Queluz, Conceição do Cuité, Monte santo e Senhor do Bonfim, justamente por causa do alcance de sua iniciativa. Com isso muitas divergências deixaram de existir, o que veio beneficiar a todos, principalmente os grandes, que agora tinham trânsito livre em uma imensa faixa do Cariri. A toda essa alegria, uma grande tristeza, e essa foi para José, Corisco, o velho Corisco, companheiro inseparável de todas as horas, da cidade, da fazenda, das brincadeiras na caatinga. Ao acordar pela manhã encontrou-o morto, ao pés de sua rede, com os olhos abertos como se tivessem lhe dando o último olhar. José gritou, José Chorou, e a raposa correu para o cerrado, a se esconder, sofrendo na alma a perda de sua presa preferida.

IX

Com o repicar do sino, todo santo dia, às seis horas da manhã e da tarde, havia missa na igreja. Padre Álvaro, sempre solícito, conhecia praticamente todos da cidade, tinha a vida que solicitara a Deus. Começava a dar início a alguns planos que traçara. O primeiro, a construção de um colégio para as crianças, onde formaria as professoras que lidariam com as crianças. Da planilha à execução foi rápido. A prefeitura cedeu o terreno, o povo o resto e em seis meses o colégio estava pronto, modesto, porém São Sebastião ganhara um que, como não poderia deixar de ser, recebeu o nome de Colégio São Sebastião.

Inicialmente, o próprio Álvaro dava aulas até que conseguiu reunir um grupo de moças da cidade que pouco a pouco foi assumindo o lugar de professoras, dando a Álvaro maior liberdade. Para Tobias, Manuel do Sisal, Olegário e Malazarte a vinda do padre estava dando mais frutos do que esperavam. O povo os tratava com admiração e respeito, mas também porque não? Eram ou não as cabeças pensantes de São Sebastião da Caatinga?

Tatiana, a medida que crescia, enchia Tobias de vaidade. Retrato fiel da mãe, a primeira palavra que falou foi:

— PAPAI, pintava e bordava com ele. Florinda ainda o advertia:

— Homem, tu estas enchendo essa menina de dengo, depois quem atura sou eu.

— Qui nada, mulher, deixa que eu sei o que faço.

Tereza, a esta altura, devorara todos os livros que Tobias lhe trouxera. Seu grau de instrução era visivelmente superior ao de suas irmãs. Quem

se beneficiava deste fato era José pois todo o tempo disponível que Tereza possuía ensinava o que aprendera.

Florinda, tendo-a a seu lado, sentia-se uma madame. Tereza não lhe permitia fazer quase nada. O que Florinda imaginava, já estava feito.

Mãe Preta, com os cabelos já bem amarelados, sempre que podia vinha ver sua neta e sua filha, logicamente. José se desenvolvia a cada dia, ultrapassara o tamanho do pai em muito. Forte como um touro, cavalgava velozmente atrás do gado, e nenhum lhe escapava. A cidade o reconhecia e o respeitava, era a raposa de cerrado para todos. Conhecia a caatinga como ninguém. Luis cobra, sua companhia insuperável, quando não estava com o padrinho, Florinda ou na roça de Mãe Preta, estava com ele.

Numa destas estadas com Luis, ao passar a filha de um vaqueiro da região, José comentou:

— Esta negrinha retada bem que nós podia fazer um samba de pé pra cima. A menina escutou e, como era atrevida, respondeu na hora.

— Óie, vá fazê samba de pé pra cima cum tua mãe. José ficou uma fera com a resposta mas Luis segurou-o e não o deixou tomar nenhuma atitude.

Alguns dias depois José foi chamado por Raimundo e Tobias, que passaram-lhe uma descompostura pelo fato. No fundo até que gostaram mas não podiam deixar passar em vão, era filha de gente conhecida e tinha que respeitar. Mediante este acontecimento, Tobias fez ver a Raimundo que era hora de iniciar José na vida, afinal de contas já estava com quatorze anos, e antes que começasse a fazer besteiras, o encaminhariam. Ninguém melhor do que Tobias para isso, foi freqüentador assíduo dos bregas de São Sebastião, não que ele hoje não os freqüentasse mais, pudera, como ele mesmo dizia:

— Que seria dos homens se não houvessem os bregas. Ele ainda os freqüentava, pois afinal de contas, muitas decisões políticas são tomadas dentro dos bregas pois é ali que, muitas das vezes, se reúnem, juntando política, negócios e prazer. Para se dizer a verdade São Sebastião

só possuía um brega decente, o brega da Cléa, mulata forte, de meia idade, respeitada no ramo pela qualidade das suas filhas, como as chamava. Não trabalhava com mulher velha, só franga nova, coisa a que não cansava de repetir:

— Gado velho gosta de capim novo, e como sou boa fazendeira, tenho sempre capim tenro para oferecer. Praticamente todos os grandes homens da cidade freqüentavam regularmente o Bebedero, como era chamado, exceto um, Pedro Capão, também pudera, o que ia fazer lá? Nada.

Tobias chamou José para um passeio e falou-lhe do que pretendia, José só teve uma reação:

— Padinho, vai sê hoje?. Tobias sorriu e disse-lhe que não:

— José, um dos maiores segredos do homem é a paciência e o saber esperar. Podes ficar tranqüilo que ainda esta semana nós vamos lá. José ficou impaciente mas não podia fazer nada, o remédio era mesmo esperar.

Tobias por sua vez teria de ajeitar as coisas. Convidou logo alguns amigos e Raimundo logicamente para participar do ritual de iniciação de José. As desculpas, nas casas, foram praticamente as mesmas, era uma saída para uma reunião política e não tinham hora para terminar.

Sexta-feira, José não agüentava mais de impaciência, dormia e acordava sonhando com a ida ao brega. Quando o padrinho avisou-lhe que seria naquele dia deu pulos de alegria. Tobias comprara-lhe roupas novas condizentes com o seu afilhado preferido. Oito horas da noite, todos se puseram a caminho, devidamente arrumados para mais uma reunião política.

O brega da Cléa fica a umas três léguas de distância da cidade. Localizado num lugar ermo não comprometia muito as pessoas que lá compareciam, quem olhasse da estrada não percebia nada, posto que para se chegar entrava-se por uma picada caatinga de bem uns dois quilômetros, e aí sim, no meio de uma grande clareira, ladeado de cerrado por todos os lados encontrava-se o Brega da Cléa. Era um local bem fre-

quentado não só pelos homens de São Sebastião como das cidades vizinhas, principalmente às sextas e sábados, quando uma pequena banda alegrava o ambiente. Segundas-feiras não funcionava e no resto dos dias um velho gramofone tomava o lugar da banda. Diríamos que era uma casa grande, com uma grande sala, onde várias mesas eram dispostas. Trabalhavam com Cléa cerca de quinze meninas, cuja idade máxima era de vinte anos. Todas eram oriundas de outras regiões aceitava gente do local. Era ela que administrava tudo, recebia, distribuía suas filhas pelas mesas. Bebida nada de especial, só o de costume porém suas filhas eram terminantemente proibidas de beber. Comida só tira gosto, para acompanhar as bebidas. Nos fundos da sala, atrás de uma grande cortina, um corredor com os quartos dispostos de cada lado, num total de vinte quartos. Cléa controlava o uso dos mesmos, a que horas e com quem. Não havia iluminação, lá fora a da lua, dentro, inúmeros fífos davam-lhe um ar nebulosos. Nos quartos a mesma coisa.

Até que para uma casa deste tipo, na caatinga, era bem organizada. As mesas sempre arrumadas e nos quartos uma cama e uma cadeira. Para que mais? Ali não era pensão. As instalações de moradia de Cléa e suas filhas ficavam do outro lado, trancadas, por onde passava ninguém.

— Os meus aposentos e de minhas filhas é lugar de respeito, ali cabra num bota os pés.

Foi justamente neste local, com a banda preparando-se para começar a tocar que chegaram José, Tobias, Raimundo, Manuel do Sisal, Olegário e Pedro Malazarte.

Quando Cléa viu chegar a cúpula diretiva da cidade correu logo a recebê-los:

— Mas quanto honra, teremos decisões importantes para a cidade hoje? Há quanto tempo não recebo um grupo tão importante.

Na realidade, dificilmente compareciam em grande número, iam sempre dois, no máximo três.

— Até Coronel Tobias por aqui? Mas que houve minha gente?

Tobias foi quem respondeu: — Minha querida Cléa, você sabe que quando posso, apareço, mas hoje é um dia especial, conheces este aqui, apontando para José. Já deves ter ouvido falar dele, é José, meu afilhado, pois saiba que vamos iniciá-lo na coisa mais bela da vida, a mulher, e contamos com a sua ajuda. Arrume um lugar para nós, depois vamos ao resto. Todos riram, batiam nas costas de José, meio sem graça, metido em um terno cinza escuro de listinha que Tobias trouxera para ele, de Salvador. Sapato preto com biqueira branca, de chapéu e tudo lá estava ele, dentro do brega, ele que sempre sonhara, que montara mulas e águas nos pastos, que se masturbara por aquele momento, agora lá estava, a raposa saíra do cerrado, à procura de sua fêmea. Doido para pegar sua rês, monta-la e jogá-la ao chão, lá estava ele, muito mais Exu que outra coisa, à procura de suas Pomba giras. Seu coração batia tão forte que estremecia o paletó. Sua voz saía tremida. Tobias sorria, Raimundo nem se fala. Depois que todo mundo se acomodou, Cléa ofereceu uma rodada de conhaque a todos, para abrir os corações e levantar a moral, e a José também foi oferecido, ele que às vezes, escondido tomava goles da cachaça de Raimundo. Todos levantaram, brindaram à iniciação de José.

Cléa, embora cobrasse de todos, normalmente não aceitava pagamento por parte de Tobias pois sempre que precisava de alguma coisa na cidade ou mesmo da capital, conseguiu-a através dele. Como José era afilhado de Tobias e, de longe, escutasse a afeição que tinha por ele, resolveu transformar aquela noite numa noite inesquecível para José. A primeira coisa que fez foi mandar suas filhas todas virem cumprimentá-lo e em todas era obrigado a dar um cheiro. A cada cafungada no pescoço José estremecia e elas, por sua vez, não se faziam de rogadas, roçavam-se nele, tocando seu centro virgem, puro de mulheres. Cada uma que passava era uma gargalhada geral. Os botões da braguilha de José faziam força para ficarem no lugar.

Cléa realmente sabia fazer as coisas, a golada de conhaque que tomou tirou-lhe toda a inibição e agora já tomava a iniciativa para agarrá-las. Baixinho perguntou ao padrinho:

— Padrinho, inda num posso não? Tobias sorriu:

— Calma, homem, calma.

Cléa chamou Rosinha de Xiquexique, morena escura, dos olhos grandes, esverdeados, a mais procurada e também a de maior fama e disse-lhe:

— Rosinha, ele é todo seu, veja lá sua responsabilidade, olhe o que vai fazer com ele, Tobias quer ele cabra macho, num quer chibungo não. Rosinha sorriu e disse:

— Mãe, você num acha que antes nós tem que dançar? Cléa sorriu e fez sinal para a banda que atacou de maxixe. José não tinha jeito nem de segurar Rosinha, mas esta não teve problemas, trouxe-o para junto de si, meteu-lhe as coxas pelas sua adentro, nariz no seu pescoço e a ponta das unhas nos seus cabelos. José se contorcia, dançava o maxixe sem saber dançar.

Quando a música terminou, sob uma salva de palmas, José foi conduzido no meio de duas filas feitas por todos presentes. Tobias conduzia José, cuja calça já estava toda molhada, e Cléa, Rosinha que sorridente assumiu o papel de noiva. Quando atravessaram a cortina, com a chave do melhor quarto em mãos de Rosinha, as palavras e os gritos de incentivo aumentaram. As pernas de José estavam trêmulas, Cléa oferecera outra rodada de conhaque e não enxergava mais nada, via tudo nublado, com aquela beleza de mulher a seu lado, conduzindo-o pela mão. Quando entraram no quarto Rosinha não lhe deu tréguas. Começou a acariciá-lo, a tirar sua roupa e envolvê-lo em seu corpo. José agarrava-a mas ela se esquivava. Rosinha instigava a fera e recuava. Após algum tempo, começou a ceder e deixou-se penetrar consumindo José vorazmente. José que delirava, José que suava, José que sorria e que de repente dentro dela explodiu feito um vulcão, lançando dentro dela, lavras do mais puro amor. Aqueles momentos pareceram-lhe durar uma eternidade e quando deu por conta, lá estavam juntos: José de Jesus e Rosinha de Xiquexique, na mesma cama, respirando o mesmo ar, com a mesma luz de querosene. Quando José pensou que tinha terminado Rosi-

nha contra atacou a fera novamente pegando-lhe o cetro de amor, ainda meio úmido, acariciando-o e começou a lhe dar mordiscadas em todas as direções e sentidos. Degustou sem a menor inibição o amor que restara. Suas mãos, seus dedos e suas unhas corriam-lhe todo o corpo, José tremia, José sonhava e Rosinha sugava-lhe mais e mais. Quando a fera estava sem a mínima resistência, Rosinha devorou-lhe novamente, com José estremecendo, gritando, explodindo. Rosinha continuava a marcá-lo com suas insígnias de mulher amante, de mulher vida, de mulher de brega, que só a ela mesmo pertencia. Ainda ficaram por lá um bom tempo pois Rosinha fê-lo impalar-lhe com total descontração e com tal maestria que José novamente explodiu entre gritos de satisfação e gozo.

Quando retornaram ao grande salão Rosinha estava com a expressão das grandes amante, e José, trôpego, mal podia se agüentar, da surra de amor que tomara.

Quando chegaram próximo à mesa onde estavam todos, Tobias perguntou:

— Como é José, que tu achou, gostaste?

— Gostei não padrinho, adorei, é mais gostoso que fruto de mandacaru, é andá de cavalo sem te chão embaixo, não dói os quarto.

Todos riram. Tobias virou-se para Rosinha:

— Como é, Rosinha, que é que você achou, o cabra é macho mesmo?

— Óia inhô, seu afilhado, macho ele é, num corre não, agora deixa que agente aqui quebra as arestas, lapida o bruto, que esse é jarro de boa fornalha, num quebra assim não.

Raimundo sorriu, enfim o macho que sempre esperara ter para substituí-lo, não ensinou-o a vaquejar e nem a vadear sozinho, teve a ajuda do compadre mas tava ali, forte, macho, a penetrar as filhas de Cléa.

Entre goles de conhaque, músicas e mulheres todos acabaram visitando os quartos de Bebedero. José continuava sob o julgo de Rosinha que não se desgrudava dele para nada, e nem se dava por vencida. Tanto fez, tanto o buliu que a raposa cedeu novamente e foram novamente se aninhar, a acoitar as fibras do sisal.

Com a madrugada indo bem longe foi quando se retiraram, os primeiros a chegar os últimos a sair, com Cléa a suas filhas levando-os às portas e Rosinha indo com José até seu cavalo, pendurado em seu pescoço como quem não o quisesse deixar ir. Saíram todos no galope até alcançarem sua direção.

De manhã, quando Tobias e Raimundo pensavam que José só acordaria às tantas, lá estava ele, montado em seu cavalo, a tocar o gado. No pescoço uma recordação, Rosinha carimbara-o com sua marca para que todos vissem que naquela noite ela foi sua. Maria, quando viu, ainda perguntou a Raimundo e este respondeu sem muitas palavras:

— Deixe isso pra lá muié, é coisa de home.

Se aqueles dias foram de satisfação para Raimundo, por causa de José, não o foram em relação às filhas, principalmente Mariazinha. Há muito que via-a se enrabichar pro lado dos vaqueiros. Chamava atenção de Maria:

— Homem eu educo, muié é lá com você.

Maria andava meio desconfiada da filha porém, toda vez que tocava no assunto, ela não dizia nada, mas agora estava aos olhos dela. Deu uma imprensada na filha, com a ameaça de que se não dissesse a verdade mandaria o pai falar com ela. Mariazinha, com medo, não negou. Tinha se entregue a Julião, vaqueiro da fazenda, e há três meses que o incômodo não vinha. Maria ficou pálida, não sabia o que dizer, como iria falar com Raimundo? Logo ele, exigente, que mantinha as filhas debaixo de seu controle. Qual seria a sua reação? Estava sem saber o que dizer nem o que fazer. Mariazinha, de cabeça baixa, nada falava. Maria passou o resto do dia entregue, a arrumar um jeito de falar com o marido, de maneira que ele não tivesse uma reação violenta com a filha. Pensou em pedir ajuda à Florinda ou à Mãe Preta, mas desistiu. É noite, quando Raimundo chegou, Maria estava muito quieta, pôs-lhe a comida sem nada falar. Raimundo pressentiu que alguma coisa não ia bem mas não deixou transparecer nada, jantou e foi-se sentar à beira do alpendre. Maria continuou dentro de casa. Homem vivido, conhecedor

das reações da mulher, resolveu chamá-la para conversar. Maria gelou, era agora, não poderia deixar de ser. Será que Raimundo já sabia?

— Seja lá o que Deus quiser. E foi ao seu encontro. Mariazinha mettera-se em sua rede, e de lá não saía. Raimundo perguntou logo:

— Muié, que que ocê ta m'iscondendo?

— Nada não Mundinho.

— Muié, ti conheço, sei quando tu ta no aperreio, t'isconde mais que coruja de dia. Que qui ta havendo?

— Nada não, Mundinho.

— Mui, desembuche, tu num vê qui sou home vivido, tas querendo encobrir algum arrespeito di mim. é de nossa fia, num é?

— É Mundinho, mas num queria que ocê ficasse brabo.

— Muié, ficá brabo porque?

— Porque Mariazinha deu um mau passo, se entregou e ta embuchada.

Raimundo baixou a cabeça, respirou profundamente, olhou para a mulher, de cujos olhos brotavam duas lágrimas e, ao contrário do que Maria pensava, não teve reação violenta, pegou a mão da mulher, trouxe-a para junto de si, enxugou-lhe as lágrimas e falou:

— Muié, tu t'isqueceu qui cum nós foi assim. Num ti apavore, num vou maltrata ela não. Só quero sabê quem é o cabra, pra ele se assunta e assumi o que fez.

— Mas Raimundo!

— Muié, num ti preocupe, vá lá, chame Mariazinha, e venha cum ela conversar aqui.

Mariazinha quando viu a mãe chamando se apavorou mais ainda:

— Mãe, pai vai me batê?

— Vai não fia, ele qué é conversá cum ocê.

— Mas mãe?

— Num tenha medo fia, ta feito num ta?, intão vamu embora.

Quando Raimundo viu Mariazinha, manteve-se imóvel, somente ordenou:

— Menina, sente aqui du meu lado.

Mariazinha, com olhar de pavor, obedeceu. Raimundo logo falou.

— Qué dizê qui ocê vai me dá um neto?

Mariazinha só sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Entonces, quero sabê quem é o pai.

Mariazinha arregalou os olhos e não conseguia dizer uma palavra.

Raimundo continuou:

— Óie menina, num existe fio de um só, ele é sempre de dois, e esse eu quero sabê quem é. Num quero batê, nem machucá ninguém, quero é que se assunte e assuma ocê, fia minha num tem fio sem pai. Fiz a mesma coisa cum a tua mãe mas fui cabra macho e de palavra. To cum ela inté hoje. Por isso é que quero fala cum ele.

Mariazinha a muito custo conseguiu falar.

— Pai, é de Julião, Julião das Mangabeira.

Raimundo só ouviu, em seguida mandou Mariazinha entrar. Maria ficou a seu lado:

— Muié, num ti preocupe, teu home num é mais aquele que ocê conheceu, num vou maltrata ele mas ele vai tê que assumir, num quero fia desavergonhada.

Logo após se retiraram com Maria sentindo-se mais aliviada.

Na manhã seguinte Raimundo foi logo conversar com Tobias, contou-lhe o acontecido. Tobias ficou furioso, desrespeitar a filha do seu empregado dentro da sua fazenda? Raimundo concordou com as ponderações de Tobias mas pediu-lhe para conversarem juntos com Julião, para ele saber o que tinha feito. Dito e feito partiram em direção às pastagens, onde junto aos outros vaqueiros este se encontrava. Julião era um cabra novo, de seus vinte e oito anos, baixo, falador, quando viu os dois lhe chamarem, com cara de poucos amigos, estremeceu. Tobias convidou-o a seguirem juntos e foram com Julião sendo ladeado, direita por Tobias e esquerda por Raimundo.

Tobias foi áspero nas palavras e disse-lhe que só não ia embora porque agora teria família pra sustentar, e que não adiantava, podia ir ao

inferno, que se fosse ele ia atrás. Raimundo só olhava. Julião ainda se desculpou que tinha programado ir falar a respeito com Raimundo. Raimundo dessa vez foi que respondeu que não acreditava nele, agora que ele providenciasse tudo e bem rápido porque não queria filha dele mal falada:

— Tu comeu a fruta, agora engole o caroço.

Julião não teve outra saída, ainda ladeado pelos dois, foi até a casa de Raimundo.

Maria, quando viu os três, se apavorou porém o marido logo desfez qualquer coisa:

— Ta tudo bem muié, agora chame Mariazinha que Julião qué falá cum ela.

Mariazinha, meio trêmula, veio ao encontro deles mas Julião não deixou ninguém falar:

— Óie Mariazinha, teu pai e Coroné Tobias, já cunversou cumigo e nós já arresolvemu tudo, nós se junta ainda esse mês.

Na verdade Julião só não perdeu o emprego por causa de Mariazinha pois por Tobias e Raimundo iria embora na mesma hora, só não ocorrendo por: causa da situação dela.

Quem reagiu explosivamente foi José, ao receber a notícia. Queria fazer e acontecer mas foi proibido pelo pai e pelo padrinho de tocar no assunto com Julião. José ficou furioso, queria porque queria tirar satisfação mas foi obrigado a se conter. As irmãs nada falaram, só fizeram lhe dar apoio, exceto Tereza, que ao receber a notícia sorriu e comentou:

— Eu não disse que o fim delas é se amancebar com homem cheirando a bosta de vaca?

José, depois que foi ao brega, não tardou em dar notícias a Luis cobra, que, cheio de inveja, lhe pedia para contar tudo, em mínimos detalhes, lamentando-se da sorte de também não poder ir lá. José quando ouviu isso baixou a cabeça e disse ao amigo:

— Num te incomode não, que um dia teu amigo te leva, deixa só eu podê, aí tu vai conhecê tudo. Aí tu vai podê olhá Rosinha, que muié. É muié de quatro costado, que nem Exu pode cum ela.

— Tu me leva mesmo José?

— Num já disse qui levo, num sei quando, mas levo.

Quem se fizera também muito amigo de Luis cobra foi Tereza, que começou a conversar com ele desde o dia do batizado de Tatiana. Luis sempre que podia ia até à casa de Florinda, que não se incomodava com a presença dele. Aliás Tereza aproveitava esses momentos para ensinar-lhes também o que aprendia, e ele mostrava, além de muito interesse, uma grande inteligência. Tudo que ela ensinava captava com facilidade. Tereza emprestava-lhe os livros e ele lia-os com rapidez. A amizade dos dois surgiu inicialmente por pena mas posteriormente começou a admirá-lo, pela sua maneira simples de ser. Era um aleijado, dizia, e como tal tinha que encontrar sempre a melhor maneira de fazer o que todos faziam para não depender de ninguém. Quase todas as tardes estava junto com Tereza, Tobias cumprimentava-o, sempre que chegava brincava com ele. José, Tereza, Florinda e Tobias reconheciam-no como gente, fato que não acontecia em casa, onde ele não passava de um inútil, um filho aleijado que nós temos que agüentar pelo resto da vida. Essa pecha de inútil não admitia de jeito nenhum e era justamente em José e em Tereza que encontrava forças para lutar e ser um dia independente, uma cobra sem dúvida, que rasteja mas não pede comida, caça, vai atrás de sua presa, uma cobra sem dúvida que à procura de seu ideal usaria todos os seus poderes, até a peçonha, se preciso fosse, mas seria uma cobra digna, que rasteja sem pedir, que come sem suplicar, que trabalhava porque podia, sem a pena ou a piedade de ninguém. Deus não lhe permitira andar de pé mas lhe deu braços fortes para compensar, olhos perfeitos para enxergar, ouvidos aguçados para a escutar e inteligência para ser usada. Permitted-lhe caminhar a seu modo e ele caminharia, mostraria que não era melhor nem pior do que ninguém, era

igual. E era justamente essa igualdade, sem deboches, sem injúrias, que encontrava nos dois amigos.

Não se pode deixar de falar também na grande afinidade que o Padre Álvaro possuía por ele. Luis cobra foi de grande valia quando da implantação da escola, fazia sempre o que lhe pediam, dava recados e Álvaro, por seu lado, ajudava-o naquilo que podia.

José estava ansioso por voltar ao brega mas ficava receoso, por causa do pai e do padrinho, embora Cléa e mesmo Rosinha de Xiquexiquê lhe dissessem que voltasse à hora que quisesse, mas não sabia se podia. Alguns dias mais tarde, no caminho da cidade, ao lado de Tobias, perguntou:

— Padinho, quando é que nós vai volta lá?

Tobias sorriu:

— Lá onde, José?

— Lá no brega.

— Você ainda não voltou?

— Eu não padinho, num sei si pode.

— José, nós te ensinamos o caminho, agora você não quer que nós te pegemos pela mão e levemos você todos os dias. Agora é você, ta com vontade, vai.

— Mas padinho, como é que eu vou lá, num tenho dinheiro!

— Não precisa, quando quiser ir, vá e mande Cléa ajustar contas comigo.

— Padinho, posso mesmo?

— Lógico que pode.

— E o pai?

— Não te incomodes que ele não vai reclamar, tu já és homem, filho de Deus.

Nessa mesma noite lá estava José, entrando no brega, sozinho. Foi logo recebido por Cléa que ofereceu-lhe uma mesa.

— Dona Cléa, o padinho mandou ajustar conta cum ele depois. Cléa nem pestanejou:

— José, não precisa você pedir nada a seu padrinho, ta cum vontade vem, nem que seja todo dia, você é de casa. E saindo trouxe-lhe um conhaque, José ficou um pouco indeciso, Cléa não lhe permitiu comentários:

— Tome homem, não fique com medo, é só saber a hora que tem que parar.

José começou a olhar em volta à procura de Rosinha, Cléa acalmou-o:

— Ela ta se trocando, daqui a pouco ta aqui.

Minutos depois Rosinha apareceu com sua roupa muito colorida, seus lábios pintados e quando viu José, sorrindo veio para sua mesa:

— Óie aí o meu machinho, veio atrás do seu chibiuzinho num é, pois ele ta aqui te esperando, e começou ali mesmo a domá-lo, a sua moda.

Várias vezes José voltou, ia agora quase diariamente, só não ia quando estava dançando para o santo. Nesse dia nem aparecia, mas fora isso estava lá. Numa dessas vezes, ainda um dentro do outro, Rosinha colocou para ele sua posição no brega. Ela trabalhava lá, seu trabalho era aquele:

— José, assim como vaqueiro ganhou seu dinheiro montado para ir atrás do gado eu ganho o meu deixando homem montar em mim, assim como você. Tô te dizendo isso não porque não quero ta aqui com você, até gosto, mas amanhã você pode chegar e me achar na mesa de outro homem e num queria que você se magoasse, é a minha vida, é o meu pão.

José só balançou a cabeça afirmativamente.

— Todas nós aqui trabalhamos com nosso corpo, e se um dia você chegar e não puder ficar comigo, fique com outra, não se prenda a mim pois eu vou ganhar o meu dinheiro e você vai perder a sua noite. Todas as mulheres que aqui estão te darão prazer, umas mais outras menos, mas darão. José não falou nada, simplesmente concordou, e alguns dias após tudo que lhe fora dito aconteceu e ele, com uma raiva louca,

um ciúme, desesperado ficou com outra em quem descarregou. No fim a compreensão do que Rosinha tinha lhe dito.

Passado alguns meses, com José já habituê do brega, deitara com todas as filhas de Cléa, mas a sua preferida era realmente Rosinha de Xi-quexique, que diga-se de passagem, também gostava da presença dele, não como um amante e sim pela companhia, principalmente nos dias de semana, quando a freguesia era pequena, aí ela tinha com quem conversar e também pelos prazeres. José agora estava muito mais lapidado, não se permitia ficar à espera, agredia também, aprendera em poucos meses quase todos os segredos da velha prática da alcova. Três eram as de maior predileção: Rosinha logicamente, Sandra de Caramujos, uma mulata bem delineada, e a loura Maria dos Prazeres, coisa rara naquelas bandas. Não saía sem antes deitar nos velhos colchões, amassados pela vida.

Paralelo a estes acontecimentos com José alguns fatos políticos mexiam com a cidade, e por incrível que pareça, não foram conduzidos por Tobias e sim por Manuel do Sisal.

Em uma estada em Salvador, foi-se inteirar de como estavam os negócios da cultura sisaleira e ficou impressionado com a diferença do lucro que ele obtinha comprando o sisal e revendendo-o, em bruto, aos compradores de Serrinha e o que estes obtinham após o seu beneficiamento. Comentou inclusive que os homens que trabalhavam no agave, no Cariri, padecem o diabo para cultivar, colher, e às vezes na moagem perdem até o braço, já que o sistema que usam o de duas pedras redondas que se movem em sentido contrário, movidas por uma corrente tocadas com o pé.

— Compro toda produção a cinquenta cruzeiros o fardo, revendo para Serrinha a cem cruzeiros. Eles beneficiam e vendem a seiscentos cruzeiros.

Não é que ele achasse um absurdo, não, é que ele queria era, ao invés de ser um comprador de matéria bruta e revendê-la assim, beneficiá-lo para poder comprar a cinquenta e revender a seiscentos. Farinha

pouca meu pirão primeiro, mas para poder comer esse pirão necessitava de coisas que a cidade não possuía. Para o beneficiamento eram máquinas e isso era o de menos, conseguia-as sem gastar um tostão, através dos créditos agrícolas do Banco do Brasil, só que máquinas são movidas a eletricidade e esta São Sebastião da Caatinga não tem. Aí estava seu drama. Os olhos brilhavam, as notas pulavam, mas como conseguiria, só se bancasse um gerador, que além de caro sua manutenção diminuir-lhe-iam os lucros, e ele os queria na íntegra. Começou então a articular, sabia que Tobias era amigo do Governador, estava sempre na capital por causa de seus filhos, e quem sabe não conseguiria, já que em alguns municípios o próprio governo instalara, esse tipo de eletricidade. Para Tobias seria mais um passo na reeleição de Olegário, para Manuel seu mercado ampliado, podendo beneficiá-lo e ficar também com uma parte do pessoal de Serrinha.

Tobias até que gostou da idéia, as eleições não tardariam e seria um bom incentivo a seu favor, contra as pretensões de Pedro Capão. Se Manuel do Sisal pensava que Tobias caíra no seu jogo estava enganado pois ele percebeu logo suas intenções, não se importava, Manuel podia prosperar tranquilamente que ainda ficaria um espaço muito grande entre os dois. As posições continuariam as mesmas, Tobias com a maior riqueza da região e Manuel do Sisal a segunda.

Para Tobias não foi muito difícil se encontrar com o Governador e expor-lhe todo seu plano. Não lhe falou somente dos benefícios que a eletricidade traria, em função da iluminação nas casa da cidade porém na possibilidade de ser São Sebastião da Caatinga um centro beneficiador de sisal, que congraçaria um grande número de municípios da região e por consequência um aumento no número de empregos, e que tudo isso poderia ser usado na futura campanha política, ou seja, o progresso chegando ao sertão, fixando seu povo lá, oferecendo-lhes melhores condições. Como plataforma política não poderia deixar de ser melhor. O Governador ficou entusiasmado, principalmente que a oposição em Salvador engrossava fileiras e ele, para compensar, tinha que

abrir frentes no sertão. Prometeu a Tobias que faria todo o possível para atendê-lo, que passasse no palácio sempre que fosse à capital, que colocaria-o a par da situação. No dia seguinte mesmo o Governador encaminhou a mensagem à câmara dos deputados solicitando à mesma autorização para implantação de usina geradora de eletricidade em São Sebastião da Caatinga, usando como argumentos os colocados por Tobias. A ala oposicionista reclamou violentamente. Os beneficiadores da Serrinha fizeram carga junto a seus representantes para que a autorização fosse negada mas, contra tudo e contra todos, foi aprovada dando crédito total ao Governador e também a Tobias e como não sinal verde às pretensões de Manuel do Sisal.

A cidade ficou eufórica quando soube da aprovação mas passados seis meses não havia sinal de nada, as pessoas começaram a descrever até que, numa manhã, alguns carros começaram a chegar trazendo pessoas que, pelo aspecto, eram autoridades, todas enfatotadas. O comentário era um só:

— São os doutores da capital, para ver o negócio da usina. Dirigiram-se logo à prefeitura, onde já se encontravam todos os vereadores e Olegário Macambira. Este, por sua vez, mandou avisar correndo a Tobias, que não tardou em se juntar ao grupo. Eram na realidade os engenheiros responsáveis pela implantação, com objetivo de estudar os possíveis locais e as obras necessárias. Manuel do Sisal estava exultante, Tobias era todo sorriso, Olegário nem precisa falar e os vereadores para aparecer, chegavam atrapalhar a caminhada dos engenheiros. Local escolhido, tudo planejado, retiraram-se retornando um mês após, o grupo encarregado da construção e de por em funcionamento a usina. Quem gostou de toda essa movimentação foi Helena, teve até que comprar cama beliche, porque senão não podia instalar a todos, mas tudo foi sanado, aumentou a quantidade de comida e por conseguinte também seus lucros. Do início da construção até a inauguração passou-se quase um ano, porém no dia desta a cidade ficou em festa, festa maior do que a do padroeiro. Veio até o Governador para inaugurar a usina.

Padre Álvaro jogou água benta, o Governador cortou a fita. Foi uma festa solene, com banda tocando hino e tudo. Tobias e o Governador conversavam como velhos amigos, Olegário e Manuel do Sisal permaneciam ao lado deles. Alguns deputados situacionistas vieram ao sertão na tentativa de engrossar suas votações. Os vereadores eram impertinentes, prostrando-se à frente de todos, querendo aparecer nas fotos. Na hora de colocar a usina em funcionamento o Governador acionou as máquinas e a luz surgiu na casa, como por enquanto, para alegria dos moradores, júbilo de Tobias e satisfação pessoal de Manuel do Sisal. Logicamente que na hora da inauguração retumbaram fogos mil. Um vento leve agitava a enorme quantidade de faixas espalhadas por toda a cidade, saudando o Governador e sua comitiva. Foi um fato histórico, nunca São Sebastião da Caatinga tivera a primazia de receber uma autoridade de tal estirpe, mas graças ao prestígio do grande Tobias, comentava o povo, hoje ele estava lá, em carne e osso e mais uma porção de deputados. Todas as grandes personalidades da cidade estavam presentes, inclusive Pedro Capão, todos metidos dentro dos seus ternos, acompanhados de suas mulheres. Florinda, toda graciosa, com Tatiana a seu lado acompanhava Tobias. José, Raimundo, Tereza e Luis não subiram ao palanque mas estavam bem próximos, trazidos por Tobias. Antes de acionar os motores, como de praxe, houve um cem número de discurso, falou deputado, falou Tobias e por fim o Governador agradecendo o apoio que recebeu do povo do sertão. Logo após a inauguração retiraram-se pois ainda inaugurariam, em outras regiões. Foram-se com uma certeza, se dependesse de São Sebastião da Caatinga, os situacionistas manteriam o poder político. Tobias e Olegário ficaram com o mesmo pensamento, Pedro Capão via, mais uma vez, frustradas suas pretensões de controlar politicamente a cidade.

Dentro de toda esta efervescência política a família de Raimundo e Maria, foi-se deles mas em condições melhores do que a primeira. Tiana, Onorinda, Francisquinha e Odília casaram-se, e aí casaram-se mesmo com papel passado e tudo, na igreja de Padre Álvaro. Todas com

vaqueiros da região, como previra Tereza, que confirmava assim seus prognósticos em relação às irmãs. Raimundo e Maria já eram avós de Raimundinho, filho de Mariazinha e Julião, e breve teriam mais, lei natural da vida e lei natural da caatinga, onde o homem nasce, cresce, se junta a uma mulher, tem seus filhos e continua naturalmente a assumir as terras áridas já pisadas por outras gerações. Raimundos existem muitos, e a mulher na caatinga evolui como Maria, mãe, amante, dona de casa, avó, e passa seu legado às filhas que o mantém. Era justamente contra isto que Tereza lutava, não aceitava este princípio fundamental da vida da mulher na caatinga. Achava que cada mulher era uma mulher e tinha direito a desejos próprios, não aceitava a premissa de ser só mulher procriadora, que premiava o marido com uma prole incontável donde muitas vezes restavam muito poucos. No fim, o que restava? Nada, um homem rijo, cheio de saúde a metade da vida e uma mulher acabada, sem o menor valor, um trapo, um objeto que foi consumido até o fim, não lhe perdoaram nem a alma. Via a imagem da sua mãe e seu pai, não, não queria para ela aquele tipo de vida, queria mais, muito mais, queria poder conhecer outras pessoas, conversar naturalmente com todos, sem precisar dizer inhô, sim inhô. Não, a isso não se prestava, seus momentos eram todos dedicados à evolução, a um aumento no seu cabedal de conhecimentos, o que achava fundamental para tal equiparação.

Com José dialogava sempre, colocando-lhe que ele devia evoluir, que não ficasse só nos caminhos de seu pai, procurar aprender tudo com o padrinho, para que mais tarde não viesse a ser a imagem do pai, fosse sim, mais a imagem de padrinho. Lia muito, lia sempre e quem com ela agora conversasse não diria que era mulher criada no sertão, filha de vaqueiro. Sua fala era correta e isso procurava passar para o irmão e o amigo Luis cobra.

No dia da inauguração da usina Tereza chamou a atenção dos dois para a maneira de falar dos deputados e do Governador, e disse-lhes que:

— Os grandes homens impressionam mais pelas sua palavra, muitas das vezes, do que pelos seus feitos.

Quem socorria Tereza em suas dúvidas, além de Tobias, era o Padre Álvaro, a quem não se envergonhava de pedir ajuda. Álvaro até gostava, pois via nela o esforço de não querer parar, a vontade de crescer, de evoluir. Oferecera inclusive para que ingressasse no colégio, dando aulas para as crianças mas Tereza negava, não aceitava, não possuía a menor intenção para tal. Preferia ser serviçal de Florinda pois lá crescia mais, com o auxílio de Tobias, trazendo-lhe sempre coisas novas. Revistas, jornais, livros didáticos, romances, não queria saber, consumia com voracidade.

Outro ponto que a diferenciava das irmãs era a maneira de se vestir. Enquanto as irmãs aceitavam passivamente as roupas de chita, algodão-zinho, ela não, com o dinheiro que ganhava comprava na cidade coisas mais refinadas. Aprendera a costurar com Florinda e copiava modelos, fazia de tudo para se mostrar mais evoluída. Sem dúvida tudo isso já lhe dava muito mais ares de filha da capital do que do interior.

Não se pode dizer que era uma mulher bonita porém sua pele bem morena, seus cabelos escuros e um corpo razoavelmente bem feito complementavam, as roupas por ela escolhidas. Sua maior amiga era Florinda, sua conselheira também. Gostava muito de conversar com Mãe Preta, aprendera a ter respeito por ela desde o nascimento de José e sempre que podia ficava a escutar suas inúmeras histórias, às vezes tardes inteiras.

De uma maneira ou de outra quem chegasse a São Sebastião da Caa-tinga nessa época, ou que tivesse estado lá há uns vinte anos atrás, sentiria algumas modificações importantes. O comando político era o mesmo porém a vinda de Padre Álvaro foi fundamental, agora havia sempre movimento na igreja, o vazio das carolas fora preenchido, restando-lhes menos tempo para indagar sobre a vida dos outros. O colégio veio de encontro aos anseios de todos. Por outro lado, a inauguração da usina, e posteriormente da beneficiadora do sisal, aumentou

consideravelmente o movimento de caminhões trazendo matéria bruta dos municípios vizinhos e levando-o já beneficiado para a capital. Manuel dera um golpe de mestre, seus lucros foram tão altos que o pagamento das máquinas, só não foi feito antes porque unicamente não lhe convinha descapitalizar-se. A cidade em si, permanecia aquela de que já conhecemos estruturalmente, a não ser as obras da beneficiadora nenhuma outra mudança, ninguém entrava, de novo só o êxodo de alguns homens, para tentar a vida principalmente no Estado de São Paulo, onde a construção acenava-lhes com propostas mirabolantes. De resto mais nada, continuava a mesma, pacata, política porém com padre, com usina de luz, com beneficiadora do sisal.

Desde a última seca, quando do nascimento de José, nunca mais houve outra daquele porte. O que mudou um pouco na vida de São Sebastião da Caatinga foi a vida noturna, não a dos bregas e sim a do centro da cidade. Com a chegada da usina, a praça e a rua central passaram a ficar iluminadas. Antes, depois que escurecia era raro se verem pessoas à noite por lá. Agora não, já se davam ao luxo de ficarem até mais tarde, volta e meia um casal de namorados. As moças e os rapazes elegeram a praça como ponto de encontro diário e ali ficavam, a conversar. Este movimento todo só era possível até às dez horas da noite, quando a usina era desligada.

Voltando na manhã seguinte. Para quem nunca tivera este prazer até que era muito. Depois somente a solidão das ruas, casas apagadas, tudo fechado.

O único que não partilhava desta rotina era o céu, que logo ao entardecer descobria seu manto e colocava à mostra milhões de estrelas que dão à árida caatinga um aspecto romântico, encantador mesmo, premiado muitas das vezes por um luar que, ao apagar das luzes, substituí-a, clareando ruas, vielas, becos e picadas.

A um desavisado que chegasse por ali àquela hora, sem saber aonde estava, que visse aquele espetáculo, aquele céu maravilhoso com a lua prateando ao longo e ouvisse o silêncio da noite, a sinfonia vinda

da caatinga, pensaria estar num édem, num paraíso perdido onde a brisa fresca toca-lhe a face, remexe-lhe suavemente os cabelos como se a acariciá-lo, porém se permanecesse e esperasse o dia amanhecer veria que o seu paraíso não era tão paraíso assim, era sim mais uma miragem muito comum às regiões de seca.

X

À primeira vista pode parecer ao leitor que José tem uma área muito limitada de conhecimentos, ligada basicamente a São Sebastião da Caatinga, o que não é verdade. Como ele é companhia insuperável de Tobias em suas andanças políticas ou a negócio isto permitiu-lhe uma abertura em seu horizonte. Seu raio de ação é muito amplo, coincidindo basicamente com o do padrinho. Na compra de gados, na seca, leva-os a distantes locais para concretizar seus intentos. Do Senhor do Bonfim a Feira de Santana, José conhece todos os municípios, todas as fazendas, todos os políticos. Nos períodos críticos de seca há algumas ocasiões em que Tobias, Raimundo e José tomam destinos diferentes para conseguirem a mesma coisa, comprar gado a preço baixo. José, desde que completou dezoito anos, que faz este tipo de transações, com toda a confiança do padrinho, sem nunca ter-lhe decepcionado, pelo contrário, tornou-se, com o passar do tempo, um excelente negociante para o padrinho que, com três frentes abertas, via prosperar em muito seus negócios, daí não ter nenhum temor quanto ao aumento nos negócios de Manuel do Sisal, por mais que este fizesse não tinha condições de equiparar-se a ele.

Por outro lado, com os dois ajudantes, Tobias tinha maior liberdade para sair com Florinda, logicamente que a Salvador nunca a levava mas aos outros lugares, inclusive Feira, levava sempre. Era para reuniões políticas ou mesmo para que Florinda renovasse o seu vestuário ou o de Tatiana mas que quase sempre renovava o de Tereza também. Aliás, para a mulher e a filha sua mão estava sempre aberta, ao contrário de que acontecera com Elisabete.

De seus filhos, em Salvador, não se descuidava. Uma vez por mês, pelo menos, ia lá, afinal de contas era pai, porém não se preocupava muito, os três já estavam formados.

Elisabete, desde a separação que mantinha seu luto, mulher calada que vivia para seus filhos. Quem a olhasse hoje não veria mais do que uma mulher que se acabou com o passar dos anos. Morreria enlutecida mas com o moral alto, sua vergonha se fechara para outros homens, se aquele a quem pertencera não mais por ela se interessava. Tobias mantinha a casa sem nada deixar faltar, seu relacionamento era maior com os filhos mas no fundo uma grande decepção, nenhum deles possuía a menor vocação nem o mínimo desejo de voltar a São Sebastião e dar continuidade ao trabalho que seu pai iniciara porém isso não o preocupava:

— Será problema deles o dia em que me for. Por enquanto toco o meu barco da maneira como acho que devo, amanhã não sei.

Suas alegrias reais eram Florinda e Tatiana que, a despeito de tudo, nunca pisaram juntas na fazenda. Florinda, depois do batizado de José, não mais voltou e Tatiana, Florinda não permitia:

— Querido, desculpe, enquanto for viva aquela casa é de Elisabete e teus filhos, nossa casa, minha e de Tatiana é essa daqui, é aqui que vivemos, é aqui que ela te reconhece como pai, por favor, nunca me peças para ir lá nem leve a minha filha, pois é parte de meu sangue e por isso acho que você deve respeitar os meus direitos.

Tobias nem sequer questionava-a, não queria atritos com Florinda, aliás nunca os tivera. Sua grande esperança em relação à fazenda era José, pois esse sim, deveria ter sido seu filho, era a sua imagem e semelhança, fosse nos negócios de compra e venda de gado fosse no contato com os políticos, fosse no brega. Conseguira fazer com ele o que não conseguira com os filhos, e sozinho por vezes até pensava:

— Estudo demais atrapalha, tira o homem da realidade, será que eles não vêem que é aqui que esta a mina, que aqui que é o futuro. Quem é que vai deixar de comer? Ninguém. Então. Mas estes pen-

samentos não eram os mesmos dos filhos, acostumados à vida da capital.

Elisabete sempre perguntava pelo afilhado porém Tobias receava sempre em levá-lo. Depois de muita insistência levou-o para que esta o revisse e também por que queria apresenta-lo aos seus contatos em Salvador, afinal quem sabe, amanhã não preciso que resolva alguma coisa na capital, assim já estará entrosado. José, quando soube que ia a Salvador, exultou. Sempre tivera vontade de fazê-lo porém não tinha oportunidade igual a esta, acompanhado do padrinho, era excelente.

Na companhia de Tobias, José chegou ao casarão do Rio Vermelho. Pelo caminho se encantou com tudo que viu. Imaginava a velha cidade de uma maneira, mas era bem superior.

Ao chegar, Elisabete quando o viu encantou-se, pensava ser ele um rapaz franzino, apático mesmo e José era justamente o oposto. Alto, corpo atlético, moreno bem queimado pela labuta diária, falante e bem falante. De três anos para cá mudara totalmente sua maneira humilde, hoje conseguia dialogar perfeitamente. Méritos à Tereza e a Tobias que, como escola, não tiveram erros. Logicamente ninguém aprende tudo em um só dia, a vida vai nos dando doses homeopáticas, mas esta era uma mudança radical. Assim como Tobias, José guardava uma marca interiorana, seu sotaque, coisa que também era demais, não podia largar assim. Os três filhos, se comparados a José, pareciam ser filhos de outra pessoa que não Tobias. O primeiro fechado, o segundo chegava ser enjoado de tão metódico, e o terceiro um sonhador. Seus olhos abertos enxergavam tudo, seus ouvidos também mas sua cabeça estava nos velhos templos Maias ou Astecas, na velha Grécia, no Egito ou no mais profundo atalho da floresta Amazônica à procura de ruínas ou de civilizações Incas.

Elisabete quando viu o afilhado sorriu e chorou. Sorriu de alegria, por vê-lo criado, muito mais desenvolvido fisicamente que os seus filhos, e chorou porque lembrou-se dos seus últimos dias de mulher de Tobias. Aquele dia foi todo dedicado à madrinha que o acariciava, com

José sentindo-se totalmente sem graça, não estava acostumado àquele tipo de carinho maternal, só aos de Rosinha de Xiquexique, Ana de Caramujos ou Maria dos Prazeres, ou em suas aventuras. Não àquele, aquele era um carinho diferente, que não mexia com as partes, só com a cabeça. Era um carinho que dava vontade de se encolher todo, encostar o queixo no joelho e se deixar envolver a se aceitar do frio das noites na caatinga. Era uma mulher maravilhosa, conversou com ela horas e horas a fio, falando dele, da mãe, das irmãs, da cidade, só não falou do padrinho, de Florinda e Tatiana. O resto, tudo. É noite, após contatos políticos com Tobias, juntou-se a Antonio e Jeremias e foi conhecer a vida noturna em Salvador, principalmente os castelos, os famosos castelos da cidade baixa, onde se consegue deixar alguns pensamentos tristes e trocá-los por momentos de extrema alegria e prazer. Os filhos de Tobias não eram freqüentadores dos castelos porém, com a insistência de José, foram. Ficou pelos castelos toda a noite, entre músicas, mulheres e bebida. Pela manhã estava de pé, à espera do padrinho, como se fosse cavalgar, para mais um dia de atividades. Não ficaram por muito tempo em Salvador, só o necessário para as compras, no qual José foi o mais premiado, pois com a ajuda de Elisabete comprou coisas maravilhosas principalmente para Tereza, não deixando de renovar também o seu vestuário. Na volta, perdeu quase todo o dia a contar à Tereza e a Luis a vida na capital. Os dois eram todos ouvidos, e também aos postais que serviam-lhes de ilustração.

Tereza era felicidade pura, metida dentro das novas roupas, última moda da capital, sentindo-se urna madame, a tirar e colocar todos os modelos. Parecia estar num solene desfile a expor a nova moda, as eternas cabisbaixas mulheres de São Sebastião. Teve naquele dia a mesma primazia de Florinda. Queria poder vesti-los todos e mostrar que na verdade era muito mais Tereza, soteropolitana, carioca ou paulista do que Tereza de São Sebastião da Caatinga.

A volta de José foi marcada por grandes alegrias; Tobias decantava em prosa e verso as qualidades do afilhado e por uma grande tristeza,

pior do que quando da morte de Corisco: Rosinha, a sua Rosinha, por mais que ele ou ela quisesse, era sua, a que mais lhe agradava, a que o iniciara, naquela noite lhe avisou que era a última semana no brega de Cléa, iria para São Paulo, com tudo certo, trabalhar numa casa da noite freqüentada por gente muito rica. Do jeito que estavam enovelados ficaram. José chorou, José explodiu, José pediu. A raposa do cerrado ui-vou tristemente pela perda iminente da sua fêmea preferida. Rosinha chorou, um choro sincero. Não era a toa que ele recebera o apelido carinhoso de mascote do brega, era um freqüentador habitual, porque era ali que ele mais gostava de freqüentar, porém um dos motivos principais era ela, Rosinha, Rosinha de Xiquexique, mulher para homem nenhum botar defeito. Rosinha colada a ele disse-lhe:

— José, meu querido, planta para dar boas flores tem que ser regada. Não vês a caatinga quando seca como é triste, por isso meu querido vou atrás de água, tenho que guardá-la porque amanhã quando ficar mais velha de mim nada restar, só as lembranças, e de lembranças não se vive. Vou mas não me esquecerei de você, terei você sempre em meus pensamentos como um bom amigo que aqui deixei, queria que também ficasse comigo a lembrança dessa tua amiga e quando nos encontrarmos por aí, na vida, termos sempre os bons momentos para comentarmos.

José ouviu, percebia-se nele o sentimento profundo que tinha por Rosinha, sentimento de macho ferido pela perda de sua fêmea:

— Rosinha, vou ficar longe dos teus chamegos, para mim vai ser duro porque mulher igual é difícil mas acho que você tem razão. Aqui tudo árduo e lá você pode crescer, ser mulher que imaginas. Rosinha queria te pedir uma coisa, mas num sei como.

— Peça homem, o que já te neguei?

— Nada, nunca me negaste nada, só que esse pedido eu venho querendo te fazer desde o dia que vim aqui pela primeira vez, mas nunca tive coragem, tinha medo da resposta mas não posso deixar de fazer.

— Homem, deixe de rodeio, desembuche.

— Rosinha, eu queria que você iniciasse na vida um homem que é quase meu irmão, se não é de sangue é de espírito, por ele faço tudo até matar, se for necessário. Ele o irmão que eu não tive.

— Mas José, porque tinhas vergonha de pedir, minha vida não é essa?

— É, mas é que primeiro não queria abusar, nunca paguei nada aqui, você e Tia Cléa não permitem.

— E daí? Não seria o primeiro nem o último, e além do mais quem vai te negar um pedido?

— Mas é que tem outra coisa, meu irmão Luis não anda, se arrasta, é filho de Manuel do Sisal, e se você fizesse isso por mim nós faríamos para ele uma noite maravilhosa, já que é a única coisa que lhe falta.

Rosinha baixou a cabeça, José enxugou as lágrimas que correram-lhe pela face.

— José, Deus às vezes nos faz passar privações para que nós possamos mostrar o valor que existe dentro de nós. Não pense você que é fácil para mim aceitar um homem assim, não. Mas a medida em que nós o encaramos como um homem normal, que é capaz quando ele percebe que é macho como os outros, as coisas dentro dele crescem, e aí pode encarar a vida de frente.

— Rosinha, encarar a vida de frente ele encara. Só isto que falta para ele.

— José, não falemos mais neste assunto, traga ele aqui amanhã que eu serei dele, a mais pura das mulheres, a mais devassa, farei com ele tudo aquilo que faço contigo, e por favor não me agradeças porque farei com ele, farei por ele porque quero fazer, tu bem que sabes, homem só vem comigo quando eu quero. Sou mulher da vida mas não é por isso que eu me entrego a todos, não. Essa é a minha profissão mas é também o meu lazer, portanto traz e não comente mais nada.

José delirou, seu coração era só felicidade, e entre lágrimas, sorrisos, lavras, gemidos e sussurros explodiram de amor, trocando carícias que nem o mais terno dos namorados conseguiriam.

Na manhã seguinte a primeira coisa que José fez foi falar com Luis cobra, que ao receber a notícia chegou a chorar, seu rosto avermelhou-se, pensava que José tinha vergonha de levá-lo e agora José comunicava-lhe que iriam, à noite, ao brega. O dia para ele foi interminável e à noite, quando José pegou-o, nem acreditava, achava que era um sonho. Na garupa do cavalo de José, partiram em direção ao templo sagrado dos prazeres.

Rosinha, por outro lado, deu ciência à Cléa do pedido feito por José, afinal de contas era a dona da casa, não poderia deixá-la a parte de seus atos. Cléa não opôs nenhum obstáculo, pelo contrário, quando chegaram encontraram uma mesa lhes aguardando, a mais próxima da entrada dos quartos. Luis era todo sorrisos.

Cléa, Rosinha e Maria dos Prazeres receberam-no na porta. Naquela noite Cléa ofereceu-lhes o habitual conhaque, só que desta vez permitiu as suas duas filhas que os acompanhassem. Rosinha puxou a cadeira para bem próximo de Luis, colocou os braços por trás de sua cadeira e começou a acariciá-lo levemente. Luis sentiu um frio percorrer-lhe a espinha, o corpo todo arrepiava-se a cada toque dos dedos de Rosinha. José convidou Maria dos Prazeres a dançar deixando-os sozinhos. Algum tempo depois, após nova rodada de conhaque, com José dançando novamente, Rosinha convidou Luis a acompanhá-la. Ajudou-o a descer da cadeira e perderam-se por detrás da cortina. No quarto, Rosinha foi toda volúpia para com ele, consumindo-o sem dó nem piedade, levando-o a fremir desesperadamente, e ela prosseguia em sua trilha, amando a uma cobra, sendo penetrada por ela, engolindo-a, levando-a ao êxtase, desnudando-lhe caminhos por onde nunca rastejara, não permitindo-lhe dar o seu bote, ela dava, lançava-lhe sua peçonha de mulher da alcova com todos os seus predicados. A cobra estremecia, apertava seu laço mas era contida e se relaxava, e ela novamente açoitava-o, envolvia sua pele fina e fria com seu manto cálido de prazeres, e a cobra se contorcia, silvava desesperadamente. Nenhum canto, nenhum caminho ficou sem ser percorrido. Rosinha obrigou-a, com sua magia, a conhe-

cê-los, e ela obedeceu, ela até caminhou. Rosinha só se permitiu parar quando tudo já era silêncio, o sol já ia alto e aí Luis, com faces de domado, se retirou. José e Luis, dois amigos, dois irmãos, se não de sangue pelo menos de iniciação. Foram conduzidos para a vida pelas mesmas mãos, pelo mesmo xibiu, o de Rosinha, a embaixatriz oficial dos grandes prazeres que um homem pode sentir.

A última noite de Rosinha no brega foi toda dedicada a José, que chegou ao cair da tarde e lá ficou, atravessando florestas, rios, campos. Nadando, cavalgando, uivando, gemendo, sussurrando. Fazendo tudo que lhes era permitido, mostrando a solidão de quarto e que ele nunca vira, o amor na acepção da palavra, o amor das mãos, de corpo, dos olhos, da mente, da mulher e do homem, do macho e da fêmea, da raposa e da sua companheira sedenta, da Rosa e do inseto.

A ninguém foi-lhes permitido ver, só ouvir, e quem ouvisse percebia que ali estavam dois amantes que não sabiam quando mais se encontrariam.

Luis estava em estado de graça quando José encontrou-se com ele novamente. Seu sorriso era o de quem procurava alguma coisa muito importante, há tempos, e de repente encontrou. Com os olhos marejados de água tentou agradecer-lhe porém José não o permitiu terminar:

— Luis, a mim você não deve nada, deve sim a você que nunca se intimidou com nada, você é o que é porque luta, não se abate.

— Eu sei José, mas você me permitiu alcançar muita coisa, e isso eu não tenho como agradecer.

— Luis, a um irmão não se agradece, porque para um irmão nada é mais importante do que estar junto, e você é o irmão que nunca tive, muito mais que um amigo é meu irmão. E abraçaram-se, raposa e cobra, num sentimento que só aos irmãos é permitido.

De Rosinha não mais se teve notícias. José não compareceu a sua partida porque ela não permitiu porém todas as vezes que ia ao brega alimentava a esperança de encontrá-la, custou a aceitar o fato plenamente. Luis agora era seu companheiro quase insuperável das idas ao

brega, conhecia as filhas de Cléa tão bem como José, e delas nunca percebeu sentimento de pena ou repúdio, também pudera, além de mostrar-se uma pessoa de uma simpatia extremosa era o irmão de José e quem queria desagradá-lo? Ninguém. Aliás era fato, volta e meia comentado, um incidente desagradável de um cabra de fora que depois de beber razoavelmente, deitar com Rosinha, quis ir sem acertar contas. Era casa de mulher e ninguém iria obrigá-lo a pagar. Cléa que era uma mulher normalmente calma levantou a voz, o que chamou a atenção de José que chegou próximo, com Rosinha contando-lhe o que se passava. José não titubeou, pegou-o pela gola, arrastou-o até o terreiro e ali, depois de boas bofetadas, obrigou-o de joelhos ir pagar a Cléa, e que nunca mais pisasse ali se quisesse ficar vivo. Ora, por tudo isso, e também por isso, quem iria desagradá-lo?

Tereza vivia momentos de plenas realizações, morando quase que oficialmente com Florinda, era mais que um serviçal, que uma babá. Tornara-se íntima de Florinda, companhia insuperável. Onde uma ia a outra estava. Tatiana respeitava as duas igualmente, nunca dera trabalho, retrato fiel de mãe, vestia-se parecendo uma mocinha, era o orgulho do pai, o qual não negava-lhe nada.

Florinda mantinha-se a mesma coisa, linda como sempre a apaixonar Tobias cada dia mais e a se apaixonar também. Continuava a dançar para o santo com elegância de sempre. Quem também dava seus ensaios era Tatiana, que tudo fazia para ir às festas na casa da avó. Também pudera, tinha escola, e como tinha. Nascera ou não nascera ali, numa chamada de Nanã. Tereza não se interessava pela seita, aliás era a única coisa que não se coadunava com Florinda, embora respeitasse. Sua atividade religiosa, resumia-se a uma ou duas missas por ano, de resto mais nada.

Tobias, regressando de Euclides da Cunha, comunicou à Florinda que no mês seguinte Esteves de Lima iria dar uma grande festa na cidade, pelas conquistas que fizera junto ao Governador e fazia questão da presença deles. Florinda até que gostou, reveria os compadres, princi-

palmente Maria da Glória a quem não via fazia tempo, e permitir também Tatiana rever os padrinhos. Por sugestão de Florinda, Tereza e José foram convidados a acompanhá-los. Tereza, ao receber o convite, começou a separar modelos, preparar vestidos o mesmo acontecendo com Florinda. No dia anterior à festa todos se aprontaram e rumaram de Rural, agora Tobias só andava nela em todo percurso longe.

A cidade estava toda enfeitada, e com a promessa de presença de muita gente importante, até mesmo do próprio governador fosse possível. Por isso e também pelo prestígio político de Esteves de Lima, pela manhã a cidade foi invadida pelos seus correligionários. Quase que ao mesmo tempo de Tobias, chegou à fazenda o Doutor Ribamar Cavalcante, engenheiro formado pela Universidade Federal de Pernambuco, que morava em Salvador desde que se formara, não era muito alto, possuía seus trinta e cinco anos e seus cabelos aloirados mostravam o ramo holandês de sua família. O Doutor Ribamar era simplesmente o secretario de obras do Estado e só viera até lá pelo convite pessoal feito pelo Coronel, não podia deixar de atendê-lo, eram amigos de família há muito tempo. Embora fosse casado e tivesse filhos, a viagem longa o desaconselhava a trazê-los. Hospedados na fazenda de Esteves Lima estavam somente Tobias, Florinda, Tatiana, Tereza, José e o Doutor Ribamar.

Na tarde do dia seguinte todos rumaram para a cidade, onde um lanque em frente à prefeitura fora armado. No meio da rua, numa extensão de mais de um quilômetro, grande quantidade de lenha fora colocada entre duas fileira de pedras que serviram para assar os vinte bois que Esteves Lima mandara matar, para o povo. O governador não compareceu, sendo representado pelo próprio Ribamar que discursou em seu nome. Além dele, por mais de duas horas, falaram também o prefeito, os deputados da região e por fim Esteves Lima, a quem coube também acender a fogueira, que espalhou-se rapidamente, por ação do que-rosene previamente espalhado. Quase duas toneladas de carne foram distribuídas ao povo livremente, fora a bebida que há muito fora libera-

da. Paralelo a tudo isso, violeiros, repentistas e tudo mais podia ser encontrado na cidade, afinal de contas, afirmava Esteves Lima, dê pão e circo ao povo e o levarás aonde quiser.

Na prefeitura, entre grandes mesas, um grande jantar foi oferecido às autoridades, Tereza e José, sentavam-se ao lado de Tobias e Florinda, que por sua vez postavam-se ao lado de Esteves Lima e o Doutor Ribamar.

Foi um jantar da mais alta linhagem, com garçons servindo às mesas, coquetel de abertura, vinhos portugueses ofertados fartamente. Os garçons rodavam as mesas à espera de algum sinal, para que a ninguém faltasse nada. Ao fim, os grupos foram se retirando, com a festa comendo solta pelas ruas. É noite, ainda haveria um grande baile num clube tradicional da cidade, com Orquestra contratada especialmente de Feira de Santana, para abrilhanta-lo. Esteves Lima, Tobias, Ribamar e os demais foram os últimos a se retirarem voltando à fazenda.

Com a chegada da hora do baile, a pequena Tati a tudo vivenciava, seus olhos faiscavam, espantara o sono para bem longe. Florinda, dentro de um vestido de lesie branca, sem pintura alguma, cabelos soltos, tocando-lhe a cintura estava divina. O mesmo se podia dizer de Tereza que envolvida por um vestido longo, de tom amarelado, todo trabalhado com renda, pintura muito discreta, só realçando-lhe os lábios, de rara beleza, seriam sem dúvida presenças que chamariam atenção pela elegância, e porque não dizer, beleza.

Tobias, José e Ribamar aguardavam dentro de seus ternos a presença de Florinda, Tereza e Tatiana. Quando chegaram, caíram-lhes o queixo. Foi um oh! Geral. Tobias olhava Florinda com o mesmo olhar quando do nascimento de José. Os olhos de Ribamar brilharam com a beleza das duas. José foi o primeiro a tecer comentários.

— Florinda, assim tu matas meu padrinho de ciúme. Tobias sorriu.

— Maria, tu tas danada, tou até achando mesmo que vou ter que ficar do teu lado o tempo todo, senão vai ser uma confusão dos diabos. Todos sorriram, com Ribamar complementando:

— Pode ficar tranquilo José, não precisas amarrar teu boi nesta porteira, deixa que eu tomo conta para você, afinal de contas estou sozinho e, queiram ou não, sou um homem de respeito. A risada foi maior ainda. Com a chegada de Esteves Lima e Maria da Glória todos rumaram para o grande baile.

Com as orquestras de Chiquinho da gaita se preparando para tocar, confirmou-se a previsão anterior, eram Florinda e Tereza as que mais chamavam atenção. Tatiana não largava as mãos do pai. José, antes mesmo do baile começar, se desgarrara deles a procura de sua rês.

Tereza, desde a solenidade, conversava muito com Ribamar não se limitando a escutar, pelo contrário, perguntava, queria saber quais as suas atividades reais, perguntou-lhe sobre tudo e Ribamar dialogava com ela abertamente, com Tereza por vezes fazendo críticas outras horas comentando sobre alguma coisa, não se deixando intimidar de maneira alguma pela autoridade que estava ao seu lado. Para Ribamar a capacidade de raciocínio, a ligeireza e a penetração com que tratava certos assuntos abismara-o e também porque, embora não fosse um exemplar raro de beleza, era uma mulher atraente, ainda mais agora dentro daquele vestido.

Com a orquestra iniciando seus acordes o baile começou, com a iniciação inicial dos grandes bailes. Meia dúzia de casais atreviam-se no salão. Chiquinho da Gaita, já profundo conhecedor desses bailes e do gosto do pessoal da região, tirou de sua gaita um som que fez com que todos se levantassem, inclusive Tobias e Florinda aos olhos irritados de Tatiana, e Ribamar e Tereza que alegava não saber dançar. Chiquinho tocava Fascinação e a melodia saída de sua gaita parecia ser coisa dos anjos.

Tereza, com todo seu charme, até que se deixou levar bem pelo cava-lheiro que a prendendo pela cintura e pela mão, trazia-a para junto de si. Tereza por outro lado, não conseguia ver em Ribamar um homem igual aos outros que conhecera, não, era diferente, não pelo cargo que ocupava e sim por suas colocações, suas posições em relação à vida e tudo mais.

Ribamar inicialmente, de uma maneira muito tímida, começou a trazê-la para junto de si, deixando com que suas coxas tocassem as de Tereza, que não refugou, aceitou. Ribamar foi então se tornando mais agressivo, apertando-a junto a si, suas mãos acariciavam as delas, que até correspondia. A medida em que a música ia seguindo, mais atrevido Ribamar se tornava, mais solta e mais mulher Tereza se fazia. Ribamar mostrava seus desejos, suas intenções e Tereza aceitava. Um calor subia-lhe às coxas adentro, era aquele sim, o tipo de homem que queria, elegante, de posição, cheirando a essências. Ser cortejada por Ribamar despertava-lhe, ainda mais, o desejo de ser uma mulher livre, de amar, de conquistar, de pular na frente, superar obstáculos. A música continuava e os dois emudecidos se tocavam. Ribamar todo atrevido e Tereza mais atrevida ainda.

O baile terminou sem que os dois tivessem tido a oportunidade de ficar a sós, a não ser durante as músicas, e ali sim, mostravam com seus corpos, as intenções que suas vozes não confessavam. Tereza foi dormir, remida do seu passado da filha do vaqueiro, o desejo e o álcool a fizeram sentir-se mulher e amou timidamente, num puro exercício de corpos, mas amou livremente, sensação primeira de uma cabocla com anseios muito maiores e dormiu sonhando com bailes, com os corpos a se tocar, com lustres, orquestras, vestidos, ternos. Nos seus lábios um ligeiro sorriso, de enlevo e glória, quem sabe?

Ribamar custou a dormir pensando em Tereza que despertara-lhe um sentimento enorme, agradara-lhe sob todos os aspectos principalmente ao sentir seu corpo junto ao seu, provocando-lhe um desejo imenso de possuí-la sem poder. Dormiu confuso, com sua visão espelhada em sua alma.

Pela manhã, após o café, Tobias e José foram à cidade com Esteves Lima, Ribamar ficou e não saía do lado de Tereza que esportivamente vestida, cabelos soltos, fazia-lhe aumentar o desejo. Tereza, por sua vez, sabedora da fragilidade demonstrada por ele, procurava soltar um pouco mais as suas rédeas, porém, controlando-as sempre para que a liber-

dade não fosse demais. Como Ribamar não mostrasse naquele dia vontade de ser político e sim macho, amante ou qualquer coisa parecida, Tereza percebendo, convidou a Florinda e a ele para darem uma volta a cavalo pela fazenda. Florinda recusou pois queria conversar com Maria da Glória, Maria da Glória então mandou arrear cavalos para os dois e partiram, fazenda adentro, inicialmente mudos, com Tereza tomando a iniciativa, já bem afastados da casa. Falava sobre a maneira como via a vida, a evolução das pessoas, seus desejos. Ribamar quase não conseguia falar. Bem longe, à beira de um pequeno córrego apearam para descansar, Ribamar ajudou-a e ela não largou-lhe a mão. Sentaram-se e não falaram nada, com Tereza agredindo-o, beijando-lhe os lábios, trazendo-o para junto de si. Suas mãos envolviam-no, fazendo aumentar seus desejos. Tereza solta, liberta, desmistificada, agressiva. Tereza cabocla do cheiro de terra, do cheiro de mato, era ela quem agredia, quem falava, quem sussurrava, quem mordía, fazendo sua presa tremer. sentir-se presa, pequena junto a ela. E ele dizia:

— Inhô, Inhá, e ela agredia como poucas amantes o fazem. Com um tropel de cavalos ao longe os dois corpos se separaram e voltaram a montar deixando para Tereza um ato incompleto e em Ribamar uma vontade desesperada de possuí-la. Puseram-se na estrada e pouco tempo após foram alcançados por José, Tobias e Esteves Lima, que vieram se juntar percorrendo a fazenda. Passaram o resto do dia com companhia, sem poderem ao menos trocarem carícias de despedidas. Só os endereços, para troca de correspondência, quem sabe.

A volta a São Sebastião da Caatinga se deu naquele mesmo dia, à noite, com todos demonstrando ares de felicidade, principalmente Tereza que era toda sorriso. José, no baile, arrumara excelente companhia que o fez voltar para casa muito mais tarde do que os outros. Tobias, Florinda, e Tatiana passaram horas maravilhosas ao lado dos compadres e padrinhos, Tatiana voltava cheia de presentes, roupas e brinquedos comprados nas lojas de Euclides da Cunha. Ao chegarem todos dormiam exceto Tobias e Tereza. O primeiro por estar no volante e Tereza

vivendo em um mundo diferente, de glórias e conquistas. Pela manhã tudo voltava ao normal, com José e Tobias montados, atrás do gado, Florinda dona de casa e Tereza, sua fiel serviçal, a cuidar da casa e de Tatiana.

Na fazenda de Tobias tudo caminhava normalmente, Maria já envelhecida, consumida, desdobrava-se para manter a casa dentro do normal, sem cinco das suas filhas, os afazeres se tornaram mais difíceis. Seu homem, há muito não a procurava, era agora somente, Maria serviçal, Maria avó e com isso se acomodara. Raimundo continuava rijo, capataz da fazenda, não progredira mais nem piorara, dava para viver. Tobias vivia na casa de Florinda, comia, dormia, só passava na fazenda durante o dia. José, esse quase não parava lá, só de dia, com o padrinho, à noite sumia na vida ou estava no terreiro de Mãe Preta.

Mãe Preta, essa não mudava nunca, continuava a sua vida de Ebambí, de parteira. A medida que o tempo passava mais amarelecidos ficavam seus cabelos, mais difícil enxergar o caminho, mas lá ia ela, gingando e chocalhando, chocalhando e gingando, fosse na sua roça ou a sair para aparar seus filhos. Cumpria com todas as obrigações, sempre com a maior rigidez, não admitia falhas. Florinda, sempre que podia, estava na roça mas nunca mais acompanhara Mãe Preta em seus partos, só dançava para o santo. Agora tinha casa, tinha filha e até um homem para cuidar. Nada disso esmorecia Mãe Preta, enquanto Zambi lhe desse forças ia seguindo seu caminho, depois teria cumprido sua tarefa. Sabia que, mal ou bem, suas filhas estavam preparadas para continuar com sua roça. José, dentro da nação, fazia de tudo, era o príncipe de casa. Tatiana fazia-se presente sempre e cumpria o ritual, deixando sua avó satisfeita. A única missão que Mãe Preta não conseguira passar ainda para seus filhos era a sua mão nos búzios africanos, quando começara a ensinar todos os segredos à Florinda, foi quando esta saiu de lá e até agora não encontrara uma filha que tivesse capacidade para substituí-la no jogo e esse era fundamental, tanto para seus filhos como para os rituais onde os Orixás através deles faziam seus pedidos. Mas ali estava

ela, preta velha, amarelada pelo tempo mas consciente e eficaz nas suas obrigações, continuava a ser Ebambi Severina, Mãe Preta para todos.

José se tornava cada vez mais influente na cidade e não havia quem não o respeitasse. A cada dia era mais e mais afilhado de Tobias, e ai daquele que falasse mal do padrinho, virava fera e a raposa do cerrado quem é que não respeitava. Com Luis cobra, seu companheiro inseparável, faziam parte do grupo boêmio de São Sebastião da Caatinga. Eram os primeiros a chegar e os últimos a sair dos bregas. O da Cléa era o preferido mas freqüentavam os outros também. De Rosinha nunca mais tivera notícias, procuravam-na nas outras filhas de Cléa ou nas outras mulheres dos bregas. Diga-se de passagem que José a procurava não só nos bregas como também nas mulheres que passavam no seu caminho. Sorriu para ele queria logo montar sua rê, sua fama ia ao longe e quem tivesse gado a solta que o recolhesse antes que chegasse. Aliás foi lhe atribuído um dos incidentes de maior comentário na cidade, José nega porém todos afirmam que era ele. O fato foi o seguinte: Feliciano, mulata fogosa, amancebada com Expedito, que trabalhava no plantio e colheita do sisal, aproveitava todos os momentos em que seu homem não estava para deitar rede com os cabras da região. Todos sabiam, menos ele, que a tratava sempre com muita denguiço, decantando em prosa e verso os chamegos que sua mulher lhe fazia, não o deixando dormir sem antes consumi-lo. Não via nas redondezas uma mulher como a sua, caseira e chameguenta. Numa determinada ocasião, após o término da colheita, ficaram a tomar cachaça até as tardes. Dito, como era conhecido, decantava as virtudes de sua mulher como sempre. Pelas tantas um dos homens virou-se e disse-lhe:

— Qui nada home, tu fica falando qui tua muié é isso e aquilo, qui é meió que as outras, mas é pior que muié dama, mal ocê sai de casa ela deita rede com outros home.

— Cale essa boca filho de uma peste, se num quer que eu arranque tua língua.

— Arranca a língua cuma, purquê, pergunte aqui quem inda num se enrabichou cum ela. Ante que ele falasse alguma coisa todos confirmaram. Dito, desesperado, saiu cambaleando estrada afora, em direção à cidade, comprou um cadeado dos maiores e foi embora tomando o rumo de casa. Era dia ainda, normalmente voltava ao anoitecer. Quando chegou, parecia estar possuído pelo demônio, foi caminhando, de pé em pé, deu um chute na porta que a tirou de lugar. Feliciano, que estava nua, deitada na rede com homem, não teve reação, e o homem não conversou, pegou suas roupas e pulou pela janela rapidamente, sem que desse tempo a Expedito de pegá-lo. Com a raiva que estava, deu uma surra na mulher até desfalecer, pegou então o cadeado enfiou com toda força de um lado do xibiu até sair do outro e trancou. Pegou a chave, quebrou e jogou dentro da cacimba. Juntou as trouxas da mulher e colocou-a no meio da estrada, nua e com xibiu trancado. Depois ateou fogo na casa e dele nunca mais se teve notícias. De Feliciano o que se sabe é que foi vista, algum tempo depois, prás bandas de Tobias Barreto, em Sergipe, toda de preto, com véu negro, de luto pelo xibiu trancado. Se era José ninguém pode afirmar, porém como diz o ditado, deite na cama e levarás a fama, esta sobrou para ele.

Sob o ponto de vista político, José evoluía a passos largos, contato de Tobias para toda a região, conhecia todas as pessoas influentes dos municípios vizinhos e mais distantes também, bem como de Feira e Salvador. Na cidade, comandava junto com o padrinho as reuniões. Os vereadores o respeitavam, Olegário também. Quando necessário dava ordens e só depois é que comunicava a Tobias. Como consequência, os inimigos de Tobias eram seus inimigos também. A ele não importava, aprendera a dirigir com o padrinho e em todas as saídas iam juntos, com José guiando a rural estrada afora. Agora inclusive davam-se ao luxo de negociar bem mais longe. Um dos maiores prazeres dos dois era quando viam Pedro Capão na cidade, que normalmente passava no lado oposto ao que se encontravam. Riam de sua figura, grande, gorda e de voz fina. Numa destas ocasiões, estando os dois na prefeitura, Pedro Capão foi

até lá tratar de coisas suas e quando viu padrinho e afilhado virou-lhes as costas e foi se retirando. Tobias em tom de gozação, falou:

— Que que há Pedro, podes ficar, nós já estamos de saída, assim você pode ficar com a prefeitura por alguns momentos, pode até dar sorte. Este, vermelho de raiva respondeu com sua voz fina:

— Fiquem vocês que este gosto não vão ter por muito tempo, não há mal que sempre dure nem bem que sempre perdure; e virando as costas saiu espalhando poeira e gordura por todo o caminho, praguejando a todos. Tobias gritou bem alto:

— Muito peido é sinal de pouca merda, dando boas gargalhadas junto com José, mas logo depois tudo caía no esquecimento e continuaram com suas lides diárias.

Quem se mostrava radiante era Tereza, pois um mês após a festa em Euclides da Cunha recebeu carta com envelope do governo da Bahia. Soube logo de que se tratava. Isolou-se e abriu-a. Dentro, junto ao papel, algumas pétalas de rosa vermelha caíram, e a carta era justamente do Doutor Ribamar que lhe dizia: “Tereza, as pétalas são pedaços de um coração que não vêem a hora de te rever. Tenho pensado muito em você desde o dia que nos separamos.

— És a flor agreste que pensei não existir nestas terras áridas Como gostaria de revê-la, mas não sei se devo. Tenho vontade de largar tudo e ir ao seu encontro, me deste o sorriso que não possuía, fizeste com que me calasse mas despertaste em mim uma fogueira que a água nem ninguém pode apagar, só você. Todos os dias me calo a pensar, nos momentos maravilhosos que passei contigo, porque só fui conhecê-la agora, porque? Porque não te encontrei antes. Abriste em meu coração uma ferida, despedaçaste-o e como me faria bem vê-lo sarado sob os teus cuidados, conheces minha vida, minha posição. Não sei o que posso fazer, só que queria tornar a vê-la. Tereza meu amor, Flor agreste de rara beleza, acene-me uma vez só se for possível e estarei junto de ti, quando, como e onde você quiser. Querida me respondas, atenda este homem que te implora para revê-la, não permita que não torne a vê-la, dê-me a

esperança de poder estar em teus braços e me sentirei o mais feliz deles”. Tereza sorriu ao terminar de ler sua carta, realmente era um homem atraente e mais, de posição, da capital, o que queria mais?. Porém aquele era um jogo perigoso, teria primeiro de pensar tudo muito bem, e aí sim que decidiria. Se o tropel de cavalos naquele dia, pensava ela, foi frustrante por um lado, por outro foi bom, porque se tivesse completado tudo, talvez até não tivesse se comunicado. Mas pelo sim ou pelo não, recebeu sua carta e este era um fato concreto, uma carta apaixonada, sua presa se tornara totalmente vulnerável aos seus caprichos. Agora era saber levá-lo e ver a melhor oportunidade. Jogara mais forte que Tobias, mais forte que Esteves Lima e parecia estar dando certo sua jogada. Começava a ter também seus contatos, só que começava por cima, junto ao próprio governo do estado. Responderia, sem dúvida, e aguardaria a sua resposta, e aí pensaria novamente. Uma coisa tinha certeza, esse era um segredo seu, tinha que guardá-lo a sete chaves para que não soubessem que ela, Tereza, filha de Raimundo e Maria, era também uma política, com seus trunfos, a sua moda. Continuaría seu jogo, amada pela capital, serviçal de Tobias até quando não sabia, porém não seria por muito tempo, assim o esperava.

autoengrafia

XI

Mãe Preta se preparava para mais um dia de trabalho, aproximava-se o dia dezesseis de agosto, dia de Abaluaê e sempre o reverenciava com suas flores, com sua dança, e Abaulaeuê, com sua voz sussurrada, sempre se fazia presente. Como de costume, Mãe Preta jogou seus búzios para que estes lhe dessem suas indicações referentes ao ritual, aos sacrifícios, às comidas, enfim suas exigências para o seu dia. Logo no início da semana Mãe Preta cumpriu todas as obrigações e começou no seu jogo. Peneira, contas, búzios, tudo e lá estava ela, pronta a cumprir com os desejos do Orixá. Juntou os Ksuris e jogou, de repente, uma surpresa, Exu pulou de frente com Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum a seu lado. Mãe Preta não entendeu o que estava havendo, jogou de novo e lá estavam eles. Quantas vezes jogou, quantas vezes, Exu, seguido de Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum apareceram. Mãe Preta começou a se preocupar, quê que estava havendo, Abaluaê sempre pulava de frente quando era convocado, não estava entendendo as ligações. O que mais a preocupava era o fato de em algumas vezes em que jogava mensagens, a outros filhos apareciam mas, sempre coisas ligeiras que logo captava, e o jogo seguia seu curso normal. Era um santo que pulava, mas dava sua indicação. Agora não, pulavam ao mesmo tempo, Exu, seguido de Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum. Porque? Só depois de muito tempo que Abaluaê deu sua mensagem, mas tudo estava muito nebuloso. Mãe Preta parou, reviu todas as obrigações de todos os Orixás. Tudo de acordo com o ritual. Deixou passar um tempo, e novamente fez seu jogo. Sempre a mesma coisa. Sem dúvida, alguma coisa acontecia ou estava para acontecer, o que? Com quem? Exu pular de frente era algo que não

lhe agradava. Agora Xangô, Oxum, Nanã e Ogum, porque todos juntos? Levou um tempo a tentar desdobrar a charada. Podia ser muita coisa, uma coisa tinha certeza, era alguma coisa ruim, com Exu de frente sem dúvida, e que a presença de Xangô, Nanã, Iansã, e Ogum eram para suavizar. Mas o que? A quem? De repente um estalo, os cinco Orixás estavam diretamente envolvidos com três dos seus filhos: José, Florinda e Tatiana. José nascera na chamada de Xangô, nas águas da Oxum, os ventos de Iansã, no dia de Ogum. Florinda era a filha preferida de Iansã, Tatiana nascera na chamada de Nanã. Por Zambi, disse Mãe Preta levantando-se do chão toda preocupações. Pegou suas coisas e partiu caminho afora até a casa de Florinda, reforçando antes a guarda daqueles Orixás por seus filhos. Queria saber o que se passava, boa coisa não era disso tinha certeza, seus búzios nunca lhe enganaram, e além do mais quantas vezes jogou, quantas confirmou. A estrada era longa e seus passos apertados, gingando e chocalhando, chocalhando e gingando, deixavam-na mais apreensiva. Tobias, Raimundo e José saíram pela manhã bem cedo, até Macapira, para comprar de um bom lote de gado. Os três montados estrada afora, seguiam o caminho até a fazenda de Antonio Machado, que resolvera ir morar lá pros lados de Conquista e procurava se desfazer de tudo que possuía. Iria tentar vida nova numa região melhor. Possuía bem umas quinhentas cabeças de gado e o único por ali capaz de comprar com dinheiro vivo era Tobias, por isso resolveu oferecer-lhe. Tobias, Raimundo e José conversaram durante longo tempo com Antonio Machado. Antonio fez uma pedida, Tobias ofereceu-lhe menos da metade, Antonio reclamou

— Por esse preço deixo morrer na seca.

Tobias sorriu, aumentou um pouco seu preço e foram negociando até que chegaram a um denominador comum, Tobias levava dinheiro suficiente, documento e o que mais se fazia necessário, e passaram um longo tempo a cumprir formalidades. Depois os quatro partiram fazenda adentro para conferir o gado, pois no dia seguinte Raimundo viria com um grupo de vaqueiros para levá-los, marcá-los e junta-los aos

seus. Na volta comeram alguma coisa na casa de Antonio Machado, brindando o negócio com goles de cachaça. Como ainda teriam de passar pela cidade para comprar ração, sal grosso para o gado, arame farpado para reparar algumas cercas, não mais se demoraram, na cidade o de sempre, enquanto Tobias ia à Prefeitura, Raimundo encomendavam tudo. Na porta, José encontrou com Luis cobra, a quem comunicou estar começando no brega da Cléa uma filha nova e que não poderia deixar de ir conhecê-la. Luis sorriu aprovando a idéia do irmão e combinaram às oito horas no lugar de sempre. Algum tempo após, montaram com destino à fazenda. Caminhavam lentamente pela estrada, com Tobias puxando prosa com Raimundo e José. Demonstrava seu contentamento com o negócio feito que lhe daria um lucro três a quatro vezes maior do que o que pagara. Tobias pediu a José que guardasse, no cofre da fazenda, o documento da compra do gado, iria direto para junto de Florinda e não gostava de andar com documentos soltos. Continuaram conversando com Tobias falando da situação política do estado e de sua boa influência, bem como de Esteves Lima.

Na estrada, nervosa, tentando caminhar o mais rápido possível, vinha Mãe Preta, gingando e chocalhando, chocalhando e gingando sem parar, seu rosto mostrava a inquietação que lhe ia dentro. Sua cabeça procurava respostas mais claras, que estavam ligadas a seus filhos sabia, queria saber porque? Nada lhe vinha à mente.

Florinda em casa conversava alegremente com Tereza, brincava com Tatiana, tinham preparado o jantar, uma galinha cabidela, muito ao gosto de Tobias. Tereza reforçara a provisão de biscoitos de polvilhos, pela devassa que José e Luis faziam toda vez que lhe visitavam. Tereza ainda reclamava, mas Florinda passava sempre a mão por cima:

— Deixa eles Tereza, sempre comeram, José sempre se empanturrou, não é agora que vão deixar.

Tereza começou a arrumar Tatiana, pois daí a pouco Tobias estaria chegando e tinha que estar uma boneca para recebê-lo. Tereza, por outro lado, passara alguns dias elaborando a resposta para o Doutor Ri-

bamar Cavalcante. Custou muito a coordenar suas idéias, porém conseguiu escrever-lhe uma carta onde mostrava interesse de se encontrar com ele, mas também a dificuldade que teria para tal, não tinha desculpas para sair, portanto deixava essa parte à seu encargo: um convite para uma inauguração, ou qualquer coisa semelhante, com o cuidado de não melindrar a Tobias. Sua demora na resposta foi justamente por isso, era um jogo de xadrez onde as peças tinham que ser dispostas de uma maneira tal que não permitisse a ninguém saber qual era a sua jogada. Não lhe interessava naquele momento outro tipo de colocação, não poderia abrir a guarda porque senão estava arriscando a perder tudo. Além disso, um pouco de charme sob o pretexto de dificuldades, fariam o Doutor Ribamar mostrar-se ansioso por revê-la e aí então, pensava, faria qualquer coisa para tal. Não queria se separar de Tobias, Florinda e Tatiana agora, custaria muito a ser adotada por eles, assim como José, e ainda podia crescer muito mais. Quem pretendia ser uma mulher diferente das outras nascidas e criadas junto com ela, não podia se deixar levar pela primeira circunstância aparecida, não, pelo contrário, aquela era uma oportunidade de ouro, porém necessitava criar uma base muito mais alargada, com ramificações bem maiores. Sem dúvida ao que se pretendia, os contatos do irmão lhe eram muito bons, mas também teria que aparecer junto a eles, não como uma Maria e sim como Tereza, revolucionária, agressiva, política e era agora que começara. Não podia deixar escorrer-lhe pelos dedos ou pelo xibiu a oportunidade. Sua presa estava mortalmente ferida, pedia que o tratasse, não se negaria, porém o tratamento a que se propunha era a longo tempo, para que a ferida permanecesse sempre com alguns locais abertos, fazendo necessário sua presença para a cura total. Imaginava-se numa posição de destaque mais tarde, tanto quanto Tobias ou Esteves Lima ou até mesmo do Doutor Ribamar, uma posição na qual fosse respeitada pelas lideranças interioranas e que também tivesse influência ou fosse amada pelas governamentais. Eram devaneios, que esperava serem reais a medida em que fossem crescendo, por isso e para isso é que estava aplicando na prática tudo que aprendera.

Mãe Preta gingava e chocalhava sem parar, impaciente por chegar à casa de Florinda. Sua visão turva não permitia enxergar nitidamente o caminho, sua cabeça estava voltada para seus filhos, Exu, porque Exu? Repassava a cada instante o que lhe disseram os búzios, Xangô, Oxum, Iansã, Nanã, Ogum. Seus filhos precisariam dela sem dúvida. José, o príncipe da casa, filho de Xangô será que era com ele, mas o que? Nunca tivera problemas, de sua proteção nunca se esquecia. Agradava sempre aos seus Orixás, respeitava Exu. A pouco tempo fizera todas as suas obrigações. E Florinda, filha preferida de Iansã. Ta certo que não era a mesma filha de antes, a intromissão de Tobias em sua vida fez com que mudasse um pouco, porém mantinha o respeito, cumpria com tudo que o ritual mandava, não faltava às festas, dançava para o santo, principalmente para Iansã. A única coisa que perdera era a intenção de vê-la substituindo-a, mas de resto, não havia nada errado. E a pequena Tati, sua neta maravilhosa, essa então tão pequena e tão grande dentro do seu santé. Filha de Nanã com Oxalá que mal poderia lhe afetar, nenhum. Dançava elegantemente, algumas obrigações já podia fazer. Sua mãe lá estava, ela também. Não era possível que estivessem desguarnecidos, nunca deixava seus filhos sem proteção e logo quem, José, Florinda e Tatiana. Será que estaria caducando? Será que não estava conseguindo mais enxergar as mensagens que lhes eram enviadas? Não, realmente não, era velha sabia, mas aquela era a sua vida e, por mais velha que pudesse estar, uma coisa não perdera, a razão, pelo contrário, quanto mais envelheço mais consigo enxergar com os poucos olhos que tenho. A vida me ensinou muito mas na minha nação, que aprendi com minha mãe, esta não, nesta a todos os dias eu pratico, nesta estou envolvida desde que nasci, nasci com ela, morrerei com ela. Me lembro de cor e salteado tudo que me ensinaram. Vejo minha mãe a jogar, a dançar, a cumprir suas obrigações, com a mesma vontade e a mesma seriedade com que encaro, por isso não posso estar errada. Xangô, Oxum, Nanã, Iansã, Ogum, não iriam me deixar enganar, pelo contrário, querem sim que seja parte ativa, que eu os ajude na ajuda a seus fi-

lhos, até Abaluaê não se fez presente como sempre, como se desse seu lugar aos outros num momento de aflição. Zambi, porque não tenho mais a força que possuía antes? Não a força espiritual mas as das minhas pernas, queria poder correr, chegar logo e ver o que acontece aos meus filhos, queria correr para poder ajudá-los mais rápido. E gingando e chocalhando, chocalhando e gingando não enxergava nada, só aos seus pensamentos, só via Exu com Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum. Só via José, Florinda e Tatiana.

Tobias, José e Raimundo cavalgavam lentamente prosando animadamente. No caminho, próximo à encruzilhada dos sete ventos, encontraram com Manuel do Sisal. Tobias conversou com ele, perguntando-lhe sobre a beneficiadora do sisal:

— Sabe Tobias, o negócio é melhor do que você imagina, a cotação do sisal para exportação esta altíssima, e nós recolhendo o bruto de toda a região e vendendo o beneficiado demos um passo enorme.

— Como esta a pressão do pessoal de Serrinha?

— Olhe, eles agora já entenderam que dá para todos, são até meus amigos, foi só coisa inicial. Tobias falando nisso, temos que dar um jeito de, com sua influência, tentarmos abrir aqui uma agência do Banco do Brasil, ficaria mais fácil para nós lidarmos com o dinheiro, já temos luz e com seu prestígio, quem sabe?

Ainda ficaram mais um pouco a conversar, e logo após seguiram seus destinos.

Florinda em casa, com tudo pronto para a chegada de Tobias, olhava com Tereza alguns figurinos que ele trouxera de Salvador.

Mãe Preta, gingava e chocalhava sem parar. Passara e repassara tudo inúmeras vezes, nada. Num determinado instante veio-lhe à cabeça, a última vez que fora a Salvador, na festa de Iemanjá, quando Exu em forma de mulher apareceu-lhe revelando-lhe o que se passava com sua filha. Ali era Tobias, será que Tobias estava aprontando alguma coisa para sua filha, não, não acreditava, afinal de contas, mesmo não sendo casados, só amancebados, Tobias rompera com tudo, largara até a família

para viver com Florinda e além do mais quem viveu e nunca errou não viveu, se enganou. Mas não é só Florinda que esta envolvida, nem Tatiana. José, o príncipe da casa, afilhado de Tobias e quem não sabe que ele é o seu preferido, quem não sabe que ele não permitiria tocar-lhe nem com as pontas dos dedos. Fora tudo isso, Tobias desde que se uniu à Florinda, nunca teve problemas sérios, só os do dia a dia de uma casa. Adorava Tatiana, não era ele, não era dele que partiria qualquer coisa. E gingando e chocalhando, chocalhando e gingando aproximava-se a medida do que lhe era possível da casa de Florinda, pernas presas ao chão, o suor molhando-lhe o rosto, as mãos frias, a cabeça quente.

Tobias cavalgava vagarosamente com seus companheiros.

Mãe Preta ao chegar, quase não conseguia falar, de tão ofegante que estava. Florinda se assustou com sua vinda aquela hora, Tatiana correu a abraçar a avó. Tereza pediu-lhe bênção. Mãe Preta pediu um copo d'água, sentando-se ali mesmo na porta, e começou a falar:

— Florinda, minha fia, To cum Mixe cum ocê, Tati e José.

— Porque minha mãe, ta tudo bem conosco e creio com José também, não é Tereza?

— Que eu saiba sim, não me parece que esteja acontecendo nada sério com ele.

— Mas mãe, porque toda essa preocupação, que lhe fez vir até aqui correndo? A toa mãe não viria!

— Minha fia, essa é a semana de Abaluaê, como ocê sabe, eu fui sabê nus búzio, o que tinha qui fazê, como sempre faço, quando joguei, Exu pulou de frente acompanhado de Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum. Óia minha fia, que tem coisa, ocê sabe que tem. O que é num sei, já inté reforcei a guarda de ocês, pedindo inté maleme.

Florinda que a tudo escutara sem nada falar, mudara só o seu semblante, de alegre, ao de uma preocupação total. Um frio fino percorreu-lhe a espinha, o rosto começava a transpirar, suas mãos frias e trêmulas seguraram as de Mãe Preta, sentando-se a seus pés toda preocupações, com Tatiana a seu lado. Tereza ainda contrapôs:

— Pode ser que a senhora esteja enganada, pode ser que não esteja para acontecer nada e vocês estão se preocupando a toa:

— Minha fia, ocê deve conhecê pouco essa véia, se não tivesse uma quizila, num taria a incomodá minha fia, se Exu pula de frente, a coisa é séria, muito séria, Florinda sabe disso, ela inté se lembra qui antes de vivê com Tobias, como lá na capita, Exu muié pulou na minha frente, me dizendo das coisa que acontecia por aqui, não minha fia, num é le-sisse dessa véia não, essa véia ta temerosa, essa preta véia nunca brincou, nunca disse que tava cum sede só pra fazê as pessoa pegá água prá mim não, isso num faço não. Se vim é qui to achando qui meus fios precisam de mim. Florinda arrepiava-se mais e mais, um suor de medo escorria-lhe o corpo todo, suas mãos estavam trêmulas e mais frias ainda.

Tobias, José e Raimundo entravam naquele instante na encruzilhada dos sete ventos, onde se separariam, de repente Exu pulou no meio da encruzilhada, com sua sede de menga, Ogum entrou na luta montando o cavalo de José, puxando-lhe o bridão e este imediatamente levantou as patas dianteiras, Xangô soltou seu brado de justiça e lançou seu machado, que cortou o ar e a tarde, abalou Exu, Iansã assoviou os sete ventos, Nanã cobriu José com seu manto, Oxum com sua bondade chorou por seu filho. Labaredas e mais labaredas, seguidas de forte estampidos saíram de todos os lados da encruzilhada parecendo uma queima de fogos. José foi jogado no meio da caatinga, Tobias, Raimundo e os três cavalos tombaram no meio da encruzilhada, mortalmente feridos.

Florinda que escutara a saraivada de tiros próximo a sua casa, na hora de Tobias chegar, foi tomada de um pavor desesperado e saiu a correr descalça, estrada afora, gritando para toda São Sebastião escutar:

— Tobias, Tobias, Tobias.

Mãe Preta não falhara, e saiu atrás dela com Tereza e Tatiana sem saber o que fazer. José nada viu, só que caiu no meio da caatinga. Na encruzilhada, em cada boca um corpo, na sexta vinha Florinda correndo, e a sétima era aonde tinha caído José. No meio da caatinga. José só ouviu as vozes que diziam:

— Um conseguiu pulá, deve ta ferido, o home num qué ninguém vivo, vamo atrás dele depois nós se vai.

José, quando ouviu aquilo, ainda conseguiu enxergar no meio da encruzilhada os corpos de seu padrinho, seu pai, seu cavalo e os outros dois, percebeu o que acontecera e viu logo que viriam atrás dele. Como profundo conhecedor daquelas bandas, brincava ali desde menino, mergulhou caatinga adentro; Nanã cobria-o com seu manto Xangô era a sua arma; Oxum chorava seu choro de amor por seu filho; Iansã açoitava a caatinga com seus ventos, cegando os seus perseguidores e Ogum caminhava a seu lado, na sua luta.

Florinda quando chegou a encruzilhada, que viu Tobias caído ao chão, já sem vida, agarrou-o pelos ombros chamando pelo seu nome como quem quisesse ressuscita-lo de qualquer jeito, suas mãos cobriram-se do sangue que escorria de seu corpo, apoiou sua cabeça no seu colo e caiu em prantos, misturando suas lágrimas de amor ao sangue do ódio. Iansã agitava a caatinga. Mãe Preta gingava e chocalhava sem parar. Tereza e Tati caminhavam a seu lado.

Quando as três chegaram à encruzilhada dos sete ventos e viram aquela cena, se separaram, com Tatiana correndo para junto da mãe em pânico; Tereza quando viu o pai morto sentiu um nó na garganta, abraçou-se a ele e chorou, pela primeira vez chorou sentida pelo pai. Mãe Preta ficou estatelada, olhava, enxergava mas não queria acreditar, como podia ter acontecido aquilo. Como alguém poderia ter tido a coragem de uma coisa desta.

Tereza e Mãe Preta ao mesmo tempo cruzaram os olhos à procura de José, só encontrando o cavalo. De repente novos tiros vindos do meio da caatinga mostraram-lhes aonde se encontrava. Mãe Preta se arrepiou, Tereza não conseguia falar. Logo após chegou à encruzilhada Manuel do Sisal, que estava próximo quando ouviu os tiros e voltou para verificar o que acontecera. Quando viu a cena apeou rapidamente e foi ter com Florinda e Tatiana, perguntou mas não obteve respostas, Florinda só chorava e chamava por Tobias, Tatiana agarrada aos dois chama-

va pela mãe e pelo pai, Manuel do Sisal dirigiu-se à Mãe Preta que conseguiu explicar-lhe que estavam na porta da casa de sua filha quando ouviram os tiros próximo, saíram correndo e encontraram-nos assim. Manuel perguntou-lhe se não tinha ninguém, respondendo Mãe Preta que não.

— E José, cadê José?

— Óia seu Manuel, ta dentro da caatinga, ainda pouco agente ouviu tiro e como aqui só ta o cavalo dele ele deve ta tentando fugi.

Manuel do Sisal, com a noite presente, montou e saiu célere em direção à cidade para comunicar o fato ao cabo Chico Curió. Esperava que José pudesse se safar, pois muito pouco poderiam fazer.

Mãe Preta, ao lado de Florinda, Tati e Tereza, tentava tirá-las dali sem conseguir. Queriam porque queriam ficar ali. Tiros se ouviam cada vez mais longe. José cegava seus perseguidores metendo-se pelos arvoredos, deixando-os desnorteados, na tentativa de também eliminá-lo. Nanã cobrindo-o com seu manto cobriu também a lua que não se fazia presente, deixando mais escuro ainda a caatinga. José fugia, os tiros se ouviam. Um pássaro mexia em um galho, era uma saraivada de tiros.

Manuel do Sisal foi direto falar com Chico Curió, que como sempre, estava perdido no meio de seus pássaros. Quando Manuel do Sisal deu-lhe a notícia, Chico Curió ficou pálido:

— Como é inhô Manel?

— É isso que você escutou Chico, mataram Tobias e Raimundo na encruzilhada dos sete ventos. José ta no meio da caatinga com os cabras atrás dele.

— Por minha Nossa Senhora. Por meu Jesus Cristo, porque logo aqui comigo? Tenho mais de vinte anos na cidade e nunca aconteceu nada, agora logo isso, que eu posso fazer? Nada. Tenho dois homens comigo, não posso mandá eles pro meio da caatinga, assim.

De repente a notícia foi-se espalhando, com Chico Curió arrancando os cabelos, sem saber o que fazer. Florinda, Tatiana, Tereza e Mãe Preta continuavam na encruzilhada. Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum

davam proteção a José; Exu não estava satisfeito, queria mais, queria ele, queria a menga do príncipe mas este se esquiava, lutava fugindo, fugia para lutar.

Na cidade um rebuliço só, Padre Álvaro foi logo comunicado e saiu em direção ao acontecido. Lá algumas pessoas começavam a se concentrar. Oito horas da noite, Luis cobra aguardava a chegada do seu irmão, todo arrumado, quando seu pai lhe deu a notícia:

— Luis, mataram Tobias e Raimundo na encruzilhada dos sete ventos.

— Como é meu pai?

— É isso mesmo que você ouviu.

— E José, meu pai, perguntou aflito.

— José ta no meio da caatinga com gente atrás dele, só se ouvem os tiros.

— Pai, vai ajudá ele pai.

— Tu ta louco, me meter sozinho naquele inferno, tu só podes estar louco.

— Pai, é meu amigo, é como se fosse meu irmão, pai!.

— Deixe de maluquice, queres ficar sem amigo e sem pai?

Luis cobra ficou desorientado, era seu irmão o único que lhe dera apoio, se hoje era respeitado na cidade devia a ele, José, seu irmão de iniciação, ninguém. Olegário Macambira, Chico Curió, Chico Pinga, Malazartes, seu pai, ninguém se arriscava a ir em seu socorro, ninguém arriscava sua pele. Luis, a cada minuto que passava, ficava mais aflito. A cada minuto sentia a necessidade de ajuda para seu irmão, mas quem? Ninguém, só restava ele, Luis, Luis cobra, e quem melhor do que uma cobra para se meter na caatinga e ajudar seu irmão? E lá foi ele, só, caatinga adentro a procura de seu irmão; se arrastava como cobra, silvava como cobra, um silvo que era conhecido do irmão. Era naquele instante, uma naja, uma sucuri, uma cascavel, uma taturana que se alimenta de outras cobras. José agora não mais lutaria sozinho, teria junto a ele seu irmão, sua cobra preferida, ele que sempre se arrastara e se escondia.

dera por aquelas bandas, a brincar com seu irmão, agora iria brincar de novo, só que dessa vez de verdade, era ele e seu irmão contra todos; sabia onde José gostava de se esconder, conhecia todas as trilhas, todos os arvoredos da caatinga. E a cobra se arrastava, voava na noite, louca de fome, louca de ódio, queria, porque queria mostrar a todos que ele e seu irmão eram um só, filhos de pais diferentes, mas eram um só. Se arrastava silvando, e silvando se arrastava. Ao longe começava a escutar os tiros e aí, mais e mais a cobra se arrastava a procura de sua vítima.

José se esquivava por entre os pés de mandacaru, as umburanas, os anjicos, Xangô eram seus olhos, Ogum suas forças, Iansã agitava as folhas confundindo Exu, Nanã escondia-o sob seu manto. E a cobra se arrastava mais e mais a procura de seu irmão, pronta para dar seu bote.

Na cidade Chico Curió, sem muito poder fazer, mandou um dos seus homens para a encruzilhada dos sete ventos e conseguiu uma viatura para ir até Feira de Santana comunicar o fato e tentar ajuda. Padre Álvaro e Mãe Preta tiveram muito trabalho para conseguir retirar Florinda e Tatiana do local, estas negavam. Florinda, transtornada, se recusava de toda maneira abandonar Tobias. Tereza, por sua vez, se refizera do impacto e embora sentida tentava demovê-las dali. A muito custo conseguiram levá-las, porém Florinda totalmente fora de si continuava a chamar por Tobias. De repente começou a soltar palavras desconexas, a sorrir, a mostrar as coisas de Tobias sorrindo, dizia que seu homem chegaria daí a pouco. Mãe Preta pedia maleme por ela, Padre Álvaro procurava fazer com que voltasse à realidade porém ela continuava. Tatiana chorava por seu pai e também por sua mãe.

Mãe Preta preparou um chá para ver se a acalmava, nada.

Na fazenda, Maria recebeu a notícia por um dos empregados que passara por lá, Maria chorou, Maria se lamentou e, como todas as Marias, se conformou, era um bom homem.

Na encruzilhada, os corpos continuavam estendidos, ninguém se atrevia tocá-los. Algumas velas apareceram, o número de pessoas aumentava. As representantes do comitê das mexeriqueiras, com Carlo-

ta a frente, logo apareceram e começaram a cochichar baixinho as virtudes do falecido. Ele agora não tinha defeitos, parece até que tinham medo que se levantasse e fosse em direção a elas. Carlota foi a primeira a comentar:

— Era um homem tão bom, quanto fez por nós e agora taí. Vocês viram Florinda como chorava agarrada a ele, aquilo sim é que é amor, não foi a toa que ele trocou Elisabete por ela, Adalgisa complementou:

— E a filha, que pena, tão nova, e agora o que será dela? Será que os irmão vão aceita-la?

Tudo agora girava em torno da felicidade do casal.

— Mas quem teria a coragem de ter feito isto? Perguntou Antonina:

— Não sei, respondeu Carlota, acho que isso é coisa de fora, ou então é coisa de José, não vê que estão atrás dele?

— Deve ser isto, respondeu Emília, José deve ter aprontado com a mulher de alguém grande, e este mandou acabar com ele, coitado de Tobias e Raimundo, não tinham nada com isso e acabaram aí, esticados. Carlota continuou:

— Esse homem é uma peste, tu não te lembras quando nasceu, o que fez com a mãe, consumiu ela toda, nunca mais teve filhos. Só pode ser coisa dele, tem parte com o cramunhão, só vive metido nos bregas, não se lembra de Feliciano, a mulher do Dito, o que ele fez com ela por causa de José?. Não tenho dúvidas, só pode ter sido ele, agora com quem ele fez? Deve ter aprontado com gente muito alta, e não foi daqui, porque senão nós saberíamos, não acham?

Todos deram um pequeno sorriso e continuaram a decantar, aos pés dos falecidos, as virtudes deles, e a provável chave do mistério, tendo como figura central José, o filho do raio, do vento, da chuva e do trovão. José, o filho da consumição, o mascote do brega, o que desrespeitava as mulheres, José o causador do cadeado no xibiu.

A cidade neste dia estava acesa, o rebuliço era tanto que esqueceram de desligar a usina. Na pensão de Helena o movimento era intenso, que por sua vez só escutava os comentários, não podia sequer sair. No bar

de Chico Pinga a cachaça e a falação rolavam solta. Todos procuravam explicação para o fato. O comentário das mexeriqueiras se espalhavam, já havia até prováveis suspeitos, teria sido a mando de Aldezindo Canavieira, de Valente, pois alguém o vira por lá, alguns dias atrás conversando com uma de suas filhas e provavelmente a desrespeitou:

— Vocês sabem como é a fama de Aldezindo, é um homem violento, José deve ter feito das dele e o pai e o padrinho que pagaram o pato; mas ele também não está livre, se já não está morto a esta hora.

Olegário Macambira não sabia o que fazer dentro da prefeitura, com os vereadores a seu lado. Chegava a estar branco de tanto nervoso. A única coisa que conseguira fora a viatura para Chico Curió, de resto não sabia nem pensar. Alguém ainda pensou em retirar os corpos da encruzilhada dos sete ventos e trazer para a prefeitura, ele logo contrapôs dizendo que só poderiam retirá-los após a chegada de Chico Curió.

Na encruzilhada dos sete ventos as velas se sucediam, os curiosos não arredavam pé. O comitê das mexeriqueiras decantavam-nos. As carolas rezavam, repassavam o terço. Na igreja o sino tocava. Na praça o povo se aglomerava. Florinda se preparava para a chegada de Tobias. Tatiana chorava. Tereza era toda preocupações com o irmão. Mãe Preta pedia maleme por Florinda, José e Tatiana. Padre Álvaro tentava trazer Florinda para a realidade. Helena só escutava.

Na caatinga José se escondia, os cabras avançavam e a cobra se arrastava, silvando a cada instante. A lua não aparecera, os mandacarus não tinham sombra, os pássaros não cantavam mais nos umbuzeiros. Iansã balançava as folhas.

Num determinado instante os homens resolveram se separar e tentar cercar José, para poder pegá-lo mais rápido. Exu continuava sua busca. Xangô com seu machado, Nanã com seu manto e Ogum com sua luta eram José, Oxum chorava por seu filho. A cobra se arrastava e silvava, sabia das preferências do irmão, ele sempre gostava de se esconder para lados do Capão do Lajedo onde os mandacarus, as imburanas, os

anjicos, tornam a caatinga cerrada dificultando a visão de qualquer um, principalmente à noite. Era ali que se escondia de Corisco e a cobra se arrastava para lá, pronta para dar seu bote, pronta para laçar, pronta para jogar sua peçonha, pronta para morrer, mas morrer para seu irmão viver e a cobra se arrastava, silvando sem parar, chocalhando como a cascavel, e José brincava, brincava como antes, se escondendo na caatinga, só que agora Corisco não estava com ele, agora era sozinho, contra quantos não sabia. De repente percebeu que não estava só, a cobra silvou; ele percebeu, a raposa do cerrado uivou, a cobra escutou, ele sorriu, a cobra silvou novamente, a raposa uivou, a coruja piou na noite. Os homens se olharam. E a cobra se arrastava, lenta, certa, à espera do bote, a raposa se escondia por detrás dos mandacarus, a coruja piava nos galhos mais altos da imburana. Os homens avançavam. Eram os homens contra a cobra, eram os homens contra a raposa, eram os homens contra a coruja. Era Exu contra Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum. Mais perto os homens chegavam mais piava a coruja, mais uivava a raposa, mais silvava a cobra. Os homens se separavam mais e mais procurando fechar o cerco. De repente a naja solta sua peçonha por detrás dos anjicos, cega sua vítima, transforma-se em sucuri e dá seu bote certo pegando sua vítima com seu laço, pelas pernas, pelo peito, pelo pescoço e aperta, a vítima resiste, a cobra aperta seu laço, a vítima relaxa, tenta respirar, não consegue, o laço aperta cada vez mais forte, quebra seus ossos, tritura-a e a taturana devora a coral, sem dar-lhe tempo de reagir. A cobra silva, a raposa uiva, a coruja pia. Exu perdera um dos seus mensageiros. Por detrás dos mandacarus a raposa se prepara para derrubar sua vítima, ela passa, a raposa está quieta, nem respira, quando esta dá conta um salto certo, as patas no peito, as garras no pescoço, o golpe fatal. Exu balança, Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum sorriem. A raposa uiva, a cobra silva, a coruja pia. Iansã balança as folhas, Nanã continua com seu manto fazendo da caatinga uma escuridão total. A cobra e a raposa conversam entre si.

Na casa de Florinda, Tatiana chora, Tereza lamenta, Florinda sorri. Padre Álvaro reza, tenta conforta-la, e trazê-la para a realidade, Mãe Preta prepara seus chás.

Na estrada, Chico Curió torna seu bigode mais amarelado, fumando um cigarro atrás do outro à procura de ajuda.

Na praça, Jose é o causador de tudo.

Na fazenda Maria se conforma.

Em Salvador, Elisabete e seus filhos dormem.

Na encruzilhada as velas acesas, as carolas rezavam, as mexeriqueiras mexericavam e todos se agrupavam. A noite era fria mas ninguém arredava os pés, ninguém saía dali, ninguém queria deixar de estar junto de Tobias e Raimundo, esticados no chão, cobertos de sangue, com velas acesas, dali ninguém se arredava. Por José ninguém perguntava, só acusavam, mais nada.

Na caatinga a cobra silva a cada instante mostrando à raposa sua posição. A raposa uiva incessantemente deixando os cabras atordoados, atirando em qualquer coisa que aparece na frente. A coruja pia, a cobra silva, os cabras atiram. Exu esta assustado, Xangô lança cada vez mais forte o seu machado, Nanã esta cada vez mais presente com o seu manto; Iansã balança as folhas com suas rajadas de vento confundindo Exu, Ogum guerreia; Oxum cobre de amor seu filho, suas lágrimas cobrem o chão por onde passam. Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum lutam com seus mensageiros, a raposa, a coruja e a cobra. A cobra agora é o laço de Ogum, a coruja pia na noite de Nanã, a raposa é o próprio machado de Xangô, a coruja voa com os ventos de Iansã. Os cabras avançam e atiram sem parar. A cobra e a raposa trocam de posição, a coruja cala, Exu passa por baixo do pé da umburana, a coruja vira carcará, voa certa em cima de sua vítima, derruba-a e a devora, Exu não tem tempo nem de gritar; Exu balança cada vez mais, bebe agora a sua própria menga, a menga dos seus mensageiros que caem sob o poder dos mensageiros de Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum, as folhas balançam cada vez mais forte, a noite é cada vez mais escura, Exu se perde na caatinga. A raposa uiva, a coruja pia, a cobra silva, Exu grita. Houve somente três respostas,

Exu grita de novo, a mesma coisa, Exu se assusta, Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum fecham seu cerco. Exu para, a sucuri esta por trás dos mandacarus, se enrosca, prepara seu bote, Exu caminha, a sucuri olha quando Exu menos espera, a sucuri derruba-o e o destrói, Exu balança, Exu grita e só houve a resposta de dois dos seus mensageiros. A coruja pia alto no umbuzeiro, a raposa uiva por detrás dos anjicos e a cobra silva atrás dos mandacarus, com Exu caído a seus pés. Exu treme, Exu sua, Exu medra. A caatinga é preta como preta é a cor de Exu, a menga de Exu escorre vermelho e quente, como vermelha e quente é a menga de Exu. O machado de Xangô continua cortando a caatinga. Oxum, Nanã, Iansã e Ogum se unem, a cobra silva por trás dos anjicos, a raposa uiva no pé da umburana, a coruja pia nos pés do quixabá. A noite esfria, a raposa uiva, a coruja pia. Exu se esconde mas a coruja vê, pia e avisa à cobra, a cascavel chocalha, Exu se assusta, atira, a raposa uiva, Exu atira de novo. Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum guerreiam na caatinga escura, a cobra, a raposa e a coruja, conversam, brincando, brincam se defendendo, se defendem se escondendo e Exu não os vê. A cobra silva, a raposa uiva, a coruja pia; Exu grita, só houve duas respostas. A noite é fria mas Exu esta suando e tremendo.

Na cidade, no bar do Chico Pinga, todos bebem e comentam o fato, aguardam a chegada de Chico Curió. Este por sua vez chegando à Feira comunica o acontecido a seus superiores. A novidade se espalha, os jornais de Salvador são avisados. As rádios lançam a novidade em seus boletins.

Elisabete é acordada no meio da noite com a informação da morte de Tobias, trazida por um repórter do Jornal da Bahia que quer obter dados deles. Elisabete se assusta, fica sem voz. Seus filhos vêm para ver o que acontece. Tobias Filho nada fala, Antonio e Jeremias se agitam, xingam, culpam o pai por ter ficado lá. Se aprontam rapidamente e partem em direção a São Sebastião.

Padre Álvaro desistiu de trazer Florinda para a realidade. Mãe Preta pede maleme, chama por Iansã mas esta, esta agitando as folhas por José. Florinda continua falando e alisa Tatiana:

— Vejam como é linda minha filha, chame Tobias para ele conhecer, manda José chamá-lo. Tatiana chora. Tereza se abraça a ela, chora, também perdera seus dois pais: o verdadeiro, que cheirava à bosta de vaca e o adotivo, que cheirava à política e ao poder. Tereza lamenta, Tereza se inquieta por José. Maria, Jurema e Onorinda chegam à encruzilhada dos sete ventos, Maria chora conformada, alisa os cabelos do seu homem. Jurema e Onorinda se desesperam, gritam pelo pai. As mexeriqueiras se retiraram, as carolas rezam, o povo se aglomera. As velas continuam acesas. Helena só agora pode sair da pensão para vir ver Tobias e Raimundo. Helena chora, eram bons amigos.

Chico Curió consegue ajuda em Feira e parte com ordens de removê-los para a delegacia e esperar o legista que irá até lá, leva consigo seis homens destacados para lhe ajudar. Fuma um cigarro atrás do outro, preocupa-se com seus pássaros.

Elisabete e seus filhos estão a caminho. De nada sabem porém culpam Florinda. Na cidade era o próprio Aldezindo Canavieira que estaria a frente dos cabras. José já estaria morto, de Luis ninguém dá falta.

No capão do lajedo a coruja pia, a raposa uiva e a cobra silva. Exu continua gritando, só houve duas respostas. Exu chama seus mensageiros para se agruparem, a coruja o ouve e pia, a raposa uiva, a cobra silva. A raposa e a cobra se juntam, agora são um só, raposa com corpo de cobra e cobra com cara de raposa, Exu caminha pelo meio dos quixabas, os espinhos cortam sua carne, a menga escorre, Exu está assustado. Nanã torna a noite mais escura ainda, Xangô e Ogum estão juntos; Iansã balança os galhos; Exu caminha, os seus dois mensageiros juntam-se para chegar até ele. A raposa e a cobra os vêem, se calam, os dois mensageiros caminham por entre os quixabas, a raposa e a cobra saltam e derubam os dois mensageiros ao mesmo tempo, aniquilam-nos, Exu grita, não ouvem mais respostas. Nanã agora cobre somente a cobra e a raposa com seu manto, permite que a caatinga se ilumine. Iansã diminui a força dos ventos, Ogum e Xangô permanecem na luta. Exu caminha

com a caatinga acesa e de repente Exu se acovarda, vê um por um de seus mensageiros destruídos, triturados, mortos pela cobra, pela raposa e pela coruja que se transforma em carcará. Exu tem medo, Exu tenta correr por entre as palmatórias, a cobra, a raposa e a coruja o seguem. A cobra silvando faz com que Exu mude de direção, entra por dentro das orelhas de negro, a raposa uivando faz Exu atirar sem parar e a coruja piando faz Exu correr querendo sair daquele inferno. A cobra e a raposa querem Exu vivo, querem saber quem o mandou. Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum também.

Com a caatinga acesa é que se lembraram de desligar a usina. Na pensão de Helena o boletim da Rádio Clube de Salvador noticiava a morte de Tobias, falava de Elisabete e os filhos seguindo para lá. A cidade toda não dormiu, Manuel do Sisal permaneceu o tempo todo na prefeitura, ao lado de Olegário Macambira. Não havia quem não acreditasse na culpa de José.

No brega da Cléa suas filhas não trabalharam esta noite além de não terem fregueses, todas eram só preocupações com José. Cléa lamentava a morte de Tobias. Todas se juntaram e rezaram por José, o seu mascote.

Padre Álvaro retornara à igreja, o sino tocava sem parar; Chico Pinga não fechou o bar, passou toda a noite vendendo cachaça. As mexeriqueiras se reuniram no portão de Carlota e continuavam a decantar Tobias, Florinda e Tatiana. Culpavam cada vez mais a José. Elisabete e seus filhos passavam por Serrinha e iam velozmente em direção a São Sebastião. Seus filhos culpavam mais e mais Florinda.

Sete horas da manhã, o sino continuava tocando. Padre Álvaro se preparara para rezar missa por Tobias e Raimundo e também por José. De Luis ninguém falava, Mãe Preta já tentara de tudo junto à Florinda, esta só sorria e falava. Tatiana continuava chorando, Tereza era só lamentações, fizera café mas ninguém quis, nem ela. Florinda agora alisava a barriga e perguntava à Mãe Preta se não era linda e que queria ter uma filha para alegrar Tobias: ele só tem filhos homem. Mãe Preta abraçava-a, acariciava seus cabelos, ela sorria.

Maria, Jurema e Onorinda continuavam na encruzilhada, tendo se juntado a elas, Mariazinha, Francisquinha, Tiana e Odilia. O sol agora iluminava Tobias e Raimundo. O sangue ta seco, manchava-lhe o corpo e também o chão. As moscas zumbiam a volta deles e dos cavalos. Ninguém tinha coragem de tocá-los. As carolas rezavam e acendiam as velas. Helena voltara à pensão.

Em Euclides da Cunha, Esteves Lima soube da notícia e partiu para São Sebastião com toda pressa, queria saber tudo, temia por Florinda e Tatiana. Na encruzilhada dos sete ventos, Maria e suas filhas choravam e se conformavam em chegava e a indagava o porquê, só obtinham uma resposta, a de José, era José o grande culpado. Para o comitê das mexeriqueiras a filha de Aldezindo Canavieira já estava até prenhe, o que levou a atitude do pai. Olegário Macambira se inquietava, da caatinga ninguém tinha notícias.

Xangô, Nanã, Oxum, Iansã e Ogum permaneciam na caatinga, agora acesa. Exu corria para se esconder, Exu tinha medo da luz, tinha medo do dia. A claridade cegava-o. A coruja continuava a piar no alto das favelas, a raposa uivava por trás dos xiquexiques, a cobra se arrastava silvando por entre os mandacarus. Exu suava, tremia no capão do lajedo e a cobra, a coruja e a raposa fechavam seu cerco, Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum também.

No caminho, já tendo passado por Cuité, Chico Curió e seus comandados se dirigiam a São Sebastião. Chico Curió temia por seus pássaros.

Esteves Lima vinha o mais rápido que podia, não poderia abandonar os correligionários. Em Salvador, Ribamar Cavalcante ouviu a notícia e lamenta por Tereza, procura uma maneira de ir até lá. Tereza lamenta e sofre, mas apóia Florinda e Tatiana. Mãe Preta reza e pede maleme, conversa com sua filha mas esta lhe responde:

— Sabe mãe, ele é um homem maravilhoso, me dá tudo, e o mais importante me dá amor, que bom mãe.

Na encruzilhada as moscas zumbem em volta de todos, os cavalos começam a exalar mau cheiro, as velas continuam acesas, as carolas continuam rezando. Padre Álvaro rezou a missa pedindo a Deus que recebesse no seu seio aquelas almas bondosa, e pedia proteção para José. O sino repica, o povo reza, todos comungaram.

Na escola ninguém apareceu, a beneficiadora do sisal esta parada, o povo esta nas ruas à espera de Chico Curió. Um vaqueiro, que veio de Capão do Lajedo, diz que ainda se ouve tiros por lá, ninguém acredita que José saia vivo, o povo reza por sua alma pecadora. Helena só agora serve o café da manhã aos seus hóspedes, o rádio ligado pouco ou nada fala de São Sebastião. O ônibus da manhã partiu vazio para Salvador, ninguém arredava os pés. Elisabete, Antonio, Jeremias e Tobias Filho procuravam explicações: a política estava calma, pelo menos, Tobias não falava nada de sério. Acusavam Florinda, negavam-lhe todo e qualquer direito sobre Tobias. Começavam a se preocupar com a fazenda.

Chico Pinga continuava vendendo cachaça, o movimento parecia o da festa de São Sebastião. Manuel do Sisal se preocupava com a continuidade do poder. João Farmacêutico sorria com a morte de Tobias, saiu da frente seu grande adversário. Pedro Capão ainda não aparecera na cidade.

Por trás dos mandacarus Exu tenta se esconder. Sua menga corre pelos espinhos. A raposa uiva no meio dos anjicos, a cobra silva no pé da umburana, a coruja se cala, só observa o movimento de Exu. A raposa e a cobra combinam entre si o ataque a Exu. Exu atira, Exu corre, Exu se lamenta, Exu sua de medo. A cobra silva e a raposa uiva, Exu se fere mais e mais nos espinhos do quixabá. A menga corre de seu rosto, de suas mãos, Exu cambaleia, não consegue correr como antes. A cobra e a raposa se comunicam cada vez mais perto, Exu foge, Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum confundem-lhe os caminhos. Exu agora dá voltas nos mandacarus. A raposa uiva forte, a cascavel chocalha, a coruja olha. Exu atira, atira de novo, a cascavel continua chocalhando, a raposa uiva, a coruja vê. Exu esta cansado, suando, tremendo, a menga escor-

re sem parar. Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum fecham, cada vez mais, os seus caminhos. Exu tenta se refazer, seus olhos se enchem de brilho e de raiva, Exu não pode perder, é o brilho da morte nos olhos de Exu que mata gente mas que não consegue destruir a raposa, a coruja e a cobra. Exu procura, nos caminhos daquele inferno, a saída, procura matar a coruja, a cobra e a raposa mas estas se escondem, trocam de posições à espera do ataque final. Exu não se dá por vencido no meio dos mandacarus, com a menga escorrendo, a menga do próprio Exu, a raposa e a cobra conversam entre si. Exu atira mostrando sua posição. A cobra prepara seu bote no meio dos anjicos, a raposa e a coruja se juntam no pé da umburana; Exu ta cercado, Exu não pode fugir, Exu não pode morrer, a raposa, a coruja e a cobra, querem Exu vivo. Exu não pode se entregar porque Exu não se entrega, luta. Xangô, Oxum, Nanã, Iansã, e Ogum não permitem que Exu fuja, Exu esta confuso.

Na cidade, o movimento em torno da delegacia é grande, Chico Curió acabara de chegar, esta transtornado, sua pele esta mais amarela que o seu bigode de fumante. Sua maior preocupação, seus pássaros. Solicita à Helena que providencie café para seus homens. José é cada vez mais culpado. Na prefeitura, Manuel do Sisal, Olegário e Malazartes não sabem a direção a tomar. Esteves Lima já cruzou Monte Santo a caminho de São Sebastião. Antonio Machado nada comenta sobre a venda do gado, esta pago. Aldezindo Canavieira esta mais furioso do que nunca, em São Sebastião, é o espírito de Lampião a exigir justiça, agora quer José vivo para fazer com ele o que fizeram com Pedro Capão. As mexeriqueiras sorriem. Ribamar Cavalcante se liberta de seus afazeres na capital e vai ao encontro de Tereza, teme por ela. Recebera sua carta e elaborava uma maneira de levá-la para junto de si. Os fatos parecem vir de encontro aos seus anseios, Tereza, ter Tereza só para ele. Não consegue se desligar dela, não pode deixá-la sozinha. Vai em carro oficial o mais rápido que pode.

Mãe Preta é toda dedicação com a filha, consegue a todo custo que deite. Mãe Preta senta a sua cabeceira pedindo aos Orixás que a prote-

ja, fuma seu cachimbo. Tatiana se agarra à Tereza, não a larga por nada, chora pelo pai, quer voltar à encruzilhada, Tereza nega. Maria e as filhas juntam-se às carolas e rezam, rezam pelo finado pai e marido. As velas continuam acesas, o cheiro é cada vez mais forte, as moscas zumbem com mais intensidade.

Na pensão de Helena os homens, trazidos por Chico Curió, acabam o café e partem num caminhão da beneficiadora para a encruzilhada dos sete ventos. Chico Curió esvazia as celas dos seus pássaros, espalha-os pelas casas vizinhas.

Elisabete e seus filhos lamentam a morte de Tobias, Elisabete completa seu luto, os filhos se preocupavam com a fazenda, não gostam de José, não viam-no com bons olhos desde que esteve em Salvador, não aceitavam a proteção do pai, para eles era um devasso que só queria saber de estar nos castelos a andar com as mulheres. Para eles José era só mulheres e bebida mais nada, vivia na sombra do pai.

Na encruzilhada dos sete ventos Chico Curió com sua tropa entram em contato com o fato real, Chico Curió vomita, os homens também. Desfazem o cenário. As carolas rezam e choram, as velas se apagam, os cavalos exalam mau cheiro. Tobias e Raimundo são colocados na carroceria do caminhão, como sisal beneficiado, são transportados para a delegacia, Tobias esta sorrindo. Raimundo, seu fiel vaqueiro, esta sério, como sempre foi. Maria e as filhas se consolam, voltam para suas casas.

Quando Chico Curió chegou à delegacia com o caminhão uma multidão os aguardava, teve dificuldade de levá-los para dentro. O povo chora, pede o corpo de José, ou pelo menos seus maturins. Tobias esta sorrindo, Raimundo esta sério. Os corpos são colocados no chão frio das celas. O sino toca. As carolas rezam. Padre Álvaro encomenda novamente suas almas. Chico Curió cobre o sorriso de Tobias e a seriedade de Raimundo, não permite velas, só choro. Manuel do Sisal, Olegário, Malazartes e os vereadores vêm visitar os finados, sentem-se mal, voltam à prefeitura.

São cerca de dez horas da manhã quando Elisabete e seus filhos chegam à cidade. Elisabete chora, seus filhos lamentam a morte do pai, negam Florinda e Tatiana. O comitê das mexeriqueiras dão-lhes apoio. Elisabete quer ver o corpo do marido. Antonio, Jeremias e Tobias Filho ouvem o relato dos acontecimentos. Tobias Filho se junta à mãe. Antonio e Jeremias ficam furiosos ao ouvir a provável causa:

— Ta vendo Jeremias, eu não disse que ele é um filho da puta, só queria saber de putas e bebida. Não sei como meu pai dava cobertura a um proxeneta desses. Espero que saia vivo para que eu possa mata-lo a qui, para todos verem.

Jeremias concorda e reafirma:

— Não é só você não Antonio, eu quero arrancar seu saco e deixá-lo sangrar, para que vá para o quinto dos infernos sem poder mais trepar, aquele filho da puta, aquele chibungo de merda.

O povo cala, as mexeriqueiras concordam, José agora é o filho do raio, do vento, da chuva e do trovão, mas é também o filho das putas do brega que deve morrer, tem que morrer sem saco para que nem no inferno possa mais trepar.

Elisabete quando viu Tobias morto sorrindo na delegacia desmaiou, seus filhos amparam-na. Tobias Filho desmaia também.

Logo após Elisabete e os filhos quem chegou a São Sebastião foi Esteves Lima. Preocupado com os acontecimentos foi direto à prefeitura, onde prontamente todos o receberam, afinal de contas estava ali o coronel Esteves Lima, o dono da política em Euclides da Cunha.

Quando chegou foi exatamente no momento em que os filhos de Tobias acusavam frontalmente a José e negavam qualquer direito à Florinda e Tatiana. Esteves Lima ainda tentou argumentar mas estes o agrediram de imediato:

— Quem tu pensas que és, tu deves ser igual a ele, é um filho da puta sim.

— Que é isso, ponderou Esteves Lima, acho que devemos aguardar um pouco para esclarecermos tudo, pelo que se sabe José ainda esta na caatinga.

— Que morra por lá, e que morra junto com ele essa puta que tirou meu pai de nossa mãe.

— Meu filho, modere-se, não agrida as pessoas assim, sei que esta enraivecido pela perda de seu pai mas não precipite nada.

— As filhas da puta, já têm até advogado, ta vendo Jeremias, ta vendo só, esse velho cheirando a merda mofada. E virando as costas se retiraram. Esteves Lima nada mais falou, sabendo que com eles nada conseguiria. Da prefeitura foi direto ao encontro de Florinda e Tatiana pois pelo jeito iriam precisar mais do que nunca da sua ajuda.

Quando Tatiana viu o padrinho saiu correndo chorando a seu encontro. Tereza também se dirigiu até ele. Esteves Lima pegou Tatiana ao colo:

— Teu padrinho esta aqui com você, não chore. Cadê sua mãe?

Tereza foi quem respondeu:

— Ela esta dormindo, Coronel.

— Lamento por seu pai.

— Obrigado Coronel, estou sentida mas preocupada com Tatiana e Florinda, não sei mais o que fazer.

— Não te preocupes, as levarei para ficar comigo, lá poderão descansar, sair deste ambiente. Além do mais as coisas com a família não estão muito boas, por isso é melhor vocês ficarem por aqui enquanto eu ajeito tudo.

— E meu irmão, o senhor teve notícias dele?

— Não, não tive, só sei que ainda se houve tiros pros lados do Capão de Lajedo. E quando saí da cidade os homens da delegacia se preparavam para ir ajudá-lo, espero que consigam.

Mãe Preta, quando escutou a voz de Esteves Lima, veio cumprimentá-lo. E ele aproveitou para perguntar por Florinda.

Óia Inhô, ta dormindo o sono da consumição, ta muito sofri-da, inhô.

— Cuide dela para mim que vou precisar ir à cidade.

— Nem precisa inhô mandá, ela é um pedaço dessa preta véia, se ta sofrendo, sofrendo to eu, coroné, por não poder lhe tirar este sofrimen-to. É dô muito forte, é dô da alma, e pra esta dô num tem remédio não, o remédio é agente esperá inté que passe.

Esteves Lima abaixou a cabeça, se retirou deixando Tatiana aos cui-dados de Tereza.

Na cidade a revolta com José era cada vez maior, agora comandada por Antonio e Jeremias que também queriam seu sangue. Elisabete e Tobias Filho refaziam-se do desmaio.

O sino tocava, a delegacia cheia, Chico Curió fazia tudo para não ter que ir pro Capão do Lajedo. A prefeitura estava repleta.

No meio dos mandacarus Exu não conseguia fugir, sua menga con-tinuava a escorrer, sua carne sentia dor, Exu resistia, atirava em tudo e por tudo. Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum assistiam. A cobra silva-va, a raposa uivava, a coruja esta calada. Exu atirou em tudo que pôde, não conseguia a menga da cobra, da coruja e da raposa e Exu atirou até que seu barulho silenciou, agora era ele, Exu só, sem arma, contra a co-bra, a coruja e a raposa. Exu se desesperou, a menga escorria, misturan-do-se seu suor frio de pavor, a carne doída pelos espinhos do Quixaba, a claridade cegava-o; Exu tentou correr desesperadamente para fugir, a cobra viu, seu bote estava preparado, balançou o chocalho, a coruja viu, a raposa uivou e se preparou, Exu correu com a menga a lhe escorrer, Exu queria ser um pássaro para poder voar, Exu estava sem força, Exu se lançou pelos mandacarus afora, a menga escorreu mais ainda; A sucuri deu seu bote, laçou-o pelas pernas, Exu caiu, a raposa pulou-lhe sobre o peito; Exu viu chegar o seu fim. A cobra apertou mais o seu laço, silvan-do queria saber quem o mandara; Exu resistia, Exu não falava. A rapo-sa cravou suas garras em seu peito, sangrando-o. Exu gemia, Exu gritava. A cobra apertava, a raposa sangrava-o cada vez mais, Exu gritou, Exu es-

perneou, Exu negou, Exu resistiu. A cobra apertou, a raposa uivou mais forte e cravou mais violento ainda suas garras, agora era no rosto, no corpo, em tudo, Exu não resistiu, Exu falou, falou alto, gritou para que todos escutassem. Xangô, Oxum, Nanã, Iansã e Ogum sorriam, venceram a guerra; Exu falou, disse quem lhe mandara. A cobra, a coruja e a raposa começaram a se retirar da caatinga, silvando, piando e uivando levando consigo o seu troféu, a presa para que todos vissem. Exu preso, Exu vivo para que Exu contasse a todos a sua história, a história de Exu e seus mensageiros.

autoografia

XII

Eram três horas da tarde e Chico Curió ainda não saíra para o Capão de Lajedo, usava todos os seus homens para dar segurança à delegacia. O povo queria ver os finados de qualquer jeito. Esteves Lima estava na prefeitura tentando ajeitar a situação junto a Olegário, Manuel do Sisal e Malazartes.

Os filhos de Tobias tinham decidido que iriam enterrar o pai em Salvador para que, pelo menos na morte, ficasse perto deles e de sua mãe. Negava a possibilidade de Florinda poder ir até ele, não queriam que ela maculasse também sua alma.

No Capão de Lajedo, não mais se ouviam tiros, todos se esperavam a ida de Chico Curió até lá para também pegar o corpo de José. De repente as atenções se voltaram para a prefeitura com a chegada de Ribamar Cavalcanti, em carro oficial do Governo do Estado. Esteves Lima, Olegário, Manuel do Sisal, Malazartes e os vereadores saíram rapidamente para receber quem quer que fosse, afinal de contas era alguém ligado ao Governador. Ribamar saltou do carro e para desapontamento de todos dirigiu-se diretamente a Esteves Lima:

— O coronel, o senhor por aqui?

— É Ribamar, não podia deixar de vir ver como estavam as coisas, afinal de contas Tobias além de meu compadre era também meu corre-ligionário. E você Ribamar, se deslocar de Salvador para cá, que houve?

— É coronel, fiquei muito abalado quando soube do que aconteceu, principalmente porque Tobias era figura de muito estima junto ao governo por isso o governador mandou-me para ver como estavam as coisas e providenciar o que fosse necessário.

Olegário, Manuel, Malazartes e os vereadores olhavam e escutavam a conversa.

— Vamos entrar, convidou Esteves Lima a Ribamar. Quando estes viraram-se para entrar na prefeitura foram obstruídos pelos vereadores que se empilhavam a espera de poder cumprimentar a autoridade do governo. Esteves Lima quando viu a presença de todos, apresentou Ribamar a Olegário, Manuel e Malazartes e entraram na prefeitura deixando os vereadores com as mãos esticadas para cumprimenta-lo. Em seguida, Esteves Lima colocou-o a par da situação, falando-lhe também do ocorrido das hipóteses que corriam na cidade e as providências que foram tomadas. Ribamar perguntou-lhe por Florinda, Tatiana e Tereza. Esteves Lima colocou-o a par da situação de Tobias, do posicionamento da família e a situação de Florinda e Tatiana. Ribamar insistiu sobre Tereza:

— E a irmã de José, como esta?

— Ela esta bem, na medida do possível, preocupada com o irmão, mas esta se desdobrando para cuidar de Tatiana e de Florinda.

— É, ela é realmente uma mulher incrível, não parece nem ser destas bandas. Esteves Lima percebeu logo o porquê da vinda de Ribamar, porém fez-se de desentendido.

Os vereadores, na primeira oportunidade que tiveram, quando viram que ali estava o Secretario de Obras do Estado, começaram a lhe sugerir que fizesse isso e a quilo para a cidade. Ribamar mostrou-lhes de pronto que quem ali estava, não era o político e sim o homem, Ribamar:

— Senhores, a situação é grave, não estou aqui para fazer política, vim aqui para dar apoio à família de Tobias e ver o que se pode fazer. Coloquem-se nos seus lugares e esperem a hora mais acertada de tratar destes assuntos, essa não é hora disto. Os vereadores baixaram a cabeça, não mais se dirigindo a ele.

Antonio Machado andava pela cidade procurando saber das novidades, preferia a morte de José, queria saber do documento porém nada

perguntava, só escutava afinal de contas, poder vender o gado duas vezes seria um ótimo negócio, principalmente que na cidade estava Esteves Lima, o maior comprador de todo o sertão. Na delegacia Chico Curio preparava seus homens para irem ao Capão de Lajedo. Estava furioso pois com o entra e sai derrubaram-lhe algumas gaiolas e perdeu cinco pássaros, sendo três curiós, da mais alta estima. Expulsou a todos, seus olhos estavam vermelhos de raiva. Os finados agora não mais poderiam ser vistos. Aguardaria somente a chegada do legista para liberá-los. Há algum tempo não se ouviam mais tiros no Capão do Lajedo esse era então o momento ideal para irem à procura do corpo de José.

Ribamar não se sentia bem na prefeitura, preferia estar junto à Tereza, e na primeira oportunidade que apareceu pediu a Esteves Lima que o levasse até Florinda pois queria vê-la.

José e Luis cobra surgiram do meio do cerrado, arrastando o responsável pela morte de Tobias e Raimundo. O povo quando viu, começou a gritar:

— Olhe, José vem saindo da caatinga, Luis cobra esta com ele. Vejam, estão trazendo um dos homens consigo.

De pronto a cidade parou, o povo começou a se aglomerar a sua volta fazendo perguntas. José e Luis nada respondiam. De repente todos perceberam que Luis cobra esteve ausente da cidade desde a noite, só o enxergaram agora, ao lado de José. Todos abaixaram a cabeça. Olegário, Manuel, Malazartes e os vereadores quando viram aquela romaria correram para ver o que se passava. Manuel do Sisal, pela primeira vez na vida, chorou, chorou profundamente, pela primeira vez reconheceu Luis, Luis cobra, Luis macho, Luis que não tem medo, que se arrasta mas que era incapaz de deixar seu irmão lutar sozinho. Manuel chorou, chorou por seu filho, sem pernas porém maior que todos que ali estavam. Pela primeira vez, Luis tinha um pai.

Esteves Lima e Ribamar quando viram José e Luis a caminho da delegacia, voltaram rapidamente. A aglomeração aumentava, José e Luis arrastavam o cabra rua a cima em direção à delegacia. A raposa e a co-

bra, lado a lado, tinham a imagem dos heróis que conseguiram dominar o inimigo. O homem que estava sendo arrastado dava pena, estava um molambo, as roupas todas esfarrapadas, o corpo todo ferido, parecia ter lutado com feras, dizia o povo. José e Luis estavam sérios. Chico Curió quando os viu, esqueceu até a perda dos pássaros, mandando que seus homens fossem recebê-los.

Antonio e Jeremias quando viram José vivo, vindo em direção à delegacia perderam a cabeça e caminharam ao seu encontro, via-se os seus rostos, que não estavam satisfeitos com José ali inteiro, queriam-no morto pelo que fizera a seu pai. Ao chegarem junto a ele, nem pediram explicações, começaram logo a agredi-lo com palavras e socos:

— Antonio foi o primeiro, dando-lhe um soco no rosto que fez José cambalear:

— Seu filho da puta, meu pai morreu por causa de você mas você vai morrer também. José, quando sentiu o sangue escorrer-lhe pelo rosto, não perdoou, partiu para dentro de Antonio para destruí-lo, Jeremias entrou no meio. O povo se dispersou, e lá estava José a lutar com os dois filhos de Tobias, porque? José não sabia mas tinha que lutar, eram eles ou ele. A raposa saía do cerrado para lutar novamente nas ruas da cidade, só que desta vez não estava sozinha, a cobra também estava com ela. Luis, num movimento rápido, pulou nas pernas de Jeremias, derrubando-o ao chão, prendendo seu pescoço com sua potente tenaz e socava-o impiedosamente. José esfaqueava a Antonio que não possuía nem a força nem a agilidade dele. Elisabete quando viu, saiu correndo. Ribamar, Esteves Lima, Olegário, Manuel e Malazartes também. Chico Curió e seus homens foram rápidos para tentar dominar a situação. Manuel do Sisal correu em direção a Luis que destruíra com Jeremias.

O cabra que estava sendo arrastado, mesmo solto pelos dois, ficou ali mesmo, sem forças para nada. A muito custo conseguiram dominar José e Luis. José não perdoava-os, não admitia a agressão que sofrera, afinal de contas, o que queriam? Mataram seu pai sim mas mataram também o meu, além do padrinho e do meu cavalo. Queriam agressão

maior que esta? E fora isso ele conseguira, com a ajuda do irmão, destruir todo o grupo e ainda trazer o chefe deles vivo.

Quando todos foram dominados, Antonio e Jeremias começaram a gritar, todos ensangüentados, que ele é que tinha que morrer, que desonrava as mulheres e o pai deles é que sofria as conseqüências, que deviam castrá-lo. José quando ouviu, gritou:

— Calem a boca, seus chibungos de merda, bem que meu padrinho dizia, que infelizmente não tinha filho macho, e chutando as costelas do homem que estava no chão, gritou alto:

— Fale, filho da puta, diga quem te mandou para que todos saibam, vamos, fale.

O homem ta quase sem voz, sussurrou:

— Inhô Pedro, foi inhô Pedro que mandou matar Coroné Tobias e quem mais tivesse cum ele.

O silêncio foi geral, não havia Aldezindo, não havia ninguém. Foi Pedro Capão, o homem que queria ser dono da prefeitura a todo custo. Pedro, só, fora ele quem mandara matar Tobias.

Nesse instante, Antonio e Jeremias baixaram a cabeça, Elisabete chorou novamente, o povo se enfureceu e queriam acabar com o homem e Pedro Capão também. Os soldados o envolveram e retiraram-no para a delegacia. Esteves Lima e Ribamar afastaram José dali rapidamente.

Manuel do Sisal abraçou-se ao filho e chorava que nem criança, pedindo-lhe perdão. Luis abraçou-o e beijou-lhe o rosto e a cidade inteira viu, abraçados juntos ao chão, a cobra e seu pai. A cobra agora tinha um pai, de verdade, que custou a reconhecê-lo, mas agora via que embora ele se arrastasse, era muito maior do que todos, até ele não tinha medo. Permaneceram abraçados por um longo tempo pai e filho, arrastando-se no chão de São Sebastião.

Esteves Lima e Ribamar foram com José até a delegacia, o mesmo fazendo Manuel do Sisal, de mãos dadas a seu filho. Lá, Chico Curió colocou o capanga de Pedro Capão na cela ao lado da que estavam Tobias e Raimundo. O povo queria justiça, Chico Curió fez de tudo para acal-

má-los mas não conseguia, só depois da chegada de José e Luis que colocou para todos que tinham conseguido vingar Tobias e seu pai que ficassem calmos para que Chico Curió pudesse ir atrás de Pedro Capão.

Os dois contaram a Chico Curió toda a história começando pelo que se passara pelos homens mortos que iriam encontrar no Capão do Lajedo. Chico Curió dividiu seus homens, mandou que um grupo fosse retirar os corpos da caatinga e o outro, fosse direto à fazenda de Pedro Capão.

José e Luis despediram-se, dois irmãos que brincaram toda a noite na caatinga como antigamente, com José, a terrível raposa branca, a coruja do cerrado e Luis a cobra, agora temida e respeitada por todos. José saiu com Esteves Lima e Ribamar que finalmente iria rever Tereza e Luis cobra, com seu pai, para a sua casa, agora ela também era sua, não mais dormiria só nela.

As mexeriqueiras exaltavam as virtudes de José, engrandeciam Luis, agora eram heróis. Que como nos filmes sempre vencem. Aldeazinda Canavieira desapareceu, sua filha agora voltara a ser a mais pura das virgens. José o grande herói, matou seis e quem diria, Luis cobra lhe ajudando. As carolas rezavam, rezavam por Tobias e por Raimundo e também pela alma dos seis homens que estavam na caatinga.

Os homens encarregados de pegar os corpos na caatinga se apavoraram quando os viram, estavam deformados, como se tivessem sido esmagados, não entendiam como José conseguira fazer aquilo desarmado e tendo a ajudá-lo um aleijado. Na delegacia colocaram-nos junto a Tobias e Raimundo. Tobias sorria, agora talvez até mais, Raimundo estava mais sério ainda.

Pedro Capão quando soube que nem todos tinham morrido, José escapara e estava na caatinga, pelo sim ou pelo não, arrumou suas coisas e sumiu. Chico Curió, quando chegou, a fazenda estava vazia somente com os empregados. Ninguém o vira sair, nem sabia para onde fora. Chico Curió voltou conformado, afinal de contas era melhor assim, agora esperaria o legista, mandava o cabra para Salvador, liberava

os corpos e voltaria a cuidar de seus pássaros, que era o melhor que podia fazer, já que aquela confusão toda tirou-lhe uma noite de sono, e o pior fez-lhe perder três curiós e dois galos da serra. Pedro Capão? Que a polícia de Salvador se encarregasse dele.

Quando José chegou à casa de Florinda, Tereza ao vê-lo correu a abraçá-lo:

— Mano, você está ferido mano?

— Não, isso não foi nada, foi aqueles chibungos filhos de padrinho que me fizeram, mas foi só isso.

— Mas mano, porque eles?

— Eles não gostam de mim, e parece que andaram dizendo que tudo foi por culpa minha, mas agora já está tudo esclarecido.

Quando Tereza largou José, que viu Ribamar Cavalcanti, ali em peso a seu lado, seus olhos marejaram e se lançou em sua direção. Ribamar abriu os braços e a acolheu com toda ternura, beijou-lhe os cabelos:

— Fique tranqüila, agora está tudo bem, vim só por causa de você, estava muito preocupado, não queria que nada lhe acontecesse. Tereza só balançou a cabeça. Agora vamos entrar, mais tarde nós conversamos.

Esteves Lima estava com Tatiana a seu lado quando Mãe Preta chegou. Quando viu José, olhou para o céu e agradeceu a oxalá. José ajoelhou-se:

— Motubá minha mãe, Motubá. Se não fosse a senhora não sei não.

Mãe Preta puxou-o pelo ombro, trouxe-o para junto de si, olhou-o profundamente, passou-lhe a mão no rosto:

— Motuba-axé, fio, fio de Xangô num cai assim não, é preciso muito mais.

Na cidade eram quase seis horas quando o legista chegou para liberar os corpos. Chico Curió recebeu-o e levou-o diretamente à delegacia dizendo-lhe que não eram somente dois corpos e sim oito. O legista reclamou, resmungou mas o que fazer? Nada, um a um foi autorizando e dando os óbitos. Antonio e Jeremias foram tratados por João Farmacêu-

tico, que diga-se de passagem estava revoltado com Pedro Capão, tinha pretensões à prefeitura sim, mas não daquela maneira. Pensava até em não se candidatar, fazia agora parte do grupo que pedia a prisão de Pedro. Tobias até na morte continuava dono da política.

Elisabete e seus filhos aguardavam, única e exclusivamente, poder retirar o corpo do pai da delegacia para poder transporta-lo para Salvador. Elisabete, embora inconsolada com a morte do marido, reprovava totalmente o que seus filhos fizeram a José. Realmente seus filhos não conheciam a vida de uma cidade pequena, onde tudo é motivo para tudo, não se podendo acreditar na primeira palavra, tem-se que primeiro verificar tudo para depois então tomar-se uma posição. E a que tomaram foi a pior possível. Qual deles tomaria agora conta da fazenda? Nenhum. Suas vidas eram presas a Salvador, do gado só conheciam por vê-lo e mais nada. Quem iria ficar à frente dos negócios, era dali que Tobias tirava dinheiro para mantê-los, se parassem o que seria deles. A pessoa indicada para assumi-la era José, mas depois do que os filhos fizeram, seria difícil conservá-lo na fazenda. Elisabete fez ver tudo isso a seus filhos e perguntou lhes qual a solução que não a da permanência de José à frente dos negócios da fazenda. Os filhos, com muita resistência, concordaram porém não tinham a menor vontade de se rebaixar e pedir-lhe tal coisa. Ela mesmo se prontificou a conversar com ele e pedir-lhe que permanecesse à frente da fazenda, como administrador, para que pudessem ter liberdade na capital.

Antonio Machado estava calado, não comentava nada sobre o negócios com Tobias, aguardava os acontecimentos.

Luis cobra chegou em casa de mãos dadas ao seu pai, sua mãe quando o viu, abraçou-se a ele chorando, cuidou dos seus ferimentos, preparou até jantar para ele. Luis agora era gente, dentro da sua própria casa. Seus irmãos, e os tinha mais quatro oficialmente: Aldemar, Nelson, Aleumar e Maria das Dores, todos mais velhos, sentaram-se a seu lado pedindo que lhes contasse como tudo ocorreu, tintim por tintim. Luis agora era o dono da situação, nunca antes tivera mesa posta só para ele,

nunca nenhum deles lhe perguntava nada, nem fora disto como irmão, só agora, por que? Porque saíra a ajudar aquele que para ele era realmente irmão, José. Luis contou-lhes tudo, depois saiu novamente a procura daquele a quem realmente considerava irmão, José, esse sim preocupava-o vira-o sangrando após a briga com os filhos de Tobias.

Florinda acordou quando José, Esteves Lima e Ribamar chegaram, não reconhecia ninguém, somente Mãe Preta. Tatiana chorava a seu lado chamando-a porém era-lhe indiferente, a única coisa que falava era pedir à mãe que queria voltar para casa, estava cansada. Nada comentava sobre Tobias ou mesmo Tatiana. Mãe Preta segurava-lhes as mãos. Esteve Lima baixara a cabeça, Ribamar saiu para fora de casa pois aquela cena chocava-o. José segurava Tatiana junto com Tereza. Mãe Preta comentou com Esteves Lima:

— É, fio, ta assim desde ontem, num qué sabê de nada, parece inté que esqueceu dela mesma mas acho que é coisa passageira, só precisa de tempo pra se achá. Sabe, fio, quem ama as flô tem também que vivê com os espinho, porque quase todas ela tem, e minha fia parece que não sabia disso, mas na fé de Oxalá não vai ficá nessa não, há de miorá. Só num gosto é de vê Tatiana espiando a mãe assim, não é bom pra ela.

— Não se preocupe, minha senhora, deixe que me encarrego dela. Quando for levarei Tatiana comigo, para minha casa. Lá eu poderei dar-lhe alguma coisa que compense a falta do pai e não deixá-la sofrer com a mãe nesse estado. Se a senhora ver que Florinda não melhora me avise que mandarei buscá-la para um hospital da capital.

— Inhô, acho que não precisa não, só inhô cuidá de Tati é um grande favô que faz por ela.

— Não é favor, é minha obrigação, sou seu padrinho e não posso deixá-la a mercê de sua sorte.

Ribamar, quando saiu ,levou consigo Tereza e sentaram-se a conversar:

— Tereza, como me senti mal ao ouvir a notícia. Fiquei muito preocupado com você, amo muito você e não podia deixá-la sozinha. Sabe,

Tereza, não queria que você ficasse aqui, queria que você fosse para Salvador, morar lá. Arrumo tudo e você vai. Nesse período, vou pedir a Esteve Lima que a receba em sua casa, como hóspede, até eu pode solucionar tudo. A vida aqui para você não tem mais sentido e uma mulher como você não nasceu para viver no interior, nasceu para crescer, e crescer aonde a vida evolui, na capital, e é para lá que eu quero que você vá, concorda? Desculpe estar falando disso nessa hora, mas me preocupo demais com você e foi nessa hora que tive coragem para lhe falar.

Teresa olhou firme nos olhos de Ribamar, duas lágrimas correram-lhe pela face, pegou suas mãos:

— Ribamar, a vida é ingrata para mim em muitos sentidos porém ela consegue, às vezes, no momento errado fazer coisas certas. Desde o momento em que nos separamos que queria ver você, estar junto a ti e você veio para meu lado no momento em que mais precisava, a morte, ao invés de me açoitara, pelo contrário, me premiou com você aqui, junto a mim. Como posso lhe negar o que você me pede, nunca, eu irei, irei como e quando quiser.

Permaneceram conversando algum tempo quando Esteves Lima convidou-o e a José a voltarem à cidade, para ver como estava o movimento por lá, se o legista liberara os corpos para que tomasse as providências necessárias.

Na cidade, todos agora exaltavam os heróis, as fantasias eram as maiores possíveis, o comitê das mexeriqueiras aprovavam Elisabete, reprovavam Antonio e Jeremias, cochichavam sobre Tobias Filho, levantavam no céu José e Luis. Tudo agora era motivo para júbilo. José, o filho do raio, da chuva, do vento, do trovão. José, a raposa do cerrado, o filho de São Sebastião, que dignificava a macheza dos homens da região. José, o herói. Luis então era o exemplo da solidariedade, coisa que não se via na capital. Quem faria isso? Ninguém. Luis agora não era mais a cobra, era um gigante cheio de sentimentos nobres, um vingador que saía em defesa dos que dele necessitavam. Luis agora era o filho de Manuel do

Sisal, o dono da beneficiadora, era a figura importante, pelo menos naqueles instantes os dois eram os donos da situação.

José quando chegou à cidade, o povo todo via-o com respeito, nenhum pai receava trazer suas filhas para perto dele. Era o exemplo de respeito, de dignidade, era o vingador. A pior coisa que se faz a um vaqueiro é matar seu pai, seu padrinho e seu cavalo, e José soube responder a tudo isso com a rispidez do homem do sertão.

Elisabete só esperava falar com José para retirar-se para a capital, o corpo de Tobias estava inclusive num carro contratado para transportá-lo até a capital, a despeito dos pedidos de Olegário, Manuel do Sisal, Malazartes e do povo em geral para que fosse velado na prefeitura e enterrado ali mesmo. Nenhum deles admitia tal possibilidade, queriam o pai bem longe dali. Tobias, dentro da urna, sorria para tudo e para todos, era agora o dono de toda São Sebastião. Quando Elisabete viu José chegar foi direto a ele:

— Meu afilhado, como você está?

— Estou bem, madrinha, não tenho nada não, somente o corte no rosto e a moral ferida pelos seus filhos mas não se preocupe, estou bem.

— Eu queria te pedir um favor, em meu nome, em nome de Tobias, que você tomasse conta da fazenda para nós, que a administrasse, você, de nós, é o único que sabe lidar com tudo.

José olhou para a madrinha profundamente, suas palavras saíram cheias de sentimentos:

— Olhe, madrinha, pela senhora e pelo padrinho eu até poderia mas não quero não, a senhora me desculpe, esse não é o momento para conversarmos sobre isto mas eu vou até tirar minha mãe e minhas irmãs de lá, seus filhos não são dignos de que nós fiquemos, não são capazes de reconhecer nada, nem a eles próprios. Desculpe, madrinha, mas não me sentiria a vontade para isso.

— Mas José, sou eu quem está pedindo, eles não terão nada a ver com você.

— Não, madrinha, aprendi a trabalhar como vaqueiro e emprego não vai me faltar, agora trabalhar com medo de chicote, sem ter liberdade de andar, de falar, trabalhar com a desconfiança atrás de si isso eu não quero. Seus filhos são homens formados, eles tomarão conta, são muito mais capazes do que eu, sou somente um vaqueiro que, por acaso, também é seu afilhado. Eles não, são letrados, então que assumam o controle, amanhã eu e minha família não mais estaremos lá, a senhora me perdoe mas se faço assim é porque quero ser livre, não quero estar preso a ninguém que desconfie de mim. Virando-se foi se retirando juntamente com Esteves Lima e Ribamar que a tudo escutaram, sem nenhuma interferência. Elisabete, que só chorara, desde a hora em que chegou, agarrada a Tobias Filho, chorou mais ainda, pensara em poder conseguir que José permanecesse na fazenda mas este se negava, com justas razões. Numa última tentativa, correu até ele e insistiu novamente, José voltou a negar. Ela então pediu-lhe se não poderia ficar à frente da fazenda até que seus filhos voltassem e assumissem. José titubeou, afinal não poderia ser tão inflexível para com ela, e o que pedia não era nada impossível. Concordou, porém com uma condição, que voltassem o mais rápido possível pois iria procurar outro trabalho e queria estar descompromissado de tudo. Elisabete sacudiu a cabeça concordando e se foi, desta vez definitiva ao encontro de seus filhos. Embarcaram em seu carro e partiram levando atrás de si Tobias, para bem longe. Tobias que partia sorrindo, deixando ali seu fiel capataz, sério a tomar conta da situação, como seu representante, ele iria, mas Raimundo ficaria como sua lembrança e José, seu afilhado, continuaria firme como ele, se pelo menos não era dono de nada e era das putas do brega, coisa que nem isso seus filhos conseguiam.

Esteves Lima e Ribamar aprovaram totalmente a atitude de José, não havendo interferência por parte deles em sua decisão, fora ele mesmo quem assumira aquela posição por isso e pelo ambiente criado pelos filhos, que achavam que realmente não devia aceitar. Na delegacia o corpo de Raimundo liberado, foi o próprio Esteves Lima que assumiu

o controle da situação. Por sugestão de Olegário, já que não poderiam levar o corpo de Tobias na prefeitura, velariam, pelo menos, o de seu fiel capataz, e lá foi ele, dentro da mais cara urna, de terno escuro e tudo mais, ser velado pela sociedade São Sebastiãoense. Agora não era mais vaqueiro, era um cidadão importante que morrera pela luta do poder. No velório, além do representante do governador e de Esteves Lima e as mais altas personalidades da cidade, além de José, Luis, Maria, Tereza e naturalmente as outras filhas, genros e netos e o povo em geral, bem como vários correligionários políticos de Tobias das regiões vizinhas, que se misturavam aos vereadores que se mantinham ao lado. As carolas rezavam por sua alma de bom marido, bom empregado. Na morte a ele tudo foi oferecido. Quando Raimundo esperaria por isso?

Na delegacia Chico Curió conseguiu liberar todos os corpos e embarcá-los para a capital seguindo junto, levando consigo Ludovico Santos, o capanga de Pedro Capão que o contratara junto com seus homens de Juazeiro da Bahia só para fazer este serviço. A delegacia esvaziou, os pássaros voltaram ao seu lugar, exceto as cinco gaiolas quebradas. Com depoimento, testemunha e tudo mais se foram deixando São Sebastião somente com Raimundo, o único a ficar como testemunha de uma das maiores lutas que São Sebastião já teve.

Esteves Lima e Ribamar se hospedaram na pensão de Helena e ainda iriam ficar por mais um dia, somente depois do enterro que se retirariam.

Na manhã seguinte, com o sino tocando, missa de corpo presente e tudo, é que Raimundo foi enterrado no pequeno cemitério local, com todas as despesas correndo por conta da prefeitura. Quando ele pensou nisso? Em Salvador, pelo que se soube, no enterro de Tobias só estavam presente Elisabete e os filhos mais ninguém, ao passo que no de Raimundo toda a cidade compareceu, ninguém queria deixar de homenagear Tobias, na figura de seu fiel capataz, Raimundo. Houve choros, desmaios, discursos, enfim tudo que um grande político poderia receber na sua morte.

Depois de tudo resolvido, Esteves Lima conversou com José para saber dele qual seria sua situação na cidade:

— Sabe Coronel, vou ver o que posso fazer, agora não posso mais pensar somente em mim, tenho minha mãe e minhas irmãs para cuidar, tenho que olhar por elas, sou o único homem da família. Vou ver o que consigo, na fazenda é que não ficarei. Por falar em fazenda Coronel, remexendo minha roupas é que me dei conta que esta em meu poder o recibo da compra de quinhentas cabeças de gado que meu padrinho acabara de fazer, antes de sermos tocaiados, de um fazendeiro da região que esta de mudança para Vitória da Conquista. O padrinho me entregou para guardar na fazenda mas com tudo que aconteceu só fui dar conta dele agora.

Esteves Lima olhou-o:

— Deixe me ver esse recibo. José entregou-o, Esteves Lima leu, coçou o queixo, leu novamente, coçou a nuca e falou:

— José, esse gado agora é todo seu.

— Como é Coronel, meu como? Não, esse gado o meu padrinho comprou antes de morrer.

— Eu sei, filho, sei disso e da sua honestidade para com ele porém não vejo essa mesma honestidade para os filhos dele, se pudessem teriam te matado, e aí não saberiam de gado nem nada, ou você acha que quem vendeu ia a eles dizer que tinha vendido todo o gado para ele, tinha mais alguma testemunha sem ser você?

— Não, só Antonio Machado mesmo, Coronel.

— Alguém sabia disso?

— Creio que não.

— Você acha que ele comentou com alguém?

— Acho que não, pois tudo aconteceu quando saímos de lá, o gado ainda esta em posse dele, inclusive, mas mesmo assim Coronel, não acho justo.

— Meu filho, eles fizeram justiça com você?

— Pelo contrário, me acusaram sem saber o motivo verdadeiro.

— Então, deixe de querer ser a honestidade em pessoa, ou você prefere ficar com uma mão na frente e outra atrás, tendo mãe e irmãs para cuidar?

— Não, senhor Coronel, se o senhor acha assim, pelo menos posso tentar alguma coisa.

— Vamos então até onde esta Ribamar e depois eu vou com você até a fazenda desse tal de Antonio Machado para conversar com ele.

Ribamar encontrava-se na pensão de Helena quando os dois se juntaram a ele. Aproveitou a ocasião para pedir a Esteves Lima que acoelhesse Tereza em sua casa por algum tempo, pois tencionava levá-la para Salvador, para que trabalhasse na sua secretaria e pudesse estudar, pois via nela muito futuro. Com a concordância de Esteves Lima, Ribamar deu ciência a José de sua pretensão de ajudar Tereza, pois via nela chances de crescer e muito na capital. José não teve nenhuma objeção, Tereza sempre fora dona dos seus atos, e até que seria bom ter alguém na capital, para quando tivesse que ir lá. Com Tereza, Ribamar esteve do seu lado a noite toda, o que deu motivos de sobejo ao comitê das mexeriqueiras de imaginar mil coisas. Maria e as outras filhas, durante toda a noite do velório, rezaram junto às carolas, retornando para suas casas depois do enterro, conformadas. Foi um bom pai e um bom marido.

Pode-se dizer que os únicos que tiraram proveito dos acontecimentos foram Chico Pinga e Helena. O bar e a pensão estiveram movimentadíssimos nestes dias. Por outro lado, o colégio e a beneficiadora do sisal estiveram parados por todo o tempo. A usina ficou ligada direta, por dois dias e duas noites pois não seria justo desligá-la na noite do velório. Cléa e suas filhas, nesses dois dias, não trabalharam, ninguém apareceu por lá porém estavam satisfeitas em saber que suas preces foram atendidas, nada acontecera a José, e também porque não dizer de Luis, eram dois habitués da casa, principalmente o seu mascote, que já não era tão mascote assim, saía-se muito bem.

Florinda permanecia no mesmo estado, não se lembrava de nada, somente pedia à Mãe Preta que a levasse para casa. Tatiana sofria ao ver a

mãe assim, porém concordou quando Tereza lhe falou que iriam passar uns tempos juntas, na casa do padrinho, gostava muito deles, insistindo junto a Tereza se sua fia ia ficar assim. Tereza respondeu-lhe que não, logo estaria boa e perguntando por ela. Aí então veria como a mãe a queria.

Ribamar, antes de voltar à capital, foi se despedir de Tereza, com a promessa de que logo estariam juntos. Deixaram a troca de carinhos para quando estivessem a sós, em outra ocasião. Ribamar se foi, Tereza ficou com a certeza de que, brevemente seria Tereza de Salvador, ela que sempre sonhara em crescer, agora via perto sua realização.

Para Luis cobra todo o acontecido foi de grande valia pois além da população lhe respeitar, cumprimentar, seus próprios pais viam-no, não mais como uma criança aleijada, e sim como um adulto mais normal do que os normais. Manuel do Sisal estava tão empolgado com seu filho que convidou-o a trabalhar na beneficiadora, afinal de contas os outros três irmãos de Luis já trabalhavam com ele, e com a moral que estava na cidade a sua presença na beneficiadora seria da maior importância, teria um salário e ficaria diretamente com ele, lidando com a compra do sisal bruto. Todos o conheciam e para seus interesses seria uma ótima aquisição, uma solução caseira da mais alta valia. Luis cobra sentiu-se engrandecido com o convite do pai, ele que nunca tivera emprego, que nunca tivera oportunidades, que só recebia dinheiro de pequenos favores, agora seria igual a todos, teria emprego e salário. Poderia comprar aquilo que bem lhe aprouvesse. Por outro lado, seria a oportunidade de crescer junto ao pai e aos irmãos pois trabalharia diretamente com a compra sisal bruto. Luis não titubeou, aceitou prontamente, agora não seria mais a cobra, seria Luis do Sisal, e mostraria ao pai que não errara em lhe dar a oportunidade, se Deus o permitisse seria o maior comprador de sisal bruto da região.

Depois da partida de Ribamar, Esteves Lima dirigiu-se com José até a fazenda de Antonio Machado, para sentir de perto a reação dele e conversar a respeito da negociação. Quando chegou Antonio Machado

veio logo recebê-lo, porém quando viu José a seu lado esfriou um pouco seu ímpeto. Esteves Lima percebendo a reação foi direto ao assunto:

— O senhor é Antonio Machado não?

— Sou eu mesmo, Coronel, as suas ordens, mas que o traz aqui?

— Vim ver o teu gado, já que todo o gado da região me era repassado por Tobias e estou sabendo que comprou todo o seu rebanho antes de morrer, por isso queria inspecioná-lo.

Antonio Machado, de cabeça baixa, prontamente arrumou montaria para os dois e levou-os até o gado. Pelo caminho, Esteves Lima observava as pastagens, o gado.

— José me informou que você está querendo se desfazer da fazenda e ir morar em Vitória da Conquista, isso é verdade?

— Olhe Coronel, sou nascido e criado aqui mas minha mulher é de lá e vive se lamentando por viver nesta região, como tenho algum guardado, mais o dinheiro do gado e da fazenda, deve dar para iniciar a vida naquelas bandas.

— Sua fazenda até que tem boa aparência, tem uma boa pastagem, o seu gado até que tem bom cuidado.

— Obrigado Coronel, modéstia a parte, essa é uma das melhores terras da região só não sendo melhor do que a do falecido Tobias, porém nunca tive problema sério. Até na seca os poços ainda guardam um pouco d'água que dá para ir levando o gado até que a chuva venha, nunca precisei me retirar.

— O senhor já tem algum comprador para ela?

— Não Coronel, respondeu rapidamente Antonio Machado, por aqui vai ser difícil conseguir quem compre, todos são muito voltados para o sisal, principalmente depois da beneficiadora, pensava em vendê-la para um fazendeiro de fora.

— Olhe Senhor Antonio vamos direto ao que me fez vir aqui, quanto o senhor quer pela fazenda?

— Coronel, pensava em quinhentos mil, negócios à vista.

— Bem, quinhentos mil é um bom dinheiro mas acho que é um bom investimento, porém quero lhe fazer uma proposta, ofereço-lhe seiscentos mil. Antonio Machado arregalou os olhos. — Mas os cento e cinquenta mil de diferença, não são pela sua boa fazenda, estou lhe oferecendo esta diferença para que o senhor nada comente sobre a venda do gado a Tobias. Eu tenho comigo o documento da compra e se eu entregá-lo aos filhos de Tobias vão lhe levar o gado e o senhor vai ficar aqui com a fazenda, à espera de que alguém a compre, durante quanto tempo? Por outro lado, eu queria poder ajudar José, ele foi insultado e agredido pelos filhos de Tobias sem receber nada em troca, e o que são quinhentas cabeças para eles? Nada, nem sabem que existem, agora se o senhor fizer negócios comigo, eu até poderia lhe ajudar, conheço muita gente do governo e podemos até lhe conseguir coisa boa em Vitória da Conquista, o senhor mesmo deve ter visto o secretário de obras a meu lado, não?

— Claro que vi, Coronel.

— Então, o que acha, aceita ou não, minha oferta?

— Olha, Coronel, até acho que o senhor esta certo, o que eles fizeram com José não se faz mesmo, um homem tem que ser respeitado, mas o que o senhor me pede me dá um pouco de medo, será que o senhor não podia aumentar um pouco, o senhor sabe, não é uma coisa legal.

— Minha oferta é uma só, e além de você, quem mais sabe deste negócios?

— Ninguém, Coronel, fechei o negócio com Tobias aqui mesmo, na presença de José e seu falecido pai, minha mulher e os filhos estão para Conquista. Eu tenho uma cópia da venda, a outra esta com o senhor.

— Correto, então para andarmos mais rápido paremos de falar neste assunto, pago-lhe setecentos mil e o senhor vem comigo à cidade para tratar de todos os papéis, em contraposição o senhor me da seu documento e assinaremos a compra da fazenda. Aceita ou não?

Antonio Machado fechou os olhos, pensou, não tinha nada a perder, e quem lhe daria setecentos mil naquela região e mais o prestígio político de Esteves Lima, para recomeçar a vida em Vitória da Conquista? Não pestanejou, concordou imediatamente. Dali seguiram direto até o cartório de Pedro Malazartes para da início à escritura. No cartório, Malazartes marcou a data de transferência para daí a uma semana deixando Esteves Lima, como sinal, duzentos mil cruzeiros e uma promissória que seria resgata, no dia seguinte, por José, que iria com ele a Euclides da Cunha, e os outros quatrocentos mil quando da assinatura da escritura. De posse do documento de compra do gado, que estava em poder de Antonio Machado, se despediram marcando um novo encontro para a semana seguinte.

A compra da fazenda, por Esteves Lima, não foi um ato de piedade ou de justiça para com José e tudo foi feito no seu próprio nome para que depois não houvesse comentários maledicentes. Com isso, assegurava um início de vida para José e mais ainda, a oportunidade do fornecimento de gado, já que Tobias era um dos seus maiores repassadores, e pretendia, dessa forma, manter o vínculo só que com José à frente. Este não era um gesto de caridade, pelo contrário, e fez ver isto a José conversando com ele quando iam em direção à casa de Florinda:

— José, não pensa você que eu comprei a fazenda para que você seja meu empregado, pelo contrário, é sua.

— Minha, Coronel, como?

— Digamos assim, esta hipotecada a mim, em troca de seu gado. O documento da compra fica comigo e farei um contrato particular com você em que lhe dou plenos poderes sobre a fazenda, mais tarde, quando houver melhores condições, aí transferimos tudo e você se apossa definitivamente dela. Estou trocando com você, vai precisar de dinheiro, para começar lhe darei algum, depois você caminha com suas próprias pernas.

— Olhe, Coronel, não sei nem o que dizer, só sei que esse touro eu vou agarrar com tudo que tenho, com as mãos, com os dentes, esse não deixo fugir de jeito nenhum, o senhor pode confiar em mim.

Na casa de Florinda tudo continuava na mesma, Florinda pedia a todo instante para ir para casa, não reconhecia ninguém, só à Mãe Preta. Esteves Lima conversou com Mãe Preta, pediu à Tereza que arrumasse suas coisas e as de Tatiana que iriam para Euclides da Cunha à tarde. José, por sua vez, foi à fazenda de Tobias para ver como estavam as atividades, não voltara lá desde a tarde da emboscada. Deu algumas ordens e comunicou a sua mãe sua decisão de não mais ficar lá, falou-lhe inclusive do negócio feito por Esteves Lima sem mais nada mencionar e que se mudariam para a fazenda de Antonio Machado tão logo os filhos de Tobias assumissem a fazenda e que só concordou em ficar pelos pedidos de Elisabete. Maria e as duas filhas nada falaram, concordaram, em seguida José saiu a encontrar-se com Esteves Lima, na casa de Florinda.

Os dois voltaram à cidade para se reunir com Olegário, Manuel do Sisal e Malazartes, colocando-lhes que agora ele, Esteves Lima, fazia parte de São Sebastião, possuía grande interesse lá e que José seria seu porta voz em tudo e que esperava que se mantivessem na mesma linha de apoio que tinham para com Tobias, suas lutas eram semelhantes e que com tudo isso só quem tinha a ganhar era a cidade. Agora teriam que estar muito mais coesos, as eleições não tardariam e, com todo o acontecido, provavelmente se manteria no poder pois João Farmacêutico publicamente reprovou as atitudes de Pedro Capão. Todos concordaram, Olegário, Manuel do Sisal e Malazartes e, pela primeira vez, estavam sentados à mesada cúpula, José e Luis do Sisal, ex Luis Cobra. Terminada a reunião, todos saíram engrandecidos. Olegário, Manuel e Malazartes estavam agora com o apoio do próprio Esteves Lima e, como não, do governo do Estado. Esteves Lima mantinha sob seu comando a política na região e José e Luis surgiam como os novos líderes de São Sebastião, prova maior não precisava. Agora eram falados em cada canto, todos os comentários eram sobre eles, José e Luis ainda conversaram um pouco antes de se despedirem, marcando um encontro para a noite seguinte para finalmente irem conhecer a filha nova de Cléa.

Em Salvador, Antonio e Jeremias procuravam, a todo custo, uma pessoa que pudesse administrar a fazenda. Não confiavam em José principalmente depois do que tinham lhe feito, pensavam até, que por vingança, viesse a destruir com o patrimônio deixado pelo pai.

Esteves Lima, embora estivesse com toda a situação sob seu controle, preocupava-se ainda com dois fatos: o estado de Florinda e a situação de José. Florinda, pela fuga da realidade, pensava se o melhor não seria levá-la porém a presença de Mãe Preta dava-lhe, pelo menos, a certeza de que seria cuidada. A preocupação com José era mais pelo aspecto legal de todo o acontecido pois embora tudo tivesse se caracterizado como legítima defesa, um processo seria aberto e seria arrolado e se não houvesse ninguém acompanhando poderiam, por influência, inverter os papéis e José se tornar réu. Sobre isto Esteves Lima conversou com José e este, meio assustado, concordou. Esteves Lima ainda pensou em contratar um advogado de Euclides da Cunha. José porém solicitou-lhe que, por uma questão de amizade, gostaria que o Doutor Raphael Bartilotti fosse seu defensor, pois além de ser da cidade todos conheciam sua fama que transcendia as fronteiras da Bahia, portanto poderia estar sempre informado. Os contatos com Bartilotti foram feitos pelo próprio José, acompanhado de Esteves Lima. Bartilotti, com sua simplicidade, recebeu-os à porta, sem camisa e depois de discorrerem sobre alguns pontos resolveu aceitar a causa. Esteves Lima fez questão de frisar-lhe que as despesas correriam todas sob sua responsabilidade. Bartilotti foi contundente:

— Eu acho que o senhor não precisa se preocupar com isto, conheço José desde que nasceu e o defenderei como a meu filho pois é filho de São Sebastião mais do que eu, e além do mais, senhor, não gostaria que começasse a vida devendo favores a ninguém. O senhor me desculpe pela franqueza porém deixe-me tirar de suas costas este fardo financeiro, não se preocupe, um dia José me pagar. Como? Não sei nem me interessa. O senhor pode voltar para Euclides da Cunha tranquilo de que se o diabo vier de botas e chifre eu também estarei de botas e chi-

fre a lhe esperar. Naquele mesmo instante José assinou uma procuração que dava a Bartilotti plenos poderes para atuar junto a sua causa.

Esteves Lima, à tarde, foi pegar Tatiana e Tereza para seguirem para Euclides da Cunha. Tereza, por sua vez, arrumara suas malas e as de Tatiana e, por uma questão de respeito, foi até sua mãe, dar-lhe satisfação de sua ida com Esteves Lima e sua decisão de tentar a vida em Salvador, Maria não fez comentários, nem se opôs, muito a seu feitio só lhe desejou sorte, era a primeira vez que um filho seu se retirava, só que a causa, sem que a mãe soubesse, não era a seca e sim algo maior, a sede de crescer, a necessidade interior de mostrar que ela também era capaz de ser forte.

Na saída de Esteves Lima para Euclides da Cunha, Mãe Preta comunicou-lhe que iria levar sua filha para sua casa, uma vez que, além de não poder ficar longe dos seus compromissos, por outro lado a própria Florinda vinha insistindo para ir para lá. Esteves Lima ainda argumentou mas foi em vão. Ficou então que Florinda ficaria sob sua responsabilidade e ele, através de José, daria toda cobertura que se fizesse necessária. Tudo acertado, partiram para Euclides da Cunha, Esteves Lima, José, Tatiana e Tereza. Estas choraram ao se despedir de Florinda e Mãe Preta porém Tereza via ali o início de uma escalada que não sabia até onde iria. Tatiana passou toda a viagem amuada, com lágrimas aqui e ali, mesmo estando ao lado do padrinho que procurava de todo jeito fazê-la sorrir. Sua única preocupação era sua mãe.

Em São Sebastião, Luis começava uma nova fase de sua vida , e no primeiro dia de atividades junto ao pai conseguiu arrematar bons lotes de sisal bruto, de plantadores, até aquele momento, adversos a seu pai. Manoel ficou exultante com o filho pois, na primeira tacada, encaçapara algumas bolas que ele próprio, cobra velha criada, nunca conseguira, porém Luis do Sisal, ex Luis Cobra, com sua influência conseguiu laçar sua presa e com isto o faturamento do pai.

A cidade começava voltar à calma porém daqui e dali se ouvia comentários e, volta e meia, Luis era interpelado nas ruas para contar de-

talhes de sua façanha com o irmão, normalmente crianças ou jovens que viam nele um herói meio distorcido, um herói aleijado porém mais macho do que todos os da cidade.

Antonio e Jeremias procuraram até não poder mais um administrador para a fazenda e a solução acabou estando bem próxima de Jeremias pois sendo militar e estando o sargento Adamastor Ferreira Bueno, de seu regimento, se reformando convidou-o e este aceitou pois seria a oportunidade de ir para o interior com a mulher e aumentar o faturamento. O convite a Adamastor, homem já de meia idade, amulatado, não foi só para ter alguém e não permitir a continuidade de José, foi também por ser pessoa de confiança de Jeremias e além disso respeitado física e moralmente dentro do regimento onde era considerado um dos sargentos mais rígidos que havia passado por lá. O que Adamastor não conseguia que se fizesse com sua foz grossa e firme conseguia com seu porte físico, quase um metro e noventa de altura beirando os cem quilos. Para Antonio e Jeremias, Adamastor caía como uma luva na administração da fazenda, com sua larga experiência de caserna, saberia lidar como ninguém com os rudes vaqueiros da fazenda, coisa que nem ele nem Antonio, quanto mais Tobias Filho, saberiam lidar. Com tudo acertado, Jeremias e Antonio combinaram de, junto com Adamastor, irem até a fazenda ainda naquele fim de semana, com a finalidade de fazer todo um levantamento dos negócios do pai, conferir todo o gado, enfim tudo que houvesse na fazenda e comunicar a José que no fim do mês Adamastor assumiria o controle e que estaria liberado de suas funções. Com Antonio e Jeremias à frente dos negócios Elisabete quase não opinava mais e Tobias Filho, cada vez mais, se fascinava com a antiga Grécia, com Roma ou os faraós do velho Egito.

Chico Curió, depois de deixar Ludovico Santos na capital, entregou o relatório do caso e voltou a São Sebastião, com ordem de, no mais tardar, em sete dias José se apresentasse lá para prestar seu depoimento. De Pedro Capão ninguém teve notícias, uma coisa era certa, na cidade e na fazenda não apareceu.

Mãe Preta, depois da partida de Esteves Lima, arrumou todas as coisas de Florinda e com a ajuda de duas outras filhas, voltaram para onde ela saíra, o Ilê. Florinda continuava perdida no seu mundo de fantasias e quando chegou à casa de sua mãe comportou-se como há dezoito anos atrás, fazendo as mesmas coisas que fazia antes, colocou sua roupa branca, seu pano de cabeça, o pano de costas, reintegrando-se ao ambiente de onde saíra. Mãe Preta, preocupada, observava e pedia maleme a Oxalá, Iansã e Xangô. A casa onde Florinda viveu momentos felizes com Tobias se fechou novamente, como se aquela fosse uma residência marcada para receber casais felizes, porém por pouco tempo.

Em Euclides da Cunha, Maria da Glória recebeu Tatiana como se fosse sua própria filha. Na mesma hora providenciou o melhor quarto, tudo com o luxo que Tobias esperava que a filha pudesse ter. Tereza por sua vez viu-se instalada tal qual uma princesa, com quarto exclusivo para ela, com tudo do bom e do melhor. Agora era esperar a vinda de Ribamar e ver até onde o vento sopraria.

Esteves Lima ao chegar trancou-se com José em seu escritório e com ele redigiu um documento em que comprava todo o gado em troca da fazenda e mais uma importância em dinheiro, José chegou a chorar de alegria, não cabia em si de contentamento, abria-se para ele um novo horizonte, de vaqueiro a dono de fazenda e agora teria que mostrar a Esteves Lima que a confiança que depositou nele não era a toa, abarrotaria a fazenda de gado, nem que para isso tivesse que não dormir para correr atrás, mas esta oportunidade não perderia nunca. Depois de assinarem o documento José saiu com Tereza a passear pela fazenda pois precisava conversar com ela. Depois de andarem um bom pedaço sentaram-se e José então começou:

— Mana, tu sabes que te quero muito, de todas é a que mais estimo e o que tenho dentro de mim só para você posso contar. Tereza sorrindo pegou a mão do irmão e brincou:

— Que esta havendo, homem, tas apaixonado por mim?

— Não brinca, mana, a coisa é outra. José começou a colocar-lhe item por item, tudo que se passou, desde o documento, a aquisição da fazenda de Antonio Machado. Tereza escutou, sorriu e chorou com o irmão. José ainda falou:

— Mana, somente contigo que poderia falar, estava dentro de mim, ia explodir.

— Parece que nossa vez esta chegando, José, eu também tenho algo dentro de mim que a ninguém confidenciei, nem à Florinda. E começou a relatar todo o episódio com Ribamar, sua ida a São Sebastião e também sua provável fixação em Salvador. Passaram bem umas três horas juntos e ao fim eram mais do que irmãos, eram confidentes, grandeza deles tivesse como base o profundo sentimento, muito maior do que o de irmãos que havia entre eles, cada um lutaria pelo outro, a sua maneira porém visando um só objetivo, o crescimento dos dois.

autoografia

XIII

São Sebastião da Caatinga nunca foi tão comentado como nestes últimos dias, principalmente depois que a polícia do estado conseguiu prender Pedro Capão, num vilarejo de Canaveira. Denúncia ou não, foi preso e encaminhado a Salvador, sempre negando sua participação. Os jornais de Salvador fizeram reportagens e mais reportagens sobre o assunto, José e Luis foram contatados para prestar informações aos repórteres porém os dois se recusaram a dar detalhes sobre o acontecido devido às orientações de Barthilotti para que falassem o menos possível.

No final de semana, Jeremias, Antonio e Adamastor chegaram à fazenda para inventariarem tudo. Por uma questão de precaução, Elisabete se fez presente, para que não houvessem atritos entre seus filhos e José e também por ser a única que conhecia a casa em seus mínimos detalhes. Ao fim de tudo, feito o reconhecimento global, José, Maria e os demais empregados foram reunidos e comunicados que Adamastor assumiria o controle no início do mês de setembro. Adamastor estava fascinado e prometia a Jerônimo e Antonio que administraria a fazenda como se fosse a sua casa, com o mesmo rigor que lhe era comum no quartel, procuraria ser eficiente tal como Tobias.

Alguns dias antes José, ao fim de um dia de trabalho, reuniu seus companheiros e avisou-lhes que iria se afastar da fazenda, fora contratado por Esteves Lima para assumir a direção da fazenda de Antonio Machado. A reação dos vaqueiros foi imediata, sabedores dos problemas que José tivera com os filhos de Tobias, foram-lhe solidários e, que se permitisse, todos o acompanhariam. José ainda ponderou mas foi

em vão, o êxodo seria geral. Para José o posicionamento de seus companheiros foi importante pois começaria vida nova com pessoal de sua inteira confiança.

José e Luis ficaram sem conhecer a filha de Cléa por vários dias porém foram assim que puderam, e foram recebidos como heróis, Cléa e todas as filhas vieram abraçá-los. O carinho com que os recepcionaram, deixou-os emocionados porém a emoção maior foi a surpresa que lhes estava reservada. Sem que ninguém tivesse conhecimento, somente Cléa e suas filhas, quem estava alojada no brega esperando pelos dois, era nada mais nada menos que Rosinha de Xiquexique, que resolveu vir a sua cidade por problemas familiares e quando soube da notícia do acontecido a eles, assim que pode, dirigiu-se a São Sebastião e ficou aguardando para poder revê-los e mostrar-lhes seu contentamento por estarem bem.

José e Luis, ao vê-la saindo dos quartos reservados passando pelo meio de duas colunas feita pelas filhas de Cléa, conduzida pelas mãos da própria, que fizera questão de deixá-los esperando para trazer-lhes a surpresa, choraram de alegria. Rosinha estava linda, com um vestido de tecido leve marcando-lhe as ancas, num tom vermelho, um decote que mostravam parcialmente os seios, os cabelos soltos, andando cadenciado, com um sorriso contaminante como se os tivesse convidando a consumi-la ali, na frente de todos. José não se conteve, correu ao seu encontro e beijou-a com toda a sua volúpia. Em seguida dirigiu-se até Luis que repetiu o gesto. Naquela noite o brega era uma festa só, todos reverenciavam a José e Luis, porém o maior presente para os dois era ela, Rosinha de Xiquexique que, sentada entre os dois, despertava-lhes o desejo de possuí-la ali mesmo. Cléa fez servir aos presentes uma rodada de conhaque, e após algumas músicas Rosinha, com ares de rainha, convidou a seus súditos a acompanhá-la a seu aposento real, e lá a raposa e a cobra viram-se dominados pelos encantos daquela que para eles era a maior de todas, a dona dos segredos do amar. Rosinha com toda a sua magia consumia-os e para ambos não houve maior recompensa do que

aquela, após lutarem juntos agora estavam ali, ao lado daquela que lhes iniciou, jogando sobre eles todo o seu encanto. O tempo que os separaram parecia ter feito com que se tornasse mais perfeita ainda. Nesta noite não dormiram, só retornando as suas casas na tarde do dia seguinte, com corpos e almas abençoados pela fada dos prazeres maiores.

Durante dois dias Rosinha permaneceu no brega, tempo no qual a presença dos dois foi quase que integral. Naqueles dias, o foram somente dela, a filha mais nova ficou para outra oportunidade. Com a partida de Rosinha, o brega voltou ao seu dia a dia porém para eles não poderia ter acontecido coisa melhor.

José dividia seu tempo entre as duas fazendas procurando manter na fazenda de Tobias tudo em ordem para que seus filhos não viessem a falar que fez isso ou aquilo em represália.

Como programado, no início do mês de setembro, Adamastor, acompanhado de Antonio e Jeremias assumiu o controle da fazenda e José se retirou com sua família. Os vaqueiros esperaram a saída deles e aí sim que comunicaram as suas. Antonio e Jeremias ainda estavam por lá, quando souberam, ficando os três possesores de raiva mas nada puderam fazer, a não ser saírem à procura de novos empregados. Adamastor, após ter passado a raiva, até que gostou fazendo ver a Antonio e Jeremias que, embora com dificuldades, começaria com gente nova, sem vícios nem ligações com José. Tudo resolvido, carta branca para Adamastor, os dois partiram com a certeza de que tudo continuaria como antes.

Ao assumir por completo a fazenda de Antonio Machado, que dias antes mudara-se para Vitória da Conquista, José pôde por em prática tudo o que aprendera com o padrinho. Uma das coisas que não perdoava era a perda de seu cavalo, fora presente de Tobias e estava com ele desde nascido. Por este motivo resolveu dar à fazenda o nome de “Fazenda Estrela”, como se podia ver numa placa presa à correntes, na porteira. Ao se transferir com a mãe e as irmãs, fez ver a todas que aquela seria a sua casa pois Esteves Lima não ficaria lá e portanto morariam na casa principal.

A casa de Antonio Machado nem se comparava à de Tobias, era bem menor porém espaçosa, apresentando ares coloniais, com grossas toras de madeira fazendo-lhe o contorno. Pesadas janelas saíam de suas paredes. A frente da casa uma varanda dava para a porteira sendo toda cercada por pés de umbu. Uma das primeiras providências de José foi convocar seus cunhados, pois em conversa com Tereza, ainda em Euclides da Cunha, achavam que tinham que dar-lhes oportunidade, favorecendo assim as irmãs e os sobrinhos. José, reunido com todos, convidou-os a morar na própria fazenda e que a colaboração de todos seria fundamental, o êxito da fazenda não faria crescer somente a ele como administrador e sim a todos, portanto teriam que estar unidos para alcançarem esse objetivo. Todos concordaram, afinal de contas melhorariam de condições de vida.

Com a união dos cunhados aos antigos companheiros não foi difícil a José por tudo em ordem, o trabalho era duro porém compensava. Antonio Machado, com a perspectiva da venda da fazenda, deixou-a um pouco abandonada porém ao fim de uma semana tudo estava ajeitado. Maria e as filhas voltaram a conviver juntas, o que compensava-lhe a falta do marido. Agora vivia para os filhos e os netos, era somente Maria, mãe e avó.

Na cidade os comentários foram se diluindo com o passar do tempo, o único vestígio que ficou foi a postura de José e Luis, no mais tudo rotineiro. O comitê das mexeriqueiras ainda comentava mas já procuravam casos mais novos. Chico Curió voltara a cuidar de seus pássaros, conseguira inclusive repor os que perdera, rezava para não mais acontecer fatos semelhantes. Helena e Chico Pinga continuavam como ponto de referência de todos, as novidades ali eram fornecidas.

Luis, com sua nova função, deixava o pai extremamente satisfeito, conseguia dia a dia novas compras que juntando-se às que eram feitas por Manuel do Sisal, davam-lhe certeza de lucros importantes. Manuel pensava inclusive em aumentar seu depósito para poder ampliar ainda mais sua fatia entre os compradores. Luis agora só andava de carro, ti-

nha inclusive motorista que o transportava a todos os lados, uma velha pick-up do pai. Quem pensaria que ele, que só andava em seu velho velópede, agora teria condução a sua disposição.

Fato marcante na cidade foi a missa de sete dias rezada por Padre Álvaro em memória de Tobias e Raimundo. Todos estavam presentes lotando a igreja. As mulheres vestidas de preto, com véu da mesma cor e os homens com fumo na lapela mostravam o luto na cidade. Na missa as disposições eram as habituais, com a diferença que José e Luis assumiam posições de destaque substituindo, com todas as honras, a Tobias. José quando entrou com sua mãe e as irmãs, todos se levantaram para dar-lhes lugar o mesmo acontecendo com Luis. No mais, missa solene em memória dos falecidos que tiveram seus nomes citados diversas vezes, com as carolas rezando o terço pela purificação de suas bondosas almas.

Mãe Preta fazia de um tudo para trazer Florinda a sua realidade porém esta, mergulhada no seu interior, de nada se lembrava, negava Tobias e também Tatiana. Era realmente como se tivesse voltado no tempo, apagara de sua memória todo o período de convivência com Tobias dedicando-se ao ritual como antes, dançava, fazia tudo porém não aceitava as ponderações de Mãe Preta, para ela nada daquilo acontecera. Relacionava-se com as outras irmãs de santo, até sorria com as brincadeiras, no mais era um vazio. Mãe Preta acreditava que com o passar dos dias voltaria à realidade, Oxalá não permitiria que vivesse assim.

Em Euclides da Cunha, Tatiana e Tereza refizeram-se rapidamente e passavam todo o tempo juntas, as duas, mais Maria da Glória conversavam muito e Tatiana era, na casa, como se fosse a filha caçula. Esteves Lima quando chegava colocava-a no colo, conversava, contava-lhe histórias. Volta e meia uma lágrima pela mãe porém estes a consolavam dizendo-lhe que daí há alguns dias viria para vê-la. Esteves Lima preocupado com Tatiana matriculou-a no grupo escolar de Euclides da Cunha, o melhor da cidade, assim poderia fazer amizades com outras crianças preenchendo-lhe um pouco do vazio que ficara com a morte do pai e o estado da mãe.

Tereza, desde que chegara, não tinha notícias de Ribamar porém não se preocupava, sabia que a qualquer hora estaria lá ou lhe escreveria, uma coisa era certa, sua presa estava totalmente à sua mercê, faria com ela o que quisesse porém, na sua cabeça, imaginava que o seu crescimento e fortalecimento junto a Ribamar teria que ser lento e sólido, nada de correrias, nada de querer abraçar o poder com as pernas, usaria as pernas sim, porém usaria a cabeça também. As pernas para que se tornassem complemento indissociáveis e a cabeça para conduzir este complemento ao seu objetivo maior, o poder, o comando político.

Adamastor Ferreira Bueno, o sargento Adamastor como gostava de ser chamado, em pouco tempo era conhecido de todos na cidade porém poucos acreditavam que conseguisse alguma coisa de positiva na fazenda, não em termos de administração e sim na maneira de gerir capital pois Tobias era mestre na arte da compra e venda do gado, conhecia todas as tocas, sabia como meter a mão nelas, pegar o tatu sem sair machucado, pelo contrário, e Adamastor? Essa era a dúvida na cidade. Ademais quem comprava o gado de Tobias era Esteves Lima e agora com a presença dele na cidade, com José à frente seria bem provável que tivesse dificuldades para vendê-lo a bom preço. O mesmo pensamento não faziam em relação a José, esperavam dele um desempenho dos melhores, inclusive pelo fato de conhecer todos os pequenos fazendeiros e também sua moral junto à cidade, de macho filho da terra, o que na certa lhe daria pontos importantes neste jogo de influências comerciais.

José e Luis conversavam muito sobre o futuro deles e em um ponto não discordavam, o sucesso dos dois estaria na razão direta da colaboração de um com o outro, como explicava Luis:

— Olhe, vou comprar sisal, vejo por lá gado de boa qualidade, faço amizade com o dono e depois você chega, o mesmo você faz comigo. De duas nós fazemos quatro pernas e assim nossos interesses serão vistos sempre a quatro olhos ao mesmo tempo, não a dois. Você cresce junto a Esteves Lima e eu junto a meu pai.

José achou as ponderações de Luis de um equilíbrio muito grande concordando que só assim conseguiriam vencer todas as barreiras, uma coisa porém era verdadeira e disso sabiam, Manuel do Sisal, Malazartes e Olegário começavam a ceder terreno devido à influência dos dois, o povo, principalmente do interior do município, os procuravam com frequência para resolver problemas particulares, ligados à prefeitura ou não.

Com uma administração muito firme, evitando muito os gastos fora do previsto, José começou a aumentar a sua boiada comprando daqui e dali cabeças de gado que foram se juntando às que possuía. Adamastor não, fazendo passar a fazenda por um processo de remodelação para impor um ritmo novo, mais condizente com as novas técnicas pecuárias, ensinamentos adquiridos, devorando diversos livros sobre o assunto, desde que assumira a direção. O custo destas alterações, embora alto, na imaginação dele e de seus patrões seria compensado pelos lucros que logo iriam aparecer.

Um mês após a morte de Tobias e Raimundo uma notícia vinda de Salvador sacudiu toda a cidade, principalmente porque neste dia realizava-se a missa de mês pelo passamento deles e a cidade estava parada para reverenciá-los. O que mexeu com todos foi que Ludovico Santos, o único sobrevivente dos que realizaram a emboscada, conseguira fugir da cadeia e foi encontrado morto nos arredores de Jeremoabo, como e porque fugiu ninguém sabia e sua morte mexia com todas as rotas traçadas para a condenação de Pedro Capão. Para a cidade fora obra dele mesmo porém ninguém podia provar. O único fato verdadeiro era que a única testemunha contra Pedro Capão desaparecera, não podia provar mais nada. Agora seria palavra contra palavra. Barthilotti quando soube, se reuniu com José e Luis e partiu direto para a capital, a se inteirar de tudo e tomar providências afim de evitar que tudo virasse para o lado de José e Luis. Em Salvador, o comentário era de que antes de fugir Ludovico Santos confidenciara a seus companheiros de cela que só acusara Pedro Capão por medo de ser morto pelos dois. Os advogados

de Pedro Capão começavam a solicitar ao juiz, habeas corpus em favor dele baseando-se nas afirmações de Ludovico e também na fuga e morte do mesmo fazendo com estes fatos reviravoltas no processo, usando inclusive os argumentos de que o objetivo da emboscada era realmente José, pela vida devassa que levava.

Barthilotti quando sentiu a força do movimento que se levantava contra seu consulente não titubeou, foi direto a Euclides da Cunha, sabedor que era, que agora seria questão de prestígio pessoal, quem tivesse mais lenha para queimar levava. O juiz iria querer provas e a única fora eliminada. Não lhe era particularmente agradável ter que se valer da influência de Esteves Lima porém na atual circunstância tudo seria válido. Em Euclides da Cunha Barthilotti relatou a Esteves Lima todas as fases do processo, a morte de Ludovico e a necessidade da interferência pessoal dele para evitar mal maior a José. Esteves Lima partiu imediatamente com Barthilotti para Salvador, fazendo valer todo o seu prestígio político, sustando com sua presença junto a Ribamar e ao próprio governador, qualquer tentativa de incriminar José. Aquele fora um crime político que envolvia diretamente o controle da área por facções que não se afinavam com a administração vigente. Fez ver também que assumira o comando da região e que José representava atualmente sua presença no cariri, portanto toda e qualquer tentativa de incriminá-lo seria na realidade uma tentativa de querer tirar o poder decisório da área, da influência do estado, portanto não poderiam permitir que tal fato acontecesse. Após o exposto, foi assegurado a Esteves Lima e a Barthilotti que por detrás, o governo do estado daria integral apoio a seus correligionários. Seria difícil condenar Pedro Capão sem provas concretas mas não admitiriam que se viesse culpar José.

Dois dias após Raphael Barthilotti estava de volta a São Sebastião da Caatinga comunicando em seguida a José e Luis toda sua andança e da interferência de Esteves Lima. Os dois, que andavam meios assustados com os boatos, respiraram aliviados ao saberem que além de Barthilotti gente alta estava a apoiá-los. Para José especificamente saber que Ri-

bamar estava nesse meio de influências políticas lhe tranqüilizou mais ainda, afinal de contas tinha tudo para prestigiá-lo, seus interesses junto a Tereza eram muito grandes e não iria permitir que mal lhe fizessem, o que Tereza pensaria disso?

Com os ânimos serenados Barthilotti, dono da situação, nos dias que se passaram o que se viu foi realmente a liberdade para Pedro Capão, porém na cidade não apareceu, na fazenda também não, esta continuava entregue aos peões. José e Luis inclusive tiveram que serenar os ânimos do pessoal que queria porque queria, em represália ao fato de ter sido solto, botar fogo na fazenda, destruindo com tudo. Os dois falaram mais alto e tudo se apaziguou.

Aliança importante conseguida por eles foi a de João Farmacêutico, que declarara publicamente seu afastamento da política e sua condenação aos atos de Pedro Capão, com o qual não concordara, para ele a fuga de Ludovico era mais do que prova da inocência dos dois. Por isso procurou-os e convidou-os a jantar em sua casa pois precisava ter uma conversa franca com eles. Naquele mesmo dia sentaram-se à mesa com João Farmacêutico e ao final do encontro, além da solidificação de amizades, João foi convidado a participar da próxima reunião na prefeitura, junto a Olegário, Manuel, Malazartes e logicamente os dois, onde essa união seria mais solidificada ainda. Para José e Luis esse era um trunfo importante, possuía João influência de doutor junto à população, que somado às exercidas pelos outros teriam eleições por demais tranqüilas, praticamente sem oposição pois o maior opositor deixava de sê-lo para se tornar aliado, aliás politicamente junto a Esteves Lima da mais alta importância.

Com os ânimos serenados e a coligação política feita no final de semana, José foi a Euclides da Cunha agradecer a Esteves Lima por sua interferência e dar-lhe também as boas novas sob a cidade e notícias sobre o estado de saúde de Florinda. Coincidência ou não quem chegou quase junto foi o Doutor Ribamar Cavalcante que com a desculpa de vir fazer um relatório sobre como decorria o processo, aproveitou a dei-

xa para vir passar algum tempo com Tereza. Tatiana quando viu José correu a seus braços e esse, mais do que depressa, pegou-a ao colo, beijou-lhe o rosto e esta logo perguntou:

— Você viu mamãe, esta melhor? Ta perguntando por mim?

José sorrindo respondeu-lhe que sim, que só não viera porque estava muito cansada ainda mas que logo logo viria visita-la. Tereza abraçou-o fortemente e bem próximo a seu ouvido confidenciou-lhe:

— Não te preocupes, esta tudo bem, os homens não vão te deixar a pé, tu tas protegido mano.

José sorriu, abraçou Esteves Lima e Ribamar, cumprimentou afetuosamente Maria da Glória. Ribamar cumprimentou a todos, com Tereza, embora quisesse agarrá-la logo, conteve-se e só o olhar e o aperto de mão mostravam-lhe qual a razão principal da sua visita. Logo em seguida, os dois se reuniram com Esteves Lima durante toda a tarde, com Ribamar expondo como seria feito pelo governo para manter José a parte das difamações. Por sugestão do próprio Ribamar o governador estava preparando uma reunião com as lideranças jovens da região do cariri para fazer um levantamento dos problemas prioritários dos municípios e a José seriam dadas todas as oportunidades de aparecer, seria o convidado de São Sebastião e a sua pauta com reivindicações estava praticamente pronta, seria o mentor das grandes reivindicações para o crescimento dos municípios da área. A reunião seria em Salvador com o governador e seu secretariado com o objetivo de apoiar a nova geração de líderes comunitários, fazendo-se por conseguinte chegar mais próximo do povo através deles e também promovê-los.

A José seria dada atenção especial, fortalecendo assim a sua imagem. José neste momento lembrou-se da última conversa que Tobias teve com Manuel do Sisal e mais do que depressa sugeriu a Ribamar que incluísse nas reivindicações uma agência bancária em São Sebastião, e visto o movimento crescente do sisal e também para poderem ter um banco próximo. Ribamar aceitou a sugestão, o que ao mesmo tempo foi endossada por Esteves Lima.

Após o jantar, José saiu pela cidade e Ribamar aproveitou para convidar Tereza a andar pelos arredores da fazenda. Esteves Lima desculpou-se, teria compromissos cedo e preferia descansar. Tereza, com a presença de Ribamar, vestiu-se tal qual uma lady, bela e insinuante. Saíram conversando pela estrada da fazenda e num local não muito retirado porém isolado, pararam e sentaram-se. Era a primeira oportunidade de estarem sós após a última vez, ali mesmo, já que quando da morte de Tobias e Raimundo, somente trocaram olhares. Ribamar tomou logo a iniciativa de beijá-la e Tereza deixou-se levar ternamente. Suas mãos contornavam suas costas e seus dedos acariciavam-no. Ribamar encostou seu peito aos seios de Tereza apertando-a firmemente, Tereza fazia-se leve como uma pluma, deixava-se conduzir como se estivesse dançando, cada passo do companheiro respondia de maneira semelhante, sem negações. Ribamar desnudou-lhe os seios e sugou-os avidamente. Tereza mordiscava-lhe a orelha deixando sair de seus lábios pequenos sussurros que aumentavam mais ainda o desejo de Ribamar. As mãos de Ribamar percorreram-lhe as coxas, que Tereza entreabriu suavemente, e chegaram à fonte de prazeres que se mostravam umedecidas fazendo seu calor acelerar o desejo dos dois. A essa ousadia de Ribamar, Tereza respondeu mais ousadamente acariciando por sobre as coxas de Ribamar seu cetro de amor. A lua, escondida por trás das nuvens, fechava os olhos àqueles momentos, fazendo com que todos que por ali passassem fossem incapazes de enxergá-los. Em pouco tempo os dois sussurravam, gemiam, embalando seus corpos no ritmo ardente do desejo incontido. Tereza mordeu-lhe os lábios suavemente, puxou com suas pernas Ribamar para dentro de si e explodiram em prazeres, unindo ali o homem e a mulher; o macho e a fêmea; o político e a política. Após algum tempo, refeitos das emoções vividas e sentidas, sempre presos um ao outro, começaram a conversar, com Ribamar mostrando estar realmente enfeitiçado por ela. Tereza escutava, sorria. Volta e meia mordida-lhe o pescoço, beijava-o, suas mãos continuavam a acariciá-lo seguidamente, Ribamar foi sincero ao mostrar-lhe as dificulda-

des que teria para poder viver com ela mas não queria perdê-la de jeito nenhum. Sentia por ela o que nunca sentira por ninguém, queria que fosse morar em Salvador o mais rápido possível, estava inclusive tratando disso. Tereza somente acenava com a cabeça e continuava a excita-lo não lhe dando muito tempo para falar, daqui e dali a voz de Ribamar saía trêmula pelos movimentos de Tereza. Esta foi mais ousada ainda quando começou a acariciá-lo e deitou sua cabeça sob as coxas de Ribamar e começou a lhe dar pequenas mordidas na região, culminando em seu membro. Ribamar começou a afagar-lhe os cabelos. Tereza simplesmente fê-lo sair e sorveu-o com toda a maestria. Ribamar gemia de prazer, Tereza continuava. Quando sua vontade estava realizada, num movimento rápido, sentou-se sobre ele e envolvendo-o novamente com as pernas, abraçou-o e novamente dançaram a valsa dos prazeres, agora com os dois sentados ali, frente a frente, com Tereza mostrando ser uma amazona perfeita, cavalgando com a elegância de uma dama, bailando com a leveza das grandes bailarinas.

Permaneceram naquele local por um longo tempo, trocando juras de amor, recolhendo-se somente quando o dia quase raiava, porém para Ribamar aquele era o local exato da felicidade e Tereza a responsável por tal. Para Tereza aquele fora o momento grandioso do seu jogo, fora sua jogada maior. Agora seria esperar para ver como conduziria o resto.

Por Ribamar saíam dali direto para Salvador, porém não podia pois tinha todo um passado que não tinha como esquecer e Tereza por sua vez também não queria as coisas dessa maneira, preferia continuar assim, pois lhe daria a liberdade dos grandes lances. Não desejava para ela agora o dia a dia, queria sim a liberdade do ser hoje ou amanhã, poder desfrutar dos dias e das noites sem a interferência do cotidiano, queria as vinte e quatro horas do dia para crescer e não para dividi-las com outras obrigações. Amar e ser amada fazia parte das suas aspirações e um pouco de dificuldade tornaria as coisas muitos melhores, o desejo aumentaria e aí o teria sempre em posição de vantagem, com uma jogada a frente de todos.

Pela manhã, no café, sentados à mesa estavam todos, exceto Ribamar, que ainda dormia. José e Tereza conversavam alegremente. Tatiana, ao lado de Esteves Lima, brincava com ele e a madrinha. Tereza não deixava transparecer nada do que acontecera, estava do mesmo jeito, quem a visse imaginaria que tinha dormido uma noite maravilhosa e no fundo teriam razão, a noite foi realmente maravilhosa e as sensações recebidas alimentou-a mais que todas as noites dormidas até hoje. Seu ar de felicidade, seu sorriso espontâneo davam-lhe o aval para melhores noites ainda.

Ribamar levantou bem mais tarde, sentou-se a conversar com todos e depois do almoço, após alguns instantes a sós com Tereza despediu-se, deixando ali mais que a metade de si, deixava empenhado seu coração e sua alma, sem que pudesse resgata-los a preço nenhum, estava preso a Tereza pior do que a correntes, estava agora ligado a ela pelo prazer dos prazeres.

Ainda naquela noite José se foi, deixando atrás de si a certeza de grandes momentos pela frente. O encontro com o governador e o secretariado iria lhe dar mais moral ainda na cidade, via-se de repente como o próprio padrinho e além do mais ficou-lhe claro o domínio de Ribamar por Tereza. Ao chegar em São Sebastião não comentou com ninguém sobre a conversa com Esteves Lima e Ribamar, guardando para si, deixando que quando o convite fosse feito, a notícia se espalhasse sozinha, afinal essa era uma jogada política e como seu padrinho sempre lhe falava, o segredo em ser político é guardar o máximo dentro de si as suas pretensões para poder usufruir delas no melhor momento. É o fator surpresa que quase sempre domina a situação.

José e Luis continuavam firmes como sempre, embora com todas as atividades no brega. A filha mais nova de Cléa, Rosalinda da Anunciação, fora visitada pelos dois que acharam-na no nível das outras, porém nada parecido com Rosinha de Xiquexique.

Uma semana depois de ter estado em Euclides da Cunha, a notícia da convocação dos líderes jovens da região para reunirem-se com o go-

vernador e o secretariado, tendo José como escolhido de São Sebastião, explodiu. A cidade toda comentava, Luis foi o primeiro a ir cumprimenta-lo, nas ruas quase não podia andar, toda hora um e outro vinha-lhe parabenizar. Os vereadores o rodeavam falando todos ao mesmo tempo, há muito custo conseguiu chegar à prefeitura e se reunir com Luis, Manuel, Malazartes, Olegário e João Farmacêutico. Da reunião decidiram que deveria enfocar os problemas mais importantes e por própria sugestão de José deveria se bater pela implantação de uma agência bancária no município. A ida a Salvador seria na semana seguinte, com três dias de reuniões com o governador e seus secretários, que lhes mostrariam todo o funcionamento da máquina governamental para que pudessem sugerir, nos seus locais de origem, a adoção de modelos semelhantes e também ouvirem suas reivindicações e realizar o que fosse possível. Naquela mesma noite, José e Luis foram comemorar como sempre, o acontecido no brega, e de lá foram os últimos a sair.

A cidade agora tomava ares importantes, comentava o povo, pela primeira vez não se precisava pedir pelo amor de Deus ao governador para se realizar alguma coisa, ele mesmo que os convidava, corpo e alma, representados por José, só esperavam que se mostrasse a altura de todos, embora raros fossem os que não acreditavam na sua capacidade de representa-los.

Quando foi anunciada a morte de Ludovico Santos e começaram a querer acusar José, o comitê das mexeriqueiras lançou novamente sua versão com Carlota comentando que a primeira água caída do telhado é sempre a que não presta e que sempre achou isso. Com o lançamento do convite, novamente as defloradas voltaram a ser virgens e José voltou ao seu altar com auréola, redoma tudo.

Aquela semana foi toda de agitações, em face da reunião. No bar de Chico Pinga, entre goles e goles de cachaça, o povo exaltava seu novo líder. Vários eram os que achavam que José assumira o espírito de Tobias, os mais velhos, que o conheceram ainda novo, comentavam que Tobias, quando da idade de José, apresentava comportamento idêntico, de polí-

tica, compra de gado e mulheres, sabia tudo. José estava se saindo muito parecido, fosse nas suas atitudes, na sua capacidade de não dizer não a ninguém ou no seu jeito de cavalgar, até no modo de falar. Para muitos, aquelas atitudes nada tinham a ver com a convivência, era sim o espírito de Tobias encarnado em José:

— Vocês não viram como o finado partiu para Salvador, com os filhos para ser enterrado, sorrindo. No fundo, “Deus o tenha”, fazendo sempre o sinal da cruz, o espírito de Tobias não deve ter gostado do que os filhos fizeram a José e ficou por aqui para mostrar que era ele que ainda comandava. Vejam só, como poderia ter escapado sozinho da caatinga, tendo a ajudá-lo Luis cobra, era impossível. A mim ninguém engana, José é o espírito de Tobias encarnado novamente.

E com cachaça a servir de complemento José e Tobias estavam mais dentro um do outro a cada instante, eram indissociáveis. José e Luis quando ouviam aqueles comentários davam boas gargalhadas embora José soubesse que muito do que fazia hoje simplesmente era uma aplicação prática daquilo que seu padrinho lhe ensinara durante a vida.

Finalmente na véspera da reunião, José tomou o ônibus para Salvador pela manhã e uma verdadeira multidão veio lhe desejar boa sorte. Os vereadores não saíam do seu lado fazendo quase que um cordão de isolamento com todos sugerindo os maiores absurdos possíveis. José escutava-os por questão de delicadeza procurando desvencilhar-se deles a todo custo. Luis, até a chegada do ônibus não saiu do lado do irmão e quando este embarcou os dois se abraçaram demoradamente. Com o ônibus levantando poeira na estrada, os vereadores continuaram parados na praça, boquiabertos, olhar fixo no horizonte empoeirado, perguntando ao seu irmão, porque ele e não eu?

Antes de partir, José se reuniu com Barthilotti, que preocupado com o assédio da imprensa em Salvador, pois a presença dele na capital seria um prato feito, orientando-o a não falar sobre o acontecido, somente o mínimo possível, o que todos sabiam. Teria que caracterizar o aconteci-

do como fato político, que o alvo era realmente Tobias e que só se salvou por milagre.

Em Salvador José foi recebido por Ribamar e para surpresa sua Esteves Lima, que resolveu não deixá-lo sozinho principalmente no primeiro dia. Como era esperado a imprensa fez um ataque cerrado a José, porém este com sabedoria esquivou-se de todas as insinuações e declarou unicamente o que conhecia. No dia seguinte as manchetes todas saíram com suas fotos, mais com pose de líder do que outra coisa. Ribamar e Esteves Lima ciceronearam-no o tempo todo, ficando alojado no melhor hotel junto com todo o grupo. Quase todos os municípios do cariri estavam com seus representantes e notava-se entre eles uma certa inibição, José porém estava totalmente descontraído, conversando, dando sugestões. Ribamar e Esteves Lima, como prometido, deram-lhe todo o material contendo as reivindicações que poderia solicitar pois estas seriam postas em prática a curto e a médio prazo e dentre elas, para alegria de José, estava a agência do Banco do Brasil, fato previamente acertado entre o governo estadual e a direção do banco que esperava porém a solicitação oficial na reunião, para aí sim ser concedida.

Nos três dias de reunião o que se viu foi José aparecendo sempre como destaque, sugerindo, solicitando, dando entrevistas. Ao final foi nomeado o representante oficial das lideranças jovens da caatinga e coube-lhe a incumbência de fazer o discurso em agradecimento pelo convite e relatar as reivindicações do grupo. O discurso e as reivindicações foram escritos pelo próprio Ribamar com a ajuda de Esteves Lima e para júbilo deles, José se saía melhor do que a encomenda, assumindo realmente a postura de líder, jogando certo. Para a imprensa e todos em geral, o que ficou patente foi a presença de José como mensageiro de São Sebastião. A imagem forjada anteriormente, ninguém mais comentava.

Sua volta foi recebida com festa, parecendo até dia do padroeiro. São Sebastião fora defendido bravamente pelo mais representativo dos seus filhos, José, comentava o povo. José, o filho do raio, da chuva, do vento

e do trovão, filho de Xangô e de Oxum. Nascido no dia de São Sebastião, Ogum da Bahia. José afilhado de Tobias, José-Tobias, Tobias-José. Ele agora era a figura mais importante, o dono da política em toda a região, o governador abria suas portas para recebê-lo, sem dúvida Tobias se fazia presente em carne e osso, era um Tobias caboclo, filho da terra, com cheiro de Terra. O primeiro abraço foi do irmão Luis que chorou ao recebê-lo, José levantou-o no ar e disse-lhe baixinho:

— Ta tudo bem pra gente, mano.

Em seguida, no meio de toda aquela gente, com os vereadores em cima, José divisou ao longe Mãe Preta e foi direto ao seu encontro:

— Motuba minha mãe.

— Motubá-axé Fio, Oxalá o proteja, to muito feliz com ocê, Xangô cum seu machado ti faz a justiça fio, Oxum e Ogum num ti deixa só. Num foi àtoa que tu nasceu no dia de Ogum, vai firme fio, vai cum vontade que tu vai cresce, a maldade do home volta pro home fio e essa véia só espera vive prá te vê lutando pela nossa gente sofrida, pela nossa nação. Fio, óie também pra baixo que aí ocê nunca vai pisô em falso.

José olhou-a, duas lágrimas lhe correram:

— Mãe, como esta Florinda?

— Na mesma fio, mas ela vai fica boa, na fé de Oxalá.

Da cidade até chegar em casa foi uma dificuldade para José, todos queriam lhe falar, apertar sua mão. Olegário, Manuel, Malazartes e João falaram-lhe rapidamente, deixando acertado para o dia seguinte uma reunião para saberem, aí sim, o que conseguira na capital.

Sua mãe e as irmãs esperavam-lhe em casa, Maria quando o viu abraçou-o ternamente e chorou, nunca pudera pensar em tanta felicidade, quando imaginaria que um filho seu fosse o centro das atenções, nunca. Só lamentava a falta de Raimundo que ficaria orgulhoso, de vê-lo assim engrandecido. Ele que sempre tivera orgulho dele, que queria-o a sua imagem e semelhança, se estivesse vivo iria vê-lo muito mais do que a sua semelhança, era também a imagem e a semelhança do padrinho. Naquele dia o jantar foi festivo, com José, Maria, as irmãs, os cunhados

e os sobrinhos todos reunidos comemorando seu grande feito, era o orgulho de todos.

— Pena que Tereza não esteja aqui. Falou Maria.

— Não te preocupe não mãe, esta mais junta de nós do que a mãe pensa, ainda vai te dar muito orgulho também. Nós somos lenha que dá bom carvão. Pode deixar que em Euclides da Cunha esta pensando neste momento em nós.

O complemento da noite nem precisa dizer onde foi, José e Luis foram compartilhar com Cléa e suas filhas o êxito de seu mascote que agora deixava de sê-lo para trilhar o caminho da liderança. Cléa estava orgulhosa, vira-o crescer ali, encaminhara-o na arte dos prazeres e hoje retribuía com sua presença, ali onde povo e políticos se encontram, com o mesmo ideal, sem luxo, sem poderes, abençoando-lhe os colchões com o néctar dos prazeres.

No dia seguinte José já conseguia andar pela cidade com maior liberdade, embora volta e meia fosse interpelado pelo povo. Como sempre fez, parou na pensão de Helena, tirou uma prosa com ela e depois foi-se reunir com a cúpula, contando-lhes tudo que já sabiam e que aguardassem para muito breve a visita do pessoal da capital encarregado pela construção do banco, chegariam à cidade para estabelecer o local da futura agência. Todos estavam engrandecidos, José representara-os acima da expectativa.

O comitê das mexeriqueiras agora procurava outras frentes para suas conversas diárias, José agora era só elogios. Padre Álvaro continuava com seu trabalho, suas missas, seu colégio, suas andanças.

José e Luis começaram a estranhar a avalanche de convites que a todo o instante eram feitos mais José do que Luis logicamente, antes ninguém os convidava para festa nenhuma, agora não:

— Olhe, hoje é aniversário de minha filha, vá lá jantar conosco. Ou:

— Apareça lá em casa, será um prazer.

Antes eram devassos, José era o deflorador das virgens, o causador do cadeado no xibiu. Agora não, eram homens honestos, trabalhado-

res, respeitadores das virgindades, dignos de serem recebidos em qualquer casa. Os vereadores então faziam de tudo para que José fosse visitar, jantar com eles e quando concordava, ia sempre com Luis e o que se via era sempre o mesmo, ou proposta para aliança que os colocassem em posição de vantagem ou as filhas sendo oferecidas como mercadorias, afinal tê-los como genro nada mais significava que estar aliado para sempre ao poder. José e Luis nem se preocupavam, procuravam manter-se com todo o respeito e saíam sem se comprometer, afinal eram jovens, conheciam a todos, eram amigos do pessoal de sua idade e se algum dia viessem a se unir a alguém não seria por interesse de ninguém.

Antes das visitas, as filhas eram orientadas para que se vestissem de forma a chamar atenção deles, que procurassem sorrir, não podiam deixar passar um partido desses. José e Luis achavam tudo aquilo muito engraçado e depois saíam rindo a se faltar de tudo. Quem pensar que era somente os chefes de família que se insinuavam esta enganado pois muitas vezes os dois receberam convites de senhoras de alto respeito para visita-las e coisas desse gênero. Pessoalmente José sorria, antes não podia nem passar na porta, agora todos queriam tirar proveito de seu prestígio. Simplesmente todos os convites eram recusados. O que ficava eram as análises do comitê das mexeriqueiras, com Carola a frente:

— Vocês já viram, agora todo mundo convida José para ir em sua casa, oferecendo o xibiu das filhas em troca de prestígio. Isso é uma pouca vergonha, não existe mais respeito pelos filhos, pelo poder, daqui há alguns dias até as mulheres esses sem vergonhas estarão oferecendo a estes fedelhos.

Não tinham decorridos nem dez dias da estada de José em Salvador quando um carro do governo parou a frente da prefeitura procurando por José e pelo prefeito. José estava na fazenda e tratou logo de vir, Olegário que estava em casa veio imediatamente. Eram os homens encarregados de fazer o levantamento do local para a instalação da agência do Banco do Brasil. Foram alojados na pensão de Helena e em dois dias resolveram tudo, o banco ficaria bem ao lado da prefeitura, em terreno

cedido por esta e no mais tardar em trinta dias dariam início à construção. Mais do que depressa uma faixa foi colocada no local onde se lia: “FUTURA SEDE DO BANCO DO BRASIL DE SÃO SEBASTIÃO DA CAATINGA”. O povo que já acreditava no seu líder, acreditou mais ainda. Tobias ressuscitava minuto a minuto, sob a forma de José.

O nome de José corria longe e com a notícia da instalação breve da agência bancária, aí mesmo que seu prestígio cresceu mais ainda principalmente nos outros municípios, não havia final de semana que não fosse chamado para ir a uma festa, à inaugurações, convite era o que não lhe faltava e todos que podia comparecia levando sempre Luis consigo. Essas andanças para os dois tinham interesses duplos, além dos contatos políticos aproveitavam para fazer negócios também. Numa dessas idas, mais precisamente em Valente, José conseguiu arrematar a preço bem baixo, cem cabeças de gado, Luis, em Cuité, negociou grande quantidade de sisal também com preço reduzido. Devagar os dois iam assumindo o controle dos seus ramos de negócios. José comprava e o seu pessoal pegava posteriormente, e mesmo acontecendo com Luis. Das quinhentas cabeças que começara, hoje estavam em torno de oitocentos, e olhe que a seca mal começara. Adamastor não, preocupava-se somente em dar um novo estilo à fazenda, o gado era o mesmo.

Em Euclides da Cunha, Tereza já recebera a visita de Ribamar, por inúmeras vezes, sempre que podia lá estava, ao lado daquela que fazia-o sentir-se no paraíso. Tereza enlouquecia-o de tal forma que começou a acelerar sua ida para Salvador. Tereza sorria, no fundo de sua alma sentia o sabor da vitória. Ser mulher não é pra qualquer uma, ser mulher e ser política era algo muito mais nobre. Era a união do prazer ao poder e Ribamar a seu lado era um adolescente que corria, sorria, dizia palavras desconexas. Tereza fazia crescer dentro dele o sentimento do insuperável, usando para isso o favo mais puro e mais doce e o calor de grutas escuras que o fazia tremer de medo, de perder-se de sua guia preferida.

Esteves Lima não mais voltara a São Sebastião desde a morte de Tobias, de Florinda sabia por José, receava que não sáísse daquele estado. Tatiana começava a insistir em querer vê-la.

José, sempre que tinha condições, ia a Euclides da Cunha e com a permissão de Esteves Lima, começou a trazer Luis também. Costumava acompanhar o coronel pela fazenda, vendo o gado, inspecionando as cercas, apreciava a maneira como conduzia seus negócios e a meticulosidade com que a administrava. Esteves Lima além de ser dono de uma das maiores boiadas da região, orgulhava-se também dos seus cavalos, tinha vários aos quais dispensava carinho especial, sendo também um cavaleiro de primeira linha, possuía inclusive uma pista de obstáculos onde treinava-os, era um hobby seu desde jovem. José montou vários, andou saltando alguns obstáculos, ficando maravilhado com um cavalo baio, de porte elegante que a seu comando fazia de tudo. Esteves Lima só observava, quando José terminou que chegou junto a ele, este comentou:

— Você monta muito bem e Príncipe a seu comando obedece como a ninguém. Gostei muito de ver. Dificilmente me desfaço de um animal meu porém acho que este é perfeito para você, gostaria que você ficasse com ele.

— Como é coronel? O senhor esta me dando Príncipe?

— Isso mesmo, é todo seu, sei que você cuidará dele como eu e gostaria que você aceitasse.

— Como não coronel? Inclusive me falta uma boa montaria desde que perdi Estrela, nem sei como lhe agradecer.

— Não precisa, só o carinho que você tem por nós e Tatiana justificaria mas isso não tem nada a ver, acho que vocês dois fazem uma boa dupla.

Ficaram por ali algum tempo, com José e Luis observando Esteves Lima montando em seus cavalos. Uma outra surpresa foi ver Tatiana montando junto com o padrinho que começava a lhe ensinar a arte dos

saltos. Tati montava com muita elegância e prometia ser no futuro uma excelente amazona.

Quando voltaram a São Sebastião, José mandou logo transportar Príncipe, e no dia seguinte lá estava ele, desfilando pela cidade com seu novo cavalo, cheio de imponência, cruzando ruas, passando em frente à prefeitura, agora voltava a ter uma montaria digna, que fazia inveja a todos os criadores, só usava-o para ir à cidade ou pequenos passeios. Evitava ir rebanhar com ele, esse era coisa muito especial, costumava dizer.

Mãe Preta não admitia de jeito nenhum que Florinda fosse permanecer naquele estado para sempre. Achava que era coisa passageira e que com a fé de Oxalá voltaria a seu normal. Procurava conversar com ela, principalmente quando estavam sós, porém ela se recusava a admitir tais coisas:

— Óie Mãe, lá vem suncê de novo com estas histórias, isso num existe não mãe.

Mãe Preta olhava-a, penteava seus cabelos e Florinda adormecia com um sorriso que mostrava que realmente apagara todos os fatos de sua cabeça. Mas isso não podia ficar assim, teria que assumir sua posição real afinal de contas tinha uma filha e teria que assumi-la. Ta certo que Tobias morrera, era uma peça importante em sua vida, mas não era só isso, tinha que reagir, que encarar a vida de frente, as coisas que nós gostamos não são eternas, nem nós. Ou elas se vão ou nós. Teria de haver um jeito de fazê-la voltar, mas como?

Era tradição ainda vindo da África, em todo o mês de outubro, um ritual em homenagem a Oxalá, chamando águas de Oxalá. Mãe Preta prepara tudo e nessa quinta-feira daria início aos trabalhos. Todas as oferendas foram feitas, os filhos presentes, inclusive José, o príncipe da casa. Mãe Preta esse ano dava atenção especial à Florinda. Em todas as oferendas pedia maleme por sua filha. Que Xangô, Nanã, Iansã, Oxum, Ogum, Oxumaré e logicamente Oxalá, afora os demais orixás, dessem luz a sua mente, clareassem os seus caminhos e permitissem que descobrisse o da realidade. Que Oxalá e Nanã olhassem por ela, principal-

mente por causa de Tatiana, que compreendesse que a morte não é o fim e sim o início. Que a luz que chega aos nossos olhos, que clareia os caminhos, as vezes é a mesma que nos cega e que embora enxergando, o escuro se forma e nos impede ver.

Todo o ritual de oferendas caminhou com Mãe Preta pedindo aos Orixás a luz da razão para Florinda. Depois de tudo encerrado veio então a parte mais importante, a tarde começava a cair e a noite daí há pouco estaria presente e desse momento em diante as pessoas emudecem, não sendo permitido a ninguém conversar. O silêncio é total. Todos se recolheram e começou então o período de reflexões que vai até os primeiro raios de sol. Nesse intervalo cada um procura olhar para dentro de si e enxergar qual os seus erros e virtudes, procurando conversar com Oxalá, pedindo-lhe maleme pelas faltas e proteção contra algum mal. São doze horas em que cada um esta mergulhado dentro de si, num processo de auto-confissão, auto avaliação. Muitos são os que, ao passar por este período, no dia seguinte começam a mostrar um lado todo novo, que conseguem enxergar verdades nem sempre aparentes. É o eu de fora contra o eu de dentro, o real e a fantasia que são postos frente a frente. São as duas faces da vida, a que vemos e a que não vemos. Ficar calado por uma hora é um processo difícil, doze horas faz com que emirjam de dentro de nós pontos não valorizados e sobre eles nós pensamos e repensamos, aprendemos a acreditar em nós, a valorizar a nossa força interior, no poder fazer, no querer fazer, no alcançar o cume da montanha. É na realidade aprender a utilizar o poder da reflexão em benefício próprio, curar os males físicos, pelo poder do querer curar. É o momento máximo que Oxalá nos oferece para olharmos para ele e aprendermos a utilizar sua força que esta dentro de nós, é a vida real, poder cortar males que só nós vemos, arrancá-los pela raiz, é deixar nascer uma semente nova, a da esperança do estar bem. E era com esse pensamento que Mãe Preta se despediu de Florinda, pedindo-lhe que procurasse olhar para dentro de si e descobrisse qual o seu lado real.

As horas foram se passando e nada se ouvia, só o pio dos pássaros à noite, o zumbido das moscas. Quando o dia começou a clarear, Mãe Preta foi de porta em porta com seu Adjá, chamando todos para a parte seguinte do ritual. Ainda emudecidos todos pegaram tachos de barro, puseram-nos na cabeça e saíram em procissão, com Mãe Preta à frente até o poço, onde todos encheram os tachos com água e voltaram carregando-os até o peji. Aí Mãe Preta, com todos ajoelhados a sua frente, foi lavando a cabeça de cada um com a água pega na fonte. Era o momento máximo, a purificação total. Um por um Mãe Preta foi lavando, ficando por último José e Florinda. José submeteu-se ao ritual com toda a pureza, Florinda foi a última. Mãe Preta iniciou a lavagem da cabeça de Florinda, pedindo a Oxalá que tirasse de dentro dela todo o mal, que permitisse que enxergasse o dia como ele era, claro. A medida que Mãe Preta foi despejando a água, Florinda começou a soltar frases soltas, que aparentemente não tinham nenhum sentido:

— Mãe, Raimundo taí fora, diz que Maria ta aperreada.

Mãe Preta só escutou e olhou-a. Daí há pouco:

— Mãe, será que nasce, mãe? Olhe que criança linda, Mãe vou ver José, Mãe, Mãe tenho medo Mãe, ele me mete muito medo Mãe, Mãe eu amo esse home, vou mora com ele, Mãe, que linda minha filha, Tobias queria tanto, ele não tinha.

José abriu os olhos, olhou para Mãe Preta, esta fez um sinal para que deixasse e Florinda continuou seu caminho de frases soltas:

— Mãe, minha filha é linda Mãe, Tereza deixe José comer os biscoitos, não implique com ele, sempre comeu; Mãe Preta que lhe traz aqui? Tereza traz um copo d'água pra mãe, não Mãe, ta tudo bem, Tobias, Tobias, Tobias, e aí caiu em prantos chorando a morte do companheiro.

Todos olharam para ela quando gritou por Tobias, dos olhos de Mãe Preta as lágrimas rolaram e abraçada à Florinda agradecia a Oxalá por trazer a filha à realidade.

Florinda levou um longo tempo soluçando e chamando por Tobias. Quando começou a se acalmar, ainda chorando, perguntou pela filha.

Olhando para o lado viu José, abraçou-o fortemente e novamente perguntou por Tatiana. Mãe Preta disse-lhe que estava bem, não estava ali, estava em Euclides da Cunha com Esteves Lima. Pouco a pouco foi-se refazendo e, abraçada à Mãe Preta, levantou-se. Mãe Preta encerrou rapidamente os trabalhos agradecendo a Oxalá pela graça que tinha lhe concedido.

Após todos se retirarem, só ficando lá José, Mãe Preta contou-lhe tudo o que se passara, inclusive com ela, mas que agora procura-se descansar, mais tarde conversariam e se estivesse bem nos próximos dias iria até Euclides da Cunha com José, ver Tatiana. Florinda custou a adormecer porém com a ajuda de Mãe Preta, que penteava seus cabelos, conseguiu. À tarde levantou com olhar entristecido porém era Florinda real, a que Mãe Preta conhecia. Conformada, conversou muito com sua mãe, ainda com lágrimas porém dentro da sua realidade. José, à noite, passou por lá e ficou de, no dia seguinte, levá-las até Tatiana.

Bem cedo seguiram para Euclides da Cunha e ao chegarem, que Florinda e Tatiana se encontraram, se abraçaram demoradamente com Florinda alisando os cabelos e o rosto de sua filha e Tatiana chorando pela alegria de revê-la. Tereza ao ver Florinda ali, dentro do seu normal, emocionou-se. Tatiana em seguida dirigiu-se à Mãe Preta e ali reunidos ficaram por um longo período, Mãe Preta, Florinda, José, Esteves Lima, Tatiana, Tereza e Maria da Glória, no pensamento de todos uma só coisa, agora era seguir em frente, o pior já se passara.

autoografia

XIV

O primeiro sinal de prestígio de José junto ao governo concretamente surgiu quando um mês após a vinda dos engenheiros, o grupo encarregado de construir a agência bancária irrompeu pela cidade. Ai sim, São Sebastião se curvou a sua jovem liderança. Homens hospedados na pensão de Helena, que teve de se desdobrar para arrumar lugar para todos. No dia seguinte deram início aos trabalhos pois a meta era inaugurar-la na festa do padroeiro.

Florinda permanecia na casa de Mãe Preta e quase toda a semana ia ver a filha. Aceitara as ponderações de Esteves Lima, que o melhor para Tatiana era realmente morar com eles, para que pudesse ter o que o pai queria par ela. José com a recuperação de Florinda, procurava sempre estar junto a ela, dando-lhe apoio.

Florinda por sua vez mostrava-se ainda um pouco arredia a idéia de voltar a morar na casa em que viveu com Tobias, embora o próprio José, bem como Mãe Preta e Esteves Lima, mostrassem-lhe que deveria assumir a sua posição.

Por outro lado, o pessoal da cidade com a impossibilidade de reverenciar o finado, na figura de sua representante legal, Elisabete, fato que não perdoavam, elegeram Florinda como viúva oficial da cidade. Ela agora casara de véu, grinalda e tudo, e passara a ser a esposa fiel que conviveu com ele até a morte. A atitude de Esteves Lima, assumindo a criação de Tatiana, foi considerada por todos como ato por demais louvável e imbuído da mais pura fé cristã. A proclamação de Florinda como viúva oficial de Tobias podia ser observada tanto quanto andava pelas ruas, onde as mulheres mais representativas vinham lhe dar con-

dolências e também convidá-la para ir em suas casas, pois precisava sair um pouco para esquecer tudo, como, por incrível que possa parecer, o respeito que era tratado pelos homens. Verdade ou não, depois que se recuperou ninguém se atrevia a lhe dizer nada, os homens a cumprimentavam com ar tão sério e com tanta dignidade que era espantar. Esse fato devia-se somente uma coisa: Florinda quase sempre que ia a cidade, fazia-se acompanhar de José e embora fosse sozinha o respeito ou o medo por Tobias, encarnado na figura de José, estavam presentes a cada instante. Quando em vida, nunca ninguém ousou desafiá-la, agora então pior quem se atreveria a mexer com um finado? Já havia inclusive pessoas que juravam ter visto Tobias montado em seu cavalo, passando à noite pela cidade em direção a casa de Florinda. Pelo sim ou pelo não, pelo menos assim não desagradariam o além.

Depois de muito relutar Florinda resolveu abrir as portas de sua casa novamente, mas o fez com uma condição: de que Mãe Preta fosse morar com ela. Mãe Preta de início recusou porém depois aceitou pois via ser esta a única forma da filha assumir a sua residência. Em sua roça deixou duas filhas residindo e todos os dias estava lá, cuidando de tudo. Florinda aos poucos, foi voltando a sua posição inicial e agora comandava a casa sozinha.

José embora já tivesse conversado com Esteves Lima, há muito vinha se correndo com a história das cabeças de gado que acabaram ficando para ele. Aceitava quando Esteves Lima lhe falava dos filhos de Tobias, o que não achava correto era para com Florinda. Para ele o gado seria prioritariamente dela e foi com este sentimento de apropriação de algo que não lhe pertencia que claramente lhe falou. Florinda deu um sorriso:

– Olha José, você sabe que eu quero muito a você assim como seu padrinho o estimava. Antes de você me contar eu já sabia pois Esteves Lima me contou tudo. Fique sabendo que Tobias deixou-nos numa condição muito boa, não tenho com que me preocupar, somente minha filha. Tobias sempre se preocupou conosco e por isso mesmo dei-

xou uma boa soma de dinheiro aos cuidados de Esteves Lima, que nos permitirá uma independência. Ele era muito bom e sempre pensou nisso. Além disso José, gostava de você como um filho, tinha planos de ver você crescer ao seu lado e esteja onde estiver uma coisa é certa: esta aprovando seus atos. Você nada mais esta fazendo do que cumprir um desejo de seu padrinho, de ver a sua cidade evoluir, ele amava esta terra, talvez mais do que a mim e a Tatiana. Portanto você não esta se aproveitando de mim para nada, simplesmente considere isto como um último presente que lhe deu em vida e assunto encerrado, não voltemos mais a falar nisto. Tudo que se passou com você faz com que seja merecedor.

José nada falou, pegou as mãos de Florinda e as beijou. Florinda abraçou-o:

– Gosto de você como se fosse um filho, vi você nascer, crescer devorando os meus biscoitos e hoje esta aí, um homem, pena que Tobias não esteja mais aqui para te ver também, mas sem dúvida de lá te olha com alegria, a alegria que não teve com os filhos.

O trabalho na agência bancária caminhava em ritmo acelerado. José e Luís todos os dias passavam por lá como que fiscalizando. Manuel do Sisal, Olegário, João Farmacêutico e Malazartes permaneciam o tempo quase todo conversando com o mestre de obras. Padre Álvaro programara inclusive uma festa grandiosa pois não era sempre que poderia ter a oportunidade de inaugurar uma agência bancária. Imaginava fita sendo cortada, abenção ao banco com água benta, fora a missa em ação de graças. Em Euclides da Cunha, Esteves Lima estava satisfeito com o trabalho desenvolvido por José. Estivera em São Sebastião com a filha e Tatiana e fora visitar a fazenda ficando surpreso com a administração imposta e o quase dobro do gado. Seria sem dúvida um grande fornecedor seu. Aprendera integralmente os ensinamentos de Tobias. Era difícil acreditar, um jovem com pouco mais de vinte anos, conseguia levar firme todo um trabalho, Tobias tinha razão quando dizia que José seria seu substituto quando se fosse. Tereza estava ultimando seus prepara-

tivos para transferir-se para Salvador. Ribamar, no último encontro, pediu-lhe que se aprontasse pois estava dando os últimos retoques em sua nova morada e logo estaria nela. Tereza não receava morar sozinha em Salvador, pelo contrário. Na posição atual em que se encontrava ia ter medo de que? Quem iria se meter no seu caminho. A única coisa que a preocupava era Florinda: saía de sua casa com Tatiana para Euclides da Cunha, por isso numa das vindas de Florinda para ver a filha, à noite saiu com ela pelos jardins e conversaram durante longo tempo, quando então lhe colocou a par de sua situação e da oportunidade que lhe fora oferecida por Ribamar. Florinda sem se aprofundar, elegantemente concordou e até a incentivou, abrindo-lhe mais ainda as portas para o seu crescimento.

São Sebastião vivia dias de intensa euforia, as crianças não saíam de perto da construção. Para eles cada tijolo assentado era uma novidade. Helena coitada se desdobrava para dar conta do recado, a pensão estava repleta, não havia mais onde colocar gente.

Luís agora era pessoa de importância, não mais se assustava, agora possuía sua própria condução. Num dos primeiros salários mandou vir de Salvador uma cadeira de rodas e agora se locomovia de um lado a outro nela. José montado em Príncipe e Luís em sua cadeira de rodas, era a conversa preferida das meninas da cidade.

Tobias se fazia presente como nunca, principalmente no comitê das mexeriqueiras, sendo que nos últimos dias então ninguém mais duvidava. Carlota e quem soube dos fatos e tratou logo de passá-los a frente. Dizia ela que Cícero Boaventura, cidadão de Alenquer, de passagem por São Sebastião, estava em frente a farmácia de João, quando Florinda vestida de luto passou. Diz Carlota que nesse momento Cícero virou para Florinda e disse-lhe:

– Êta viuvinha da gota, bem que tu podia esquece o finado na minha rede!

Nesse instante, continua Carlota, Cícero tomou uma lambada tão forte no rosto, que além de ficar com os cinco dedos marcados, que

ninguém duvida que eram os de Tobias, ainda ficou com a cara virada para o lado, dizem até que doutor nenhum consegue dar jeito, ele agora anda pra frente, olhando para o lado. Falam também que inhozinho do Caperó, depois de tomar umas e outra no bar de Chico Pinga, quando a viúva passou por ele comentou:

– Tu inté parece! e ninguém sabe qual o resto da frase, porque perdeu a voz e esta andando de boca aberta pelos vilarejos, se escondendo com medo.

– Esse homem tinha parte com o capeta, pelo visto Florinda vai morrer mais pura do que nasceu, duvido quem vai se atrever a chegar do seu lado. Isso é que era amor, até depois de morto não larga o pé ou o chibiu da companheira.

Tereza às vésperas de se mudar para Salvador, veio a São Sebastião para poder conversar com a mãe e também com o irmão. A diferença entre elas e as irmãs eram impressionante, Mariazinha por exemplo, parecia ter quase cinquenta anos, ela não, trajando-se elegantemente, falando com desenvoltura impressionava a todos. Maria conversou com ela durante longo tempo e a filha lhe disse que não considerava sua ida para Salvador, como uma retirada, não ia lá para com o intuito de se livrar deles, ia com a esperança de crescer e junto com José, poder lhes dar dias mais felizes do que os de agora, que olhasse pelas irmãs e cuidasse de José, que era o que mais a importava em nome da família, que sempre que pudesse iria vê-los. Com José, José conversou durante toda a tarde, não conhecia a fazenda, saindo então a percorrê-la, onde colocaram um para o outro, suas pretensões.

Quando Tereza se foi, o que ficou foi o comentário da cidade sobre sua maneira de se vestir, de se posicionar, de falar. Para muitos o sucesso não crescera na cabeça de José mas em contraposição a irmã inchara por ele e por ela.

Naquela mesma semana Tereza despediu-se de Tatiana, Esteves Lima e Maria da Glória, partindo para uma nova etapa de sua vida. Sabia que agora dependeria somente dela, teria que se posicionar mais forte ain-

da, deixar de fato o lugar comum, teria que ser agora Tereza de Salvador, deixar para trás o cheiro de vacas, agora seria Tereza amante, dona de si. Dali para a frente cada passo que teria que ser muito mais pensado, Ribamar estava preso a ela por todos os laços possíveis, porém, não podia deixar que esses laços se afrouxassem. Queria que ela para ele, fosse aquele momento no qual todos procuram. Faria de sua nova casa o refúgio ideal para o homem cansado do dia a dia, o prazer, a sombra das grandes decisões, o conselho a ser seguido após um, a noite de infinito prazer, revitazilando-o com a energia infinda do amor, contida no interior dos grandes amantes.

Adasmastor com muita dificuldade, conseguiu colocar a fazenda do jeito que queria porém as dificuldades eram muitas, não encontrava pessoal de confiança para o trabalho, tudo que fazia tinha que estar ao lado. Com muita dedicação ia levando. Depois que assumiu a fazenda só esteve com Antonio e Jeremias uma única vez, mesmo assim em Salvador, para poder lhes colocar a par do que fizera. Para eles tudo que estava fazendo estava bem. Acreditavam piamente na sua capacidade e também na sua capacidade e também no nome da fazenda, junto com a lembrança do pai, que fariam que caminhasse quase que sozinha. Todos na região a conheciam, sabiam de sua capacidade. Agora era só dar tempo ao tempo e desfrutar. Elisabete ainda os questionava, pois achava que deveriam estar mais ligados à fazenda, porém não se preocupavam com as colocações da mãe, a presença de Adamastor era o necessário e suficiente, era a presença da família em São Sebastião, afinal de contas era ou não o homem de confiança da família?

Esse ano a seca castigava um pouco os pequenos fazendeiros e com isso José ia se abastecendo. Daqui e dali ia comprando. Uma das suas maiores satisfações era o afinco com que seus cunhados e seus antigos companheiros dedicavam-se ao trabalho. Por outro lado não permitia que lhes faltasse nada. Quando os via com algum problema, chamava-os separadamente, conversava e procurava da melhor maneira, ajudá-los. Ninguém nem pensava em deixá-lo, pelo contrário, vários foram os

pedidos para trabalhar na fazenda, porém não tinha como aceitar. Nunca dizia não, pedia-os para aguardar e na primeira ocasião os chamaria.

Com a chegada do final do ano, a chuva começou a cair melhorando as condições de todos. José teria que repassar grande parte do gado a Esteves Lima, pois daí a pouco seria impossível acomodar maios. Dê acordo com o combinado, as quinhentas cabeças ficariam por conta da fazenda e com quase o mesmo aferiu lucros vultuosos. Sentia-se plenamente realizado. Com o que economizar e o que ganhou, triplicar seu capital. Agora era manter o ritmo e seguir o caminho traçado. Na cidade ninguém mais questionava sua liderança, era Tobias em carne e osso. Como quase sempre estava com Florinda ou se dirigia a sua casa, o comitê, cochichava em voz bem baixa, pra nem Tobias escutar:

- Inté acho que ta deitando rêde cum Florinda.
- Qui é isso muié, num vê qui podia se fio dela?
- Mais num é por ele, é Tobias qui num larga o pé detrês Florinda!

José, o filho do raio, do vento, da chuva, do trovão, José o causador do cadeado no chibiu, era agora Tobias em carne e osso que voltara a deitar rede com Florinda e nem respeitava Mãe Preta.

São Sebastião respirou aliviada quando soube, por Malazartes, que Pedro Capão vendera sua propriedade para um fazendeiro de Monte Santo, Tertuliano Natividade que, ao que se soubesse, não exercia atividades políticas, só comerciais. Por outro lado, não se ouvia mais falar do processo que corria contra ele. Se não fosse pelo fato da venda da fazenda, a cidade mesmo nem mais tocava no seu nome. O único que se preocupava era o Doutor Barthilotti, mas mesmo assim, por precaução a José.

A primeira investida comercial de Adamastor na tentativa de se desfazer da criação para dar lugar a uma nova remessa, foi catastrófica. Todos os compradores da região repassavam para Esteves Lima, e o preço que ofereciam era ridículo. Só havia uma solução, negociar diretamente com ele, como fazia Tobias. Adamastor procurou-o para propor-lhe a compra porém elegantemente este recusou a oferta por não ter mais

onde colocar. Adquirira uma grande partida e agora teria que se desfazer dos que possuía para depois então pensar em comprar de novo. Se tivesse paciência quem sabe, daí Há uns sessenta dias poderia ficar com o lote todo. Adasmastor sem saber o que fazer recorreu a Antonio e Jeremias, que xingaram Esteves Lima de tudo quanto foi nome, mas resolveriam a situação. Alguns dias após concretizaram o prometido, só que com o preço quase igual ao que ofereciam na região ou seja menos da metade do que pagaria Esteves Lima. Esse foi um duro golpe para eles, se o pai estivesse ali comentava Elisabete, venderia pelo preço que quisesse. Jeremias e Antonio foram agressivos com a mãe, quando lhe disseram que se ele fosse vivo venderia pelo preço que quisesse, mas daria a metade para aquela vagabunda, Agora não, além de não fazer aliança com aquele velho nojento, conseguimos tirar da fazenda os maus elementos e agora com a primeira experiência iremos procurar quem compre com preço justo. O que se ganhou dá tranquilamente para pagarmos as despesas feitas e ainda ficar com uma boa parte afinal, disse Jeremias, temos algumas reformas temos algumas reformas para fazer e também estamos pensando em trocar de carros. Aliás mãe, Tobias esta pensando em passar uma temporada na Europa, especificamente na Italia e Grécia e também no Egito e pensamos que a senhora poderia acompanhá-lo. Já conversamos com ele e ele aprovou a idéia, ele vai a estudos e a senhora a passeio, o que acha? Será bom para a senhora ver coisas novas, a senhora que sempre gostou de viajar, terá a oportunidade de ver tudo que sempre quis. Imagine, Londres, Paris, Roma, Madri, Lisboa. Será maravilhoso para a senhora. Elisabete tentou ponderar que os gastos seriam muito altos, porém estes disseram que não, estavam dentro do programado. Não se preocupasse, se o pai sem estudos praticamente chegou aonde chegou, eles, com toda sua formação, só poderiam crescer mais ainda. Era somente questão de aparar algumas arestas e entrosar-se com os homens certos, agora que estavam escolados, na próxima venda ela iria ver como conseguiríamos lucro por aquela e pela outra venda.

– Se papai conseguia, porque não conseguiremos?

Jeremias e Antonio, vendo a dificuldade que Adamastor teria para vender o gado, desobrigou-o de tal tarefa, ele agora administraria a fazenda, compraria o gado da região e só. A venda seria feita por eles, com pessoal que fariam contato.

José, Luís e Esteves Lima deram boas risadas quando este lhes contou da sua recusa e que inclusive ficara com pena:

– Agora vejam só, aqueles quase dois metros de homem, com aquele vozeirão, quase chorou quando recusei, só faltou me implorar para ficar com o gado. Mas agora vai ser deste modo, se vier me procurar só comprarei se for pela metade do preço de mercado. Aqueles moleques pensam que podem fazer o que bem quiserem, pois sim. Só vão conseguir vender lá pra Feira, assim mesmo nunca igual ao nosso preço. Lá eles pagam sempre menos, deixa acontecer para eles aprenderem. A pobre coitada da mãe é que não tem nada a ver com isto, mas aqueles dois precisam tomar uma lição.

Faltava uma semana para o dia do padroeiro e o banco estava praticamente pronto. A cidade agora se enfeitava par o grande dia. A inauguração da agência era esperada por todo o cariri, principalmente por ser esta a primeira no meio da caatinga. Fora dali somente em Serrinha e Monte Santo. Esse era um ano de eleições e como não podia deixar de ser, a política dominava os assuntos. Para José, Luís e seus companheiros nada os preocupava pois a corrente contrária era praticamente inexistente, uma dúzia de gatos pingados, liderados por um vereador dissidente sem a mínima expressão, porém a unidade que pudesse conseguir seria usada pelo governador para toda a região.

A cidade contentar-se-ia só com a inauguração do banco no dia do padroeiro porém as articulações de José com Esteves Lima e Ribamar ficou por conta deste levar o próprio governador e todo seu secretariado para a inauguração. Quando houve a confirmação por parte do palácio de Ondina, a cidade virou um turbilhão. Apressadamente todos pintaram suas casas, as crianças e os jovens passavam da manhã a noi-

te preparando bandeirinhas. Zé do rojão avisava que preparara quatro para ninguém botar defeito, segundo ele não teria na caatinga quem não escutasse, tamanho seria o estrondo. Padre Álvaro andava feliz com tudo, principalmente porque teria a oportunidade de, além de abençoar o banco ver em ação a banda do colégio de São Sebastião, um dos seus maiores desejos que agora via concretizado.

Na programação havia de tudo, seria uma festa para ninguém botar defeito. Por sugestão de Esteves Lima, que sempre fazia em Euclides da Cunha, ele bancaria o churrasco para o povo. Semelhante ao que fazia em sua cidade, com um quilometro de fogueira, com carne e cachaça para todo o mundo. Para o pessoal da cidade parecia um sonho, a pequena São Sebastião seria o centro das atenções, o próprio Governador, era demais. Quem parecia mosca de bolo em cima de José, eram os Vereadores, todos queriam que os apresentasse diretamente ao Governador, até levá-los em suas casas para poderem conversar com mais sossego. Não tinha esquina que virasse que um não aparecesse em sua frente. Finalmente no dia do padroeiro a cidade toda acordou com o estrondo dos rojões do Zé. E daí em diante foi tudo um rebuliço só. Havia que já começara a comemorar desde o dia anterior e volta e meia escutava-se alguém já meio alegre pela cachaça, gritar:

– Viva José, José não, Viva Tobias, Tobias não, José, seja lá quem for, viva!

Uma coisa era verdade tudo era alegria, não havia ninguém de roupa velha, todas novas. Sapatos brilhando a espera do Governador. Os vereadores davam cabeçadas um nos outros. O que havia de bandeirinhas e faixas espalhadas não permitia ver o lindo azul do céu da caatinga. As faixas em agradecimento e boas vindas foram dispostas por toda a estrada desde Serrinha.

No meio da praça, em frente ao banco, um enorme palanque foi erguido, teria microfone com corneta espalhada em cada canto. A chegada da comitiva estava programada para as onze horas, seria servido um almoço a toda comitiva na própria Prefeitura e a inauguração seria

após o término deste. Esteves Lima comandavam os últimos preparativos. Padre Álvaro se entrosara com o pessoal do banco e prepara a benção do mesmo. Tatiana lindamente vestida, estava com Florinda e Mãe Preta, donde também ficou Maria da Glória a espera da inauguração. Florinda era uma das pessoas convidadas a participar da solenidade em memória de Tobias.

Olegário, bem cedo reuniu-se com Manuel, Malazartes e João e foram ao encontro de José, Luís e Esteves Lima. Nenhum deles sabia o porque da reunião às pressas, até que o Prefeito começou a falar, comunicando a todos que há dias vinha conversando com a família, andava adoentado, cansado e achava que era hora de parar, afinal estava AA frente da Prefeitura há vários anos e precisava descansar, Esteves Lima e José, ponderaram que poderiam discutir o assunto posteriormente, porém este de uma forma muito lúcida, disse-lhes que com a inauguração poderiam lançar o novo candidato a prefeito e que no seu ponto de vista, dever-se-ia dar oportunidade a alguém que sempre a desejou, um homem honesto que agora se juntara a eles, João Farmacêutico. João quase caiu da cadeira quando seu nome foi sugerido. Esteves Lima, olharam-no, o mesmo fazendo Manuel e Malazartes. José perguntou a Olegário se a decisão era definitiva, este respondeu que sim, pensara inúmeras vezes e era realmente hora de deixar ouro em seu lugar. João refeito do susto, perguntado se aceitava sua candidatura, aceitou logo. Terminada a reunião combinaram que nada seria comentado, deixariam que a notícia fosse dada no discurso de inauguração.

A comitiva do Governador atrasou por mais de uma hora, fato que fez impacientar o povo que se aglomerava nas ruas para recebê-lo. José, trajando um terno escuro de listinha, juntamente com Luís e Esteves Lima estava a frente da prefeitura quando estes chegaram. A recepção ao governador e seus acompanhantes foi esplendorosa, rojões explodiam, foguetes, morteiros, não havia quem não soubesse, em toda São Sebastião, que tinham chegado. Os vereadores posicionavam-se todos atrás de José, Luís e Esteves Lima.

Quando toda a comitiva parou, o governador foi o primeiro a saltar, vindo diretamente cumprimentar José abraçando-o demoradamente, depois foi a vez de Esteves Lima e Luís que o convidou a entrar na prefeitura. Todo o seu secretariado acompanhou-lhe os passos, fora alguns deputados que também se fizeram presente.

José foi cumprimentado um a um porém, tanto ele quanto a cidade, pararam por instantes, quando de dentro de um dos carros saltou uma das únicas mulheres da comitiva, exatamente do carro de Ribamar, Tereza, que estava linda e maravilhosa. O próprio José custou a acreditar. Vestida ricamente, com os cabelos mais curtos terminada em ondas volteadas para fora, não parecia ter saído dali há pouco tempo. José quando a viu, correu para junto dela, abraçou-a e beijou-a:

– Mana, tu estas maravilhosa, assim nem eu resisto!

Tereza sorriu:

– Gostou mano? Olhe temos muito que conversar, tem coisa boa para nós. Agora vai acabar de receber todos, depois nos falamos.

Luís de boca aberta olhando para Tereza que quando o viu seguiu em direção e beijou-o carinhosamente, em seguida foi-se, braços dados a Ribamar.

Dentro da prefeitura todos aguardavam, inclusive Tatiana, Florinda e Maria da Glória. Mãe preta se recusou a vir, estava cansada e preferia descansar. Maria e as filhas ficaram em casa e só viriam a cidade para a inauguração.

Tereza quando viu Florinda e Tatiana, foi ao seus encontros, as duas mexeram com ela pela elegância. Ribamar não saía do seu lado um só minuto.

José, Esteves Lima e Luís depois que colocaram todos em seus lugares deram ordem para servir o almoço. Os vereadores ficaram acompanhando ao largo o desenrolar do mesmo, a prefeitura não era tão grande assim e por isso não foi possível dar-lhes lugar a mesa. Após algumas palavras de José e Esteves Lima e do Governador o almoço foi iniciado ficando do Aldo de fora os comentários na cidade sob o prestígio de José.

Como não podia deixar de ser, Tereza foi notada em seus mínimos detalhes, as mulheres, que invejavam a sua posição, criticavam-na:

–Agora vejam só, o irmão com tanta projeção, tanta seriedade e ela daquele jeito. Também não era atoa que os pais sempre tiveram problemas com ela, nunca prestou, desde menina.

No banco tudo estava preparado para a inauguração, padre Álvaro já o vistoriara bem umas quatro vezes. A banda, que tocara quando da chegada do governador, esperava a gora para a hora principal.

Do lado de fora da prefeitura o povo acompanhava todo o movimento que lá ocorria, boquiabertos. Esteves Lima encarregou-se de todos os detalhes para a recepção ao governador, por isso mesmo trouxe consigo todo o grupo responsável pelo almoço, desde as cozinheiras ate os garçons.Como isso nuca acontecera em São Sebastião, era mais bque compreensível que as pessoas se acotovelassem para ver aqueles homens vestidos de calças pretas e paletós brancos, com aquela gravatinha esquisita, como falavam, passando de bandejas nas mãos, servindo a todos.

Quem também estava tendo muito trabalho, era Chico curió. No dia em que soube da vinda do governador, ficou igualzinho uma barata tonta, porém dias após o grupo encarregado da segurança chegou a cidade para poder esquematizá-la.Como isso Chico Curió se acalmou mais um pouco, porém novamente teve de remover seus pássaros e distribuí-los pela vizinhança, afinal chegava o prejuízo que tiver quando da morte de Tobias.

No dia anterior Chico Curió teve que arrumar acomodação para todos os policiais. Na pensão não tinha como, porém,ajeita daqui, ajeita dali, resolveram-se todos os problemas. A delegacia foi pintada às pressas e agora ele andava de um lado para o outro pedindo a Deus que o dia acabasse o mais depressa possível para voltar a sua tranqüilidade,poder cuidar dos seus pássaros calmamente.

Após o término do almoço todos se dirigiram ao palanque para dar inicio cerimônia de inauguração do banco. O povo se aglomerava, to-

dos procurando os melhores lugares. A imprensa dava total cobertura. José dera entrevistas, Olegário também. Manuel e Luís foram abordados quanto aos aspectos da cultura sisaleira, fotografias eram tiradas a cada instante e quando os vereadores percebiam que tal ia acontecer, quase se jogavam em cima das autoridades para também poderem sair.

A cerimônia da inauguração levou quase três horas, com discursos longo sendo proferidos. O primeiro a discursar foi Esteves Lima, porém um dos pontos altos foi José, que após agradecer a atenção do governador para com o seu povo, puxou para junto de si, Florinda e Tatiana, e pediu a todos que naquele instante lembrassem o quanto um grande homem tinha feito pela cidade e desaparecera tragicamente por defendê-la. Gostaria que todos tivessem na lembrança a imagem do seu padrinho, Tobias de Azevedo, ali representado por Florinda e Tatiana. Nesse momento todos se irromperam em palmas e, em coro, começaram a gritar:

– Tobias, Tobias, Tobias.

Para José poder voltar a falar custou um pouco porém quando continuou então comunicou a todos o lançamento oficial da candidatura de João Farmacêutico a prefeito. Olegário Macambira, por sentir-se cansado e adoentado, preferira para suas atividades políticas. João sentiu um frio percorrer-lhe a espinha quando o povo começou a gritar seu nome. Senti ali o gosto inicial de uma vitória que perseguira durante muito tempo e que lhe tirara a saúde em determinada ocasião. O último a discursar foi o próprio governador, que foi mais rápido do que todos. Em seguida todos se dirigiram a agência com padre Álvaro, após o governador cortara fita, abençoá-la jogando água benta para todos os lados. Após o encerramento da solenidade, o governador e a comitiva retiraram-se rapidamente ficando na cidade Ribamar e Tereza. O resto seguiu viagem de volta a Salvador.

Com o fim da solenidade José, Luís e Esteves Lima mais Ribamar, Tereza e Maria da Glória dirigiram-se até a casa de Florinda, voltariam mais tarde para dar início ao churrasco de um quilômetro. Ribamar,

agora mais desinibido, permanecia o tempo todo ao lado de Tereza, conversando com José.

Mesmo após a partida do governador, os foguetes continuavam explodindo, de lá ninguém arredava, esperando o churrasco. Quando José e os demais voltaram, Esteves Lima acendeu o rastilho da fogueira de um quilômetro. O povo todo aplaudiu. Daí apouco a carne e a cachaça começaram a ser servidas podendo se ver no rosto de cada um a alegria que se traduzia para José e seus companheiros na manutenção da prefeitura por pelo menos mais quatro anos e o contentamento de João Farmacêutico, que era cumprimentado por todos.

Alguns vereadores ficaram muito irritados por não terem sido comunicados da saída de Olegário da prefeitura, achavam que o candidato deveria ter sido escolhido dentre eles. José e Luís foram taxativos.

– Quem quiser se candidatar, que se candidate, nosso candidato é João Farmacêutico, agora se nos dão licença, e viraram as costas deixando-os a praguejar.

No meio da praça o grupo do calundu cantava uma música que fazia com que os casais formassem uma grande roda e um a um fossem entrando e marcando seus passos animadamente;

– Nessa roda
Não tem um rapaz
Que dê uma fita
De xita lilás
Eu dou, eu dou,
Eu dou, morena
Eu dou.

Já era bem tarde quando a festa começou a terminar. Todos foram se retirando. Esteves Lima, Maria da Glória e Tatiana foram dormir na casa de Florinda. Ribamar e Tereza foram para a fazenda Estrela.

Ribamar, após um bom banho, recolheu-se ao quarto que lhe foi reservado, estava cansado da maratona que vinha fazendo. Tereza aproveitou para sair com o irmão, a conversar. José contou-lhe sobre seus bons negócios e o lucro que obtivera. Falou-lhe também das dificuldades que Adasmastor tivera para se desfazer do gado e que no fundo sentia muito, não pelos filhos de Tobias e sim pela madrinha, mas negócios eram negócios, e eles que se virassem. Tereza foi objetiva mudando o rumo da prosa.

– Mano fiquei sabendo por Ribamar que estão solicitando a permissão para construir um abatedouro e um frigorífico em Alagoinhas, porém não é pra boi não, é para jegue, cavalo e burro!

– Como é que é mana?

– Isso mesmo que você escutou. Os homens vão começar a matar cavalo, burro e jegue, para mandar para fora e é coisa para começar daqui há um ano ou menos. Eu pensei logo em você, ninguém está sabendo de nada, o que você acha de sair comprando tudo o que puder re quando os homens chegarem você estoura a banca.

– Mas mana, você tem certeza disto?

– Tenho José, o próprio Ribamar foi um dos consultados sobre o assunto.

– Nesse caso, amanhã mesmo começo a comprar, ninguém dá muito valor a este tipo de animal aqui na região e se for como esta falando, dá para encher a burra.

– Tu ainda dúvidas de mim homem de Deus.

– Não Tereza, é que me pegaste de surpresa, nunca pensei que pudessem comer carne de jegue.

– Pelo jeito que Ribamar falou não é coisa pequena não, e você comprando agora o que puder por aqui poder negociar a quanto quiser.

– Olhe, não sei na, mas não acho que com você em Salvador, as coisas para nós dois vão ficar muito boas.

Também acho, principalmente porque pelos serviços feitos por Ribamar, o governador o escolheu para ser um dos candidatos a deputado

nas eleições, ele ainda titubeou mas aceitou e tu já viste que São Sebastião vai ter que votar toda nele.

– Podes deixar comigo, eu e Luís nos encarregamos junto com Esteves Lima de abarrota-lo de votos por todo o sertão, e só vocês trabalharão o resto. E tem mais, por você faço tudo. Agora me conte, como que você está?

– Muito bem, o homem quer que eu estude para poder chegar aos bons postos, por enquanto, falou sorrindo, sou só sua assessora das boas horas, mas está tudo ótimo.

Permaneceram conversando durante longo tempo até que se recolheram.

Pela manhã, José Ribamar e Tereza foram direto a prefeitura, já encontrando lá Esteves Lima, Luís e os demais. Ribamar então fê-lhes a comunicação oficial de sua candidatura a deputado e que esperava o apoio de todos. Após conversarem durante algum tempo, saíram todos andando pela cidade, parando aqui e ali, com os vereadores logo se juntando ao grupo.

Tereza, vestindo uma calça esporte, com uma camisa vermelha caindo-lhe sobre o quadril, marcando-lhe a silhueta do busto, os cabelos muito negros terminando num rabo de cavalo, chamava a atenção de todos. As mulheres paravam para cumprimentá-la, ela agora crescia a olhos vistos. Estava junto das altas personalidades, muito mais que Elisabete, que fora para a Salvador para cuidar dos filhos e a abrir caminho para Tobias, a cidade começava a perceber que Tereza, pelo seu jeito descontraído, às vezes agressivo e estando junto a uma das grandes autoridades estaduais, que seu objetivo era muito maior do que se juntar a um homem próspero. A medida em que ia passando e conversando começava a demonstrar, principalmente às outras mulheres, que ao contrário de seu uma imigrante era mais uma a lutar por São Sebastião. Conversava com todos de uma forma que deixava homens e mulheres boquiabertos. Até ali se acostumara a seu uma serviçal de Tobias e de repente ela surge no cariri, parecendo uma guerrilheira,. Com idéias

avançadas, fazendo política abertamente. O comitê não perdoava, para elas mulher nasceu para dentro de casa, saber lavar, passar, cozinhar e servir ao marido quando necessário. De política a única coisa que sabiam era o nome do candidato que tinham que colocar no voto no dia das eleições, assim mesmo que o marido lhes dizia.

Agora vejam vocês, hoje tai com esta pose toda, amanhã toma um chute no traseiro e vai terminar onde? Nos castelos de salvador. Até acho que José deveria chamar atenção dela, afinal é sua irmã e não fica bem, onde já se viu, mulher direita sair parando daqui e dali, no meio de um grupo de homens a discutir, só falta mesmo é parar no bar de Chico pinga e tomar cachaça com eles.

Tereza\ sabia que aquela atitude de sair com José e Ribamar e o resto do grupo pela cidade iria levar a este tipo de comentários porém pouco lhe importava. A cidade tinha que começar a enxergá-la também como uma política pois, querendo ou não,\ela caminhava para o que projetara para si, o crescimento político. Seria um exemplo para que outras mulheres da região saíssem de suas tocas mofadas para descobrirem que cada uma tem direito a seu espaço e se o queremos do nosso jeito tem-se que lutar para isso.

Depois de percorrerem toda a cidade foram almoçar na casa de Florinda. Naquele mesmo dia Tereza e Ribamar voltaram a salvador com a certeza para ela que um grande passo dera em direção as suas pretensões, e Ribamar, que se dependesse do cariri, já estaria eleito. Com o apoio de Esteves Lima e José, e o que também o impressionara, a popularidade de Luís, com isso, não tinha o que temer, agora seria trabalhar as outras regiões e ver o que aconteceria.

Esteves Lima só partiu bem mais tarde pois José aproveitou para colocar-lhe a par das novidades trazidas por Tereza e sua pretensão de diversificar, pois achava que conseguiria ganhar mais algum dinheiro. Esteves Lima disse-lhe que já sabia do grupo que instava se instalando em Alagoinhas, era um grupo forte que não tinha mais idade para novas venturas, porém pára José, jovem como era, deveria realmente abrir essa

nova frente que representaria, com quase toda certeza, um grande passo na sua independência. Ele até o ajudaria, se assim fosse necessário. As colocações de Esteves Lima foram o último sinal que esperava para começar logo a comprar.

Passada algumas semanas, saindo da euforia dos primeiros dias do funcionamento do banco, tudo se estabilizou, porém aqueles dias foram agitados, com toda a cidade querendo depositar suas economias na agência. José Raimundo Cantuário, o gerente do banco, que não era de São Sebastião, veio de feira de Santana, teve um trabalho enorme, sendo que por questões de hierarquia, José, Luís, Esteves Lima, Olegário, Malazartes, Manuel do sisal e João Farmacêutico, encabeçaram a lista das novas contas, depois os demais moradores .

José entrou com os dois pés firmes na compra de jegue, cavalo e burro. Comunicou a Luís seu interesse, e saiu comprando. Pagava por uma dúzia de jegues menos do que o preço de um boi. José ia comprar gado, via o que queria, ofertava e ia levando, ninguém entendia porque, mas já que queria comprar, comprasse.

João Farmacêutico vivia dias de intensa euforia, nem parecia que tinha sido operado. No dia da inauguração, quando o povo o aclamou, chegou a chorar de tanta alegria. De lá para cá estreitara mais ainda seus laços de amizade com José, Luís e o resto do grupo, não mais saía da prefeitura, procurando entender todo seu funcionamento.

Manuel e Luís do sisal, aos poucos iam dominando os negócios do seu ramo, na região. A entrada de Luís na beneficiadora fizera com que os últimos redutos que ofereciam resistência a Manuel fossem quebrados. Luís, mais jovem e com a fama que conseguira, ia dia a dia fechando mais negócios. Os ganhos aumentavam de mês a mês, tanto que já pensavam em aumentar o depósito. Manuel, neste intervalo, comprara mais algumas máquinas e, se antes incomodava os concorrentes agora então que o movimento de caminhões levando sisal para a capital, aumentava, tirava-lhes mais um pouco dos seus sonos.

Quem não conseguia mais suportar o movimento em seus negócios era Helena. Com a presença do banco e o aumento no movimento do sisal, suas acomodações tornaram-se pequenas. Ainda pensou muito, não era tão jovem como quando começou porém não tinha outra solução, o jeito era aumentar o número de quartos.

Helena, que casara muito cedo e enviudara ainda não tendo trinta anos, teve deste casamento dois filhos: Corália a mais velha e Francisco. Embora os dois fossem casados, na atualidade eram eles, desde pequenos, seu braço direito no lidar com a pensão, e foi muito pelo apoio dos dois que resolveu ampliar suas acomodações o que representaria para todos um ganho a mais.

Padre Álvaro há algum tempo vinha pensando em utilizar as instalações do colégio para poder ensinar também os adultos. Imaginava aproveitar o horário da noite, onde poderia reunir principalmente aqueles que desejassem aprender. Essa iniciativa encontrou apoio de todos, especialmente dos mais jovens. Por influência de Álvaro, José e Luís voltaram aos livros e mostravam um interesse em aprender fora do comum. A oportunidade para eles era fundamental pois embora o que soubessem permitisse que levassem seus negócios sem problemas, como seus contatos se alargavam, fazia-se importante que mostrasse alguma coisa a mais. Papel importante, além de padre Álvaro, tiveram Esteves Lima, Ribamar e Tereza que os aconselharam muito para isto.

Mãe Preta dividia todo o seu tempo entre sua roça e a casa de Florinda. Gingava e chocalhava como sempre. Porém lá estava, firme. Florinda principalmente após a inauguração do banco passara a receber muitas visitas em casa, das senhoras da sociedade São Sebastianense. Alguns convites para receber homenagens em outras cidades, a quase todos recusava e quando não tinha como, José e Luís serviam-lhe de companhia. Visitava Tatiana quase sempre, não abandonava a filha de jeito nenhum. Na nação era a mesma filha de Iansã, dançando livremente para sua mãe. Sua filha, mesmo morando com os padrinhos, nas grandes fes-

tas sempre se fazia presente, não esquecera a avó e continuava reverenciando Nanã com a elegância que todos acostumaram a ver.

Tereza deixara de ser motivo de mexericos do comitê alguns dias após sua partida. O que ficou foi a nova imagem que apresentou a cidade. Ninguém mais duvidava da sua importância na capital, ainda mais num ano em que as eleições tomavam conta de todas as rodas.

A medida em que o tempo ia passando o que se observava era a consolidação das posições de José, e Luís. Esteves Lima passara a ser visto na cidade como um benfeitor. Ribamar, o político que olhava pelas causas do cariri, fato que veio se confirmar quando chegaram as eleições, não havendo necessidade de nenhuma manobra mais agressiva para a eleição de João Farmacêutico. O candidato adversário sofreu uma derrota estrondosa. São Sebastião em peso elegeu-o, bem como garantiu a Ribamar votação maciça, também pudera, as vésperas da eleição, ele esteve por lá com Tereza, já bem mais desenvolta e atraente e quando retornou, deixou-a na cidade a cuidar dos seus interesses.

A eleição de Ribamar como deputado estadual foi das mais tranqüilas, um dos mais votados no estado, com toda a caatinga referendando-o como seu representante, aprovando sua ligação com Tereza, a representante de todos junto ao governo.

Para José e Luís estes foram os frutos que colheram com sua influência. Para a cidade não poderia ter sido melhor, para os dois também não.

Eleições passadas, vida em frente. As previsões de Tereza em relação ao abatedouro em Alagoinhas, se concretizaram. José, por conselho de Esteves Lima, manteve-se em posição de reserva. Quando aquele inaugurou, que seus compradores começaram a percorrer a região a procura de animais, conseguiram-no em pequena quantidade, sendo obrigados a bater às portas da fazenda Estrela. José, a esta altura, possuía uma quantidade de animais, que para o frigorífico significava um bom suporte, mas ao preço que queriam pagar, José simplesmente recusou, queria quatro vezes mais. No fim, após uma semana de idas e vin-

das, vendeu todo o lote pelo triplo do preço ofertado, com o compromisso firmado de ser o fornecedor da região. O ganho de José com esse negócio deixou-o quase independente financeiramente. O capital investido em relação ao que recebera, não tinha nem comparação. Por outro lado, como não se descuidara do gado, daí também conseguiu embolsar boas soma.

Nesse ano Adasmastor fez de tudo para crescer a fazenda de Tobias. Se só o esforço e dedicação bastassem os seus patrões estariam bem, porém continuavam suas dificuldades para comprar o gado na região. Até que ele cuidava bem, quase não perdera nenhuma cabeça, mas na hora de vender, o que se viu foi novamente Antonio e Jeremias quebrando a cabeça, não conseguindo um bom preço para o seu gado. O que reclamaram foi uma coisa de doido, porém nada mais podiam fazer a não ser reclamar mesmo.

José via com tristeza essas dificuldades pois aquela era a fazenda onde crescera, onde se acostumara a ver seu padrinho comandando tudo. Atualmente até se dava com Adasmastor, com ele não tinha rancores, mas também não o favorecia em nada.

Quando da posse de Ribamar, José e Luís foram a Salvador como convidados. José, há muito vinha alimentando o desejo de se avistar com Elisabete, gostava da madrinha e queria ter com ela uma conversa franca sobre a fazenda. Quem se encarregou de tudo foi Tereza que convidou-a a passar uma tarde em sua casa. Quando Elisabete lá chegou encontrou José. Os dois ao se verem, abraçaram-se emocionados. Elisabete apresentava um ar bem envelhecido. Par que a conhecera sempre elegante, bem cuidada podia notar nas rugas do seu rosto o passar dos anos. José após relembrar muita coisa, falou-lhe de suas preocupações com ela e a fazenda. Colocou-lhe, de uma maneira clara, as dificuldades porque passava Adamastor e que só via uma maneira via um maneira de conseguir levanta-la e era a única. Que ela convencesse os filhos a conversar com Esteves Lima, pedir-lhe desculpas pelo que se passara e que, pela amizade e a lembrança do pai, este voltasse a negociar

com eles. Não havia outra solução, ou iam até ele ou então, ano após ano, a fazenda iria se afundar, não por culpa de Adasmastor mas pelos maus negócios que estavam realizando. Que ela o desculpasse se lhe estava trazendo preocupações porém doía-lhe ver as coisas do jeito que estavam, possuía lembranças muito boas de lá para ver tudo ir por água abaixo. Elisabete concordou com ele e fez ver que eram dela também as mesmas preocupações, que iria conversar com os filhos para tentar movê-los da idéia fixa de não irem até Esteves Lima, pelo bem do seu patrimônio.

Terminado o encontro, à noite, Elisabete reuniu os três filhos e teve uma conversa longa e séria com os mesmos. Tobias filho mantinha-se indiferente, para ele aquele era um assunto que pertencia aos irmãos. Já Antonio e Jeremias foram radicais:

– Com aquele velho nos não queremos assunto mamãe, se foi para pedir que nos humilhemos aquele borra botas, não adianta nem insistir, o problema todo, é o de uma recessão do mercado mas nos levantaremos a fazenda, nem que para isso nós tenhamos que colocar um outro administrador, pois estamos achando que Adasmastor não esta correspondendo as nossas necessidades; no quartel se impunha aos soldados, e onde tinha tudo para continuar a se impor, se acovardou, não tem iniciativa nem voz de comando. Não sei quem andou lhe enchendo a cabeça mamãe, mas seja lá quem for, se não foi aquele próprio velho, perdeu seu tempo, eu e Antonio já estamos planejando novas fórmulas que farão com que a fazenda volte a nos dar o que sempre deu. por ali mesmo ficaram, com Adasmastor sendo culpado pelos insucessos que tiveram.

Foi nesta época que ocorreu também o julgamento de Pedro Capão. No tribunal, os advogados de Pedro Capão tentaram de todo o jeito culpar José, não conseguiram. A astúcia e a falácia de Rafael Barthilotti foram o suficiente para desmontar qualquer iniciativa, demonstrando ser José um homem probo, oriundo de família humilde, que tinha no pai e no padrinho e no cavalo sua razão de ser. E o que se viu? Homens destruírem todo este valor:

– Excelentíssimo Senhor Juiz, não existe coisa pior a um vaqueiro que a perda de seus espelhos: seu pai e seu padrinho e também do seu cavalo, companheiro inseparável da faina diária. Por sorte, muita sorte, meritíssimo, meu cliente conseguiu escapar da emboscada que lhe foi preparada e o ódio que foi tomado, pelo que viu fazerem ao pai e ao padrinho, foi o estopim para que dentro da caatinga, fosse por legítima defesa, destruindo seus perseguidores que não o poupariam se o pegassem. A defesa de Pedro Capão sustentava a tese do comportamento de José, o desrespeito às mulheres da região como fato por demais sabido na cidade. Apoiaram-se ainda na agressividade de José e nas últimas palavras de Ludovico Santos, quando ainda preso, que confidenciara aos colegas de cela que confessou sob coação. Acusações de ambos os lados, um debate aqui, outro ali, no final para José não houve nada. Pedro Capão, pela negação e falta de provas foi absolvido, como já era esperado por todos, após a morte de Ludovico Santos.

Quem acompanhou todo o julgamento esperando uma condenação por José, foram Antonio e Jeremias, achando que se ele fosse condenado, o seu prestígio cairia, bem como de seu protetor, Esteves Lima, o que eletrizaria de novo o moral de sua fazenda. Com tal não aconteceu, o que restou foi a imediata dispensa de Adasmastor. Para isso tiveram que correr todos os lados a procura de alguém que entendesse do negócio, que tivesse prática e sucesso. Depois de muito procurar conseguiram um com ótimas referências, administrador de capacidade que conhecia todos os grandes criadores da região, Sebastião Raimundo das Neves, conhecido em Serrinha, seu local de origem, como Sabá dos seis dedos por apresentar, como o próprio apelido falava, seis dedos em cada uma das mãos. Corria a fama lá e nos arredores, que Sabá dos seis dedos era o único capaz de comprar e vender gado do jeito que queria. Era um homem viscoso, difícil de ser encostado na parede e perder um negócio para qualquer pessoa. Sebastião Raimundo das Neves, nesta época trabalhava para um dos grandes fazendeiros da região e numa jogada silenciosa, Antonio e Jeremias conseguiram que largasse o empre-

go e aceitasse seus convites. Para tanto dobrariam o seu salário, que inclusive maior do que o pago a Adasmastor, e dar-lhe-iam dez por cento sobre os lucros obtidos na compra e venda do gado.

Sabá dos seis dedos, que não era nada bobo, concordou e prometeu aos seus novos patrões que em um ano a fazenda estaria abarrotada de tanto gado, que nem acreditariam. Antonio e Jeremias, ainda fizeram-lhe ver-lhe que após a morte do pai Esteves Lima e José assumiram o controle da região e que teria dificuldades, tanto na compra como na venda do gado.

Sabá mascou seu fumo, deu uma cuspidada de lado e em cima dos seus um metro e setenta, nem gordo nem magro, braços longos, com rosto moreno queixo e nariz afilados, com seus cabelos tendendo pro grisalho simplesmente falou:

– José, num é aquele moleque que tava com o pai de ocês quando morreu?

– É ele mesmo Sebastião, te cuida que ele não presta.

– Inhô pensa que eu, Sebastião Raimundo da Neves, o Sabá doas seis dedos, home curtido pelo couro do cavalo, vou me deixar levar por um guri desses, que ainda cheira a leite dasx tetas da mãe? Precisa se incomodar não, esse touro eu conheço, é touro que eu ferro sem precisar amarrar, é o velho? Quem precisa dele? Tem gente melhor na praça. Aquele já foi, tem tempo. Agora só ta esperando a morte.

Com tudo acertado, esperanças renovadas no lucro que teriam, mesmo com o alto salário, Antonio e Jeremias deixaram para o final de semana ir a São Sebastião para dispensar Adasmastor, pois combinaram com Sabá dos seis dedos que daí a quinze dias ele assumiria o controle da fazenda e este seria o tempo que Adasmastor teria para ajeitar sua vida e se retirar.

Adasmastor, mesmo com seu jeito rude, sua voz grossa, nesse dois anos conseguira fazer amizades com todos. Até já aprendera a gostar daquela vida pacata da cidade pequena. Difícil era o dia em que não ia a cidade. O próprio José gostava dele, o que sentia era magoa pelos fi-

lhos de Tobias porém quanto a ele não, Adasmastor sempre o tratou muito bem.

Acontece porém, que a notícia da dispensa de Adasmastor chegou a São Sebastião da Caatinga primeiro que tudo. Como Sabá dos seis dedos era muito conhecido e falava mais do que devia, em pouco tempo toda a Serrinha sabia que o novo administrador da fazenda do falecido Tobias seria Sabá dos seis dedos. Quando a notícia chegou aos ouvidos de Adasmastor, este simplesmente queria largar tudo e ir embora. A muito custo, sua mulher e as pessoas da cidade conseguiram convencê-lo a esperar pelos patrões, se é que era verdade.

Quem gostou muito da demissão de Adasmastor, foram Manuel e Luís do sisal. Com o crescimento dos negócios e o grande movimento de caminhões ficou difícil para eles comandarem tudo e precisavam de um homem tipo de Adasmastor que se impusesse aos caminhoneiros, a maioria muito rudes. Com a oportunidade surgida, os dois propuseram-lhe logo o emprego, inclusive com salário superior ao que ganhava, não tendo portanto que deixar a cidade se realmente fosse dispensado.

No final de semana quando Antonio e Jeremias chegaram a fazenda foram recebidos por Adasmastor com cara de poucos amigos, que foi logo perguntando se era verdade que iria ser dispensado. Os irmãos se entreolharam e Jeremias confirmou:

– É sim Adasmastor, viemos aqui para acertar com você sua saída da fazenda, achamos que você não se adaptou muito bem às suas novas funções e não podemos perder dinheiro do jeito que estamos perdendo, por isso resolvemos dispensá-lo do seu compromisso conosco e dentro de quinze dias um novo administrador, mais acostumado com este tipo de negócio, estará aqui, neste período você procura outro tipo de trabalho.

Adasmastor, com olhar furioso, virou-se para os dois e com palavras descarregou sua ira:

– Olhem, eu sempre fui honesto com os senhores, porém essa honestidade não estou encontrando nos senhores, se a fazenda esta do je-

to que esta é porque os senhores só querem tirar mas não dão um passo, dentro do orgulho de vocês, para melhorarem as coisas. Agora os senhores podem ir direto chamar o homem que contrataram e trazê-lo ainda hoje poque eu aqui não fico mais.

Jeremias ainda tentou gritar com Adasmastor, porém este gritou mais alto, dizendo-lhe que o tempo em que ele ouvia ordens passara e que passassem bem. Como tudo que era seu já estava arrumado, saiu com a família fazenda a fora deixando os dois sem saber o que fazer.

Adasmastor e a família foram se hospedar na pensão de Helena enquanto arrumava uma casa para ele, aceitaria o convite de Manuel e Luís do sisal, disposição para o trabalho era o que não lhe faltava.

Na fazenda, Antonio e Jeremias pisavam em ovos, sem saber o que fazer. A solução seria trazer Sebastião Raimundo das Neves o quanto antes.

Deixaram são Sebastião direto a Serrinha e a muito custo conseguiram convencer Sabá dos seis dedos a largar tudo e assumir imediatamente tendo para isso inclusive que desembolsar mais algum dinheiro. Com tudo contornado, no dia seguinte Sabá já era o novo administrador. Antonio e Jeremias ficaram por lá todo o dia, retirando-se no dia seguinte para Salvador.

Adasmastor, naquele mesmo dia, começou suas novas atividades na beneficiadora para satisfação principalmente de Manuel. José quando soube do incidente, foi a pensão de Helena dar seu apoio a Adasmastor, afinal era mais uma vítima dos filhos de Tobias.

A notícia da dispensa de Adasmastor e a contratação de Sabá dos seis dedos foi o motivo de comentários durante vários dias. Raros eram os que admitiam a saída de Adasmastor por inépcia, ele fora sim, dispensado por causa de Tobias. Tobias agora, além de passear à noite pela cidade, em direção a casa de Florinda, estar presente a seu lado, em carne e osso, no corpo de José, era também o responsável pela queda dos negócios da fazenda.

A vinda de Sabá dos seis dedos para a cidade, foi encarada como uma tentativa desesperada dos irmãos Azevedo, de soerguer a fazenda. Comentava-se inclusive que este tipo de associação, vindo um administrador de Serrinha, o fora por influência do pessoal de Feira de Santana, pois já era sabido que em vida, Tobias nunca lhes deu abertura para trabalhar no sertão. Como Sabá dos seis dedos possuía ligações muito forte com os grandes compradores de lá era até possível que fosse real.

Para José, que conhecia Sabá de nome, a sua escolha, sem dúvida, possuía o dedo do pessoal de Feira de Santana, principalmente de Manèzinho Fragoso, que outrora era inimigo de Tobias, por não lhe permitir atuar na área.

Para os habitantes de São Sebastião da Caatinga a entrada de Sabá dos seis dedos a frente da fazenda dos Azevedos, iria irritar profundamente a Tobias que, se em vida não aceitava de maneira alguma o pessoal de Feira, agora então, personificado corpo e alma em José, podendo caminhar por todos os lados livremente, faria com que Sabá dos seis dedos se desdobrasse para mostrar o seu valor. Não havia meio termo, ou ele levantaria a fazenda e espantaria para longe Tobias, ou então, afundaria o barco, levando junto a família Azevedo.

Não foi surpresa para ninguém quando dois dias após ter assumido o controle, Sabá dispensou todos os empregados. Para ocupar os lugares trouxe pessoal de sua confiança, estranho a cidade. De São Sebastião não conhecia ninguém, porém foi entrando com seu jeito, parando aqui e ali, falando, prosando e deixando em cada esquina o seu recado de que chegara para levantar a fazenda, que compraria todo e qualquer lote a preço superior a oferta.

José logo ficou sabendo dos movimentos de Sabá porém não se preocupava, possuía sua clientela, tinha seu jeito de ser, o povo estava do seu lado. Com duas frentes abertas a compra de gado e de cavalo, burro e jegue, qualquer investida seria muito diluída, o lucro que obtinha era muito maior do que se vendesse o gado para o pessoal de feira. Outro aspecto era a influência do próprio Esteves Lima e também

de Tereza que conseguira fixar sua imagem de mulher política. Outro ponto positivo era seu irmão, Luís que junto com ele comandava todo o jogo político da região. Pagar mais é uma coisa, a outra é vender e poder ser socorrido a qualquer hora, por gente ligada diretamente ao governador. por tudo isto os recados, ao invés de preocupá-los, deixavam-no tranqüilo pois sabia que aquele era um reinado para um só rei e ele, por ser mais antigo na região e além de tudo trazer a imagem do padrinho junto a si, seria difícil desbancá-lo.

Adasmastor com uma semana no novo emprego, mostrava-se o homem ideal para as funções. Manuel e Luís agora tinham mais liberdade para negociar, a aquisição não poderia ser melhor.

Com todas estas alterações só duas coisas na cidade permaneciam inalteráveis, primeiro o controle político, com João farmacêutico sorrindo de orelha à orelha, pelo cargo tão almejado e segundo o brega da Cléa, o refúgio natural dos homens cansados do duro trabalho diário. Abrigados nas ancas e nos seios de suas filhas, José e Luís e todos mais, esqueciam de tudo, fazendo com que o novo dia que surgia fosse sempre direcionado pela marca do prazer. Talvez por isto, na esperança de que um dia fosse melhor que o outro, é que se deixava conduzir pelas trilhas escuras da alcova, cobertos pelo cálido manto do prazer.

autoografia

XV

Mãe Preta e Florinda pareciam nunca terem se separado tal era a união que havia entre as duas. A morte de Tobias para Florinda foi um golpe muito duro porém, com o tempo, foi conseguindo superar um pouco a tristeza e para isto a presença de Mãe Preta era fundamental. A estada de Tatiana junto a Esteves Lima, embora o fosse com sua permissão, era o melhor para ela, fazia-a ficar longo tempo pensando. Durante o dia até que conseguia se desligar de tudo, o pior eram as noites. Quantas acordava com a impressão de estar com Tobias a seu lado. Raras eram as noites em que Mãe Preta não levantava com os gemidos de Florinda sussurrando, por entre os dentes, o nome de Tobias. Nestas ocasiões Mãe Preta só olhava-a e voltava a se deitar. Aquelas horas nada podia fazer, eram suas almas que se encontravam, dizia ela, e aí o melhor é deixar que acorde sozinha.

Essa era Florinda atual, vivendo para os santos de Mãe Preta, voltando a ajudá-la na arte de aparar as crianças, porém mais que tudo isto era também a viúva de Tobias e pela cidade era sempre solicitada. José continuava sendo sua companhia mais freqüente, porém seu luto para todos permanecia.

Tatiana, por sua vez, estava ficando uma mocinha e sua semelhança com a mãe impressionava, inclusive se as colocasse lado a lado, guardando as devidas proporções, julgariam-nas irmãs, de tão parecidas. A única diferença, além da idade, era o temperamento. Tatiana mostrava-se muito mais solta, muito mais livre. Embora sempre estivesse junto à mãe e à avó, praticasse o ritual, sua ligação à Maria da Glória e Esteves Lima cada vez ficava mais forte. Na escola era excelente aluna mas

sempre que tinha tempo lá estava montada, a saltar obstáculos, a percorrer a fazenda com o padrinho. Aquele era um tipo de vida que lhe agradava, a liberdade de montar e sair pelos campos a cavalgar, a conferir o gado. No fundo, embora com todo o tipo físico da mãe, o gênio era todo do pai.

Para Esteves Lima a vinda de Tatiana veio preencher um vazio que ficara após a morte de sua mulher, bem como para sua filha. Tatiana, por outro lado, com o carinho e a dedicação que lhe eram dispensados, assumia o padrinho como seu verdadeiro pai e raras não eram as ocasiões em que assim o chamava. Estes por sua vez, desdobravam-se para que nada lhe faltasse. Uma ligeira insinuação de alguma coisa e, quase de imediato, o que queria estava em suas mãos. Às noites, os três sentavam-se no salão nobre a conversar e quase sempre Tati adormecia com a cabeça no colo do padrinho e as pernas sobre as da madrinha e mesmo curvado sob o peso da idade Esteves Lima pegava-a com toda a satisfação e colocava-a em seu quarto, luxuosamente ornamentado.

No colégio fizera várias amizades e desde que o padrinho lhe deu permissão estas vinham fazer-lhe companhia, fosse para brincar ou estudar. Conhecia todos os empregados e com seu jeito alegre e desembaraçado de se dar, fazia com que tivessem sempre para ela uma palavra de carinho, não havia quem dela não gostasse.

Uma das pessoas porém que tinha sobre Tatiana grande influência era Tereza. Afinal, esta praticamente a criou, estavam juntas desde pequena e muito se identificavam. Agora então, com Tereza morando em Salvador, volta e meia se encontravam. As visitas de Ribamar e Tereza a Esteves Lima depois da eleição daquele, se amiudaram muito e aí as duas não se largavam, passavam todo o dia falando sobre tudo. Tereza levava-lhe sempre as últimas novidades da capital, afinal agora só andava elegantemente vestida. Quando calhava de José chegar a Euclides da Cunha e encontrar Tereza, aí sim é que não paravam. Os três montados saíam a percorrer a fazenda e Tatiana então procurava dar seu show par-

ticular para os dois. Aliás, o fato de manusear os cavalos com a intimidade que possuía, era um dos orgulhos do Padrinho.

Em São Sebastião da Caatinga, Sabá dos seis dedos, depois de trocar todo o pessoal por gente de sua confiança trazida de Serrinha, começou a dar investidas em cima dos pequenos criadores, prometendo-lhes preço acima do que era pago na região. Como era querelante, nada escondia, inclusive fazendo disto sua arma para ser conhecido na cidade.

Luis e Manuel do Sisal, após a entrada de Adamastor, viram seus negócios crescerem muito, praticamente toda a região negociava com eles. Por iniciativa de Luis, começaram a pagar pelo sisal um pouco acima do que os concorrentes e o que viram foi um aumento no volume de negócios.

Luis, bem mais aclimatado ao seu ramo de negócios, fazia ver ao pai que eles deveriam partir para jogadas mais altas. Manuel que chegara aonde queria, achava que o que tinham era muito bom. Luis, por outro lado, pensava que com o mercado que possuíam poderiam partir para negociações diretas com o exterior. Porque não montar sua própria firma? Afinal de contas abasteciam grande parte dos exportadores e o sisal que compravam e revendiam era da melhor qualidade, a perda era bem menos que a dos concorrentes, então porque não usar tudo isto em benefício próprio. Ta certo que para abrir uma firma exportadora necessitariam de um jogo político alto, porém isto não seria difícil pois com a influência dele próprio, de José e Tereza, apoiados por Esteves Lima e Ribamar, sensibilizariam o governador a conceder-lhe a permissão para tal. Manuel não disse sim nem não, respeitava a opinião de Luis porém não possuía mais a força necessária para montar um negócio deste porte. Faria o seguinte: se Luis corresse atrás, conseguisse, bancaria o investimento e ele gerenciaria tudo.

Com o sinal verde dado pelo pai, naquela mesma noite, no brega da Cléa, José e Luis tiveram uma longa conversa sobre o assunto. Estavam tão sérios a falar que a própria Cléa veio até eles perguntar se esta-

va acontecendo alguma coisa séria. Prontamente responderam que não, eram os negócios.

José, de imediato, apoiou as pretensões do irmão e inclusive prontificou-se a ir com ele a Salvador e a Euclides da Cunha para conseguirem o aval de Ribamar e Esteves Lima, já que pelo lado de Tereza seria tranquilo. Depois que tudo ficou acertado, naquele final de semana, foram direto a Euclides da Cunha.

Lá, para as pretensões de Luis, não poderia ter sido melhor, tudo transcorria com um jogo de engrenagens pois como José previra que poderia acontecer encontraram juntos a Esteves Lima, Tereza e Ribamar. José e Luis, antes de colocarem suas posições, conversaram com Tereza que além de apoiá-los tranquilizou-os ao dizer-lhes que tinha certeza que contaria com o apoio dos dois e também do governador, visto que uma de suas metas era aumentar a exportação dos produtos regionais, principalmente o sisal, que haveria alguma resistência mas que provavelmente conseguiriam até financiamento para tal, José e Luis sorriram e a' sim foram conversar com Esteves Lima e Ribamar.

O apoio dos dois às pretensões de Luís foi imediato e as palavras pareciam cópia das de Tereza. Brindaram às pretensões e o apoio e marcaram um encontro dos quatro em Salvador na semana seguinte. Ribamar se encarregaria de marcar a audiência com o governador.

Tudo transcorreu como fora colocado anteriormente, com o sim do governador e inclusive encarregando Ribamar de abrir-lhe todas as portas em seu nome. Com isso, quando voltou a São Sebastião, sua firma estava montada, linha de crédito aberta e todas as facilidades que poderia imaginar. Manuel ficou boquiaberto com a disposição do filho que conseguira montar tudo em pouco tempo, de uma forma independente, sem precisar usar os seus recursos. Agora era esperar, uma coisa tinha certeza, Luis era cabra macho, agora é que via, Deus embora não desse pernas a Luis deu-lhe a força interior que impulsiona os grandes homens, o que não acontecia com os seus outros filhos, um monte de poias que ficavam a esperar cair do céu suas necessidades. Enquan-

to Luis saía, ia ao governador, conseguia seus intentos, os outros dormiam à sombra do boi. Depois, que não viessem se lamentar da vida pois tudo que Luis estava alcançando era independente de interferências suas, por mérito e prestígio pessoal.

Quando a notícia da abertura do novo negócio de Luis correu pela cidade, todos procuram-lhe para cumprimenta-lo. Afinal de contas era um filho da terra que ao contrário do que acontece normalmente, levava os interesses de São Sebastião a locais mais distantes. Aliás, era voz comum, que a sua presença à frente dos negócios, seria o fator mais importante.

Para Luis seria uma experiência nova, ir morar em Salvador, porém valeria a pena, afinal sempre fez tudo sozinho e apesar de não contar com as pernas não seria agora que elas iriam lhe fazer falta.

Para comemorar a realização, à noite foram para o brega, e aí Luis, José, Cléa e suas filhas, brindaram-lhe o êxito indo posteriormente celebrar com as meninas, a seu modo. José mostrava-se feliz pelo irmão porém, no fundo, uma pontada de tristeza por ter que se separar dele mas sabia que para ele seria o melhor.

Após algum tempo, depois de idas e vindas, finalmente Luis inaugurou a firma exportadora, conseguindo, em pouco tempo, posição de destaque entre as firmas concorrentes.

Tereza vivia em Salvador, dias de intensas realizações. Com a eleição de Ribamar em pouco tempo nomeou-a sua assessora e esta desenvolvia suas atividades com toda a garra. Não perdia nenhuma oportunidade, não se acomodava. À noite fazia cursos para recuperar o tempo perdido nos estudos. Conseguira terminar o ginásio e agora se preparava para superar o científico. Sua vida com Ribamar era quase que oficial, este passava mais tempo com ela do que em casa. Todas as viagens que fazia, fosse aonde fosse, Tereza estava a seu lado, se tornara conhecida de toda a alta sociedade soteropolitana e por todos era admirada e ou desejada. Ribamar sempre que estava junto, não arredava o pé do seu lado.

Por iniciativa própria, num destes encontros sociais, Tereza conheceu o diretor da Companhia Hidrelétrica do São Francisco, responsável por toda a eletrificação da Bahia, Otavio Pereira com quem, junto a Ribamar, conversaram durante toda a noite. Ao final, Tereza solicitou-lhe se não era possível estender a eletrificação até São Sebastião, pois isto iria trazer um grande avanço para o Cariri principalmente para a cultura sisaleira, que ainda era manuseada de forma bem primitiva. Oslávio não negou o pedido, principalmente porque este foi reforçado por Ribamar, prometendo levar a sugestão ao presidente da Companhia e que dar-lhe-ia a resposta em alguns dias.

Não se sabe se por Tereza ou Ribamar, ou por ambos, mas o fato é que a sugestão foi aceita pela presidência e que, embora a distância fosse longa, mesmo assim começariam a planejar a eletrificação da região.

Tereza, com o sim dado, no dia seguinte embarcou para São Sebastião, levando consigo Ribamar e Otavio. A chegada dos três pegou a todos de surpresa. Depois do impacto inicial veio a euforia com a eletrificação da cidade, grandes avanços poderiam surgir. Os três ficaram em São Sebastião por três dias, deixando na sua volta a alegria estampada por toda a cidade e também a certeza da liderança feminina, na pessoa de Tereza.

O comitê é que não poupou-a, para Carola e suas comandadas aquilo tudo era uma grande pouca vergonha:

— O que esta menina não esta fazendo em Salvador para conseguir isso? Onde já se viu se meter em assunto de homem, vocês viram a roupa que veio, aquela calça apertada se metendo pela vergonha adentro, de cá se via o que tinha dentro, o tamanho e o jeito. Essa menina é a vergonha das mulheres de São Sebastião, onde esta José que não vê isso?

Com a notícia, os moradores das vilas mais distantes começaram a procurar José para solicitar-lhe sua interferência de quando a luz chegasse à cidade, transferisse a usina para aqui ou acolá. Mediante tantos pedidos, aproveitando um dia que Luis estava na cidade, os grandes se reuniram com João Farmacêutico e resolveram que a usina ficaria em

Macapira, o maior vilarejo do Município. Com tudo definido agora seria esperar a chega da rede elétrica e aí sim, José prometia a todos uma festa maior do que a da inauguração do banco, se possível traria o governador novamente à cidade.

Sabá dos seis dedos, com um ano à frente da fazenda dos Azevedo, vivia momentos de alegria, conseguira elevar seus negócios e embora não cobrisse os prejuízos anteriores era um bom sinal, conseguira espantar o fantasma de Tobias. Logicamente que o seu sucesso não foi às custas do pessoal das proximidades. Para conseguir comprar teve que caminhar e muito porém conseguira alguns bons lotes. O que não entendia é como o pessoal da cidade aceitava negociar com José quando o que ele pagava era bem superior, porém também tinha os seus caminhos e era por eles que caminhava. Agora já era conhecido na cidade, conversava com todos, era até freqüentador do brega da Cléa. Quase sempre ia para lá com seus homens ou então ficavam pela cidade a beber e mexer com as mulheres que passavam, coisa que os tornavam antipáticos a todos. Sabá, que gostava de tomar suas cachaças, quando estava bem alto, aí mesmo que desandava a falar, contava suas vantagens e todos ficavam a olhá-lo com desconfiança. Numa certa noite, no bar de Chico Pinga, depois de tomar várias doses, falou alto e claro para todos escutarem:

— Olhe cambada, num vim aqui pra brincá não, vim pra tocar a fazenda dos Azevedo pra frente, vim pra mostrar pra todos vocês, seus medrosos de merda, que Tobias ta bem morto, com sete palmo de terra em cima e que num tem espírito aqui que faça Sabá dos seis dedos desistir de alguma coisa, o espírito é que tem que fugir de mim, não é à-toa que eu tenho seis dedos, e ainda tem mais, pra mostrar a vocês que eu sou Sabá ainda vou deitar rede com Florinda, pra cornear o falecido, isso é palavra de Sabá.

Nesse momento todos olharam-no estupefatos, ninguém acreditava no que acabara de ouvir e foi o próprio Chico Pinga que se encarregou de adverti-lo:

— Olhe seu Sabá, fique inhô sabendo que essa é uma cidade decente, inhô ta mexendo num vespeiro e num reclame se for picado. Florinda é muié distinta, viúva do falecido Tobias como inhô mesmo sabe, e nós num aceita esse tipo de coisa aqui não, é meiô inhô deixá a dona em paz e respeitar o falecido, num esqueça de inhozinho do Capero que ta até hoje sem fala, depois num venha dizê que nós num falamos.

— Vejam como se borram de medo de defunto, e tem mais, Florinda não é viúva coisa nenhuma, e também não é propriedade da cidade e eu vou passar com ela bem na cara de vocês pra ninguém duvidar de mim e aí eu quero ver aquele fedelho conseguir mais alguma coisa. E chamando seus companheiros saiu bar afora, deixando no seu rastro um zum-zum-zum em todas as mesas.

No dia seguinte pela manhã todas as palavras de Sabá ecoavam por toda São Sebastião. Logicamente que todos os que bebiam no bar de Chico Pinga, ao chegar em casa, comentaram com suas esposas porém foi Carola, que colocada a par em todas as suas minúcias, por Chico Pinga, que se encarregou, de manhã bem cedo, convocar o comitê e colocar no plenário a ordem do dia: Sabá deitando rede com Florinda. Todas negavam tal hipótese porém Carola chamou-lhes a atenção para que ninguém faz cerca em terra que não é sua, se ele falou é porque já tem alguma coisa, e não duvido não, ela fez o mesmo com Tobias, vai ver no fundo o que ela quer mesmo é morar na fazenda, no mínimo pensava que os Azevedo iam chamar José de volta, como tal não aconteceu, agora ta se bandeando pro lado de Sabá. Ah! Então é por isso que vem quase todos os dias à cidade, deve ser pretexto para poder se encontrar com esse nojento dos seis dedos.

Carola, a cada minuto, encontrava mais ligação:

— Minhas amigas, se estiver errada me corrijam, mas vejam só, porque Tereza saiu do jeito que é? Ela foi criada por quem? Por essa desavergonhada, e só podia dar no que deu. Não é à-toa que o padrinho de Tatiana a pegou para criar, no fundo ele sabe a boa bisca que a mãe é, e

sem o pai, não quis deixá-la junto. Vocês estão vendo, minhas amigas, como tudo se encaixa direitinho e nós aqui, defendendo a sua honra.

O comentário se espalhava com o vento, de um lado os que defendiam a ferro e fogo a pureza de Florinda do outro os que faziam seus os pensamentos de Carola.

Nos dias que se passaram os comentários eram os mesmos, Florinda agora era vigiada em todos os passos. Sabá agora assumia os ares de Tobias, ele inclusive sabedor que era motivo de toda a agitação da cidade, não fazia por menos, agora passava todo o tempo a desfilar pela cidade, montado a cavalo, olhando firme para cada uma das pessoas. Sempre que ia ou vinha da cidade mudara seu itinerário e fazia da casa de Florinda passagem obrigatória, como que para que todos o vissem.

Logo, todo esse comentário chegou aos ouvidos de José que, por acaso, estivera fora nestes dias. José quando soube quis ir tirar satisfações com Sabá porém foi contido principalmente por Manuel do Sisal que aconselhou-o a conversar primeiro com Florinda, ver o que existia de verdade para posteriormente então, se necessário, ir até Sabá. Dali mesmo foi à casa de Florinda e colocou-a a par de tudo que se passava na cidade. Florinda não se admirou pelos comentários, primeiro pelo passar constante de Sabá por sua porta e segundo, como ela mesmo contou, por causa de Carola que apareceu por lá no dia anterior, como se fosse fazer-lhe uma visita e depois de conversar algum tempo, elogiar Tobias partiu direto para o assunto perguntando se era verdade que estava para se amancebar com Sabá. Florinda disse que não teve outra resposta se não a de rir na cara de Carola, que tinha uma filha para criar e a mãe para ajudar. Homem tivera um a quem amara profundamente e agora vivia com sua lembrança.

José ponderou-lhe se não queria que tirasse satisfações com Sabá pelos comentários que vinha fazendo, envolvendo sua reputação, Florinda porém pediu-lhe para que não o fizesse, via tudo como um jogo de Sabá, para tentar esvaziá-lo, desmoralizá-lo por causa de sua influência na cidade e ela como ex mulher de Tobias. Por isso o melhor seria

deixar que a coisa ficasse no vazio e aí morreriam onde nasceram, no nada. Com isto José decidiu não interpelar Sabá porém não aceitaria que viessem lhe falar sobre o assunto.

Carlota e o comitê não deixavam que a lenha se apagasse, principalmente depois que ela colocou que estivera na casa de Florinda e que a risada que esta soltara quando lhe perguntou simplesmente lhe confirmou o quão descarada era. Não tinha dúvidas, escondida atrás daquela cara de viúva santinha o que estava querendo mesmo era assumir o controle de tudo.

Como os comentários fervilhavam cada vez mais forte, Florinda conversou durante longo tempo com Mãe Preta que aconselhou-a a não tomar nenhuma atitude, nem permitir que José interferisse, achava inclusive que poderia passar alguns dias com Tatiana, far-lhe-ia bem e com isso tudo voltaria ao normal.

A população estava totalmente dividida em relação à Florinda. Por incrível que possa parecer os homens defendiam-na a todo custo enquanto as mulheres criticavam-na duramente. E a coisa não ficava só aí, pois as mulheres acusavam os maridos de defendê-la para poder, quem sabe, deitar rede com ela também. Os homens se defendiam dizendo-lhes que o comportamento delas era por inveja de Florinda, por ser bonita e livre:

— No fundo todas vocês queriam ser ela mas não lhes chegam nem aos pés porque a moral que ostenta levanta bem alto o nome do finado Tobias, o que a impede de ficar no portão dos outros a fazer mexericos e é por isso que todas vocês a invejam, ela não se mistura com quem não presta.

Florinda, naquela mesma tarde, procurou José para comunicar-lhe que passaria algum tempo em casa de Esteves Lima, até passar aquela onda. Queria que ele fosse com ela até Euclides da Cunha e também olhasse por Mãe Preta enquanto estivesse fora. No dia seguinte os dois rumaram para a casa do compadre que ficou surpreso ao recebê-los bem como Tatiana, linda e feliz por rever a mãe. Esteves Lima quan-

do soube dos motivos da vinda de Florinda ficou irritadíssimo, não admitia que um homem pudesse ser tão baixo, porém como conhecia a fama de Sabá, concordava com Florinda que ele estava querendo era desmoralizá-la, e por associação, José, para que aí sim, tivesse trânsito livre na cidade. O melhor é deixá-lo falando sozinho. José não deveria abrir nenhuma frente para enfrenta-lo, era isso que queria, ser acuado, se fazer de vítima perante a cidade para que todos tivessem pena dele, e para isso estava usando de uma maneira bem baixa a imagem de Tobias, na figura de Florinda.

— Não se meta José, deixe que aos poucos, sem a presença de Florinda na cidade, todos esqueceram e ele verá cair por terra suas pretensões.

A ausência de Florinda só começou a ser sentida mais de uma semana após sua saída. A princípio Carlota ainda colocou para o comitê o que acontecera e que provavelmente Sabá montara casa para ela, já que os Azevedo nunca permitiriam sua entrada na fazenda. Carlota inclusive deu-se ao trabalho de percorrer grande parte da região para ver se encontrava porém depois desistiu mas mantinha-se firme em sua posição.

Sabá falava agora abertamente com todos, jurava que daí há alguns dias todos o veriam passar com Florinda pela cidade. Seus empregados inclusive começaram a perceber mudanças no seu comportamento, tanto com eles como com na fazenda. Sabá que frequentemente saía a compra de gado agora só ficava na cidade ou então desfilando pela porta de Florinda. Com a ausência desta e a casa fechada Sabá ficou mais agitado ainda. Só falava no seu envolvimento com ela o tempo todo.

Houve quem o visse inclusive bater à porta da casa de Florinda violentamente mandando que abrisse a porta, que queria entrar.

José acompanhava todo esse movimento e não falava nada. A saída de Florinda da cidade deixara Sabá falando sozinho, os grupos se divertiam quando começava a falar. José aproveitava a oportunidade para ampliar suas ligações de negócios, tinha o controle políticos e ia tocando tudo para a frente.

Em Euclides da Cunha, mesmo com a situação mais tranqüila em São Sebastião, Florinda preferiu ficar mais um pouco, principalmente pela insistência de Maria da Glória e Tatiana.

Com a ausência prolongada de Florinda, o próprio comitê convenia-se que não havia nenhuma ligação entre os dois. Florinda voltava a ser a mulher ideal, viúva oficial da cidade. O único que ainda continuava era Sabá, aliás seu comportamento agora era observado por todos. Passava o dia inteiro na cidade, pagava bebidas para quem se dispusesse a escuta-lo. No brega da Cléa ia todas as noites com seus empregados e fazia questão que tudo fosse por sua conta.

Mãe Preta, com a filha fora, aproveitava para pôr em ordem sua roça. Gingava e chocalhava como sempre, sua lucidez causava inveja porém o peso dos anos dificultavam-na no andar e a visão se tornava mais difícil, porém estes fatos não a impediam de manter seus caminhos.

José, com a ausência de Florinda, passava pela roça várias vezes ao dia, trazia-lhe tudo que necessitava e aproveitava para conversar longo tempo com ela quedado a seus pés como uma criança, ouvia-a contar a história de seu nascimento:

José, ocê nasceu na justiça de Xangô, nos dengues da Oxum, com a agitação de Iansã, e com a bravura de Oxosse. Fio, ocê é *dio duro* e o seu caminho vai só sempre assim, é só ocê fazer da justiça sua arma e Xangô fará com que os raios que forem lançados contra ocê, invés de te ferir vão iluminá o caminho por onde o fio passá, acredite no que essa preta véia te diz, muito maior inda ocê vai só e só queria ta viva pra vê, com os pouco óios que tenho.

José junto à Mãe Preta perdia até noção da hora, agradava-lhe escutar os conselhos daquela velha preta, com um coração maior do que o próprio cariri.

A liberalidade com que Sabá dos seis dedos vinha tendo no lidar com os negócios dos Azevedo começava a ser criticada na cidade. Aos poucos todos começavam a ver um final desastroso para a família, e em parte não culpavam Sabá, culpavam sim os filhos de Tobias, prin-

cipalmente porque não se interessavam pelo que se passava na fazenda, desde que Sabá assumiu ninguém mais voltou. Sabá com os resultados obtidos inicialmente e a carta branca para administrar a fazenda da maneira que bem entendesse, pois para eles só interessavam os resultados na época das negociações, fizeram-no senhor absoluto da fazenda e talvez por isto é que começou a assumir a postura que agora evidenciava. O que todos comentavam é que aos poucos ele começou a trilhar os mesmos caminhos de Tobias e aí sim, meteu os pés pelas mãos. O que não aceitavam era o desinteresse total dos Azevedo pelo seu patrimônio e que se não fosse feito algo em pouco tempo perderiam tudo e que não culpassem A, B ou C, a culpa era deles próprios.

Quem confirmava tudo isto era Adamastor. Pessoa já integrada na vida do cariri que conseguira solidificar sua presença e amizade também, principalmente com Luis e Manuel do Sisal pelo bom trabalho que desenvolvia. Adamastor era o primeiro a temer a quebra da fazenda pois como ele próprio afirmava:

— Eles só querem os frutos porém não se preocupam se a cerca esta furada ou se os outros colhem antes. Eles hoje são filhos da capital, estão acostumados com o seu luxo e vir para cá, mesmo que só por um dia, é um castigo mortal. Tenho pena principalmente por causa de Dona Elisabete, porém ela não tem como mudar esta situação, o comando é todo de Antonio e Jeremias e desse jeito ela praticamente não tem voz ativa. Temo por ela porque sei o quanto lhe representa a fazenda. Quando vim para cá passou uma tarde inteira a falar da fazenda, o que o falecido gostava, como agia. No fundo tem muitas recordações de quando viveu aqui mas os filhos pouco estão ligando e se acontecer alguma coisa creio que será um golpe muito forte para ela.

Com a chegada dos primeiros postes próximos a São Sebastião e a movimentação dos funcionários da Chesf a cidade voltou suas atenções para a eletrificação e Sabá deixou de ser o motivo principal das conversas. Havia uma promessa do próprio Otavio em inaugurar a rede aproveitando a festa do padroeiro. Tereza, como mentora da idéia, toda hora

era lembrada por todos e com a proximidade da posteação começou a vir com maior freqüência à cidade para acompanhar de perto os trabalhos e manter viva a imagem de Ribamar junto a São Sebastião.

Numa destas oportunidades José relatou-lhe tudo o que estava se passando na fazenda dos Azevedo e a ameaça de que se continuasse assim em breve não sobraria mais nada. Tereza, sem nada comentar com José, ao voltar a Salvador procurou por Elisabete e pôs-lhe a par de tudo. Elisabete ficou apavorada com tudo o que lhe foi dito e naquele mesmo dia reuniu os filhos e colocou-os a par da situação. Jeremias assumiu logo a palavra recriminando a mãe por ainda dar ouvidos a este tipo de comentário, se não via que isso era coisa de José, que admirava muito escutar uma mulher sem moral como Tereza, amante de um deputadozinho:

— Saiba a senhora que Sebastião conseguiu levantar a fazenda e é isso que esta incomodando a eles, nós não vamos sair daqui para interferir no trabalho dele de jeito nenhum. E a senhora me faça um favor, proíba a entrada desta mulherzinha aqui para que não nos aborreçamos e tenhamos que colocá-la daqui para fora. Sabemos o que estamos fazendo temos confiança em Sebastião e isso basta.

Elisabete ainda procurou argumentar mas Antonio e Jeremias, alegando compromissos, foram se levantando, deixando Elisabete a olhá-los com ar de profunda tristeza.

Elisabete passou alguns dias se remoendo com tudo que lhe fora dito por Tereza, conversou demoradamente com Tobias Filho e com ele tomou uma decisão: gostasse Antonio e Jeremias ou não ela e Tobias Filho iriam pessoalmente a São Sebastião ver a situação da fazenda. Os dois sairiam no dia seguinte pela manhã, avisando que passariam alguns dias na casa de conhecidos, no Jorro, para que Elisabete ficasse mais calma.

Antonio e Jeremias não só concordaram como até a incentivaram a ficar lá pois estava realmente precisando descansar.

Tobias Filho e Elisabete puseram-se na estrada bem cedo pois pretendiam chegar em São Sebastião para almoçar. Eram por volta de duas horas da tarde quando pararam na pensão de Helena. Quando esta viu Elisabete, chegou a tomar um susto, há quanto tempo não a via, envelhecera bastante após a morte do marido. Tobias Filho, elegantemente vestido, chamava atenção. Helena convidou Elisabete a entrar e esta pediu que lhes servissem o almoço e sentasse junto a eles que gostaria de conversar de uma forma reservada. Helena percebeu que Elisabete não estava nada satisfeita principalmente depois que esta disse-lhe o motivo de sua vinda e que, como eram velhas amigas, gostaria que lhe confirmasse ou não suas suspeitas. Helena simplesmente balançou a cabeça afirmativamente, duas lágrimas saíram dos olhos de Elisabete. Tobias Filho, de uma forma bem carinhosa, enxugou a face da mãe, afagou-lhe os cabelos. Elisabete pediu que não comentasse que estava na cidade, se hospedaria por enquanto na pensão e se Helena pudesse lhe fazer mais um favor que mandasse chamar José e Manuel do Sisal, pois gostaria de também ouvir os dois.

Manuel do Sisal foi o primeiro a chegar à pensão, sem saber do que se tratava. Helena convidou-o a sentar-se e foi direto ao assunto:

— Manuel, nós nos conhecemos há muito tempo, você foi amigo pessoal de Tobias, você freqüentava nossa casa e queria que, por essa nossa amizade, você me disse se o que esta acontecendo por aqui. As notícias que me chegaram são as piores possíveis e resolvi vir pessoalmente com meu filho para assumir o controle da situação porém antes de ir à fazenda queria ouvir você para que não cometa injustiças.

— Olhe Elisabete, eu lhe prezo muito, não gostaria de lhe dar más notícias porém as coisas pro lado da fazenda não vão bem não, o homem que vocês colocaram lá esta metendo os pés pelas mãos. Passa o dia inteiro na cidade, sai daqui carregado e se diz quase dono da fazenda, e meteu na cabeça, desculpe o que vou falar!

— Vá, continue homem.

— É como ia dizendo, Sabá meteu na cabeça que Florinda vai ser sua e agora anda por aí pagando tudo para todo mundo. Há muito não faz compras para a fazenda, os empregados estão sempre com ele, bebendo e farreando até tarde. Sabe Elisabete, no início nós até pensamos que as coisas iriam correr bem mas depois que ele meteu isso na cabeça largou tudo de mão.

Tobias Filho, que a tudo escutava, perguntou:

— Senhor Manuel, será que não foi essa mulher a responsável por tudo isso?

— Não entendi, meu filho?

— Será que não foi ela que se colocou no caminho dele, para nos destruir?

— Olhe Tobias, não gostaria de tocar neste assunto, porém Helena tá aqui presente e não me deixa mentir. Florinda, depois da morte de seu pai, passou um período muito doente e conseguiu se recuperar. Atualmente ela vive com Comadre Severina e nunca ninguém a viu por aí, se oferecendo a ninguém, pelo contrário, quando as coisas começaram a ficar pretas pro seu lado, com Sebastião passando na sua porta toda hora, ela resolveu sair da cidade, e hoje esta em Euclides da Cunha, com a...:

— A filha, nós sabemos, complementou Elisabete.

— É isso mesmo, ela esta passando uns tempos lá, até que as coisas aqui se acalmem.

Neste instante, com o almoço terminado, José chegou, quando viu a madrinha parou por instantes. Elisabete levantou-se, abraçou-o e levou-o até Tobias Filho:

— Você se lembra dele não, José?

— Como não madrinha, é o seu mais novo, Tobias.

— Isso mesmo, não precisa ficar receoso que nós dois viemos até aqui tomar pé da situação pois do jeito que parece estar não há condições.

— Mas madrinha, como é que a senhora soube?

— José, Tereza esteve comigo e me contou tudo e nós resolvemos nos certificar pois não é justo deixar com que tudo aconteça sem que sejam tomadas providências. Sente-se conosco José, Manuel falou-me sobre como esta vendo a situação da fazenda, e você, o que acha?

— Olhe madrinha, a senhora sabe que embora o que Antonio e Jeremias fizeram comigo eu praticamente fui criado na fazenda, tudo o que sei aprendi com o padrinho, e hoje me dói muito ver tudo largado, abandonado, nas mãos de um louco como é Sabá, ele até parece estar possuído pelo capeta!

— Jose é por isso mesmo que eu e Tobias mandamos chamar você e Manuel. Nós vamos ficar aqui por uns dias porém não gostaríamos de ir até a fazenda sozinhos, afinal não nos conhecem, quem os contratou foram Antonio e Jeremias e temo que sejam até grosseiros conosco por isso gostaríamos que fossem juntos, nos fazendo companhia.

— Madrinha, se for preciso eu vou, mas Antonio e Jeremias?

— José, quem manda sou eu, por isso eu vim aqui, pois se deixar por conta daqueles dois, aí mesmo pelo jeito, daqui há alguns dias, nem tera teremos mais.

Manuel do Sisal colocou-se também à disposição dos dois para o que fosse preciso.

— Sabe madrinha, agora mesmo quando vinha para cá, passei pelo bar de Chico Pinga e Sabá estava lá com seus vaqueiros.

— Você vai até lá comigo? Perguntou Tobias Filho, gostaria de ver isso de perto.

— Se você quer eu vou porém acho que melhor seria, se você quer mesmo ir, que Manuel vá com você pois ele não vai muito comigo.

— Não tem problema algum, aqui praticamente ninguém me conhece, façamos o seguinte, vamos nós três, paramos para tomarmos alguma coisa e se alguém fizer algum comentário a meu respeito vocês dizem que sou um a amigo de vocês, que esta de passagem por aqui.

José e Manuel levantaram-se e dirigiram-se até o bar de Chico Pinga. No caminho as pessoas quase que paravam para ver o visitante. Na

porta do bar os três pararam e Tobias Filho olhou. Sabá estava em uma das mesas com um grupo de vaqueiros a sua volta. Entraram e Chico Pinga chegou a ficar branco quando viu Tobias Filho ali, reconheceu-o quando da morte do pai porém Manuel, de uma forma muito rápida, falou:

— Chico, esse é o filho de um amigo nosso de Aracaju que esta de passagem.

— Horácio, muito prazer senhor.

— Ocês vão tomar alguma coisa, perguntou Chico Pinga.

— Pra nós o de sempre, e você Horácio, o que quer?

— Eu vou mesmo é de refrigerante, o que tiver.

Sabá que olhava de sua mesa os três gritou bem alto:

— Chico Pinga, sirva uma cachaça da boa pro moço que é por minha conta. Tobias olhou para a mesa e agradeceu porém não bebia. Sabá não aceitando a recusa, já meio trôpego, levantou-se e dirigiu-se a ele:

— Como é que pode, um moço desse num beber nada, inda mais quando é Sabá que oferece!

— Me desculpe senhor, porém não bebo mesmo, mas mesmo assim lhe agradeço.

José e Manuel só olhavam para os dois e Sabá continuou: Olhe moço, ocê ta perdendo a oportunidade de beber com um cabra macho, inhô num me conhece sou Sebastião Raimundo das Neves, o Sabá dos seis dedos como me chamam, fazendo movimento com a palma das mãos, o único homem aqui que não tem medo de enfrentar a alma do finado Tobias. Inhô num sabe mas todo mundo aqui se borra de medo dele, eu não, entrei na fazenda dele, tomei conta de tudo e agora inda vou deitar rede com a mulher que era dele, Florinda.

Tobias sorriu, balançou a cabeça, deu um tapinha nas costas de Sabá e tomando seu refrigerante disse-lhe:

— Gostaria muito de ficar aqui conversando mas agora tenho negócios a resolver com o senhor Manuel, mais tarde volto para prosearmos um pouco.

Chico Pinga continuava a Tobias Filho porém quando os três iam se retirando Manuel chamou-o e pediu-lhe que não dissesse quem era, para que não chamasse a atenção.

Voltaram à pensão de Helena, com Tobias Filho relatando à mãe o que viu e os dois resolveram que não iriam deixar a ida à fazenda para depois e juntos a José e Manuel do Sisal dirigiram-se de imediato para lá.

Chico Pinga ainda pálido que nem defunto pediu licença a todos e foi direto em casa. Carlota quando o viu branco daquele jeito perguntou-lhe:

Que qui é homem, tas passando mal, tas inté parecendo que viu o diabo na tua frente, com chifre rabo e tudo.

— É muié, deve sê memo, tava no bar muito bem quando de repente entrou José, Manuel e tu nem imagina quem;

— Vá logo home de Deus, desembuche!

— Tobias Filho, o mais novo de Elisabete.

— E daí, home?

— Daí é que Sabá e os vaqueiros tavam todos lá, e Sabá do jeito que anda, tu já viu, desandou a falá besteira porém o rapaz num falou nada e saiu conversando. Pelo jeito, levaram ele inté lá pra vê como anda se comportando o seu homem de confiança.

— Pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, a coisa não vai ficar boa. Você viu mais alguém com eles?

— Não, sê os dois, agora quando vinha para cá cruzei com eles de carro saindo em direção à fazenda, e dentro ia uma mulher que me pareceu Elisabete.

— Pelo amor da Santa, ser que esses dois resolveram cortar as orelhas do touro com ele ainda vivo?

— Num sei, sê sei que as coisa por aqui num vão ficar boa não, acho inté meió ir vortando pro bar e vai sê agora.

Mal o marido saiu por uma porta Carlota saiu por outra indo convocar imediatamente reunião extraordinária do comitê para deliberarem sobre a presença de Elisabete e o filho na cidade.

Quando chegaram à porteira da fazenda Elisabete teve mostras de como estava tudo. Parte dela estava quebrada, jogada ao lado da estrada. Elisabete olhou para o filho, estalou os lábios, gesto que lhe era muito comum e continuaram pela estrada. Os pastos da entrada que sempre estavam cheios estavam vazios, cercas arrebentadas, fato que em vida nunca Tobias permitiria. Quando passaram em frente ao velho casarão, aí sim que o cenário piorou, ele que sempre fora imponente, muito bem cuidado em pouco tempo parecia uma casa velha, na frente da casa tinha lixo por todo lado. Ao saltarem apareceu um dos empregados:

— Inhá qué alguma coisa?

— Sim, respondeu Elisabete, cadê o responsável por aqui?

— O patrão ta pra cidade, sê volta à noite.

— Pois então mande chamá-lo, diga-lhe que tem gente esperando por ele.

O empregado ficou meio embaraçado, sem saber o que fazer e foi José e Manuel quem o convenceu a mandar alguém chamá-lo.

Elisabete e Tobias Filho entraram na casa que estava um caos, com tudo virado, móveis quebrados. O quarto, que outrora fora seu, havia roupas espalhadas para todos os cantos, a poeira dominava o ambiente. Depois de percorrer tudo desceram novamente e foram se juntar a José e Manuel:

— Vê madrinha, o porquê de nossas preocupações, do jeito que esta em pouco tempo tudo estaria pedido.

— Você tem razão, eu fui uma tola em deixar aqueles dois assumirem o controle, eles não têm a menor vocação para isto, o fato de serem criados em Salvador tirou-lhes o amor pelo patrimônio que a família, com sacrifício, montou.

Tobias Filho percorria todos os cantos do terreiro e se apavorava com o que via.

— José, falou Elisabete, eu queria que, se fosse possível, você percorresse a fazenda e visse o que ainda resta, se é que não é lhe pedir muito.

— Olhe madrinha, faço com muito prazer, só que hoje vai ser difícil, o dia já vai longe e o bom é sair bem cedo para que possamos correr todos os cantos.

— Você tem razão, vamos aguardar a chegada desse tal Sebastião, quero ver o que tem a falar.

Na cidade o comitê convocado estava em efervescência. Carlota colocara o que estava se passando e ninguém mais acreditava na permanência de Sabá à frente da fazenda. Para eles Tobias é que se deslocara até Salvador e convocara sua mulher para lutar a seu lado, conseguira colocá-la contra os filhos e agora era muito mais homem do que todos e para confirmar ainda trazia consigo o caçula, Tobias Filho. Só que, coitado, sozinho não fazia mal a uma mosca, quanto mais a vaqueiros experientes como Sabá e seus comandados.

Quando o empregado que foi chamar Sabá, esbaforido, chegou ao bar de Chico Pinga encontrou-o já bem alto:

— Inhô, tem umas pessoas na fazenda que querem ver inhô.

— Que qui ocê falô, homi?

— É que tem gente lá querendo se avista com inhô.

— Ora, digue que to ocupado, só compro boi amanhã.

— Mas inhô, eles diz que é gente importante, pra inhô ir lá.

— Mas que diabo, já num disse que só compro boi amanhã?

— Inhô, é uma muié acompanhada de um moço bem vestido e junto deles ta inhô Manuel e inhô José.

— Que qui ocê falô, homi, que é que ocê disse?

— Inhô Manuel e inhô José, acompanhado de uma senhora e um moço bem vestido.

— Que qui esse moleque ta fazendo na minha fazenda?

— Sei não, só sei que quer falar com inhô.

— Vai vê ta querendo me levar uma cozinheira, vá lá e digue que num to precisando de cozinheira não.

— Inhô, a muié me parece ta um pouco retada, ela mandou chamá cum jeito de qué que inhô vá.

— Ora, vá pro inferno, num se pode mais tomar cachaça em paz. Pode ir e avise que daqui há pouco nós tamo lá.

Chico Pinga que a tudo escutava tratou logo de fazer a conta e entregá-la a Sabá, pois pelo visto, este seria seu último gasto no bar. Quando Sabá chegou à fazenda, sentados no alpendre estavam os quatro. Quando viu José, gritou:

— Que qui tu ta fazendo aqui, num te encomendei nenhuma cozinheira, faz o favô de se retirá antes que bote meus homens pra fazê.

Elisabete e Tobias Filho levantaram-se e caminharam em direção a Sabá:

— Que qui tão querendo aqui? Emprego num tem não. Pera lá, ocê num é aquele moço que recusou minha cachaça no bar de Chico Pinga? Sou eu mesmo, respondeu Tobias Filho. Elisabete tomou a dianteira e começou:

— O senhor é que é Sebastião Raimundo das Neves?

— Isso mesmo, por aqui me chamam de Sabá dos Seis Dedos, que qui deseja, disse que já tenho cozinheira.

— Meu nome é Elisabete, sou viúva de Tobias, mãe de Antonio e Jeremias e Tobias Filho, que é esse aqui. Olhe Seu Sebastião, estou aborrecidíssima com o estado em que esta a fazenda, o senhor é um irresponsável, nem sei como meus filhos foram entregar a fazenda nas mãos de um homem como você, um bêbado.

— Pera lá, num vem pra aqui falá de mim, na minha casa não, aqui quem manda sou eu, num conheço ocê e também não tenho emprego de cozinheira para lhe dá.

— O senhor é um homem muito atrevido, me respeite.

— Óie, dou cinco minutos pra ocês todos sair de minha fazenda se não mando meus cabra tirá ocês de quarqué jeito.

Neste instante José chamou Tobias Filho e Manuel e achou melhor se retirarem. Elisabete porém, antes de ir embora, ainda disse a Sabá:

— Eu acho bom o senhor arrumar suas coisas que de manhã ninguém fica mais aqui.

— Ora, vá pro diabo, velha, e num me apareça mais por aqui.

Os quatro se retiraram, com Elisabete irritadíssima com a situação. Daria um jeito e faria com que Antonio e Jeremias viessem no dia seguinte, de qualquer maneira. Pararam na pensão, tendo resolvido que Tobias Filho iria com José até Serrinha para que pudesse telefonar aos irmãos, solicitando a vinda imediata dos dois.

Quando Tobias Filho ligou quem atendeu foi Jeremias que logo de cara soltou os cães em cima deles por terem ido se meter na fazenda, pois isso era problema dele e de Antonio.

— Vocês não têm nada a fazer aí!

— Olhe, Jeremias, a fazenda é de minha mãe e minha também e se vocês não estiverem aqui amanhã, até às duas horas eu expulso toda aquela corja, botando dali pra fora com a polícia. Você fala assim porque esta aí e não tem a mínima idéia do que se passa, batendo com o telefone.

Depois da saída dos quatro da fazenda, Sabá riu muito:

— Aquele moleque, como se atreve a vir aqui e além do mais trazer aquela velha querendo dizer que é dona. Não é dona nem das pernas dela quanto mais daqui. Aqui quem manda sou eu, Sebastião Raimundo das Neves, o Sabá dos Seis Dedos, soltando uma grande gargalhada.

Dali com o dia já se fora, Sabá pegou sua turma e partiu direto para o brega da Cléa, onde juntou todo mundo, subiu na mesa e gritou bem alto:

— Óie aí cambada, hoje esse moleque atrevido do José se meteu na minha fazenda com uma velha e um chibungo. Toquei todos eles de lá para fora e saíram com tanto medo que inté pareciam cachorro com o rabo entre as pernas, só faltando mesmo sair latindo. Cléa, ta vendo Cléa, teu moleque de home num tem nem as calças.

Cléa que não suportava Sabá, só o aturava pela grande soma que deixava todas as noites, se afastou das mesas deixando-o a falar com os vaqueiros.

Na pensão de Helena, com a cidade praticamente sabedora da presença de Elisabete e de Tobias Filho, as visitas se tornaram freqüentes. Todas as mulheres conhecidas, com o pretexto de revê-la, chegavam para lhes dar as boas vindas, meter a colher de pau onde não eram chamadas e ficar assuntando alguma coisa mais importante que pudesse ser levado ao comitê, porém Elisabete mantinha-se reservada. Para todas viera rever as amigas, passaria alguns dias e só.

Quando Tobias Filho e José chegaram, a cidade praticamente dormia. Tobias Filho entrou e José dirigiu-se ao brega da Cléa, afinal aquele fora um dia cansativo, que merecia um ótimo final e o melhor só poderia ser lá.

Cléa veio recebê-lo e levou-o direto para seus aposentos, fê-lhe servir um conhaque e perguntou:

— Tas louco de ir à fazenda de Tobias. Que história é essa? O homem do jeito que anda, acaba te fazendo alguma coisa, você sabe que ele te odeia.

— Não te preocupe, Cléa, o que aconteceu é que Elisabete e o filho mais novo resolveram segurar as rédeas da charrete e estão na cidade para isto e me pediram e Manuel para acompanhá-los pois queriam tomar pé da situação e do jeito que encontraram, acho que amanhã mesmo você perdeu o freguês.

— Você acha?

— Acho sim, a fazenda esta acabada, o homem não cuida de mais nada e ainda por cima, do jeito que se apresentou e que ameaçou todos nós com seus cabras!

— Tome cuidado, não se descuide com essa gente!

— Pode deixar que eu me cuido, agora vamos lá, que quero me distrair um pouco.

Bem cedo Elisabete estava de pé, conversando com Tobias Filho. Mais tarde, Manuel e José se juntaram e para Elisabete uma dúvida per-

sistia, se Antonio e Jeremias viriam ou não. A reação que Jeremias teve ao telefone deixou-os temerosos que não viesse. Pelo sim pelo não mandou chamar Chico Curió, expondo-lhe toda a situação, pedindo-lhe que ficasse de sobreaviso pois talvez necessitasse de ajuda, porque com os filhos vindo ou não, aquela noite eles não passariam lá de jeito nenhum. Chico Curió compreendeu toda a situação e prontificou-se a ir à fazenda com seus homens, caso fosse necessário, porém no fundo pedia a Deus que eles chegassem e logo, pois não gostaria de mais uma vez, se ver envolvido com os problemas da cidade. Sua cadeia era muito pequena para seus pássaros, como comportar mais alguém?

O comitê estava em assembléia constante, Carlota até soubera que Sabá mandara fechar a fazenda e dispusera seus homens armados para impedir a entrada de qualquer um.

Tobias Filho aproveitava a manhã para caminhar pela cidade, tendo como seu companheiro José. Paravam daqui e dali falando sobre a cidade. Num determinado instante perguntou a José:

— José, se eu lhe pedir para você me falar de um assunto, você falaria?

— Depende, Tobias, se puder falar, falo.

— Você não se avexaria de me contar como é a mulher que meu pai tinha aqui, e sua filha? Sabe, sei que meu pai não agiu correto com minha mãe, porém ele teve uma filha e ela é minha irmã, e até gostaria de conhecê-la por isso estou te falando. Fale alguma coisa dela para que possa saber.

— Olhe, essa é uma coisa que sempre me reservei com você, porém já que você está pedindo não vou lhe negar. Olhe, Florinda para mim é uma mulher que procurou estar junto de seu pai todo o tempo que esteve com ele. Não existe nada que possa desabonar sua conduta, pelo contrário, na cidade é uma mulher respeitada e mesmo depois que o padrinho se foi mantêm-se como antes. Tatiana, agora esta com treze anos, é uma menina inteligente, fisicamente é muito parecida com a mãe porém o gênio, a maneira de ser e até de montar é toda a de seu

pai. Ela não mora aqui vive, desde a morte do padrinho, em Euclides da Cunha e acho que se você conhecê-la vai ficar orgulhoso.

— Sabe José, algum tempo depois da morte de meu pai, comecei a pensar muito sobre isto e quantas vezes tive vontade de vir até aqui para conhecê-la, porém com todos esses problemas criados sempre me contive, só que teria uma alegria enorme de estar com ela, afinal é minha irmã e, querendo ou não, é sangue de meu pai.

— Olhe, Tobias, se você realmente quer conhecê-la acredito que não haverá problemas pois Florinda, creio que não porá obstáculos, e Tatiana é tão comunicativa que, sem dúvida, te receberá de braços abertos.

— José, então me faz um favor. Depois que tudo isso terminar você me leva até ela, esta bem?

— Podes ficar tranquilo, assim que você estiver desembaraçado dos problemas da fazenda vais conhecer sua irmã, mas me permita uma pergunta:

— Pois não, José.

— O que a madrinha e os teus irmãos vão pensar de você ir conhecer Tatiana?

— A mim não importa, esse é um desejo meu, sou de maior e mando nos meus atos, se gostarem muito bem, se não o problema é deles.

Com o comitê trançando mil hipóteses sobre os acontecimentos, chegaram à cidade Antonio e Jeremias. Só não foram direto para a fazenda porque encontraram com Tobias Filho e José no meio do caminho, quando Antonio perguntou:

— Cadê a mãe?

— A mãe esta na pensão, aguardando vocês.

Os dois arrancaram e foram para lá, com Tobias Filho e José tomando o mesmo destino.

Antonio e Jeremias saltaram do carro e foram entrando pela pensão encontrando Elisabete sentada em uma espécie de sala, que havia à frente da pensão. Junto com eles chegaram Tobias Filho e José. Quem

se encontrava lá era Manuel do Sisal. Antonio quando viu a mãe nem a cumprimentou:

— Quem lhe mandou vir para cá se meter com as coisas da fazenda? Isso é coisa minha e de Jeremias, não admito que se metam nos negócios que fazemos, e você Tobias, não tem vergonha na cara de andar por aí com esse sujeito?

Elisabete que estava sentada, levantou-se e com o dedo em riste, no rosto de Antonio, disse-lhe:

— Antonio, você cale a boca, afinal de contas além de sua mãe, a metade da fazenda me pertence e da outra metade um terço é de Tobias, por isso é muito natural que nos interessemos pelo que nos pertence, e além do mais, quem manda agora sou eu, vá na fazenda e veja o que sobrou, veja o bêbado que vocês colocaram à frente da fazenda!

— Isso é conversa desse indivíduo, a senhora não vê que ele quer nos destruir?

— Você é muito arrogante, meu filho, eu devia era deixar mesmo tudo ir por água abaixo, porque estou velha, no fim da vida, mas vocês não, ficariam com uma mão na frente e outra atrás e teriam de começar tudo de novo, o que seria muito bom para vocês, para não pensarem que são os donos da verdade. Agora vamos até a fazenda que eu quero que ele lhe diga que não precisa de cozinheira. Vamos lá para ele dizer que é o dono e que vai mandar os cabras me tocarem. Eu deveria era ter assumido tudo e teria deixado à frente da fazenda esse sujeitinho, como você fala, à frente dos meus interesses e hoje teria orgulho de entrar em minha casa. Infelizmente acho que nem isso posso falar mais porque do jeito que eu vi, quase não resta mais nada e se não fosse muito mulher e continuasse a deixar as coisas nas mãos de vocês sabem o que iriam fazer? Nada, porque vocês são dois egoístas, nós vamos à fazenda sim, mas queiram vocês ou não José e Manuel do Sisal vão comigo e aquela cambada não fica nem mais um minuto na minha fazenda.

— Mas mamãe, a senhora esta muito nervosa, falou Jeremias.

— Não estou nervosa não, estou é com remorso de ter deixado vocês tomarem conta dos meus interesses, agora vocês vão comigo, botar para fora da fazenda o homem que vocês colocaram como salvador. São vocês sim, os causadores da nossa quase desgraça.

— Mas não pode ser tanto assim, a senhora esta se deixando levar por pessoas que nem a respeitam!

— Pelo contrário Antonio, eles me respeitam tanto que me mandaram avisar, vocês sim é que não respeitam nem a vocês mesmos.

Saindo porta afora:

— Tobias, venha comigo, José e Manuel, vamos à fazenda, vocês se quiserem, se tiverem medo do que fizeram, fiquem por aí mesmo, eu vou lá e colocar a todos para fora.

Antonio e Jeremias, atonitos, sem saber o que fazer, com a reação da mãe, nunca a viram assim antes, entraram em seu carro e saíram acompanhando o de Elisabete.

Quando o carro de Tobias Filho parou em frente ao casarão da fazenda, Antonio e Jeremias ainda vinham bem atrás. Assim que Elisabete saltou, Sabá, que estava sentado no alpendre, quando viu o carro parar e sair novamente os quatro, levantou-se rapidamente:

— Já num disse que num quero ocês aqui, na minha fazenda, pelo jeito tão querendo tomá um corretivo.

Elisabete olhou-o profundamente:

— Acho bom o senhor arrumar suas coisas e sair de minha propriedade!

Nesse instante Antonio e Jeremias chegavam e quando Sabá os viu saltar ficou branco. Elisabete continuou:

— O senhor pode ir chamando sua corja e se retirando todos daqui!

Antonio e Jeremias, encostaram junto à mãe e esta perguntou-lhes:

— Vocês ainda acham que esta tudo muito bem, não é?

Sabá, passando o susto, dirigiu-se diretamente a Antonio e Jeremias:

— Seu Antonio, assim não é possível se trabalhar, esta senhora desde ontem ta vindo aqui com esse moleque e Manuel, atrapalhando o bom andamento do serviço.

— Esta senhora é minha mãe, Sebastião, e pelo que estou vendo as coisas aqui inexplicavelmente vão mal. Por favor chame seus homens que queria acertar contas com vocês, estão todos dispensados.

— Mas seu Antonio, sou o único homem que é capaz de levantar a fazenda, ocês tão se deixando emprenhar pelos ouvido. Sabá dos seis dedos sabe o que faz.

Tobias Filho, que a tudo escutava, tomou a palavra:

— Olhe Antonio e Jeremias, aqui não tem conversa não, nem ninguém esta emprenhando nossos ouvidos. Eu mesmo tive a oportunidade de ver o estado desse senhor, bêbado, pagando bebida para todo mundo e ainda por cima se intitulando dono da fazenda e mais uma série de bobagens que não vale a pena repetir.

— Mas seu Antonio...

— Não tem mais nem menos, falou Elisabete, saia agora que a cozinheira, como o senhor me chamou, esta lhe mandando embora.

— Mas inhá, dê mais uma oportunidade pra Sabá.

— Não tem uma nem duas, eu quero que o senhor se retire agora. Antonio e Jeremias, vocês que fizeram negócio com ele, acerte nossas contas, vejam quanto esse homem nos roubou.

Sabá ficou vermelho de raiva e olhando ferozmente para Elisabete, gritou:

— Sua velha, filha da puta, eu vou lhe mata!

Partindo em sua direção.

José que estava a seu lado, postou-se à frente da madrinha recebendo no rosto o soco que este dera. Quando José se sentiu atingido ficou cego de ódio. A raposa do cerrado uivou novamente e atacou Sabá com a voracidade de quem não come há três dias, destruindo, amassando-o.

— Tome filho da puta, chibungo de merda isso é pra você aprender a não falar mal dos outros, pra você aprender a não bater em mulher.

Nesse momento Sabá se sentiu o homem mais só da face da terra. Seus vaqueiros que a tudo assistiam não foram capazes de mover um dedo a seu favor. Quem tirou José de cima de Sabá foi Manuel, Antonio e Jeremias:

— Chegue home! Gritou Manuel.

— Não chega não Manuel, você sabe bem o que fez a mim e à cidade.

José foi sendo puxado para perto de Elisabete enquanto que Sabá se arrastava, com o rosto e o corpo ensangüentado, em direção contrária.

Elisabete puxou o afilhado pelas mãos e foi entrando pela casa, gritando para Antonio que quando saísse não queria mais ver esse sujeito ali.

Antonio e Jeremias levantaram Sabá, este jogou uma água no rosto e em seguida foram acertar as contas. Desde a última venda até os dias de hoje Sabá não tinha realmente comprado mais nada, o que havia na fazenda eram vacas prenhes ou com bezerros e mais nada. O dinheiro quase todo que recebera alegou ter gasto na manutenção de cercas e estabulos. A não ser a terra, a casa e o pouco gado, nada mais restava. Agora, quem estava branco eram Antonio e Jeremias, não estavam acostumados a perder porém teriam que admitir que os seus orgulhos levaram-nos à beira da falência.

Enquanto Sabá estava com Antonio e Jeremias os vaqueiros pegaram suas coisas e foram saindo devagar, estrada afora. Quando Sabá chegou já iam muito longe. E lá se foi ele, a pé, pelo caminho, sem fazenda, sem Florinda, sem nada.

Antonio e Jeremias ficaram no terreiro, de cabeças baixas, não sabiam nem como começar a falar. José, com o rosto arroxado do lado direito, conversava com Manuel. Elisabete, Antonio, Jeremias e Tobias Filho conversaram entre si e decidiram que Tobias Filho levaria José e

Manuel na cidade e aí sim, na volta, os quatro veriam o que ainda poderiam fazer.

Na cidade, a chegada dos vaqueiros caminhando estrada afora e mais tarde Sabá dos seis dedos, com cara de quem foi pisado por uma boiada, mostrou a todos o que acontecera por lá. Quando José e Manuel do Sisal regressaram viram-se logo cercados por homens, mulheres e crianças, perguntando detalhes do acontecido. Os dois deram meia resposta e se afastaram deixando por conta de Carlota e suas seguidoras, colocar molho nos acontecimentos. Pra elas, o próprio Tobias, na forma de José, assumiu o controle das ações e mostrou aos filhos como ele agiria numa situação destas, em vida. Comentavam ainda que para Antonio e Jeremias, pior do que reconhecer o erro era ver José dentro da fazenda, porém esta foi a forma que Tobias adotou para colocar seus filhos sob seus pés.

Elisabete e os filhos ficaram na fazenda até bem tarde quando resolveram ir dormir na pensão de Helena pois não havia a mínima condição de ficar por lá. No período que estiveram juntos na fazenda tentaram, por todos os meios, achar uma fórmula para salvar a fazenda, mas nas atuais circunstâncias, muito pouco poderiam fazer. Do jeito que parecia estar a fazenda, haveria necessidade de empatar capital muito alto, que eles não possuíam. Hipotecar a fazenda seria uma solução mas quem assumiria? Os filhos não tinham como deixar Salvador. Só restavam duas opções, ou arrendariam a alguém ou venderiam. Elisabete concordou com as proposições feitas, a hipoteca seria um negócio muito perigoso. Agora, quem iria querer arrendar a fazenda, quem iria querer colocar dinheiro numa propriedade que não era sua. Infelizmente só restava uma opção, a venda, porém lhe custava muito tomar uma decisão dessa, principalmente porque, apesar de tudo, sentia estar fincado ali parte de si. Se desfizesse dela era um pedaço do seu corpo que seria arrancado, mas não havia outra forma, era a única opção. Agora era ver como e com quem negociar.

O dia ainda não tinha raiado quando José e um grupo de vaqueiros entraram pela fazenda adentro. Não havia uma viva alma, nunca ficara abandonada assim. Isso fez doer o coração de José. Quando terminaram a vistoria José foi direto ao encontro de Elisabete fazer-lhe um relato do que encontrara.

— Olhe Madrinha, as cercas estão todas quase quebradas, tudo precisando de reparos. Agora, gado mesmo, vi umas cem vacas e os bezerros, mais nada. Do jeito que as coisas estão vocês vão precisar de muito dinheiro para levantar a fazenda, o homenzinho soube arrebentar.

Antonio e Jeremias baixaram a cabeça. Elisabete chegou-se para perto de José, tomou-o pela mão e saiu caminhando.

— José, você vê algum jeito da fazenda se arribar novamente?

— Só com muito dinheiro madrinha!

— É esse o nosso problema e nos também não achamos negócio hipotecar. Só nos resta arrendar ou vender.

— Madrinha, ta pensando em se desfazer da fazenda?

— É José, lamentavelmente não teremos outra opção. José baixou a cabeça, ficou pensativo, e falou:

— E Antonio, Jeremias e Tobias Filho, que acham? Eles também concordam?

— Nem um deles tem intimidade com os problemas daqui. Agora até mesmo para colocar você a frente, não teríamos capital para tanto.

José ainda conversou mais um pouco com Elisabete e se retirou.

Enquanto seus homens rumaram para a fazenda Estrela este foi direto até a beneficiadora de sisal para conversar com Manuel. A pedido de José, os dois se isolaram e este explicou-lhe como encontrara a fazenda e a decisão da família em vender.

— Sabe Manuel, nesse momento eu tive uma vontade só, perguntar qual era o preço e comprar de qualquer jeito. A palavra veio à garganta mas me calei, resolvi primeiro conversar com você antes de qualquer atitude precipitada.

— José, não sei não, mas até acho que para você é bom negócio. Vais ter que gastar um dinheiro alto mas é dinheiro que logo logo você tem em dobro e crédito é o que não lhe falta.

— Disto eu sei, mas tenho dúvidas!

— Dúvida de que homem? Você tem tudo para comprar, és moço, estas na flor da idade e com a influência que tens na região num instante entopes a fazenda de boi da mesma forma que fazia o falecido Tobias. Dinheiro acho que não é o teu problema mas se precisares estou aqui para te ajudar, porém creio que não seja necessário já que Esteves Lima abre a porta do seu cofre para você a qualquer hora, fora o crédito que podes obter com tua influência, a de Ribamar e do próprio governador. E então, estas com medo de que?

— E, você tem razão, o jeito é meter os peitos, seguir em frente, o que não posso é deixar passar a oportunidade pois além da melhor fazenda fecho a porta para outros concorrentes.

— É assim que se fala homem, vá firme, se conhecia teu pai como acho que conheci, se estivesse aqui Raimundo estaria muito orgulhoso de você.

José despediu-se de Manuel, foi até sua fazenda, deu algumas ordens e saiu novamente, só que dessa vez na pick-up da fazenda, indo direto ao encontro da madrinha e dos filhos, encontrando os quatro totalmente embaraçados, sem saber o que fazer. José aproximou-se e Elisabete pediu-lhe para que se sentasse com eles.

— José, não sabemos como vamos fazer até conseguirmos vender a fazenda. Alguém tem que tomar conta da casa e do gado que resta.

— Olhe madrinha, não se preocupe que já designei alguns homens para ficar aqui. Sabe madrinha, essa manhã quando cheguei aqui e não encontrei ninguém, senti uma dor bem no fundo do peito e tive que me segurar para não chorar. Fui criado aqui, tudo que hoje sei aprendi aqui com o padrinho e se a madrinha me permitir, pedi à Mariazinha e Onorinda que conhecem a casa para virem dar um jeito em tudo para

você não precisarem dormir na pensão. Falando nisso, até quando a senhora pretende ficar por aqui?

— Antonio e Jeremias vão voltar amanhã mesmo, eu ainda vou ficar por aqui mais alguns dias com Tobias.

— A madrinha quer que eu mande uma das manas ficar aqui para não ter que comer na pensão?

— Não precisa não José, elas têm os afazeres delas, nós estamos bem.

— Então madrinha vou me retirando que tenho que resolver alguns negócios fora, mas qualquer coisa que precisar Julião, que é marido de Mariazinha, homem de minha confiança, vai ficar aqui para servir a vocês. Amanhã nessa hora já estou de volta.

Da fazenda, José foi direto à casa de Mãe Preta, que através de Olin-da já sabia de tudo que estava acontecendo.

— Que qui foi isso nu rosto fio?

— Foi nada não mãe, foi aquele canalha do Sabá que quis agredir a madrinha e eu me coloquei na frente e sobrou para mim.

— Que qui foi, to te achando com a cara de assustado, que qui tu ta aprontando?

José sentou-se aos pés de Mãe Preta e explicou – lhe o que estava pretendendo. Mãe Preta colocou a mão no ombro de José:

— É fio, Xangô com seu machado só faz justiça. Sempre te disse que só queria ta viva pra te ver grande e acho que Oxalá ta me permitindo vive pra isso. Sabe fio, acho que ocê é que sabe o peso que tuas costa güenta mas se puder carregar, carregue que Xangô, Oxum, Iansã e Oxoce não te deixarão cair. Eles nunca deixarão. Se teu coração pede, vai. Num existe nada nesse mundo fio que a gente num faz quando é a voz de dentro que qué. Aí num tem feitiço que num deixe acontecer, se tua alma pede, compre que tu vai sê feliz.

José abraçou-se à Mãe Preta e saiu, rumando dali direto a Euclides da Cunha. Já passavam das nove horas da noite quando chegou à fazenda de Esteves Lima. Na sala estavam reunidos Esteves Lima, Maria da Glória, Florinda e Tatiana quando ouviram o barulho de carro chegan-

do. Quem foi à porta foi Esteves Lima, que quando viu o rosto de José perguntou logo:

— Homem de Deus, que foi isso José?

— Foi nada não, já explico.

Tatiana, Florinda e Maria da Glória que estavam sentadas quando ouviram a pergunta de Esteves Lima levantaram-se rapidamente e foram ao seu encontro. Tatiana quando viu o rosto de José, abraçou-se a ele:

— José, que foi isso, quem é que te machucou assim?

José abraçou-a, falou com Florinda e Maria da Glória e respondeu:

— Não foi nada Tati, vamos sentar que vou contar tudo pra vocês.

Sentada ao lado de Florinda com Tatiana presa no seu braço, José contou toda a história. Florinda respirou profundamente quando soube da saída de Sabá da cidade.

— Mas José, perguntou Esteves Lima, como que ficaram sabendo?

— Foi Tereza que procurou Elisabete e avisou e ainda bem que ela assumiu. Mas agora acho que é tarde demais, a fazenda esta reconhecível e a família não tem dinheiro para manter, estão pensando em vender porque é a única solução. Sabe Coronel, este é um dos motivos porque estou aqui. Quando a madrinha me falou que queria se desfazer da fazenda logo pensei em ficar com ela, mas antes queria ouvir a sua opinião.

— O que você ainda esta esperando homem, não perca esta oportunidade de jeito nenhum, com ela você vai aumentar em muito seus negócios. Não te preocupe, o que você precisar, nós garantimos.

— Você vai comprar a fazenda de papai, Jose?

— Não sei Tatiana, se eles aceitarem, sim.

— Puxa, que bom, só assim vou poder conhecer, mamãe nunca me deixou ir lá.

— Tati, nós já conversamos muito sobre isto, não é que não deixasse, você sabe que eu não achava direito, por isso pedi a seu pai que não a levasse.

— Ah! A propósito, falou José, como vocês sabem, Elisabete esta em São Sebastião com os filhos e ontem fui surpreendido por Tobias Filho que me deixou bem claro sua intenção de conhecer Tatiana.

— Mas eles não brigaram com a gente?

— Não foi bem assim, ele nunca levantou a palavra contra Florinda ou você e pelo que me falou, tem um grande desejo de conhecer a irmã, não lhe importando o que os outros pensem. Eu disse que por mim eu traria porém ouviria antes Florinda, Tatiana e o Coronel para ver se aceitavam a vinda dele ou não.

— Bem, por mim, disse Florinda, se é desejo dele, sem ressentimentos, pode vir.

— E o senhor Coronel?

— Fica por conta de Tatiana.

— Puxa padrinho, o senhor ainda me pergunta, é claro que quero conhecer, é tão ruim agente saber que tem irmãos e não poder falar com eles.

— Bem, se é assim, amanhã quando voltar, converso com ele e combinamos um dia para ele vir.

Logo que levantou José se pôs estrada afora e à tarde já estava em São Sebastião, indo direto ao encontro da madrinha. Antonio e Jeremias tinham partido. Depois de prosar um pouco José entrou direto no assunto:

— Sabe madrinha, a senhora sabe que eu gosto muito da fazenda não?

— É claro José, afinal foi aqui que você viveu durante muito tempo.

— Madrinha, não quero que vocês pensem que eu quero me aproveitar da situação, não é isso não, acontece que tenho crédito aberto e gostaria de ficar com a fazenda porque assim eu poderia fazer dela aquilo que meu padrinho fazia.

Elisabete e Tobias Filho olharam para ele com cara de assustados.

— José, falou Elisabete, você esta nos propondo comprar a fazenda?

— É isso mesmo madrinha, não importa o que a senhora pedir, dou um jeito, já conversei com Manuel do Sisal e hoje fui ao encontro de Esteves Lima e os dois me asseguraram o que precisar para manter a fazenda nas mãos de gente conhecida, que a cuide.

— Olhe José, você realmente me pegou de surpresa, não sei nem o que falar. O que você acha meu filho?

— Por mim, acho que a fazenda vai ficar muito bem entregue e nós não vamos ficar com remorso.

— José, pensei em todo mundo menos em você porém a vender para gente desconhecida eu também concordo com Tobias, mas não depende só de nós temos que ouvir Antonio e Jeremias e além do mais ainda tem o inventario de Tobias.

— Sabe madrinha, eu não tenho pressa, só queria mesmo era lhe dizer o que estava dentro de mim. Quando a senhora me falou em vender, quase falei na hora, mas primeiro parei para pensar, ouvir opiniões e agora sim, depois que me assegurei que era realmente isto o que queria que tive coragem de lhe falar. Madrinha, não quero saber o preço, só quero é poder ficar aqui e cuidar de tudo, botar a fazenda igualzinha à dos tempos do padrinho.

— José, meu filho, se depender de nós, você fica com a fazenda. Vamos fazer o seguinte: vou ficar por aqui até o final da semana, quando Antonio e Jeremias ficarem de vir, aí nós nos reunimos e aí então decidiremos a tua proposta.

A ausência de Sabá e seus homens foi sentida principalmente por Chico Pinga, ele que há algum tempo via seu bar cheio quase todo o dia pelos vaqueiros, voltara agora ao movimento habitual. Carlotta e suas amigas continuavam a fazer do fato notícia principal do comitê.

Tobias Filho, assim que pode perguntou a José sobre a possibilidade de conhecer a irmã e como este respondeu-o afirmativamente, abraçou-o com a alegria de uma criança que recebe o presente desejado.

Com a chegada de Antonio e Jeremias no final de semana, a expectativa de José aumentou. Elisabete, assim que pode, reuniu os filhos e colocou-lhes a proposta de José. Antonio foi o primeiro a falar:

— Por mim, a senhora sabe o que penso dele mas deixo que a senhora decida e o que fizer esta feito.

— E você, Jeremias?

— Bem, fica por sua conta, acho que não me resta muita escolha.

— Tobias, eu sei que esta de acordo. Se ninguém tem nada contra fiz o levantamento de quanto vale a fazenda com o que resta, se José aceitar, para nós será um bom negócio.

Mais tarde, José foi ao encontro da madrinha, para saber da decisão dos filhos.

— A madrinha, tem alguma resposta para mim?

— Tenho sim José, Antonio e Jeremias concordaram comigo e Tobias, acho que a fazenda será sua.

— José deu um grito de alegria, beijou a madrinha, abraçou-a e aí sim, chorou, chorou de satisfação pelo desejo quase realizado.

— Pera lá homem, temos primeiro que ver se você concorda com nosso preço.

— Madrinha, eu sei que a senhora vai cobrar o que acha justo.

— Mesmo assim, antes de estar dando pulos vamos entrar e conversar com Antonio, Jeremias e Tobias Filho.

Ficaram por lá por mais de duas horas, quando enfim chegaram a um acordo. José providenciaria, junto a Pedro Malazartes, que preparasse toda a documentação para a cessão da fazenda no domingo mesmo. Rafael Barthilotti cuidaria de tudo, inclusive do inventario.

Olga, mulher de Malazartes, quando soube o porquê da vinda de José, foi direto à Carlota. Agora, Tobias encarnado em José, reassumia o controle da fazenda. O homem estava mais vivo do que nunca.

José, ao chegar em casa, conversou com Maria, dando-lhe a notícia da compra da fazenda. Maria sorriu, Maria abençoou seu filho, era Ma-

ria mãe e avó que agora se alegrava com a alegria do filho. As irmãs quando souberam fizeram uma festa.

Domingo, cidade tomada pelos fiéis pra missa, todos já sabiam do negócio feito entre José e a família Azevedo. Ele nem se espantou quando começaram a cumprimenta-lo, inclusive Padre Álvaro, que o parou só para isso.

Com todos no cartório, inclusive Rafael Barthilotti, o negócio foi concretizado, com a família se retirando para Salvador, exceto Tobias Filho que ficaria por mais alguns dias sem a família saber porquê.

O dia de José foi todo de cumprimentos, a cidade toda o cercava e ele era todo sorrisos. Com muito custo, João Farmacêutico e Manuel do Sisal conseguiram levá-lo à prefeitura para parabenizá-lo.

Em casa, José reuniu toda a família comunicando-lhes a compra. Julião seria seu homem de confiança lá, por conhecer a fazenda, queria que, no mais tardar, em um mês estivesse em condições de receber o gado.

— Mariazinha, Francisquinha e Onorinda vocês vão morar na fazenda com a mãe. Jurema, Tiana e Odília vão ficar aqui.

Em seguida, reuniu os cunhados. Leopoldo, marido de Tiana ficaria à frente da fazenda Estrela. Queria que agora, mais do que antes, se unissem porque o crescimento seria não deles e sim de toda família.

A fazenda Estrela iria ficar só para cavalo, jegue e burro enquanto o gado seria transferido para a outra. Com tudo delineado José e Julião foram à cidade, onde encomendaram tudo que seria necessário para restaurar a fazenda. Dali mesmo José foi à casa de Mãe Preta, que já sabedora do acontecido só fez abençoá-lo:

— Que Xangô, Oxum, Iansã e Oxoce tomem a sua frente abrindo-lhe as portas e que a luz das tuas conquistas não apaguem do teu camutê o chão que ocê já pisou.

José, assim que colocou tudo em ordem, viajou com Tobias Filho para Euclides da Cunha, dar ciência do negócio e também cumprir o prometido: Apresentar a Tobias Filho sua irmã. Durante a viagem este

parecia uma criança assustada. José tranquilizava-o, ficasse tranqüilo que seria bem recebido.

Ao chegarem, Esteves Lima encontrou-os à entrada da fazenda, com José apresentando-o a Tobias Filho e dando-lhe notícias da compra da fazenda. Na casa, Maria da Glória e Florinda conversavam na sala. Tatiana estava na casa de uma amiga ali próximo porém Esteves Lima mandou chamá-la.

Florinda tratou a Tobias Filho muito bem não mostrando nenhum ressentimento. Conversavam descontraidamente, com Florinda mostrando a José sua alegria por ter feito o negócio com a fazenda quando Tatiana chegou, vestida esportivamente, cabelos longos, negros, brilhantes, caindo pelos ombros, os olhos negros, os lábios cor de sangue. Tobias Filho quando a viu levantou. Tatiana quando viu José correu pra junto dele, abraçou-o:

— Como é José, conseguiu comprar?

— Consegui, sim.

— Puxa, que bom, estou tão feliz! — Dando-lhe um beijo no rosto deixando José desconcertado na frente de todos.

— Tati, como te falei, trouxe teu irmão para você conhecer e ele também a você.

Tati olhou-o:

— Você é meu irmão? Que bom você ter vindo, eu sempre quis ter um irmão, agora tenho um só pra mim, e com lágrimas descendo pela face, abraçou-o que, também em lágrimas, acariciava seus cabelos. Ficaram imóveis, abraçados durante algum tempo quando Tatiana, com a voz ainda anasalada, convidou-o a ir para o jardim:

— Gente, dá licença pra nós dois nos conhecermos, vamos lá pra fora depois nós voltamos.

Florinda só acenou com a cabeça. Esteves Lima e Maria da Glória também. José foi o único que ainda falou alguma coisa em tom de brincadeira:

— Veja lá Tobias, estou começando a ficar com ciúmes!

Tatiana foi quem respondeu:

— Deixa de ser bobo, não se mete com meu irmão. E saiu porta afora, arrastando Tobias pela mão, se perdendo pelas alamedas dos jardins.

José ficou conversando com Esteves Lima, dando-lhe detalhes do negócio, com Florinda e Maria da Glória se ausentando para prepararem-se pro jantar.

Com o jantar já à mesa, Tati e Tobias Filho continuavam perdidos, se encontrando nas mãos dadas, nas lágrimas que saíam, no ramo que os unia, Tobias.

Foi preciso que Esteves Lima mandasse chamá-los para o jantar pois se dependesse dos dois ficariam perdidos em se encontrar.

Após o jantar todos permaneceram na sala até bem tarde com Tobias Filho falando sobre sua vida em Salvador e o seu desejo de conhecer a irmã. Infelizmente, no dia seguinte, teria que ir porém, se lhe permitissem, sempre que pudesse viria visitar Tatiana.

Tatiana permaneceu a seu lado todo o tempo, deixando em Florinda uma agradável sensação de felicidade por ver o reconhecimento por pelo menos alguém da família, de sua filha.

Tobias Filho e José partiram para Salvador, logo após o café da manhã, com lágrimas e a promessa de estarem próximos. José aproveitou a estada em Euclides da Cunha para telefonar para Tereza e Luis, marcando encontrar-se com os dois à tarde.

O encontro de José, Tereza e Luis foi em casa de Tereza que largaram seus afazeres para recebê-lo, sem saber o porquê de sua vinda inesperada. José ainda fez algum segredo para eles, só depois então é que contou toda a história e a aquisição da fazenda:

— Mano, tu compraste a fazenda de Tobias? Não acredito.

— Comprei mana, a essa altura mãe e Mariazinha já estão por lá.

— José, falou Luis, quer dizer que agora ninguém mais te segura?

— É Luis, agora vai ficar melhor pois poderei expandir bem mais os meus negócios. No início ainda fiquei meio com medo porém Manuel e Esteves Lima me incentivaram e muito.

Tereza pegou uma garrafa de champanhe e abriu

autoografia

XVI

O dia de São Sebastião parecia marcar a cidade de alguns anos para cá. Sempre uma novidade acontecia e esse ano era das maiores com a inauguração da rede elétrica. O evento era comemorado por toda a população pois representava a entrada definitiva do progresso na região. Macapira, engalanada, aguardava com ansiedade a vinda da usina, São Sebastião a rede elétrica.

Ao contrário da inauguração do banco, este ano o almoço com as autoridades foi na fazenda Tobias Azevedo, como a batizou José, em homenagem ao padrinho. Faziam parte, além do governador, o representante do estado no senado, inúmeros deputados, logicamente ciceroneados por José, Ribamar, Tereza, Luis além de Otavio Pereira e Esteves Lima. Mesa ampla na sala, almoço farto com bebida sendo servida livremente. Pela primeira vez Florinda participava de um almoço político na fazenda. Florinda relutou muito em ir pois as lembranças não lhe eram boas, porém à semelhança da época do batizado fez-se acompanhar de Mãe Preta e também de Tatiana que já estivera lá algumas vezes, aliás enquanto não foi após a compra não sossegou e agora, sempre que podia, se fazia presente principalmente depois que a mãe resolveu voltar para casa.

E a tarde, entre rojões, toda a comitiva se dirigiu até o palanque onde o governador ligaria a chave, inaugurando a rede elétrica.

Por decisão de José, Esteves Lima, João Farmacêutico, Luis, Manuel do Sisal e Pedro Malazartes caberia a Tereza representar São Sebastião, afinal partira dela a iniciativa que resultou no melhoramento para a cidade. Tereza, embora tenha sido pega de surpresa, não recuou, fazendo

um discurso inflamado, arrancando aplausos da população principalmente depois de solicitar ao governador que estendesse a rede telefônica até a cidade e também que era hora de se estimular a vinda de médicos para a região, fato que só conseguiria com a intervenção direta do governador junto ao governo federal, estimulando-os financeiramente e criando infra-estrutura para recebê-los.

Ribamar mostrava um contentamento só em ver o progresso de Tereza, inclusive assumindo uma forma muito livre de se comunicar com o povo. Ao término a ovação demorada e do abraço de José, Luis, Florinda, Esteves Lima e Tatiana como também do beijo, na frente de todos, de Ribamar mostrando que, de uma vez por todas, Tereza era sua, rompera qualquer barreira para dedicar-se a ela, Tereza a política, a guerrilheira, a águia do cerrado.

Carlota e o comitê aproveitaram o momento para torcerem o nariz e criticaram veementemente a postura de Tereza, não respeitando nem o governador:

— Onde já se viu, o mundo ta perdido mesmo!

No fim, o êxito total que representava, na fala de Tereza, a continuidade do poder neste ano eleitoral, onde Ribamar e João Farmacêutico se reelegeriam, como realmente aconteceu.

A evolução de São Sebastião depois da entrada da rede elétrica, foi sendo sentida de uma forma lenta. Primeiro o cinema, que foi um alvoroço para todos, depois a inauguração de duas novas agências bancárias na cidade, movidas principalmente pela força do sisal. A rede telefônica pedida em pouco tempo estava funcionando.

Num espaço de quase cinco anos a cidade progredia porém mantinha seu jeito provinciano. As pessoas envelheciam, sem dúvida, algumas mortes aconteciam, porém nada que pudesse alterar o quadro de controle.

José, hoje com quase trinta anos, era o senhor absoluto da região. O maior negociador com gado, cavalo, burro e jegue das redondezas. Luis conseguia, com seu dinamismo, a liderança das firmas exportado-

ras, Manuel dominava a compra do sisal bruto. João Farmacêutico perpetuava-se na prefeitura, fazendo seus os feitos de José, Luis e Tereza. Julião e Leopoldo comandavam as duas fazendas, quase que por música, tal era o entrosamento com José. Mãe Preta só reconhecia os filhos pela voz, agora somente enxergava os vultos mas mesmo assim comandava os trabalhos na roça, tendo Florinda como sua Ekedí, dançando como sempre, livremente, para Iansã. Tatiana era a cópia fiel da mãe, não tinha o que tirar nem por, não havia cabra que não quisesse deitar rede com ela. Tereza, em Salvador, evoluía muito, conseguira ingressar na faculdade de Direito e estava prestes a se formar.

Esteves Lima e Maria da Glória, em Euclides da Cunha, viviam a alegria da afilhada, que desde que viera morar com eles dera alma nova à casa. Tobias Filho tornou-se um habitué da casa e sempre que podia ia visitar a irmã, mesmo com a reprovação dos irmãos. Elisabete não tomava partido.

Carlota e suas amigas não perdiam nenhuma oportunidade. Por quase nada, os fatos eram analisados em profundidade e a verdade tirada para ser mostrada. José, há muito, para o grupo passara a ser Tobias, que reassumira o controle da fazenda. Para Carlota, continuava a visitar Florinda nas altas madrugadas pois ouvia sempre o tropel do seu cavalo naquela direção.

José estava no interior do município quando um telefonema de Euclides da Cunha pedia para que fosse para lá imediatamente pois Esteves Lima não estava bem de saúde. Julião foi avisado e partiu rapidamente a sua procura. Quando encontrou-o este só fez passar na fazenda e na casa de Florinda e rumou o mais rápido que podia.

Ao chegar, José foi entrando encontrando na sala Maria da Glória. Tatiana estava com Esteves Lima. Os dois subiram até onde estavam, e ali José levou um susto, Esteves Lima estava verde:

- Que que é isso, homem de Deus?
- É tiriça, respondeu Esteves Lima.
- O Coronel já procurou doutor?

— Já José, o Doutor Fausto, médico da cidade acaba de sair daqui.

— E o que que ele acha, Coronel?

— É da opinião que eu vá para Salvador, aqui não tem recurso pra isso não.

— Mas Coronel, que danada de tiriça é essa?

— O doutor não sabe de onde vem, só sei que estava bem, de repente comecei a ter uns arrepios de frio e até mandei Maria da Glória fazer um chá de pitanga bem quente que tomei com uma aspirina, pois pensei que era coisa à-toa. No dia seguinte acordei com uma comichão no corpo todo e dessa cor e ainda continuo a sentir arrepio de frio. O doutor acha que eu tenho que ir para Salvador, para saber o que é, diz que pode até precisar operar. Foi por isso que mandei te chamar, eu vou ter que ir e não sei o tempo que vou necessitar de ficar, só que os negócios não podem ficar sem ninguém à frente, e como você já me conhece, embora eu saiba que você também tem seus compromissos mas se pudesse tomar conta enquanto eu estiver fora?

Não precisa se preocupar Coronel, tenho dois homens de confiança em São Sebastião e não tenho com que me preocupar. O tempo que o Coronel precisar eu fico.

— Olhe José, nem sei como lhe agradecer.

— Puxa Coronel, mais do que o senhor fez por mim, nem meu pai, por isso eu não posso nem pensar para lhe responder, mesmo que tenha que ficar aqui por toda minha vida não paga nem a metade da minha dívida de gratidão com o senhor.

— Maria da Glória, pegue a mala de couro no cofre para que eu explique tudo a José.

Tatiana, sentada na beira da cama do padrinho, passava todo o tempo afagando-lhe os cabelos. Seu olhar era de profunda tristeza. Volta e meia levantava os olhos em direção a José, como quem pedisse socorro.

De posse dos documentos, Esteves Lima colocou José a par de tudo. Mandou chamar Geneval, seu homem de maior confiança, para que, enquanto estivesse fora, seguisse o comando de José.

Com tudo definido entre eles José solicitou a Esteves Lima que lhe desse tempo para ir a São Sebastião para deixar tudo acertado pois sair correndo e precisaria passar o comando a Julião e Leopoldo. Esteves Lima aproveitou a ida de José e pediu-lhe que trouxesse Florinda para ficar com Tatiana, Maria da Glória iria com ele e assim Florinda faria companhia e também manteriam as duas, ordem na casa.

Era madrugada quando José chegou à fazenda. Descansou um pouco da viagem avistando-se pela manhã com Julião e Leopoldo pedindo-lhes que mantivessem o ritmo das fazendas. Ele estaria, não sabia por quanto tempo, em Euclides da Cunha e qualquer problema que acontecesse se comunicassem diretamente com ele.

Florinda esperava a volta de José para ter notícias e quando este colocou-lhe a par da situação, na mesma hora pegou suas coisas deixando Mãe Preta na roça com Olinda.

Maria da Glória e Esteves Lima só aguardavam a chegada dos dois para partirem para Salvador. Ficariam hospedados inicialmente na casa do governador, que ao saber do seu estado de saúde, por Ribamar, colocou a sua disposição tudo o que fosse necessário.

Embora José mostrasse disposição de levá-los, Esteves Lima contrariara um carro para isto, não era justo que depois de ir e voltar ainda o transportasse. Maria da Glória conversou algum tempo com Florinda, enquanto José e Geneval traziam as malas e ajudavam Esteves Lima a vir para o carro. Tatiana, ao se despedir do padrinho, chorava de soluçar. Pedia-lhe que ficasse logo bom e voltasse para casa.

É medida em que o carro foi-se afastando em direção à entrada da fazenda, Tatiana entrou em desespero. Abraçou-se a José que estava a seu lado e, chorando tanto quanto da morte de seu pai, escondeu seu rosto no peito atlético do amigo. José passou-lhe a mão pelo ombro, afagou-lhe os cabelos. Florinda olhava a filha, porém deixava que ela desabafasse.

Depois de algum tempo parados ali, com Tatiana ainda soluçando, abraçada a José, Florinda fez menção de entrar. Tatiana nem ouviu. José afastou-a um pouco, enxugou suas lágrimas:

— Tati vamos entrar?

— Não, não quero. Quero ficar aqui fora.

— Esta bem, nós ficamos, mas vamos andar então, você vai ver que o Coronel volta logo, estas até parecendo aquela menina pequena que chorava quando Tobias demorava.

Tatiana largou os braços de José:

— Não me amola, ta! E saiu correndo em direção ao jardim. Sentou-se e continuou a soluçar.

José, que se espantara com a atitude, foi caminhando lentamente em sua direção. Florinda só observava a filha. José chegou até junto dela, sentou-se a seu lado, abraçou-a novamente:

— Que é isso Tati, brigando comigo. Vai, conte pra mim o que esta se passando dentro de você. Porque esse desespero todo? Vai, desabafa comigo!

Tatiana, ainda soluçando, falou-lhe:

— José, de repente me deu muito medo, comecei a me lembrar do pai, caído lá no chão, cheio de sangue, foi a última vez que o vi, aí me veio o pensamento que posso perder o padrinho também e aí, o que eu vou fazer? Será que Oxalá vai ser tão duro assim comigo? Será que vai levar ele também?

— Que é isso Tatiana, o Coronel vai ficar bom, por isso é que esta indo para Salvador.

— Não sei, não sei, tenho muito medo, medo de ficar de novo só, com minha mãe.

— Não vai acontecer nada a ele não, você vai ver.

— E se acontecer, e aí, e aí?

— Tati, se Oxalá não permitir que ele viva, você não vai ficar só não, eu te prometo, o teu amigo cuida de você e de sua mãe, afinal tudo que sou hoje devo ao padrinho e ao Coronel. Pode confiar Tati, nunca deixarei que nada de mal aconteça a você nem a sua mãe, confie em mim. Agora não pense coisa ruim, vamos até lá dentro lavar o rosto e ter fé em Oxalá, não confias na tua avó? Então. Quando saímos de São Sebas-

tião ela ia pedir a Abaluaê para tomar conta do Coronel. Vamos lá, vamos. Vem comigo.

Tatiana levantou-se e foi abraçada a José, em direção à casa. Entraram, lavou o rosto. Florinda serviu-lhe um chá de laranja da terra bem quente que acalmou-a um pouco. No jantar só beliscou, continuava triste, não queria conversar. Saiu a caminhar pelos jardins. Florinda já conversara com ela porém não conseguira demovê-la de seus temores.

José deixou-a ficar por um bom tempo só, far-lhe-ia bem pensar um pouco. Só mais tarde é que foi ao seu encontro. Convidou-a a andar um pouco, Tatiana aceitou e saíram a esmo, fazenda afora conversando, com José pousando-lhe o braço sobre os ombros e Tati envolvendo-o pela cintura. Quando voltaram Tatiana não apresentava mais um rosto tão carregado, José conseguira até fazê-la sorrir. Florinda, sentada na sala, aguardava a volta dos dois:

— Taí a tua moça viu Florinda, já ta melhor. Amanhã vai até me ajudar a correr a fazenda, não vai?

Tatiana sacudiu a cabeça, dizendo que sim.

— Olhem, escutem bem as duas, agora quem manda aqui sou eu, ouviram?

Florinda sorriu.

— Dona Tatiana, antes de dormir, tem que me pedir a bênção.

— Ah! não me amola.

— Ah é! Eu já sei o que ela quer, e num gesto rápido pegou-a pelo pescoço e pelas pernas, colocou a ao colo e virando-se para a Florinda:

— Mãe, vamos colocá-la na cama, eu levo enquanto você ajeita a cama.

— Me larga troço, não sou criança, você me deixa cair!

E com Florinda rindo da filha espremer, José subiu a escada e colocou-a na cama.

— Seu doido, seu maluco, sai daqui peste, você podia ter me deixando cair.

— Com que? Com esse peso, to acostumado a carregar coisa mais pesada.

— Sai daqui, sai.

— Saio sim mas antes deixa eu fazer mais uma coisa. E virando-se rapidamente deu-lhe um beijo na testa.

— Boa noite, minha filha.

— Sai daqui seu antipático, vou fazer queixa ao padrinho, jogando o sapato em cima de José. José desceu as escadas correndo enquanto Tatiana e Florinda sorriam da corrida que deu.

Tatiana teve uma noite horrível. Volta e meia acordava sobressaltada. Dormia, daí há pouco começava a sonhar com o pai, via-o caído na estrada, todo ensangüentado, olhava para seu rosto e via nele o rosto do padrinho ou então era o padrinho, na cama, todo verde, olhava para seu rosto via o rosto do pai. Via José andando, mas era só o corpo, ora com a cara do pai ora com a cara do padrinho. As imagens do pai, padrinho e de José misturavam-se em sua mente. Sua mãe e sua avó, apareciam. Não conseguia falar, queria gritar não podia. Quando levantou sua cabeça estava confusa ainda corriam em sua memória todas as visões do sono. Só despertou realmente quando ouviu a voz de José chamando por ela, para correr pela fazenda. Se arrumou rapidamente e foi-se encontrar com a mãe e ele, já tomando café da manhã:

— Ai gente, tive uma noite horrível, dando um tapa de leve no braço de José, a culpa foi sua seu nojento, quem mandou fazer aquilo comigo, se fizer hoje de novo, quebro a tua cabeça.

Florinda sorriu:

— Que é isso filha, acordou com pé trocado. Você até que gostou de ser levada no colo.

— Puxa mãe, até você ta apoiando esse troço?

— Eu já disse que quem manda aqui agora sou eu.

— Vê se te assunta José, vê lá se tu chegas aos pés do padrinho.

— Tatiana, deixa de conversa e vê se acelera, ta bom, que os cavalos estão prontos.

— Ta bom, vai indo que já vou.

Daí há instantes os dois estavam cavalgando, lado a lado, com Tatiana contando-lhe todo o sonho que tivera. José escutou e só fez um comentário:

— Tati, deve ter sido pelo que nós conversamos ontem, hoje tu vai ver que vai dormir melhor.

Cavalgaram quase todo o dia, só chegando à tarde, com Tatiana bem mais alegre, sorrindo, brincando com José, correndo por entre os canteiros com ele tentando pegá-la. Florinda veio ao encontro deles dando-lhes notícia que Maria da Glória comunicara-se, avisando que Esteves Lima seria internado no dia seguinte mas que estava bem e mandara lembranças. À noite, com Tatiana bem menos preocupada, os três sentaram-se na sala, com Tatiana distribuindo-os no sofá:

— Bem, você disse que agora quem manda é você, pois meu padrinho: o senhor aqui, minha mãe aqui, agora lá vou eu, e mergulhou no sofá, deitando a cabeça no colo de José e as pernas por sobre as de Florinda.

— Se você é meu padrinho agora mesmo é que vai ficar aí, sentadinho, e quando eu dormir me leve para a cama. Ninguém mandou, agora atura.

— Podes deixar, braços é o que não me faltam.

— Minha filha, você não acha que já esta um pouco grande, não?

— Eu não mãe, não foi ele que começou, e a senhora não fez nada para me livrar ontem, não foi? Até riu, agora pronto.

Com o cansaço daqueles dias e mais ter cavalgado todo o dia, Tatiana cedo foi deitar-se dispensando ser levada por José ao sair correndo escada acima e se trancando em seu quarto. Dormiu rapidamente, e embora em seu sono ainda aparecesse a figura do pai e do padrinho em todos os instantes, não tinha medo porque José estava a seu lado dando-lhe proteção, era José com cara de José, de Tobias ou Esteves Lima, mas estava ali, a seu lado e a cada momento o abraçava e ele a escondia

em seu peito sentindo-se segura. A seu lado caminhavam sempre sua mãe e sua avó.

Os dias que se passaram foram bem melhores para Tatiana que, para preencher o vazio do padrinho, saía com José todas as manhãs para visitar a fazenda. Maria da Glória dava notícias todos os dias e com a descoberta da causa da doença, uma pedra na vesícula, todos ficaram mais tranquilos, embora a notícia de que seria operado os preocupasse.

Tatiana, à noite, conseguia dormir mais tranqüila porém em seus sonhos a figura de José ficava cada vez mais forte, agora aparecia como homem real, com seu rosto. Não conseguia mais vê-lo como antigamente, o rapaz que cresceu junto a ela. Em seus sonhos, a proteção dele lhe permitia não mais enxergar a figura do pai e do padrinho. Aos poucos, iam-se apagando e quando apareciam não lhe causavam mais pavor, e isso se podia ver pela manhã, quando levantava e chegava para o café dando bom dia, sorrindo e beijando a mãe e José.

No domingo seguinte os três foram a Salvador visitar Esteves Lima, o que deixou-os bem mais animados, porque sua cor melhorara, não havia mais febre, só que seria necessário operar para não ter a mesma coisa outras vezes, seria uma operação delicada mas, se Deus quisesse, sairia tudo bem.

José conseguira absorver, em bem pouco tempo, toda a maneira de trabalho de Esteves Lima, lidava com os fornecedores, cuidava de tudo com a maior dedicação. A presença de Tatiana a seu lado, todas as manhãs e à noite quando sentavam-se no jardim ou caminhavam pela estrada, ou mesmo em idas à cidade, fazia-lhe bem. Preenchia um espaço vazio, sem estar junto aos seus. Em nenhum momento sentiu vontade de lá estar. Preocupava-se só com as fazendas porém comunicara-se com Julião e este dissera-lhe que tudo corria bem.

Tatiana transportava de seus sonhos para seus pensamentos a figura de José. Para ela tudo agora era muito mais real, via-o como um homem a seu lado, fato que até agora não via em ninguém. Só que não enxergava com as mesmas cores do pai ou do padrinho, via-o em tons diferen-

tes, sentia-o com uma força interior bem mais contagiante. Não, não era igual, era alguma coisa que despertava nela a vontade de não sair do seu lado. Quando a abraçava um calor vinha-lhe à face, seu coração batia mais forte. Agradava-lhe quando deitava em seu colo, e ele brincava com seus cabelos. Quase que instintivamente segurava sua mão e a acariciava. Quando caminhavam o perfume da noite agradava-a, o céu cheio de estrela, formava um cenário lindo para ela. Abraçados caminhavam durante longo tempo, conversando sobre tudo que podiam. A grande alegria para todos da fazenda foi ao saber que Esteves Lima tinha sido operado e que tudo fora muito bem. Estava fora de perigo, ficaria no hospital mais uns dez dias, depois se recuperaria na casa do governador, somente retornando a Euclides da Cunha quando estivesse em plenas condições de viagem.

Durante o período em que estava à frente dos negócios de Esteves Lima José foi a São Sebastião por uma única vez, saindo pela madrugada. Tatiana, neste dia, sentiu falta de alguma coisa importante, havia um vazio dentro de si, uma sensação de tristeza que a fez ficar amuada, andar daqui pra lá, de lá pra cá sem saber o que fazer. Florinda sentou-se com ela perguntando-lhe porque estava assim:

— Não sei mãe, é alguma coisa estranha, não é meu padrinho não, eu sei que ele esta bem, estou sentindo um vazio, uma vontade de correr para pegar não sei o quê.

— Olhe menina, veja lá o que estas me aprontando, estas sentindo falta de José?

Tatiana ficou embaraçada:

— Não mãe, não é isso não, José é meu amigo, é outra coisa.

— A única coisa que mudou aqui é a ausência dele.

— Mãe, não seja chata, devo é estar sentindo falta do padrinho mesmo. Quando descobrir te falo.

Assim foi todo o dia. Durante a noite não conseguia dormir, seu corpo se agitava na cama, mexia para um lado, mexia pro outro, um calor tomava-lhe todo o corpo, descobria-se, passava a mão pelos cabe-

los, pelo corpo, cruzava a mão pelos ombros. Fechava os olhos e tinha a sensação de estar sendo abraçada por José. Sentia seu corpo a seu lado e mais e mais se movimentava, suas mãos procuravam, uma nas outras, encontrar as mãos de José. De repente seu peito se comprimiu, uma angústia tomou-lhe conta e começou a chorar, queria ter José ali, a seu lado, a tocar-lhe, sentir-se protegida sob seus braços, ver suas mãos acariciar seus cabelos. Queria poder tocar seus braços, seu rosto. Esconder seu rosto de lágrimas no peito de José. Que era isso? Nunca sentira isso por ninguém. Tantas pessoas estiveram junto a ela, não! Não era possível, José era seu amigo, ela não podia! Não podia sentir nada por ele, só amizade. Porque querer tê-lo aqui a meu lado? Porque essa sensação? Por que esse calor a me possuir? Essa vontade de ser acariciada, de ser mexida, de ser tocada? Não! Não quero, o que vai pensar de mim? Não! Não posso, Oxalá meu pai, Nanã minha mãe tire essa coisa de dentro de mim, me livre desses pensamentos, me faça ser a Tatiana que sempre fui.

E entre pequenos soluços, carícias e afagos adormeceu. Quando pela manhã acordou, a primeira coisa que fez foi perguntar à mãe por José. Seus olhos tinham um brilho diferente, muito mais vivos. Florinda percebia o que ia dentro da filha porém deixava-a livre em seus pensamentos, coisa que aprendera com Mãe Preta. Quando respondeu-lhe que ainda não voltara, ela chegando até a janela, contemplou a estrada e perguntou sem perceber:

— Será que volta mãe?

— Que é isso menina, lógico que sim. Só foi ver como estavam seus negócios por lá.

— Mãe, ta falando comigo?

Florinda olhou-a, sorriu e não falou mais nada.

José, por sua vez, passou todo o dia a percorrer as fazendas, reunindo-se com Leopoldo e Julião porém de sua cabeça não saía Tatiana, vivava e mexia lá estava ela a sorrir-lhe, a acariciá-lo. À tarde passou pela

roça de Mãe Preta, conversou com ela dando-lhe notícias de Esteves Lima, de Florinda e Tatiana. Mãe Preta pegou-lhe a mão:

— Fio, senta aqui fio, to achando ocê estranho.

— Não mãe, ta tudo bem.

— Eu sei fio que ta tudo bem, mas ocê ta meio confuso pra essa véia, como quem ta querendo ir embora sem ter chegado, como quem ta cum muita pressa, que qui ta havendo?

— Nada não mãe, é que ainda tenho de voltar que deixei Tati e Florinda sozinhas.

— Então ta bom fio, vai viu, dê lembranças a elas por mim mas num pense que ocê esconde a verdade de mim não, vai pra onde teu coração pede. Depois nós conversa.

José ficou totalmente confuso com as palavras de Mãe Preta, como é que podia saber o que ia dentro dele, porém dela poderia esperar tudo.

À noite, depois de por tudo em ordem, reuniu-se com João Farmacêutico, Malazartes, Manuel do Sisal pondo em dia as ocorrências políticas. Depois foi ao Bebedouro, visitar Cléa e suas filhas:

— Salve homem de Deus! Pensei que o meu mascote tinha me abandonado.

— Que é isso Cléa, sabe que não, é que Esteves Lima esta doente e estou tomando conta dos seus negócios.

— Eu já soube, mas dê licença da gente de sentir sua falta, não é?

— Eu também estava sentindo falta de vocês, mas vamos lá, cadê meu conhaque, puxando para junto de si Valdelice de Santa Luz, a mais nova filha da casa.

Mais tarde encaminhou-se com ela para o ninho de prazeres, à procura de Rosinha de Xiquexique, só que esta não aparecia a sua frente. Valdelice agora era Tatiana e ele a consumia, descarregava sobre ela toda a sua fúria de amor, acariciava-a levando-a ao êxtase várias vezes. Na sua frente só conseguia enxergar Tati, linda, maravilhosa a lhe sorrir, a lhe chamar, a lhe beijar. E a possuía cada vez mais, dava-lhe todo o

amor que possuía, montava seu puro sangue e era montado pela mais bela das amazonas, de sua mente não conseguia apagá-la.

Quando de lá saiu quase todos os fregueses tinham ido embora, passara quase toda a noite com Valdelice porém a impressão que possuía é que não fora ela e sim Tatiana.

Assim que acordou partiu para Euclides da Cunha. Lá, Tatiana sentada, quando viu o carro chegando seu coração acelerou, seus olhos brilharam mais ainda e um calor novamente a possuiu, vontade de correr e não parar até estar junto a ele. Quando José parou o carro e saltou ela não se conteve, saiu correndo a abraçá-lo, ele correspondeu da mesma forma. Florinda, que olhava os movimentos da filha, sentiu também seu coração bater mais forte, lembrara-se de quando decidiu ficar com Tobias, duas lágrimas rolaram-lhe pela face.

Os dois, quando se encontraram, se abraçaram fortemente com Tati acariciando-lhe os cabelos e José apertando seu busto contra seu peito. Tinha vontade de beijá-la ali mesmo porém se conteve:

— Tati minha menina, que bom te ver!

— José, me desculpe, você até vai me achar uma boba mas senti tanta falta de você!

— Eu também Tati, estava lá com vontade de estar aqui. O que você esta fazendo comigo menina?

— Ai José, que bom você ter vindo, me aperta deixa eu sentir você! Senti tanto medo de você não voltar.

— Porque não voltar? Agora vamos até lá dentro, depois nós dois conversamos.

Saíram abraçados num sorriso que mostrava claramente o que ia dentro dos seus corações. Quando encontraram Florinda, essa ainda tinha os olhos molhados.

— Que é isso mãe, esta chorando?

— Não filha, não foi nada, é que me lembrei de coisas bonitas e aí me deu vontade de chorar. Não liga não, depois nós conversamos.

Mais tarde, depois de estar refeito da viagem e dado uma vistoria nos negócios, José ficou com Florinda na sala, dizendo-lhe de como estava tudo em São Sebastião. Quando Tatiana apareceu na escada, pronta para o jantar estava linda, com um vestido todo bordado, de linho branco, com os cabelos a tocar-lhe a cintura, num negro que contrastava com o azul e o amarelo das flores do vestido. Um perfume suave que enchia toda a sala. José ficou boquiaberto com a visão e ela descia a escada como uma rainha, suave, à procura do seu rei. Florinda contemplava a filha que pelo visto andava agora por outras trilhas, procurava os caminhos da mulher que ama, que se prepara e se lança nos braços do homem de quem gosta. José não falou nada, somente olhava. Florinda pediu para servir o jantar e os três ficaram mudos, com Tati e José, contemplando-se.

Florinda recolheu-se logo após o jantar deixando com que os dois pudessem conversar livremente. Saíram a caminhar, inicialmente lado a lado, de repente suas mãos se tocaram, seus dedos se prenderam, nenhum dos dois tinha coragem de falar nada. Seus corações batiam na mesma sintonia. Suas mãos se encontraram e lá, bem ao longe, onde as estrelas pareciam estar junto ao chão, onde a lua parecia brotar da terra, se abraçaram e sentiram seus corpos se tocarem; O macho e a fêmea se encontravam, se beijaram e disseram ao mesmo tempo:

— Eu te amo, José!

— Eu te amo, Tati!

Permaneceram abraçados, com o calor dos dois se misturando, com o desejo de José tocando-lhe suavemente as coxas, as pernas de José invadiram as suas e eles se acariciavam longa e apaixonadamente. Pela primeira vez Tatiana sentia a vontade de ser possuída, de ser consumida, de ser invadida em suas profundezas, de amar no seu mais bonito momento. Pela primeira vez José conseguira afastar de si a imagem de Rosinha de Xiquexique, ali abraçado junto a Tati, tinha Tati junto a si, não uma imagem. Ali, à luz da lua, a sombra dos dois juntos, abraçados, bailava embalada pela brisa e pelo desejo incontido do ser seu e do ser sua

e José gemeu, José sussurrou, José explodiu. Tatiana gemeu, Tatiana sussurrou, Tatiana implodiu. José beijou-lhe o ombro perfumado, Tatiana acariciou-lhe, penetrando-lhe a alma no frio da noite. Voltaram mais juntos do que nunca, trocando juras entre si. José trazia em si a marca do amor e Tatiana a descoberta do prazer real.

Quando recolheram-se todos já pareciam dormir. Tatiana deitou-se mostrando um semblante de felicidade. Logo após ter deitado, Florinda entrou em seu quarto. Tatiana assustou-se:

— Mãe, ainda estas acordada?

— Estou sim, minha filha, estava esperando você.

— Porque, mãe?

— Não filha, não é nada não! Eu só queria conversar com você. Hoje você me viu com os olhos molhados e te disse que depois explicava. Naquela hora me lembrei de mim e de seu pai, não precisa me dizer nada, eu sei. Você agora esta em outro mundo e nele quem esta presente não sou eu nem ninguém, é José. E acho também que no dele é você. Não precisa me dizer nada, só quero que vocês realmente consigam criar o caminho de vocês, que me parece é o caminho do amor. Boa noite minha filha, durma bem, eu lhe adoro.

Tatiana, com lágrimas nos olhos, beijou a mãe, abraçou o travesseiro e dormiu, livre e suavemente, como há muito não fazia.

Durante o café, Florinda aproveitou que Tatiana ainda dormia e conversou com José, de uma forma bem discreta, começando a falar dela e de Tobias, do seu amor e aí entrou direto dizendo que achava que os dois estavam se gostando e que para ela o fato somente lhe trazia alegrias.

José, meio envergonhado, confirmou os sentimentos por Tatiana, coisa que nunca sentira por ninguém. Ela o invadira como o vento na caatinga, tirou-lhe as forças de pensar.

— Florinda, me perdoe, não sei como pode acontecer, só sei que não consigo mais ficar longe dela, ela esta junto de mim a cada instante.

— Eu sei José, e com Tatiana se passa a mesma coisa, as vezes nós achamos que estamos muito longe, quando abrimos os olhos, aí sim nós percebemos que ao contrário, nós estamos perto demais.

— Florinda, só queria que você não pensasse que estou querendo me aproveitar da situação, longe de mim tirar proveito de Tatiana, essa noite pensei muito, pensei em você, em Mãe Preta, no Coronel, no meu padrinho, e aí me deu uma coisa aqui dentro pois achava que não estava fazendo uma coisa certa.

— José, o certo e o errado estão dentro de nós mesmos, não pense em ninguém, pense primeiro em você e em Tatiana. Vejam o que querem e aí sim, depois de chegarem a uma conclusão vocês devem nos comunicar. A vida de você e de Tatiana só a vocês pertence, nós somente podemos aconselhar mas viver por vocês, nunca.

— Florinda, não sei nem o que falar. E saiu a percorrer a fazenda, com o rosto de felicidade.

Nos dias que se seguiram a união entre os dois ficava cada vez mais forte. José continha-se em seus sentimentos, embora fosse difícil, com toda a sensualidade despertada por Tatiana, com toda a liberdade concedida por Florinda havia no fundo marcas muito fortes que o impediam de demonstrar-lhe na íntegra, a força do seu amor. Tatiana enlouquecia-o, ele explodia porém, como dois namorados, trocavam carícias e juras à espera de poderem ser amantes, livres.

Esteves Lima só retornou à casa dois meses após ser operado, embora todos os finais de semana os três fossem visitá-lo. Nesse período José e Tati nada deixavam transparecer. Quando voltou José reuniu-se com ele no escritório. Esteves Lima se apresentava com outro aspecto, bem corado até mais gordo que o habitual. José prestou-lhe obediência de tudo que fizera, no final, meio engasgado, acabou falando:

— Coronel, eu estou com alguma coisa para lhe falar e não sei como começar!

— Vamos homem, desembuche!

— Eu não sei, é alguma coisa muito delicada.

— Que esta havendo?

— Sabe o que é Coronel, é que nesse tempo que o senhor esteve fora Tatiana e eu descobrimos que nos gostamos, e muito, e estou com isso na minha garganta, achando que o senhor vai pensar que eu abusei de sua confiança mas não é isso não, eu a respeito mais do que outra coisa no mundo, eu gosto dela Coronel, me desculpe.

— José, homem de Deus, desculpas porque, por ter achado o seu caminho? Quando se ama não há abusos, há demonstração de amor e isso me parece a coisa mais linda da vida. Como eu posso recriminar a união de duas pessoas da minha maior consideração, Tatiana é a filha mais nova que não tive e a você aprendi a reconhecer quase que como um filho. Não, não pense que me trará tristeza com esta notícia só estas me dando alegria. Eu sempre me preocupei com ela, e com você, minhas preocupações terminam.

— Coronel, o senhor pode ter confiança que a farei muito feliz.

— Disso não tenho dúvidas, meu filho, agora vamos até a sala.

Na sala, Florinda, Maria da Glória e Tatiana conversavam:

— Meninas, falou Esteves Lima, quero comunicar a vocês que acabo de aprovar a união de José e Tatiana.

Tatiana levou um susto, tinha medo da reação de Esteves Lima.

— Como é? Perguntou Maria da Glória.

— É isso mesmo filha, esses dois estão se gostando e pelo jeito vamos ficar sozinhos de novo.

Tatiana abraçou-o:

— Que é isso padrinho? A gente se ama sim, mas nós sempre vamos estar juntos do senhor.

— Eu sei, Tatiana, só que agora a minha menina, enquanto eu estava fora, cresceu e só me resta aceitar.

Tatiana beijou-o, abraçou Maria da Glória, deu as mãos a José e a sua mãe. O sorriso de todos era o sinal de aprovação para a união dos dois.

José ainda permaneceu com Esteves Lima por mais um mês até voltar definitivamente para São Sebastião. Nesse período é que comunicou à Tereza e Ribamar suas intenções de se casar com Tatiana. Os dois fizeram uma festa ao receber a notícia, o mesmo acontecendo com Luis quando foi comunicado.

Na volta de José a São Sebastião, antes mesmo de ir em casa, passou pela roça de Mãe Preta para lhe comunicar sua futura união com sua neta. Mãe Preta não deixou-o nem falar:

— Fio, já sei de tudo, o que se passa cum meus fio que essa preta véia num descobre. Oxalá já num me deixa enxerga o mundo direito mas o camutue dos fio, isso não. Eu sei, fio, que tua aflição de volta era coisa maior que os negócios, era tua alma que num deixava ocê ficá parado, pedindo pra se ir. Eu sei dos sentimentos de ocê por minha neta e dela por ocê José. Sei também o quanto Nanã e Xangô aprovam. Fio, vai no teu caminho que essa é a coisa mais pura que existe. Por isso vai, fio, vai no teu caminho que eu aqui só posso ta feliz também.

A modificação no comportamento de José era visível para todos. Em casa, quando deu a notícia de sua provável união com Tatiana todos ficaram contentes.

Na cidade a notícia foi-se espalhando e José era cumprimentado por todos. Manuel, Malazartes e João Farmacêutico felicitaram-lhe pelo acerto na escolha.

Carlota e o comitê não perderam a oportunidade:

— Eu não disse que o homem era Tobias em carne e osso? Tai, agora ta querendo voltar e com a própria filha. Quem lembra de Florinda sabe que Tatiana é igualzinha a ela.

Aos poucos toda a cidade comentava a união oficial de Tobias e Florinda nas pessoas de José e Tatiana. O homem voltara para ficar.

Para Tatiana e José, ficar longe um do outro era um sacrifício imenso. Contavam nos dedos os dias que faltavam para se encontrar novamente. Quando estavam juntos as horas, os minutos, os segundos eram vivenciados integralmente. Depois de algum tempo nessa situação, re-

solveram que assim não podiam mais continuar. Chamaram Esteves Lima, Florinda e Maria da Glória, comunicando-lhes sua decisão de casarem-se o mais breve possível.

Esteves Lima abraçou-os felicitando-os e estourou uma champanhe em comemoração. Se tudo corresse como pretendiam, no mais tardar, em dois meses estariam se casando. Casariam em São Sebastião, na roça de Mãe Preta, como era desejo dos dois e passariam a residir na Fazenda Tobias de Azevedo.

Tatiana escolhera para seus padrinhos Esteves Lima e Maria da Glória, José, Ribamar e Tereza. Com a notícia do casamento próximo a cidade começou a se prepara para a festa. Não se admitia de jeito nenhum que não houvesse uma grande festa comemoração. Afinal era o casamento de Tobias e Florinda, ou de José e Tatiana não importava quem fosse, a cidade queria era comemorar, queriam viver com os dois, ou os quatro, os momentos daquela felicidade.

Mãe Preta, ao saber do desejo dos dois de se casar em sua nação, começou a preparar tudo. Faria a cerimônia mais bonita para a união dos seus filhos.

A medida em que ia se aproximando o dia do casamento a agitação na cidade aumentava. José e Tatiana pretendiam fazer uma pequena comemoração, só para as pessoas mais íntimas e pronto. Passariam a primeira noite na fazenda e depois viajariam.

Incentivados por toda a população, Manuel do Sisal e João Farmacêutico entraram em contato com Esteves Lima, Ribamar, Tereza e Luis e juntos resolveram programar uma grande festa na cidade pois o povo queria, de qualquer jeito, mostrar aos nubentes o carinho que sentia por eles, e também aprovar a ligação, fosse de Tobias com Florinda ou José com Tatiana. José e Tatiana relutaram muito em aceitar mas como não havia outro jeito, afinal de contas José era um político e não podia decepcioná-los, concordaram.

Florinda ficara com a filha em Euclides da Cunha ajudando-a nos preparativos para o casamento. Tatiana, como passaria a residir na fa-

zenda, volta e meia vinha a São Sebastião, para efetivar as mudanças que fossem necessárias. Quanto ao enxoval não tiveram nenhuma preocupação pois o padrinho se encarregou de tudo mandando Tati a Salvador escolher o que quisesse.

Três dias antes, toda a cidade estava preparada para o acontecimento. Seria uma festa inesquecível para todos, uma festa de Tobias e Florinda, de José e Tatiana, não importa, mais do que isso, seria uma festa política pois aproveitando o prestígio político de José, todas as altas personalidades do estado foram convidadas.

Em Euclides da Cunha, o volume de presentes que chegava era imenso e os que mais sensibilizaram foram primeiro o de Tobias Filho, que tocou fundo a Tatiana pois simplesmente dizia:

“Para a minha querida irmã e o meu futuro cunhado, do seu irmão que deseja muitas felicidades. Beijos, Tobias Filho.” E o segundo ficou por conta da surpresa feita por Esteves Lima e Maria da Glória que lhes legaram em vida todos os seus bens após o desaparecimento dos dois. José e Tatiana choraram ao receberem, das suas mãos, o documento que lhes deixava, como herança, todo o império Esteves Lima.

Nessa noite começavam as comemorações pelo casamento, de uma forma muito íntima, a José. Seus amigos mais chegados, comandados por Luis, Manuel, Malazartes e João Farmacêutico, combinaram com Cléa uma despedida de solteiro para ele. José, pensando ser uma reunião política, foi até a prefeitura. Manuel convidou a todos para irem a sua casa, fazendo questão que José fosse em seu carro. Quando José deu conta estava no brega da Cléa, com todas as suas filhas fazendo um cordão com ele passando no meio. A medida que caminhava as filhas de Cléa cobriam os olhos com um lenço, como se estivessem chorando. Depois de muita comemoração Cléa e as meninas se despediram de José. Seu ninho de prazeres agora seria outro, a elas somente as lembranças e a visita, de vez em quando, pois um político não pode ficar sem ir lá.

No dia anterior ao casamento os rojões explodiam seguidamente, o povo, alegre, bebia pela cidade toda enfeitada, casas pintadas. A única

tristeza era a de Padre Álvaro, por não vê-los casarem em sua igreja porém respeitava os seus desejos.

À noite, violeiros e repentistas decantaram em versos a vida de Tobias-José e Florinda-Tatiana.

De manhã bem cedo o foguetório acordou toda a cidade, foi uma alvorada nunca dantes vista em São Sebastião. Não houve quem ficasse deitado. Daí há pouco começaram a chegar os convidados, espalhando-se por toda a cidade. Aos gritos de: “Viva Tobias, Viva José, Viva Florinda, Viva Tatiana” o povo ia oficializando aquele casamento.

Tatiana chegou bem cedo indo direto para a casa de sua mãe, iria até à roça de Mãe Preta cumprir algumas obrigações para depois, à tarde, haverá cerimônia. José fizera as suas no dia anterior.

O almoço para as autoridades foi realizado na fazenda e mais tarde todos rumaram para a cidade para aguardar o casamento. Tudo era uma festa só, a bebida e a comida rolavam livremente. Não houve um só habitante que não estivesse nas ruas.

Na hora da cerimônia, a roça de Mãe Preta foi invadida por uma multidão de pessoas que queriam ser testemunhas daquela união.

O primeiro a aparecer foi José, acompanhado de sua mãe, Tereza e Ribamar. José estava alinhadíssimo dentro de um terno branco que causava inveja a todos os presentes. À frente, num local reservado, encontravam – se todas as autoridades inclusive o governador. Quem não saía do lado de José, tão feliz quanto ele, era seu irmão, Luis.

Quando Tatiana chegou, acompanhada de Florinda, Esteves Lima, e Maria da Glória, a admiração foi total. Estava linda, maravilhosa dentro de um vestido de noiva digno de uma rainha. Véu, grinalda e uma imensa cauda toda bordada à mão. Foram conduzidos até o peji embaixo do padeu, cobertos de pétalas de flores, mandadas vir todas de fora. Mãe Preta, durante duas horas, comandou a cerimônia no mais puro ritual Nagô. Suas palavras aos noivos vinham carregadas de sabedoria, de uma vida secular:

— Fios, ajudei ocês nascer, vi ocês crescer e agora inté caso ocês na nossa nação. Quantas vez, fios, contei histórias pra ocês, coisas que eu vi,

que os mais véio me contaram, mas uma coisa quero que ocês saibam, não esperem na vida de ocês ser feliz na luz do dia e nas treva da noite. Isso num existe, existe sim a felicidade que nós constrói cum as nossas mão, cum a nossa vontade de ser feliz. Essa véia preta já viveu muito mais do que pensou e nunca viu ninguém ser feliz sem quebrar os espinhos da vida. Sabe fio, procure achá nas palavras, nos gestos, um novo caminho pra caminhá sempre juntos, seja como os pés de pau da caatinga, que depois de muito tempo sem água, quando chove se enche de vida e dá até flô. Fios, a vida é cheia de surpresa, boas e ruins, mas se num fosse assim cumo aprender? Vão em frente fios e aprendam a ser feliz.

Depois das palavras de Mãe Preta todos dançaram para seus orixás, inclusive José e Tatiana. Ao final, a consagração total, as alianças retiradas de dentro do azeite de dendê fervente há sete dias representando a felicidade na união dos dois.

Quando José colocou a aliança em Tatiana e esta em José o povo delirou e gritou em coro:

— Viva Tobias, viva Florinda!

Os visitantes ficaram espantados sem saber o porquê. Logo depois uma salva de rojões, que lembraram em muito quando do nascimento de José. Ele agora era o filho do raio, da chuva, do vento e do trovão. Do cadeado ninguém mais falava. Era agora José-Tobias, marido de Tatiana-Florinda.

Ao término da cerimônia todos partiram para a cidade onde, a cada minuto, eram mais ovacionados. Todos queriam apertar-lhes as mãos. No meio da praça, num grande palanque, um imenso bolo de quase dois metros fora colocado, tendo na parte de cima o casal de noivos e em baixo um grande lago, cheio de cisnes, encomendado por Luis. Tobias Filho estava presente mostrando uma alegria contagiante pela felicidade da irmã.

A festa correu solta durante todo o tempo, com os dois quilômetros de fogueira assando a carne e a bebida rolando livremente pela cidade.

José e Tatiana não largavam as mãos permanecendo juntos todo o tempo. Não viam a hora de se liberarem de tudo aquilo para serem somente um homem e uma mulher, um macho e uma fêmea, para poderem se entregar um ao outro livremente. Só depois de muita fotografia, filmes e tudo mais que começaram a dar providências para cortarem o bolo e aí sim, partirem para a fazenda. Sua mãe e as irmãs ficariam na fazenda Estrela aquela noite, a Fazenda Tobias de Azevedo seria só deles.

Eram cerca de onze horas da noite quando o bolo foi cortado, champagne estourada e aí sim a ovação geral. Com José e Tatiana se preparando para irem à procura do “enfim sós”, na fazenda. Carlota comentou com as amigas:

— Vocês ainda duvidam de mim, olhem a hora que escolheram para irem, essa é ou não a hora que Tobias sempre vai à casa de Florinda?

Quando José e Tatiana pensaram que estavam livres para seguirem o seu caminho foram tomados de assalto por toda a população que queria oficializar ainda mais a ligação Tobias-Florinda. Trazida não se sabe por quem, uma charrete foi colocada à frente do carro de José e quando pensaram que ia entrar foram suspensos no ar e colocados na charrete e aí a população esvaziou a cidade, conduzindo-os pelas mãos até a porta da fazenda com José e Tatiana assustados com a população que os acompanhava. Na porteira da fazenda Tobias de Azevedo todos pararam, os rojões estouraram novamente e aí sim entregaram as rédeas a José que começou a entrar fazenda adentro. Para todos ali estavam Tobias e Florinda oficialmente casados, para satisfação geral. Para José-Tatiana a liberdade do poder ser seu e do poder ser sua. Tatiana domara a raposa do cerrado. A raposa agora lutaria com ela sim, porém de outra forma, na arena do amor eterno.

FIM

autoarografia

autografia

Este livro foi composto em Sabon Std
pela Editora Autografia e impresso
em papel pólen soft 80 g/m².
